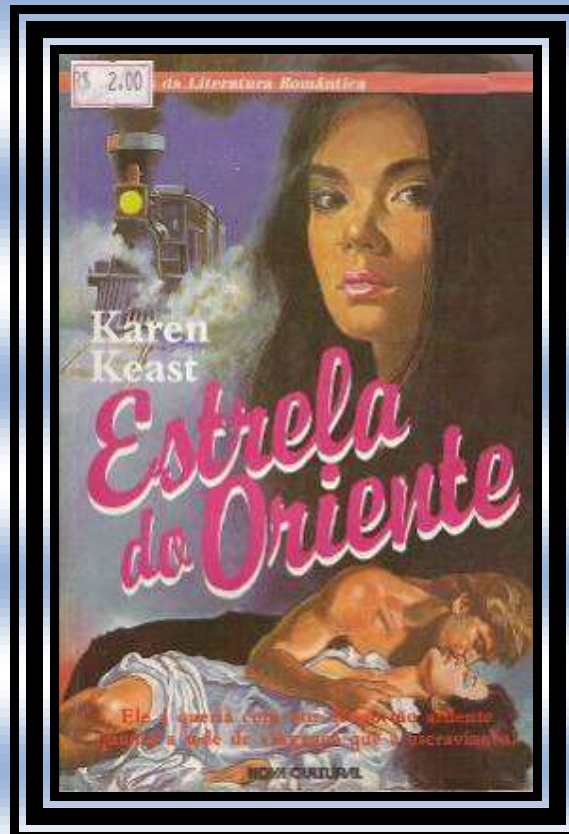


Estrela do Oriente

(Karen Keast)

Título original: **China Star**



Sacramento, 1854 - A imagem gravou-se na mente infantil de Talita: a mãe estendida no chão, muito pálida, o quimono de seda manchado de sangue. Ao ver um homem loiro com um punhal, fugiu dando um grito que rompeu o silêncio da noite e o véu de sua inocência.

Virginia City, 1872 - Desesperado, Madison Brecker assistia à destruição de seu império financeiro. Ele se fizera do nada e trazia no corpo a marca de uma vida de lutas. Não permitiria que ninguém o arruinasse, nem mesmo a encantadora Talita Lee, a deusa do teatro. Mas em seu íntimo Madson reconhecia que aquela perigosa beldade eurasiana era um reflexo da estrela que vivia em seus sonhos, a mulher a quem desejava com uma paixão tão ardente quanto as sede de vingança que a consumia!





Disponibilização do livro: **Nutri.Rosangela**

Digitalização: **Polyana**

Revisão: **Marelizpe**

Copyright: Sandra Canfield

Publicado originalmente em 1989 pela Harlequin Books, Toronto, Canadá

Tradução: Elsa Joana Frezza

Copyright para a língua portuguesa: 1990

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3º andar

CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil

Caixa Postal 2372

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.

- impressa na Artes Gráficas Parâmetro Ltda.

PRÓLOGO

Sacramento, Califórnia Verão de 1854.

Lágrimas se insinuaram nos olhos escuros da garotinha, quando ela tornou a olhar para a boneca de porcelana que tinha nos braços. Os adultos eram tão distraídos! Tia Lilly não sabia que aquela boneca não era para brincar? Como, então, poderia levá-la para sua caminha branca? A mãe lhe explicara que bonecas de porcelana podiam quebrar-se caso, durante o sono, rolassem sob seu corpinho adormecido. E isso Talita não queria de modo algum, porque a boneca era a coisa mais linda do mundo!

Tia Cherry dissera-lhe que era chinesa. Achava que a boneca, de olhos escuros e amendoados, cabelos negros enfeitados com hastes finas de marfim, era parecida com sua linda mamãe. Tinha de cuidar muito bem dela!

Súbito, cobrindo-a de beijos, nos quais havia um soluço de arrependimento, Talita decidiu trocá-la por outra, de pano, com a qual costumava dormir. Sabia que se arriscava a ser repreendida por tia Lilly, que fora à cozinha preparar-lhe um copo de leite quente. Também sua mãe não iria gostar; ficara combinado que não devia jamais importuná-la, quando ela estivesse com algum cavalheiro. Devia resolver sozinha as dificuldades com que se deparasse. Mas sua mãe iria certamente compreender que não podia dormir com uma boneca de porcelana!

Abrindo cautelosamente a porta do quarto de tia Lilly,

Talita ergueu a camisola branca, entremeada de rendas, e correu de pés descalços, pelo comprido corredor vazio, os longos cabelos negros flutuando sobre os ombros delicados. A brisa, perpassando pela janela do hall superior, agitava as cortinas de renda de um lado para o outro, e fazia as lanternas chinesas projetarem sombras móveis sobre as paredes.

Convencendo-se de que não estava nem um pouco assustada, Talita apertou o passo e concentrou sua atenção na música que vinha da sala de visitas. Tia Prissy estava tocando piano. Ela tocava tão bem... De repente, um homem riu. Vozes se ergueram, entre elas a voz rouca e abafada de tia Fio, seguidas de novas risadas.

O rostinho redondo de Talita expressou reprovação. Havia noites em que os risos e os sons eram tão altos que a despertavam no meio do sono. Tinha de tapar as orelhas com as mãos para poder dormir novamente. O momento melhor era quando a casa ficava vazia e silenciosa, e sua mãe carregava-a da cama de alguma das tias para a dela.

Às vezes, mas não frequentemente, dormia a noite toda ao seu lado. Se havia ainda música no salão, sua mãe apanhava-a ao colo e cantava-lhe canções de ninar com voz suave e melodiosa. Ficava quietinha, com a cabeça apoiada no aconchego de seu braço, sob aquela onda de cheiro bom que vinha dela, e a noite tornava-se linda.

Hesitante, preocupada, deu mais alguns passos e deteve-se um minuto a escutar junto à porta de tia Belle. Não tinha permissão de entrar nos quartos das tias quando as portas estivessem fechadas. Uma risadinha tilintou em seus ouvidos. O que estaria acontecendo lá dentro? Interrogara sua mãe a esse respeito, e ela apenas sorrira um sorriso que lhe parecera um pouco triste.

Pequena como era, isso a impressionava. Certa vez, ouvira gemidos e gritinhos abafados, e assustara-se. Em outra ouvira algumas palavras que não compreendera. Sua mãe dissera-lhe que não devia repeti-las: meninas educadas não diziam tais coisas, explicara ela. Talita obedecera-lhe porque desejava muito ser uma dama.

No salão, o barulho aumentava. Talita parou no alto da escadaria e ficou a observar a cena que se desenrolava lá embaixo, sem, contudo, entender muito bem o seu significado. Havia um homem corpulento, sentado no enorme divã de pelúcia.

— Juro, Ruby — ouviu-o dizer, — você tem aqui as mais lindas garotas da cidade!

Depois, com esforço, ele pôs-se de pé e ficou no centro do tapete, olhando em torno com os olhos arregalados.

— Eu ficaria louco, se tivesse de escolher.

Ruby observava-o e ria, com seu riso doce, excitante. Uma lufada de pó-de-arroz vinha de seus seios brancos, generosamente revelados pelo decote baixo do vestido de soirée, impregnando o ar. A pluma negra de avestruz que enfeitava seus cabelos castanhos roçava-lhe a face bonita, de pele acetinada, formando um delicioso contraste.

— Por que não me deixa escolher por você? — perguntou ela, com sua voz de timbre suave.

O homem sorriu tolamente e aventurou:

— Ouvi dizer que você tem uma linda chinesa...

— Sinto muito — interrompeu-o Ruby. — Su-Ling está ocupada neste momento.

Os olhos dela, orlados de cílios espessos, passearam pelas moças agrupadas do outro lado do salão e detiveram-se numa loira de olhos azuis e rosto angelical.

— Não quer experimentar Ninette? É uma das melhores garotas da casa. — Ruby acenou com a mão branca, carregada de anéis. — Venha cá, minha querida. Quero que dê uma atenção especial ao Sr. Lester.

Depois, dando uma palmadinha afetuosa na mão dele, ela acrescentou:

— Tudo correrá a seu gosto e até melhor do que você jamais esperou. Minhas meninas têm o hábito de nunca decepcionar um hóspede.

Lester respirou fundo. Já ouvira falar do bordel de Ruby. Seus preços eram altos, mas isso era inevitável, quando se queria o melhor.

Ninette aproximou-se dele com um sorriso envergonhado. Depois riu, um risinho absurdo, encantador, e ficou um momento a segurar-lhe a mão, a fitar-lhe o rosto, dando-lhe a certeza de que não havia ninguém no mundo cuja presença lhe desse mais prazer.

Ele riu, achando-se, de repente, jovem e forte. Ruby tinha razão. Havia muito tempo, talvez vinte anos, que não se sentia assim. Percebeu de novo o calor que lhe tomava o corpo. Debruçou-se sobre a mão de Ninette e beijou-a.

— Vamos, minha filha?

Do alto da escada, Talita seguiu-os com os olhos, até vê-los desaparecer nas sombras do corredor, e pensou se iriam tomar chá juntos, como ela e tia Ninette costumavam fazer todas as tardes.

— Ruby! O que você pode oferecer a um homem de sangue ardente, nesta sufocante noite de sábado?

O homem expansivo, que acabava de abrir impetuosamente a porta da frente, parou no hall e sorriu.

— Oh, David!...

"Deve ser um amigo", pensou Talita, quando viu tia Ruby avançar para ele e dar-lhe o braço.

Era uma boa oportunidade para descer sem ser notada. E foi o que ela fez, cautelosamente. Uma vez no térreo, enveredou pelo corredor, passou diante da cozinha, onde tia Lilly, voltada para o fogão, cantarolava, e saiu pela porta que conduzia à alameda que cortava os fundos da casa.

Não tinha permissão para brincar lá. Sua mãe dizia que a alameda era freqüentada por gente má. Não sabia exata-mente que gente era aquela. Talvez fossem como os animais selvagens que ilustravam o livro que ganhara no Natal.

Ao alcançar o quarto que compartilhava com sua mãe, deteve-se um instante à porta, refletindo. Estaria ela ainda triste, como estivera desde que voltara do passeio que tinham dado aquela tarde? Iria ficar desapontada porque desobedecera suas ordens?

Seus receios, porém, desvaneceram-se tão prontamente quanto haviam aparecido. Girou a maçaneta e ficou parada no limiar. Por uma razão que ela não poderia converter em palavras, o quarto não lhe parecia mais o mesmo. Tudo estava em seu devido lugar: os móveis de mogno, as cortinas amarelas que esvoaçavam à brisa noturna, a lâmpada a óleo sob o globo de vidro. Até o perfume que pairava no ar era igual ao que sua mãe usava. Entretanto, havia ali uma desarmonia estranha, que nunca existira antes.

Talita adiantou-se com passos indecisos. Por que sua mãe encontrava-se deitada no chão, com os cabelos esparramados em torno da cabeça, como uma mantilha de seda escura? Seu rosto parecia tão branco... Os olhos estavam fechados e uma fita vermelha descia das dobras de seu lindo quimono de seda e se desdobrava pelo chão.

Confusa, desviou precipitadamente os olhos para o estranho que estava ajoelhado ao lado dela. Seria um dos cavalheiros que sua mãe costumava receber? Olhou-o mais diretamente. Os cabelos loiros eram tão claros quanto o luar que entrava pela janela, os olhos azuis tão transparentes quanto o cristal. Mas por que ele estava com uma faca na mão?

Sentindo que não lhe seria possível dominar a emoção, chamou com um fio de voz:

— Mamãe?...

O estranho começou a levantar-se devagar. Involuntariamente, os olhos de Talita detiveram-se na faca manchada de vermelho; depois, quase inconscientemente, subiram pelo dorso bronzeado da mão, deformada por uma cicatriz que parecia uma estrela. Aquilo gravou-se em sua impressionável mente infantil e fez palpar violentamente seu coraçãozinho.

— Venha cá, menininha — sussurrou, de repente, o homem, adiantando-se.

Talita deu um passo para trás, depois outro. Na pressa, deixou cair a boneca, que se espatifou a seus pés, rompendo o silêncio da noite e o véu de sua inocência.

Diante de golpe dessa perda, ela soltou um grito de criatura desamparada e virou-se precipitadamente para a porta.

CAPÍTULO I

San Francisco, Califórnia Agosto de 1872

O céu baixara mais sobre a terra. De instante a instante, relâmpagos silenciosos faziam ressaltar, na noite escura, as nuvens sulfúreas. Informe, o calor sufocante abatia-se sobre os telhados.

Talita desceu os degraus de pedra e pôs-se a caminhar ao longo da rua deserta. O perfume das flores evolava-se da penumbra, doce, mesclado a odores de terra e de relva fresca. Um cheiro forte, como o que precede as tempestades.

Subitamente, um trovão surdo rolou sobre a cidade, seguido de um relâmpago ofuscante, que pareceu prolongar-se indefinidamente. Talita recolheu as saias e estugou o passo. Recebera o recado ao cair do pano. Ficara tão ansiosa em responder ao chamado, que não tivera tempo de mudar de roupa nem de retirar a pesada maquiagem de cena, que a fazia parecer quase uma velha. Agora, congratulava-se por isso. O bairro chinês não era um lugar onde uma mulher jovem pudesse andar sozinha à noite.

Jovem e atraente. Era o que diziam. Talvez fosse, considerando sua origem eurásiana. Um repórter escrevera que seu rosto era uma feliz combinação do que havia de melhor nos dois mundos. Depois, falara com entusiasmo de seus "cabelos negros como a noite, olhos escuros e amendoados, pele cor de mel e lábios feitos apenas para sussurrar coisas doces e ternas".

Talita achara a descrição uma tediosa seqüência de palavras sem nexos, e o repórter igualmente aborrecido. No começo de sua carreira de atriz, ele, que trabalhava para um prestigioso jornal de San Francisco, perseguira-a impiedosamente, no afã de descobrir a identidade de seus pais.

Servindo-se do sorriso que depois se tornara famoso, ela dissera-lhe que, apesar da evidente implausibilidade, seus pais eram realmente o velho casal que a criara e cujo sobrenome ela levava para a vida artística.

Outros repórteres, igualmente sequiosos de notícias, haviam-na assediado, mas nenhum obtivera outra informação além dessa, o que servira para acrescentar um halo de mistério a sua personalidade. Alguns chegaram a insinuar que era um mistério calculadamente cultivado, para ressaltar sua imagem de deusa e mulher.

Mas Talita não atribuía nenhuma importância ao que os outros pudessem pensar. Nunca falava sobre seu passado. Como poderia? Não conhecera seu pai, nem de nome. Quanto à mãe, conhecera-a muito bem. Mas poderia confessar a um

estranho que ela não passara de uma prostituta, igual a todas que tinham existido desde os tempos imemoriais? Poderia dizer que ela fora morta a sangue-frio?

O veneno antigo, lentamente acumulado nela, queimava-a. Recordando as imagens que a torturavam, pensou se Ch'en Yung obtivera, afinal, a informação que procurava havia tanto tempo. Era possível que a busca de dezoito anos chegasse ao fim essa noite? Essa possibilidade fez-lhe o coração bater selvagememente no peito e impeliu-a a correr através das ruelas empoeiradas.

Edifícios de dois andares, ostentando os longos letreiros chineses, verticais, erguiam-se dos dois lados: uma cocheira de aluguel, uma lavanderia, um armazém anunciando o valor medicinal de um chá de ervas. Todos estavam fechados, naquele sábado à noite. Apesar disso, o pungente aroma de especiarias permeava no ar pesado de chuva. Das sombras chegava o som cantante do idioma chinês, impenetrável e irritante para os ouvidos estrangeiros, mas que para os dela soava como as notas lânguidas de um alaúde.

Junto à parede externa de um saloon barulhento, um homem balançava-se ao compasso de uma música que só ele podia ouvir. Vislumbrou seu rosto. Era um rosto pálido, de maçãs salientes. À luz do lampião, seus olhos arregalados tinham tal expressão de vazio, que chamaram a atenção de Talita. E ela pensou se ele não havia acabado de sair de um dos cubículos da casa de ópio, onde, em troca de seu salário semanal, um homem podia obter um cachimbo da droga, garantia de uma grande paz temporária.

Um raio riscou o céu, num lampejo silencioso. Durante sua breve trajetória, avistou Ch'en Yung, parado diante de um portal. Ao aproximar-se, viu que ele usava calças apertadas de seda, chinelos pretos sem salto e a característica blusa chinesa de mangas largas. Sob o chapéu de forma cônica, pendia o rabicho reluzente, atado na extremidade com uma fita preta.

Apesar de sua pequena estatura, ou talvez por causa disso, ele permanecia ereto, com os ombros orgulhosamente jogados para trás e os olhos perscrutando a noite. Nessa postura, parecia exatamente o que era: o líder da poderosa sociedade secreta, mediadora nos atritos entre as diversas facções orientais que costumavam agir com violência, caso uma delas insistisse em violar o território da outra.

Mas Talita via nele apenas seu companheiro de folgedos infantis. Quando a mãe dela morrera, houvera um entendimento, nunca soubera por parte de quem, para que ela fosse enviada à casa de um bondoso casal de chineses. Lá, conhecera Ch'en Yung, um primo afastado dos Lee. Tudo o que tivera no contato diário com ele, havia sido delicadeza, humildade e afeto sincero. Agora que os Lee não existiam mais, ela percebia o quanto lhes devia.

Antes de alcançá-lo, viu que seus olhos escuros examinavam-na com atenção.

— Talita?...

Ela parou diante dele e olhou para o rosto magro e simpático, aberto num perpétuo sorriso.

— Esqueceu-se da menina que podia competir com você em pé de igualdade, Ch'en?

Os olhos de Ch'en estreitaram-se.

— Como poderia esquecer? — disse ele, num inglês lento, mas preciso. — Você era mais ligeira do que o vento!

Talita sorriu. Depois perguntou-lhe suavemente, mas com o sangue ardendo-lhe nas veias:

— Você o encontrou?

O sorriso congelou-se nos lábios de Ch'en e ele pareceu subitamente mais velho.

— Achei um homem com uma cicatriz. — No dorso da mão direita?

O chinês fez que sim com a cabeça e seu rabicho ergueu-se como a língua de uma serpente.

— Em forma de estrela?

Em resposta, Ch'en apanhou um graveto e desenhou uma estrela no solo empoeirado.

— Assim.

Talita sentiu-se novamente como a assustada criança de outrora. Mas, sob o antigo medo, havia agora a doce sensação de vingança.

— Onde? — perguntou, incapaz de dizer outra coisa além disso.

— Virgínia City.

Virgínia City era a cidade de mineiros para onde sua amiga Ellie mudara, no ano anterior, ao casar-se com Neil Oates... Talita exultou.

— Nevada?

— Sim — confirmou Ch'en. — Um chinês que trabalha na cidade diz que lá há um homem com essas características. Ele é o dono de uma ferrovia: a Sierra Virgínia.

— Esse homem da cicatriz... — Ela engoliu em seco. — Sabe qual é o nome dele?

Fazia tempo que Talita procurava esse homem sem identidade, fazendo perguntas discretas aqui e ali, sempre que tinha a oportunidade de percorrer o país com sua companhia. Uma busca que Ch'en conhecia desde a época em que haviam começado a compartilhar seus segredos de adolescentes.

— Madison Brecker — disse ele, calmamente. Madison Brecker. Talita gravou o nome profundamente em sua memória. Não com amor, mas com o mais puro ódio. Lembrou os frios olhos azuis, por cujas profundezas seus olhos de criança haviam espreitado. Gelada pela recordação, ela não percebeu que enormes gotas de chuva salpicavam os arbustos. Enquanto outro trovão rolava sobre a cidade, abriu a bolsa reticulada que trouxera consigo, plenamente consciente de que não havia dinheiro que pagasse a preciosa informação que acabava de receber.

Percebendo sua intenção, Ch'en Yung segurou-lhe a mão.

— Somos irmãos — observou ele, referindo-se ao fato de que haviam crescido juntos.

— Mas o que você fez por mim...

— Não é nada.

— Obrigada.

Ch'en apertou a mão dela.

— Vá, antes que o aguaceiro desabe.

Seus olhos se encontraram e falaram de coisas antigas. Então, bruscamente, ela ergueu as saias e pôs-se a correr na direção de onde viera. Havia dado apenas alguns passos, quando Ch'en chamou:

— Talita!

Ela estacou e voltou-se, notando, distraidamente, que a rua estava mosqueada de prata escura.

— Quando você encontrar esse... Madison Brecker, o que vai fazer?

Uma lufada de recordações, macias como cetim, delicadas como rendas, invadiu a mente de Talita: as longas e quentes noites de verão, o quarto de cortinas amarelas, o doce aroma de jasmim. Reviu a figura delicada de sua mãe.

E reviu-a tão nítida, tão preciosa que ficou surpreendida. Sua voz e seus olhos endureceram subitamente. — Matá-lo!

Durante a primeira semana de setembro, o Territorial Enterprise, o único jornal de Virgínia City, publicou uma profusão de manchetes e editoriais sobre o roubo do dinheiro destinado a pagar a folha quinzenal dos mineiros, uma soma estimada em vinte mil dólares, que acontecera num dos comboios da Ferrovia Sierra Virgínia. O ladrão escapara sem um arranhão, informava o jornal em seu estilo irônico, e sem que se tivesse ao menos um vislumbre de sua identidade, "x".

Em vista do tremendo impacto jornalístico do roubo, a notícia sobre Talita Lee foi relegada para as páginas internas. Havia na quarta coluna da segunda página a seguinte notícia, sem qualquer destaque:

"Talita Lee"

"Chegou a nossa cidade, para visitar a Sra. Ellie Gates, sua amiga de longa data, a famosa atriz Talita Lee".

Duas semanas depois, o Territorial Enterprise anunciava, em manchete, que a Sierra Virgínia fora assaltada novamente, por um homem cuja descrição não coincidia com a do primeiro. O repórter fazia uma pergunta que estava na boca de todos: "Seriam os roubos o trabalho de uma quadrilha?"

O jornal dedicava também um artigo sobre a insatisfação dos proprietários de minas, que ameaçavam servir-se novamente da diligência da Wells Fargo para o transporte do dinheiro do pagamento, caso os roubos não cessassem.

Na mesma página, havia uma declaração de Madison Brecker, o proprietário do Sierra Virgínia. Ele anunciava que assumia pessoalmente qualquer perda passada ou futura, tão certo estava de frustrar a ação dos bandidos. Para tal, contratara os serviços da Pinkerton, uma das mais famosas agências de detetives de San Francisco.

De novo, numa das páginas internas, informava-se que Talita voltara à Virgínia City para visitar a amiga. Corriam rumores de que a festejada atriz estaria pensando em apresentar um espetáculo na cidade.

A primeiro de outubro, os rumores foram confirmados. Naquele dia, os passageiros do trem que fazia a linha Reno — Virgínia City viram-se diante de um dilema: deviam deixar-se seduzir pela esperança de ver Talita Lee, que estava recolhida no luxuoso carro particular, atrelado ao último vagão do trem, ou rezar para não se defrontarem com um dos membros do assim chamado Bando Invisível? Se fossem interrogados a esse respeito, muitos teriam admitido que alimentavam o secreto desejo de ver-se face a face tanto com a atriz quanto com um dos perigosos assaltantes.

— Acho incrível como eles podem desaparecer sem deixar rastros, após terem praticado o roubo — disse Mande Terrill, dirigindo-se ao marido.

Uma vez por mês, ela punha seu melhor chapéu, um absurdo arquitetônico feito de veludo marrom, fitas, plumas e véus, para ir até Reno, onde sua irmã morava. E uma vez por mês, religiosamente, ela voltava para casa com um enorme pote de geléia de caqui.

Para surpresa dela, Dub Terrill murmurou, com um leve bocejo:

— Humm...

Mas ela não precisava de outro encorajamento para continuar:

— Marybeth disse que o primeiro ladrão tinha olhos negros, penetrantes, e uma expressão que ela qualificou de malévola.

— Estupidez! Como Marybeth pode ter notado a cor dos olhos dele, se ninguém, a não ser o guarda do vagão de bagagens, viu o homem?

Houve um momento de silêncio, depois Mande disse, ligeiramente irritada:

— Sei disso tão bem quanto você! Mas Marybeth estava no trem e ouviu os comentários de Dick Kingsman.

Ela deu um suspiro profundo.

— Pobre Marybeth! No lugar dela, eu teria desmaiado. Na verdade, Mande Terrill não perdoara sua vizinha por ter estado naquele trem, numa ocasião tão excitante. Ela própria perdera o primeiro roubo apenas por um dia. O segundo acontecera na metade do mês, já que os pagamentos eram quinzenais. E o fato a excitara tanto que, nesse mês, ela fizera questão de viajar no dia exato do pagamento.

— Aposto que você daria dois dias de sua vida para encontrar-se face a face com o ladrão do trem — retrucou seu marido, com malícia.

— Isso prova a sua ignorância, Dub Terrill. Eu teria simplesmente desmaiado!

— Não sei, não. Se o trem fosse assaltado e o bandido viesse até aqui, exigindo as jóias dos passageiros, você daria um jeito de esconder as suas, antes de desmaiar.

— Acho extraordinária a sua imaginação!

— Acha mesmo?

Mande fechou os olhos e visualizou a deliciosa cena que seu marido descrevera. Via diante de si um ladrão alto, moreno, sedutor que, de arma em

punho, exigia suas jóias, ou melhor, sua virtude. Súbito, outro homem, ainda mais alto e sedutor, um dos agentes da Pinkerton, irromperia no vagão para salvá-la da desonra. Num instante, o revólver apareceria em sua mão, com a fumaça saindo do cano e o eco de um tiro morrendo entre as paredes do compartimento.

O que lhe causava arrepios ao longo da espinha era a sensação de que sua fantasia, num abrir e fechar de olhos, se tornaria real. Lentamente, percorreu o carro com os olhos, pensando se o detetive não estaria ali. Seria aquele de ombros incrivelmente amplos? Ou o de cabelos loiros? Ou então...

Oliver Truxtun, o agente da Pinkerton, apalpou o bolso interno do paletó, onde guardava a pistola carregada, pronta para atirar. Magro, de estatura mediana e feições pouco atraentes, ele não tinha nada que o distinguisse de um homem comum, salvo o nariz aquilino e os bigodes grisalhos, que lhe caíam pelos cantos da boca.

Faltava-lhe o que se convencionou chamar de personalidade. Mas ele não se queixava. Sua aparência comum fazia-o passar despercebido. Para seu tipo de trabalho, era uma grande vantagem. As pessoas ficavam inclinadas a fazer-lhe confidências, com o resultado de que ele levava sempre a bom termo qualquer caso. Ainda não alcançara uma fama espetacular, mas era conhecido como um detetive de primeira ordem.

Naquele instante, após lançar um olhar cauteloso para os dois lados do corredor, ele tomava mentalmente nota de tudo. Gostava de ver por trás das coisas óbvias e imaginar os pensamentos e sentimentos das pessoas. Observou a excitação do garoto de cara sardenta, ao comprimir o rosto contra a vidraça gelada para olhar os pássaros pousados sobre os fios telegráficos. Viu o ar aborrecido da mulher de chapéu marrom, quando o chefe do trem abriu a porta do vagão, permitindo a entrada de uma lufada de cinzas. O homem que estava sentado a seu lado permaneceu impassível. Mas não devia estar tão calmo quanto pretendia.

A atmosfera estava tensa. Havia no ar uma espécie de agitação, um sentimento subconsciente que tomava conta de todos, do velho empregado que se sobressaltava a cada vez que a locomotiva emitia seu longo apito aos passageiros que mantinham as mãos junto ao cabo de suas pistolas.

Com gestos lentos, como se dispusesse de um tempo infinito, Oliver Truxtun retirou do bolso do colete o relógio de ouro. Abriu a tampa: dez para as quatro. A cada quinze minutos, pontualmente, ele dava um passeio pelo comboio, prestando especial atenção aos ocupantes do vagão de passageiros, cujo destino era Carson City. Daí ia verificar o carro de bagagens, onde estava guardado o cofre que continha o dinheiro dos mineiros.

A primeira providência que tomara, ao subir no trem fora verificar a disposição do comboio: locomotiva, carro da água e do carvão, dois vagões de carga carregados de toras de madeira, um vagão fechado contendo suprimentos para os mineiros, dois vagões de passageiros e o carro particular da Srta. Talita Lee. Seu instinto, que nunca falhava, dizia-lhe que o ladrão já devia estar a bordo. Mas, dessa vez, o patife não teria tempo de desaparecer no ar!

Oliver Truxtun guardou o relógio e dispôs-se a uma espera de dez minutos, antes de retomar sua ronda. Mas como era homem, antes de ser um agente de Pinkerton, permitiu que seus pensamentos se voltassem para Talita. Seria ela tão bonita quanto diziam?

— Acha que ela é mesmo bonita, mamãe?

— A quem você está se referindo? — perguntou Harriet Dawson, continuando a tricotar.

Victória, de dezesseis anos, endireitou-se no assento almofadado.

— Talita Lee! Acha que ela é tão bonita quando dizem?

— Como posso saber? Talvez seja.

Um ar sonhador aflorou aos olhos azuis de Victória.

— Como deve ser excitante poder usar todas aquelas roupas maravilhosas...

— Há coisas mais importantes do que roupas bonitas — disse Harriet, em tom plácido.

— Conseguir a admiração masculina...

— Basta, Victória!

Victória suspirou profundamente. Por que sua mãe insistia em tratá-la como a uma criança? Sabia por que os rapazes insistiam em levar as moças para os recantos escuros. Costumava falar com suas amigas a esse respeito. Tinham chegado a conclusões tão excitantes!

— Posso assistir ao espetáculo da Srta. Lee?

— De maneira nenhuma. Não seria próprio para uma mocinha de família.

Essa calma presunção foi intolerável para Victória. Ela nunca deixara passar um desafio sem resposta. Esperou um minuto ou dois, ao cabo dos quais falou em voz clara, com exagera ênfase:

— Pretendo seguir a carreira de atriz.

— Claro que você não fará nada disso — retrucou Harriet Dawson, com inabalável convicção.

"Espere só para ver!", pensou Victória, fazendo um muxoxo. Depois, em voz alta:

— Por que as atrizes têm má reputação?

— Chega de perguntas, Victória — disse sua mãe, conservando o mais absoluto domínio sobre si mesma.

A mocinha não se deu por vencida.

— Acha que ele vai aparecer?

— Ele, quem?

— Ora, o ladrão!

— Seria loucura da parte dele.

— Brecker ficaria furioso!

— O senhor Brecker. Sim, acho que ele ficaria furioso. Victória silenciou um momento, depois perguntou muito calma:

— Por que as pessoas não gostam do Sr. Brecker? Harriet Dauson ergueu os olhos do tricô. Parecia embaraçada.

— Talvez porque não o conheçam bem. Ele tem uma vida diferente da maioria das pessoas comuns.

"Trapaceiro", pensou Victória, divertida. Essa era a expressão que seu pai usava quando se referia a Brecker. Surpreendentemente, as mulheres pareciam não se importar com isso. Ao contrário: olhavam para Madison Brecker com grande interesse. Molly Flannery ouvira uma das amigas de sua mãe dizer que teria grande prazer em ir para a cama com ele!

Victória suspirou e deixou sua mente vagar entre ladrões de trem e Talita: "Gostaria de saber o que ela está fazendo neste momento".

Naquele momento, Talita dedicava-se à delicada tarefa de transformar seu lindo rosto no de um homem. Com hábil aplicação de maquiagem teatral e estratégicas colocações de tufo de pêlos, ela havia conseguido engrossar as sobrancelhas, encovar as faces, aumentar o queixo e até adquirir um bigode.

Agora, estava terminando de desenhar a cicatriz que corria da raiz dos cabelos à têmpora direita. Isso iria marcar a fisionomia do ladrão mascarado. Ninguém deixaria de notar tal detalhe!

No primeiro roubo, Talita fizera uso de uma peruca avermelhada para chamar a atenção. No segundo, havia mancado. O único disfarce de que se valera nas duas ocasiões, e do qual iria servir-se também nessa, eram os óculos de aros

dourados. Um meio perfeito para esconder o formato oriental de seus olhos.

Talita continuou a se preparar com dedicada atenção, negando-se a reconhecer que sua mão tremia. Agora, não era o momento para pensar em outra coisa que não fosse a empresa a que se propusera. Colocou os óculos com gestos decididos, fixou-os atrás das orelhas e, então, apanhou o chapéu de feltro que estava sobre a cama e enterrou-o na cabeça.

A parte mais difícil fora feita. Com o pescoço inclinado sobre o ombro, contemplou a figura masculina que estava refletida no espelho de moldura prateada, colocado sobre o lavatório de mármore. Quando lhe ocorrera pela primeira vez a idéia do roubo?

Não saberia precisar o momento exato. Certamente, fora depois que escrevera a sua amiga, e hábil, sutilmente, para não levantar suspeitas, fizera perguntas sobre um certo Madison Brecker. Precisava ter certeza de que era realmente ele o homem que procurava. E talvez a idéia tivesse lhe ocorrido ao receber a resposta de Ellie Oates.

Madison Brecker era um novato na cidade, contava ela. Um homem solitário que não falava de seu passado, embora boatos a esse respeito não faltassem. Poucos meses antes, ele surpreendera a todos ao comprar de Wilson Booth a Ferrovia Sierra Virgínia, uma Unha férrea que corria entre Reno e Carson City. Concluira-a, fazendo-a chegar até Virgínia City, investindo tudo o que possuía nessa empreitada.

Operar a ferrovia, transformando-a numa empresa rentável, tornara-se uma obsessão para Madison Brecker. Não parecia difícil. Trabalhador, ambicioso, ele consolidara sua posição ao conquistar a boa vontade dos proprietários de minas, para os quais transportava, quinzenalmente, o dinheiro da folha de pagamento de seus empregados.

De posse dessas informações, Talita acreditava ter descoberto o ponto fraco do homem. Mas o que fazer com essa descoberta? Fora então que se lembrara de Jedediah McCook. Seu querido amigo ofereceu-lhe um vagão particular, dotado de todos os confortos, para as eventuais viagens que tivesse de empreender. Seria fácil, pretextando visitar sua velha amiga Ellie, viajar no Sierra Virgínia, roubar o dinheiro dos mineiros e depois escondê-lo no fundo de seus baús.

A idéia, com todas as suas implicações, ganhara corpo. Talita obrigara-se, por um certo tempo, a não tomar decisões precipitadas. Contudo, quanto mais pensava nela, mais achava tentador o projeto de destruir financeiramente Madison Brecker, antes de matá-lo sem piedade.

Era uma mulher paciente, devia isso a seu lado oriental, e soubera esperar o momento oportuno. Não se arrependera. O primeiro roubo havia sido tão fácil! Nunca se sentira tão viva, tão exultante! Especialmente quando soubera que Madison Brecker havia assumido pessoalmente as perdas dos proprietários de minas. Tal fato a incentivara a continuar, coisa que estava na iminência de fazer pela terceira vez, pelo menos até que tivesse desacreditado a Sierra Virgínia. Ou então se cansado do jogo.

Desatando a faixa que lhe cingia a cintura, despiu o quimono amarelo de seda, que destoava estranhamente de suas feições masculinas, e jogou-o sobre a cama. Depois, desfazendo um rolo de algodão para enchimentos, passou-o em torno do busto para disfarçar a forma dos seios.

A despeito da tensão que a dominava, um leve sorriso curvou-lhe os lábios. Ellie costumava dizer, com seu bom humor tão ousado, que podia ouvir os suspiros extasiados dos homens na platéia, quando ela se apresentava em cena com um traje muito decotado.

Rude, mas ingênua. E tão pura de coração, tão bondosa! O sorriso de Talita morreu. O que não diria sua amiga, se soubesse o que ela estava fazendo? Ficou paralisada durante um instante pelo próprio impacto da questão. Mas se refez imediatamente.

Com infinito cuidado, ajustou e prendeu a faixa com um alfinete e, em seguida, começou a vestir-se. Primeiro, a camisa axadrezada; depois, as calças de corte masculino, que prendeu na cintura com um cinto de couro. A seguir, as gastas botas de couro e o paletó. Finalizando, amarrou um lenço vermelho em torno da boca e do nariz.

Instantaneamente, tomou consciência de sua respiração ofegante e disse a si mesma:

"Calma, Talita. Você não pode dar-se ao luxo de ter um ataque de nervos!"

Apesar dessa prudente advertência, sua agitação aumentou quando seus dedos fecharam-se em torno do cabo do Colt. O frio do aço cinza-azulado e seu peso sinistro provocaram-lhe calafrios. Então, censurando-se por sua fraqueza, enfiou a arma na cintura e calçou as luvas de couro.

Na porta, hesitou. O compartimento confortável era um convite para que permanecesse a salvo entre suas quatro paredes. Os painéis esculpidos de mogno, as janelas com vidraças de cristal, o teto trabalhado em caixotões, tudo, com seu luxuoso apelo, dizia-lhe para não levar adiante aquela loucura.

Mas o mal estava profundamente enraizado nela: era uma chaga aberta,

alargada com todas as tenazes da imaginação. E o passado, o odioso passado não o permitia. Madison Brecker selara seu próprio destino quando matara sua mãe! Não podia desistir, agora que tinha todos os trunfos na mão!

Com essa convicção, abriu a porta, bruscamente.

CAPÍTULO II

O vento frio de outubro bateu-lhe no rosto parcialmente encoberto, fazendo ondular a ponta do lenço vermelho e a aba do chapéu. O ar cheirava a frescor e a limpeza. Aspirou-o profundamente e sentiu-se melhor. Depois, como havia feito nas vezes anteriores, avançou até a beirada da plataforma do carro particular e, apoiando-se ria grade de proteção, pulou agilmente para o vagão de bagagens. Por uma fração de segundo, lutou para recuperar o equilíbrio. Quando o conseguiu, distribuiu equitativamente seu peso nas duas pernas.

A porta dos fundos do vagão estava bloqueada pelos sacos de correspondência, coisa que já notara nas duas vezes em que lá estivera. Obviamente, não era usada como passagem. Sem perder tempo, fez uso das garras de ferro laterais e subiu ao teto do carro com a agilidade adquirida na infância, quando escalar árvores era uma façanha rotineira.

Cautelosamente, deitou-se de bruços e deixou-se ficar ali, imóvel, até recuperar o fôlego. O vento zunia, carregado de fuligem e de poeira. Sobre sua cabeça, a fumaça desenrolava-se, espessa, como os sopros roucos de algum ser monstruoso. Apitos intermitentes, curtos e agudos, ressoavam pela quietude da tarde campestre.

Lentamente, soergueu-se sobre os joelhos e começou a engatinhar ao longo da superfície dura do carro oscilante. Havia estalos esporádicos, mas não sabia se eram provocados por ela ou se se tratavam de rangidos normais, produzidos pela oscilação contínua do comboio. Já estava no meio do vagão, quando bateu com o joelho direito numa saliência do teto. A dor explodiu com tal força que, apesar de seu cuidado, um grito escapou-lhe da garganta.

No interior do carro de bagagens, Dick Kingsman parou no ato de cortar o baralho.

— Ouviu alguma coisa? — perguntou ele, prestando atenção aos sons que vinham do comboio.

Já havia sido assaltado duas vezes e, em ambas as ocasiões, tivera de enfrentar o olhar frio e reprovador de Madison Brecker, quando lhe explicara o

que havia acontecido. Era verdade que seu patrão não o censurara, mas, a partir de então, não voltara a dizer: "Bom trabalho, Dick!"

Hollis Reed, o guarda-freios, ergueu a cabeça, atento. Ouviu apenas os ruídos familiares do deslizar áspero das rodas. O som era alto porque tinham deixado a porta lateral entreaberta, permitindo que um pouco de ar fresco entrasse no vagão abafado.

— Não ouvi nada de anormal — respondeu ele. — Que foi que você ouviu?

Dick continuou calado, compenetrado. Depois, deu de ombros.

— Acho que não foi nada. Mas, de qualquer forma, vamos ficar atentos. Não seria nada bom que o ladrão nos fizesse de bobos.

— Posso fazer uma sugestão? Dê as cartas e não se importe com o ladrão. Desta vez, ele não terá nenhuma chance.

Dick sorriu, subitamente.

— É, acho que tem razão.

Talita ficou deitada, esfregando o joelho, os braços e ombros doendo intensamente do esforço. Quando sentiu que a dor começava a deixá-la, continuou a deslizar silenciosamente, até alcançar a borda do vagão. Então, com a prática adquirida anteriormente, desceu pelos apoios laterais. Uma vez na pequena plataforma, parou um instante. Essa era a parte mais arriscada, o aspecto menos controlável da operação. De pé junto à porta do carro de bagagens, enquanto tentava forçar a entrada, ela expunha-se ao aparecimento inesperado de algum passageiro, desejoso de respirar um pouco de ar puro.

Sem perder mais tempo, tirou a arma da cintura e começou a bater na porta, perguntando-se se o barulho ensurdecador que ecoava em seus ouvidos era a batida espaçada das rodas ou o estrondo de suas próprias pulsações.

No interior do carro de bagagens, Dick Kingsman parou no ato de pegar uma carta do leque aberto que tinha na mão. Apreensivo, olhou para Hollis Reed, que levou os dedos aos lábios, pedindo silêncio.

— É Dancey! Está tudo bem aí? — fez-se ouvir uma voz forte, autoritária.

Os dois homens descontraíram-se. Dancey Harlan era o chefe do trem e homem de confiança de Madison Brecker. Não havia nada a temer.

— Um instante, Dancey!

Talita ouviu o clique da fechadura e o ruído de uma corrente sendo removida. Seu plano dera certo! No primeiro assalto, encontrara a porta do carro aberta. No segundo, ela chamara o guarda-bagagens pelo nome e ele, patenteando

ingenuidade, abri-a sem hesitar. Sabendo que esse truque não funcionaria novamente, ela engrossara a voz, com a esperança de confundir o homem que, a essa altura, já devia estar bastante confuso.

A porta abriu-se, revelando a presença de um jovem alto e loiro. Ele sorria, ao dizer:

— Que é que você quer, Dan?...

Dick Kingsman interrompeu-se bruscamente, tomado de surpresa. Ao ver o Colt apontado para seu peito, o sorriso congelou-se em seus lábios e seu rosto ficou branco.

Talita olhou-o com atenção. O rapaz estava na casa dos vinte anos, uma idade em que era importante provar a própria masculinidade. Os repetidos assaltos iriam torná-lo inseguro. Mas não podia dar-se ao luxo de ter pena dele.

— Mãos ao alto! — ordenou-lhe, secamente.

Só então Dick Kingsman percebeu que estava sendo assaltado e ergueu os braços para cima da cabeça. Atrás dele, Hollis Reed, os olhos tão arregalados quanto os de seu companheiro, pôs-se de pé com um salto e ergueu também as mãos para o alto.

Talita entrou no vagão, fechou a porta atrás de si e correu o trinco de segurança. Depois, apontou a arma para o cofre.

— Abra!

Dick olhou para o mascarado por um momento e então ajoelhou-se diante do cofre. Um tremor lhe passou pelo corpo. Dessa vez, não haveria perdão. Madison Brecker não iria tolerar uma tão evidente negligência! Não tentara nem ao menos sacar a arma... Mas, Santo Deus, como poderia supor que não se tratava de Dancey? A voz parecia a mesma...

Com um suspiro, acionou a alavanca. Nada aconteceu. O cofre continuava trancado. O suor brotou-lhe imediatamente da testa. Virou-se lentamente para o mascarado e murmurou num tom de desculpa:

— Devo ter discado o número errado.

Calmamente, Talita fez-lhe sinal para tentar novamente. Na verdade, tinha vontade de gritar "depressa, depressa!" O coração batia-lhe num ritmo alucinado, como estivera desde o instante em que percebera que havia dois homens no carro. Teria de escapar de ambos. Para tal, seria obrigada a amarrar um deles. Mas com o quê? Ocorreu-lhe uma idéia. Virando-se para Hollis Reed, fez um gesto na direção das malas empilhadas ao longo do lado direito do vagão.

— Que quer que eu faça? — perguntou o rapaz, assustado.

— Abra-as!

— As malas?

Ela fez que sim com a cabeça.

Nervoso, Hollis tombou sobre os joelhos e abriu uma das malas. Então, fazendo-lhe um sinal para que se afastasse, ela rebuscou em seu interior e retirou um par de indumentos íntimos femininos, graciosamente enfeitados com rendas e fitas. Nesse instante, o clique do cofre rompeu o silêncio que envolvia o local. Talita ergueu os olhos.

— Consegui! — anunciou Dick Kingsman, quase triunfalmente. — Quer que eu ponha o dinheiro num saco?

— Sim, depressa!

Em questão de segundos ele recolheu as notas e guardou-as num saco de lona, que passou às mãos de Talita. Em retribuição, ela passou-lhe as duas peças femininas. Diante de seu ar de surpresa, ela ordenou, apontando para o amigo dele:

— Amarre-o!

Um ar de confusão se mostrou no rosto de Kingsman.

— Com isto?...

No instante em que Hollis Reed, as mãos e os pés atados, rolava pelo chão do carro, Oliver Truxtun levantou-se e deu início a sua ronda. Encontrou-se com Dancey Harlan no meio do corredor. Trocou com ele um silencioso e rápido olhar de entendimento e depois prosseguiu em seu caminho.

No Carro de bagagens, Talita já estava colocando a mão na maçaneta, quando o detetive bateu na porta. Ela deu um passo para trás e esperou. A batida fez-se ouvir novamente, mais forte, mais insistente. Depois, alguém chamou:

— Kingsman?

Talita voltou-se rapidamente para o guarda e sussurrou-lhe entre os dentes:

— Responda!

— Sim... Sim...? — disse o rapaz em voz alta.

— Tudo bem aí?

Houve uma pausa, antes que ela apoiasse o Colt no peito dele.

— Sim... Tudo bem!

— Deixe-me entrar.

Diante disso, três diferentes pensamentos passaram pela mente dos três implicados.

"Vamos apanhar o bandido!", refletiu o humilhado Hollis Reed, lutando para libertar-se.

"Talvez eu consiga manter o meu emprego", pensou Dick Kingsman, relaxando os músculos. Aquilo lhe restituía a vida.

"E agora?", perguntou-se Talita, com o coração que parecia saltar-lhe pela boca. Então, sem perder os dois homens de vista, ela foi recuando silenciosamente até a porta dos fundos, bloqueada pelos inúmeros sacos de correspondência.

— Kingsman? — gritou Oliver Truxtun, já alarmado, forçando o trinco.

Talita sentiu a suspeita que permeava pela voz do homem.

— Responda! — ordenou baixinho, mas em tom ameaçador. — E depois venha tirar estes sacos daqui!

— Um instante! — gritou Dick, enquanto corria para obedecer o mascarado.

Com a porta desbloqueada, Talita tentou abri-la. Estava emperrada! Um frio escalou-lhe vagarosamente as costas e lhe alcançou a nuca. Estaria tudo perdido?

— Kingsman! — tornou a gritar Truxtun, batendo com os punhos na porta da frente. — Abra!

Talita ouviu outras vozes juntarem-se à do homem e pensou que ele devia ser o agente da Pinkerton, contratado por Madison Brecker. Freneticamente, tornou a experimentar o trinco. Como a luva de couro lhe tolhesse os movimentos, arrancou a da mão direita com os dentes e girou a maçaneta com mais força. Foi recompensada por um inesperado clique. Então, deixando cair a luva da boca, jogou o saco sobre o ombro e abriu a porta.

— Não façam nenhum movimento! — ameaçou, com voz profunda, antes de transpô-la. — Ou serão homens mortos!

— Não... Não — balbuciou Kingsman, dando um passo para trás, como para provar que era uma pessoa confiável.

«Ela bateu a porta atrás de si e saltou da plataforma do carro de bagagens para a do vagão particular. Um único pensamento se agitava em sua mente: por

que não usara a porta dos fundos antes? Era certamente mais fácil do que engatinhar pelo teto do vagão!

No interior do carro de bagagens, Dick Kingsman precipitava-se para a porta que Oliver Truxtun tentava, em vão, arrombar.

— Já vou indo! — gritou, abrindo-a com violência e depois caindo para trás, por cima de Hollis Reed, que rastejava atrás dele.

Dez minutos depois, quando uma batida soou na porta de seu compartimento, Talita, muito feminina em seu elegante traje de viagem, atendeu, prontamente.

— Oh! Não é o Sr. Harlan? — perguntou ela, esboçando um sorriso.

Sabia muito bem que era o chefe do trem que estava diante dela. Ela o teria reconhecido mesmo sem o uniforme preto. Dancey Harlan era um homem corpulento, monumental, com voz grave e uma cicatriz que lhe descia da têmpora esquerda até o pescoço. Ouvira dizer que raramente ele tirava o boné e que jamais falava do escalpo que o deixara calvo. Sabia tudo isso porque, como atriz, estudara conscienciosamente o papel que havia representado; por alguns segundos, nessa tarde, ela fora o próprio Dancey Harlan.

— Sim, senhora — respondeu ele, em tom respeitoso. — Sou Dancey Harlan. E vim verificar se a senhora está bem.

Talita arregalou os olhos, fazendo-se de inocente.

— Ouvi qualquer coisa. Pensei que fosse um tiro, mas depois achei que tinha me enganado.

— Tenho receio de que não se enganou, senhora — disse Dancey Harlan, contraindo os maxilares. — O trem foi roubado novamente. Oh, esse canalha é mais esperto do que o diabo!

Talita levou a mão ao peito, simulando pavor.

— Oh, meu Deus!

— Não se preocupe, senhora. Já está tudo terminado.

— O senhor o apanhou?

— Infelizmente, não. O canalha parece ter se evaporado no ar!

— Deve ser trabalho de uma quadrilha, não acha?

— Isso é o que todos dizem.

— Soube que o Sr. Brecker está pagando o prejuízo das companhias de mineração com dinheiro do próprio bolso.

— Sim, senhora. É o que ele está fazendo.

Talita procurou deliberadamente dissimular a exaltação em sua voz.

— É muito nobre da parte dele.

— Essa nobreza não vai durar muito tempo! pensou depois, com profunda satisfação. Ah, como era doce o gosto da vingança!

— Eu queria apenas certificar-me de que a senhora estava bem — tornou Dancey Harlan. — Não viu nada, por acaso?

— Não, Sr. Harlan, não vi nada.

O homem soltou um suspiro de desânimo.

— Bom, estaremos chegando em Virgínia City... — ele tirou o relógio do bolso do colete. — dentro de quinze minutos.

De repente, Talita sentiu-se sufocar. Como não percebera antes? Havia uma luva de couro na mão do chefe do trem. Uma luva masculina muito familiar. A mesma que usara para praticar o roubo!

Voltando a si com esforço, ela murmurou:

— Obrigada, Sr. Harlan.

As notícias do roubo espalharam-se pela cidade antes que o trem parasse na estação. Circularam primeiro pela multidão que estava à espera dos amigos e dos familiares e chegaram depois aos ouvidos particularmente interessados de Ellie Grayson Oates, antes de percorrerem, com a velocidade do raio, a C. Street, a principal artéria de Virgínia City. Detiveram-se no escritório de avaliação de metais preciosos, onde Firman Gill e Neil Oates, o gerente da Mina Chollar, estavam mergulhados em longa conversação. Os dois homens foram obrigados a concordar que os já mal-humorados mineiros iriam ficar ainda mais irritados e que, tudo somado, representava mais um golpe armado contra Madison Brecker.

De lá, as notícias correram soltas pelo saguão do Chastain Hotel e fizeram Wilson Booth, o antigo proprietário da Ferrovia Sierra Virgínia, sorrir de satisfação. Via novas possibilidades começarem a se desenhar diante dele!

No saloon Last Drink, as notícias circularam de mesa em mesa e chegaram até Millie Rhea. De pé, junto ao polido balcão de mogno, os cabelos de fogo descendo-lhe em cascata pelos ombros, ela suspirou tristemente. Isso significava que Brecker não viria naquela noite.

Não sabia ainda por que ele a procurava. Havia uma centena de mulheres, as mesmas que demonstravam desdém por seu passado nebuloso, que iriam de

bom grado para a cama com ele, se tivessem alguma chance. Brecker, no entanto, preferia pagar por seus prazeres, dizendo, com o cinismo de um homem calejado, crítico e frio, que, desse modo, as duas partes sabiam perfeitamente qual era sua respectiva posição.

As notícias, agora em louca disparada, estacaram exata-mente do lado de fora de um pequeno escritório, situado na área central da cidade. Em seu interior, Madison Brecker fazia o livro-caixa. O local era escassamente mobiliado com uma escrivaninha, um sofá de couro junto de um fogão de ferro, um cofre e um fichário; Refletia, com precisão, o caráter do homem que nele trabalhava: prático e com gosto pelo conforto modesto.

Brecker vestia-se com igual simplicidade. Até mesmo a cadência de sua respiração, num ritmo que fazia os músculos de seu peito estufarem-se contra a camisa preta de algodão, parecia controlada e reduzida ao mínimo indispensável.

As notícias entraram no escritório junto com o jovem mensageiro ofegando pelo esforço de ter corrido rua acima sem parar.

— Sr. Brecker... — disse ele, empurrando a porta vaivém com tal força que as vidraças vibraram.

Madison ergueu os olhos.

— Sim?

— Sr. Brecker... — O rapaz respirou fundo. — É melhor que vá depressa até a estação. O trem... foi assaltado novamente e o ladrão conseguiu fugir.

O anúncio foi recebido com um silêncio de morte. Os claros olhos azuis de seu patrão transformaram-se em duas pedras de gelo. O rapaz reteve a respiração, sem saber o que o esperava.

Súbito, como que acionado por uma mola, Brecker enfiou a pena no tinteiro, levantou-se de um salto e apanhou a jaqueta preta do cabide. Depois, saiu pela porta feito uma bala, obrigando o garoto a correr para acompanhar-lhe os passos.

O povo da cidade espiava por trás das persianas, das vidraças, das cortinas. Viam um homem alto, esguio, mas vigoroso, de ombros amplos e musculosos, cujos cabelos loiros, dourados como o trigo, roçavam a testa bronzeada pelo sol e caíam-lhe pela nuca. Podiam ver também os lábios apertados acentuando as linhas das maçãs proeminentes.

Ninguém ficou surpreso ao perceber que ele não carregava nenhuma arma consigo. Sabiam que ele não necessitava disso. A faca que trazia enfiada no cano da bota, e que ele manejava com extraordinária perícia, combinava melhor com seu estilo de vida e impunha igual respeito.

— Sinto muito — disse alguém.

— Não apanharam o sujeito?

Brecker não olhou nem para um lado nem para o outro. Continuou a descer, impassível, a rua vazia, pensando: De que adiantou eu ter trabalhado tão duramente por tantos anos? Vou perder tudo! Uma expressão de angústia apareceu de repente em seu rosto. Investira muito mais do que dinheiro na aventura da ferrovia. Investira seu coração e o pouco que restara de sua alma torturada.

Encontrou a estação lotada com uma multidão ávida de saber tudo o que era possível. As pessoas aglomeravam-se na plataforma, faziam gestos por cima das cabeças, empurravam-se umas às outras.

— Não sei o que mais poderá nos acontecer — disse Harriet Dauson, acima do rumor de quermesse, enquanto arrastava sua filha atrás de si. — Vamos, Victória.

— Sim, mamãe — respondeu a mocinha com ar distraído, pensando na coragem de Dick Kingsman, o bagageiro que tivera de enfrentar um assaltante tão perigoso.

— Quase morri de susto quando ouvi o tiro — anunciou Mande Terrill a seu marido, abrindo caminho através da massa.

Mas, quando Brecker apareceu, todos se calaram subitamente. Uma centena de rostos voltou-se para ele. Olhos curiosos acompanharam seus passos, talvez para terem certeza de que era ele mesmo quem passava.

Naquele exato minuto, Talita aparecia à portinhola do vagão particular. Segurava a sombrinha de seda na mão esquerda, a outra, sem luva, ajeitava o véu do chapeuzinho azul. O doce sol da tarde envolvia-a de ouro pálido, realçando o delicado tom de rosa que lhe subia às faces.

Sua elegância era inquestionável. Sua compostura, no entanto, era uma sofisticada simulação que devia a seu talento de atriz. Embora ninguém notasse, a mão que segurava a sombrinha tremia.

A vista da luva de couro na mão do chefe do trem fora suficiente para assustá-la. Sabia que não havia nada que indicasse que a luva lhe pertencia. Jogara a outra pela janela do trem em movimento e a vira desaparecer na paisagem deserta. Mas o saco de dinheiro, um testemunho irrefutável de seu crime, estava ainda em seu poder, escondido no fundo de um dos baús que logo seriam descarregados. Tinha consciência de que ter se livrado de uma prova comprometedoras sem ter se livrado da outra era loucura. Mas a pressa não a deixara

raciocinar com clareza. Devia ser mais cautelosa no futuro.

Com essa determinação, desceu os degraus e deu de olhos com Ellie Oates, que sorria e lhe acenava. Começou a avançar na direção de sua amiga, sem notar que a multidão se afastava para dar passagem a um personagem poderoso. Mal havia dado dois passos, quando viu-se face a face com um homem alto, que vinha, apressado, em sua direção.

Tudo aconteceu numa fração de segundo. Sem saber como, ela sentiu o esbarrão de um peito de granito e, quase em seguida, duas mãos rudes que lhe seguravam os braços. Maquinalmente, seus olhos subiram pela camisa preta, aberta no peito amplo e bronzeado, detiveram-se no pescoço forte, de nervos tensos. Por fim, analisaram o rosto bronzeado, os maxilares curvados numa linha inflexível, a boca bem delineada, o nariz reto.

Ao fitar os olhos, estremeceu. Eram os mesmos que uma vez tinham a transparência do cristal, mas que agora mostravam-se de um azul sombrio como o céu crepuscular. Olhos vazios, remotos, indiferentes a qualquer alegria. Olhos que a haviam perseguido por dezoito anos, acordada ou adormecida.

Uma onda de sofrimento invadiu-a e apoderou-se dela. O mesmo que experimentara quando criança, em momentos de feroz solidão ou de desespero. Mas o instante passou e ela recobrou o domínio de si mesma.

Depois de certificar-se de que a mulher que estava diante dele havia recuperado o equilíbrio, Brecker deixou cair os braços ao longo do corpo e afastou-se sem uma palavra. Talita virou-se. Viu-o subir no trem e dirigir-se duramente ao homem de comprido nariz aquilino. — É para isso que estou lhe pagando?

CAPÍTULO III

Oliver Truxtun manteve-se impassível diante da pergunta contundente de Brecker. Sem proferir palavra, ele voltou para o carro de passageiros, que estava agora ocupado pelos empregados da ferrovia, sentou-se calmamente e olhou para o homem zangado, que o seguia esperando uma resposta. Tinham métodos próprios para abordar um assunto.

— Queira me corrigir se me enganar, Sr. Brecker: não contratou os serviços de nossa agência para que se descubra e prenda os homens que estão assaltando o seu trem? Pois bem: eu lhe asseguro que é isso que vou fazer!

A expressão de Brecker não se abrandou.

— Mas quando? Quando os patifes tiverem me deixado sem um tostão?

— Essas coisas levam tempo — observou Oliver Truxtun com fleuma.

— E dinheiro. O meu dinheiro! — disse Brecker com voz rouca de raiva.

O detetive particular considerou por um minuto o homem que, semanas antes, irrompera na agência Pinkerton, pedindo o melhor agente de que eles dispunham. Ou seja, ele, Oliver Truxtun.

— Vou descobrir esse criminoso — disse então, com calor.

Brecker fitou-o. As pálpebras pesadas e caídas sobre os olhos grandes, o comprido nariz aquilino, os lábios finos sob os bigodes espessos, tudo combinava-se para lhe dar o ar perigoso e vigilante de um falcão à caça. Estava inclinado a confiar nas palavras de Truxtun. Mas tinha de continuar a estimulá-lo, a manter a chama acesa o tempo suficiente para obter alguns resultados concretos.

Lentamente, Brecker girou sobre os calcanhares. Seus olhos, firmes e perigosos, percorreram todos os rostos voltados para ele. Dancey Harlan, o único homem que podia realmente chamar de amigo; Hollis Reed, cujas mãos se torciam e retorciam; o jovem Dick Kingsman, de olhar vago, hesitante; Charlie Knott, o melhor engenheiro de ferrovias do país e, finalmente, Abe Dustin, seu musculoso foguista, que parecia perpetuamente suado, como se tivesse passado tempo demais diante das fornalhas para sentir-se à vontade ali.

Apoiou o pé na ponta de uma poltrona e inclinou-se para frente.

— Alguém, aqui, pode contar-me o que foi que aconteceu?

Houve um momento de silêncio. Então Dick Kingsman ergueu os olhos, obrigando-se a encarar o rosto fechado de seu patrão e a dizer, com a mágoa irritada de um homem fraco:

— Foi um pouco antes das quatro. Hollis... Hollis estava comigo no carro de bagagens. Pensei ter ouvido alguma coisa, bateram à porta. Esperamos e então alguém disse: "É Dancey. Está tudo bem aí?"

Dancey Harlan interveio:

— O patife imitou minha voz!

Brecker olhou para o cabineiro com ar de dúvida.

— A voz dele parecia-se mesmo com a de Dancey?

— Estava tão certo que se tratava de Dancey que nem saquei a arma! — afirmou Dick, com convicção.

Hollis Reed confirmou:

— Parecia Dancey.

— Continue — disse Brecker, dirigindo-se a Dick.

O rapaz pôs-se a relatar os fatos com abundância de detalhes. Ao terminar, Brecker apontou para seu lábio ferido e perguntou:

— Atracou-se com o bandido?

Dick passou o dedo pelo lábio superior e disse, constrangido:

— Não, senhor. Eu caí, ou melhor, tropecei em Hollis, quando fui abrir a porta para o Sr. Oliver Truxtun.

— Caiu em cima de Hollis? — surpreendeu-se Brecker. — De que modo?

— Ele estava deitado no chão. O assaltante obrigou-me a amarrá-lo, alguma coisa nos olhos de Hollis fez Brecker perguntar:

— Amarrou-o com o quê? Dick ficou vermelho e nervoso.

— Com... peças íntimas femininas, senhor.

— Quê?

— O bandido obrigou-me a amarrar os pés e as mãos de Hollis com algumas... peças femininas que retirou da valise de uma passageira.

— Vamos recapitular — disse Brecker, sem deixar de fitá-lo. — Por volta das quatro horas, um assaltante, imitando a voz de Dancey, é admitido no carro de bagagens. O guarda, tomado de surpresa, não chega a puxar o revólver e o patife rouba uma quantia estimada em vinte e dois mil dólares!

Dick assentiu, constrangido.

— Depois de roubar, o patife força-o a amarrar Hollis com indumentos femininos e então escapa incólume. — A voz de Brecker tornou-se mais dura. — Só então o agente da Pinkerton, ao qual estou pagando uma fortuna, bate à porta do vagão. Você abre e depois cai, como um idiota, em cima de Hollis!

Relutante, Dick voltou a assentir.

Por um minuto, ninguém disse nada. De repente, como se lembrasse de algo que poderia salvar sua reputação, o rapaz balbuciou:

— Dancey achou a luva do ladrão.

Brecker voltou-se e esperou que Dancey lhe jogasse a luva. Depois, examinou-a com atenção. Era uma luva de cor marrom, nova, ainda cheirando a couro. Calçou-a. A luva mal lhe cobria metade da mão.

— O sujeito era baixo? — perguntou.

— Acho que sim — replicou Dick, relutante em admitir que fosse dominado por um homem menor do que ele.

— Usava óculos?

— Óculos de aros dourados, como os outros dois assaltantes.

— Lembra-se de mais alguma coisa sobre a aparência dele?

Foi Hollis quem respondeu, excitado:

— Uma cicatriz! Lembro-me de que ele tinha uma cicatriz aqui — disse o jovem, mostrando a têmpora.

— Certo! — aprovou Dick, animando-se.

Brecker ficou em silêncio, fascinado pelo problema da aparência dos assaltantes. Um tinha cabelos ruivos, o outro mancava... Tudo parecia um pouco óbvio demais! Revirou a luva entre os dedos. Três homens de pequena estatura... três homens usando óculos... três homens, cada qual com uma característica marcante, inconfundível. Seria possível que todos tivessem sido levados a cair em erro? Nesse caso, os ousados assaltos não haviam sido obra de uma quadrilha, mas de um único homem!

Brecker arqueou os olhos, encontrou os de Oliver Truxtun fixos nele. Nesse instante, sem que uma só palavra tivesse sido trocada entre ambos, ele teve a certeza de que a mesma idéia cruzara a mente do agente da Pinkerton.

— A menos que alguém se lembre de outro fato qualquer, é melhor voltarmos ao trabalho. — Seus lábios apertavam-se numa linha fina. — Se alguém precisar de mim, poderá encontrar-me em meu escritório.

Brecker voltou-se e começou a percorrer o corredor. Ao passar por Dancey, viu seu amigo dizer baixinho:

— Tenho algumas economias. Se precisar de alguma coisa...

A sombra de um sorriso insinuou-se em seus lábios.

— Gaste-as com mulheres e bom uísque.

— É o que farei sábado à noite! — retrucou seu amigo, com fervor.

O sorriso de Brecker ampliou-se e depois desapareceu bruscamente. Antes de encaminhar-se para a porta, ele disse:

— Kingsman?

O rapaz baixou os olhos, embaraçado.

— Senhor?...

— Procure o Dr. Dauson e faça-o dar uma olhada nesse lábio.

— Sim, senhor.

— Outra coisa. A próxima vez, puxe o revólver. E não abra a porta para ninguém. Nem para mim!

"A próxima vez..." Eram as palavras mais confortadoras que Dick Kingsman já ouvira.

— Sim, senhor! — disse ele, com súbito alívio na voz. Brecker inclinou-se para Oliver Truxtun e entregou-lhe a luva.

— Acho que isto pertence ao seu departamento. Enquanto o detetive revirava o objeto entre os dedos,

Brecker desceu do vagão de um salto. A multidão dispersava-se. No silêncio da tarde o sol estava baixando, sobre o horizonte e ele pensou se um outro sol não estaria também se pondo sobre a Sierra Virgínia ou sobre o seu proprietário.

"Não, com os diabos!", revoltou-se. Não entregaria os pontos tão facilmente. Iria provar àquela cidade miserável, e a todo mundo, que Madison Brecker era alguém! Iria provar, de uma vez por todas, que não era mais o "fedelho do Breck!"

O casamento fizera de Ellie Grayson Oates uma mulher de espírito revigorado pela confiança e segurança. Uma mulher cheia de vitalidade, dotada de abundante energia para realizar seus propósitos. E era essa vivacidade, mais do que a beleza, que constituía nela o traço predominante.

Assim, no instante em que a porta do quarto do elegante Chastain Hotel fechou-se atrás de ambas, ela jogou-se nos braços de Talita, dizendo com calor:

— Que bom ver você de novo!

— Serão apenas duas semanas — observou Talita, com um sorriso.

— Serão duas longas semanas! — Ellie retribuiu o sorriso e depois afastou-se para olhá-la. — Ótimo! Você parou de tremer.

Uma pontada de medo oprimiu o coração de Talita.

— Que... que quer dizer?

— Você estava tremendo como uma folha, na estação. Naturalmente, tinha um bom motivo para isso. Viajar num trem onde aconteceram três roubos em menos de dois meses é suficiente para assustar qualquer um! Conte como foi —

continuou ela, os olhos brilhando de excitação. — Você viu alguma coisa? Ouviu alguma coisa?

Talita começou a tirar as finas luvas de pelica.

— Não. Não vi nem ouvi nada.

Estava satisfeita de que Ellie atribuísse seu tremor ao roubo. Na verdade, estivera à beira de perder o domínio ao colidir com o único homem no mundo que tinha o poder de perturbá-la. Era a primeira vez que o via. Após o primeiro roubo, evitara-o deliberadamente. Passado o segundo, ele partira imediatamente para San Francisco, com o propósito de contratar os serviços de um agente da Pinkerton. Sabia que o momento da confrontação iria chegar um dia. Até sonhara com isso. Mas encontrara-se despreparada, quando o fato realmente ocorrera. Mesmo nesse instante, sentia o gelo dos olhos dele penetrar até o fundo de sua alma. Estremecendo, tornou a dizer:

— Não. Não vi nem ouvi nada.

— Acho tudo isso muito excitante — volveu Ellie, tirando o chapéu. — E um pouco triste.

Talita tirou também o dela e o colocou sobre a cama.

— Triste? Por quê? Ellie deu de ombros.

— Não sei. Talvez porque esses assaltantes estejam precisando muito de dinheiro. É preciso estar desesperado, para tirar algo de alguém sem levar em conta os seus sentimentos.

As palavras penetraram como punhais na consciência de Talita. Não porque ela lamentasse o que estava fazendo, mas exatamente porque não o lamentava. Uma noite, dezoito anos antes, Madison Brecker roubara-lhe toda a possibilidade de sentir emoções como piedade ou simpatia. As únicas coisas que conhecera desde então foram ódio e amargura.

— O que eu acho é que não há ninguém no mundo tão bondosa quanto você — respondeu, virando-se para que sua amiga não percebesse a dureza de sua alma.

— Vou ajudá-la com a bagagem — disse Ellie. — Não levará um minuto para ajeitarmos todos os seus lindos vestidos no armário.

— Não, não é necessário! — disse Talita com demasiada veemência, ao lembrar-se de que o produto do roubo estava num dos baús.

Depois, percebendo que sua reação devia parecer estranha, suavizou a voz:

— Prefiro ficar conversando com você. Ellie olhou-a com curiosidade.

— Podemos conversar à noite, na recepção.

— Seríamos interrompidas a todo instante — insistiu Talita, levando-a para a beirada da cama e fazendo-a sentar-se. — Fale-me dos Anthony, o casal que irá me recepcionar esta noite.

— Dão grandes festas. O Sr. Anthony é proprietário de uma das mais ricas minas de prata da região. Marido e mulher são generosos e não pouparão esforços para fazer da festa desta noite um sucesso. Soube que mandaram buscar champanhe francês e caviar em San Francisco. A encomenda deve ter vindo no mesmo trem que a trouxe a Virgínia City.

Talita teve uma visão de todas as caixas empilhadas no carro de bagagens e sorriu, ao pensar que o caviar e o champanhe destinados a sua festa deviam estar numa delas.

— Parece ótimo.

— Se o ladrão soubesse disso, teria se regalado! Talita encolheu expressivamente os ombros.

— Ele devia ter outras prioridades.

— Não sei. Quatro homens mascarados assaltaram uma diligência da Wells Fargo, semanas atrás. Quando descobriram que havia uma caixa de champanhe no alto do veículo, abriram-na e convidaram os passageiros a beberem com eles.

— Você acredita realmente nisso? Ellie pensou por um instante.

— Sim, acredito. E espero que todos tenham aproveitado bastante.

O comentário da amiga fez Talita rir.

— Você nunca vai mudar, Ellie Oates?

— Acho que não — ela sorriu. — Quando vai chegar o restante da companhia?

— Amanhã. À noite, haverá ensaio geral.

— A cidade em peso vai estar no teatro, sábado à noite, quando as cortinas se abrirem. Mal posso esperar! É bom voltar ao palco.

Talita não pôde deixar de pensar se também Madison Brecker estaria entre os espectadores. A idéia causou-lhe um grande mal-estar. Levantou-se da cama e dirigiu-se para o lavatório. Enquanto lavava as mãos, comentou, simulando indiferença:

— Vi Madison Brecker na estação.

— Não gostaria de estar na pele da pessoa que lhe deu a notícia do roubo!

— Ele parecia bastante preocupado.

— Não é para menos. Os mineiros faziam o melhor conceito da competência dele. Porém, depois dos últimos acontecimentos, tiveram sua confiança abalada. Neil acha que eles continuam ainda a servir-se da Sierra Virgínia para o transporte do dinheiro do pagamento, pelo fato de Breck estar absorvendo todos os prejuízos. Mas não sei até quando ele poderá agüentar. É uma pena: Breck sempre tratou os mineiros com justiça e consideração.

"Um assassino honesto? Quem diria!", pensou Talita, sorrindo com sutil ironia.

— Você não disse que ele é um tipo misterioso?

— O mínimo que se pode dizer dele é que é um excêntrico. Faz segredo sobre o seu passado, mas correm vozes de que veio de St. Louis. Chegou aqui há cerca de sete meses.

— Que mais dizem dele?

— Parece que já matou um homem. Quem contou disse que ele não hesitaria em fazê-lo novamente, se as circunstâncias assim o exigissem.

Isso teve o dom de estimular ainda mais a curiosidade de Talita.

— Tem certeza?

— São só boatos. Mas já é motivo para que as pessoas olhem para Breck com respeito. Ben Berford, o proprietário da Mina Berford, conhecia o pai dele. Disse que o homem foi morto por seu parceiro de jogo, a quem tinha acusado de estar trapaceando. Ao cabo de uma semana, o assassino foi encontrado num beco, com a garganta cortada. Ben ouviu de alguém que fora o "fedelho do Breck", era esse o apelido dele, que o matara, embora tivesse apenas catorze anos. Depois disso, Breck desapareceu da cidade.

— Acha que ele é um foragido da justiça?

— Não sei — disse Ellie, pensativa. — Tudo o que sei com certeza é que, foragido ou não, ele é um dos homens mais atraentes que conheci. Está virando a cabeça da maioria das mulheres desta cidade.

A conversa havia tomado um rumo tão inesperado, que Talita viu-se obrigada a observar, com um sorriso:

— Não tem vergonha, Ellie Oates? Você é uma mulher casada!

— Mas tenho olhos para enxergar. Neil diz que olhar não pecado.

As duas riram. Depois Ellie disse, com sua franqueza habitual:

— Você parece estar muito interessada em Madison Brecker. Algum motivo especial?

— Nenhum. — A voz soou firme, mas com uma nota de cautela. — Não tinha percebido que estávamos falando dele.

Ellie olhou-a meio surpresa.

— Você não fez outra coisa, nas últimas semanas! Talita pensou freneticamente em alguma coisa que a livrasse daquela armadilha.

— Um amigo, em San Francisco, falou-me dele. Fiquei curiosa. Só isso.

Depois, querendo mudar de assunto, ela pôs-se a falar sobre o jantar daquela noite e dos trajes que iriam usar.

Meia hora depois, Ellie levantou-se.

— Já está na hora de eu voltar para casa. Enquanto beijava o rosto da amiga, ela disse, sorrindo:

— Pode guardar um segredo, querida?

— Claro! Do que se trata?

— Acho que estou grávida. Mas não conte nada a Neil. Quero ter certeza, antes de falar com ele.

— Já consultou o médico?

— Ainda não. O Dr. Dauson comentaria o fato com todo mundo, antes que eu pudesse dar a notícia a Neil. — Ellie sorriu. — Mas eu sei que estou esperando um bebe. Uma mulher raramente se engana com essas coisas.

Talita acariciou-lhe o rosto, sorridente.

— Estou feliz por você, querida. Lágrimas afloraram aos olhos de Ellie.

— Eu também estou feliz. Não só pelo bebe, mas por Neil e por mim. Gostaria que você conhecesse alguém que a amasse tanto quanto ele me ama.

Mais tarde, sozinha em seus aposentos, Talita pensou nas palavras de Ellie. Como poderia confessar-lhe que em seu coração cheio de ódio não havia lugar para o amor?

Ellie não havia exagerado. A mansão dos Anthony era aparatosa, cintilante de coisas que só o dinheiro proporciona. Mas seus proprietários eram pessoas simples, amáveis, que sabiam receber com cordialidade seus convidados.

Apesar disso, Talita queria estar bem longe dali. Todas as conversas giravam sobre um único assunto: o roubo do trem. Coisa que a fazia experimentar

um terrível constrangimento. Enquanto sorvia pequenos goles do champanhe, ; que um criado de uniforme branco lhe servira, ouvia ecos de vozes estranhas:

—... Três vezes em menos de dois meses!

—... Uma cidade totalmente sem lei...

— Vão pendurá-los pelo pescoço, quando os apanharem! Subitamente, ela sentiu-se arrasada. Parecia que nada mais interessava àquela gente. Nervosa, pôs-se a vagar a esmo, pouco à vontade, por entre um torvelinho de pessoas que não conhecia. Durante um minuto, prestou ouvidos a duas jovens que estavam paradas ao pé da escada.

—... Calças de mulher...

— Não!

— Juro que sim!

— Quem lhe contou?

— O Dr. Dauson. Oh! Como vai, Srta. Lee? A festa não é em sua honra?

Sim, a festa era em honra dela.

— Estamos esperando ansiosamente a estréia de seu espetáculo.

Talita sorriu e murmurou algumas palavras amáveis de agradecimento.

As duas jovens voltaram a inclinar-se confidencialmente uma para a outra.

— Parece que aquelas peças íntimas pertenciam a Mande Terrill — disse uma delas.

Sua companheira sorriu por cima da borda da taça de champanhe.

— Aposto como ela desmaiou!

Talita afastou-se com naturalidade, e continuou a andar, deparando, aqui e acolá, com uma fisionomia que já vira no trem.

— Juro que quase desmaiei, quando soube o que aquele patife fez com os meus indumentos — dizia uma senhora alta, ruiva, com indignação. — Não tenho mais coragem de usá-los!

Os lábios de Talita entreabriram-se num sorriso, quando um homem corpulento, que presumiu ser o marido dela, insinuou, bem-humorado:

— Aposto uma rodada de bourbon no Last Drink como Mande os está usando!

Ao chegar ao fundo do salão, Talita levou a taça aos lábios e sorveu mais

um gole de champanhe. Por alguns preciosos momentos, saboreou sua solidão. A sua volta, os grupos transformaram-se rapidamente, engrossados pela chegada de novos convidados, o riso tornara-se mais fácil, produzido por uma palavra alegre.

Súbito, entre os retardatários, pôde ver Ellie que vinha em sua direção.

— Pensei que não fôssemos chegar nunca, querida! Atrás dela, vinha seu marido. Neil Oates era um homem grande, vigoroso, duas vezes o tamanho de sua esposa. Trabalhador incansável, mas um homem de idéias e gostos simples, ele tivera a sorte de casar-se com uma mulher que adorava e que o adorava.

— Talita! — Sua fisionomia abriu-se num sorriso radiante. — Que bom ver você!

— Obrigada, Neil. É bom ver você também.

— Desculpe o atraso — tornou ele, passando o braço em volta dos ombros de sua esposa. — Alguns mineiros ficaram em pânico, quando souberam que o trem foi roubado novamente e Breck achou melhor convocar uma reunião.

Neil balançou a cabeça, pesaroso.

— Pobre Breck! Pagou-os com dinheiro de seu próprio bolso.

— Esse Sr. Brecker tem tanto dinheiro assim?

— Parece que ele fez um empréstimo no banco.

Ele apanhou uma taça de champanhe da bandeja que flutuou em sua direção e ofereceu-a a Ellie.

— Não quer tomar um gole?

— Não, querido. Obrigada.

Enquanto colocava sua taça vazia na bandeja, Talita notou que alguns papéis, de grande formato, começavam a circular por entre os convidados. Distraída, pensou o que representariam. Nesse instante, um senhor alto, magro, de aspecto distinto, aproximou-se do grupo.

— Srta. Lee, sou o Dr. Dauson. Permita que lhe apresente minha esposa.

Talita encontrou os olhos escuros da mulher e sentiu imediatamente sua hostilidade. Sabia o motivo. Segundo a moral corrente, uma atriz era considerada uma mulher de costumes fáceis. Mas disse educadamente:

— É um prazer, Sra. Dauson.

— O prazer é meu — retrucou a outra, com afetada polidez.

— Compramos entradas para o espetáculo — disse o Dr. Dauson, com animação.

— Maravilhoso! — Talita sorriu. — Esperamos apresentar um espetáculo que corresponda à expectativa geral.

— Minha filha Victória está entusiasmada.

A expressão hostil tornou a estampar-se na fisionomia de Harriet Dauson.

— Infelizmente, ela não poderá nos acompanhar. Tem outros planos para sábado à noite.

Talita compreendeu tudo.

— Nesse caso, vou enviar-lhe um programa autografado.: Harriet permaneceu em silêncio por um instante. Então, para não correr o risco de passar por mal-educada, disse secamente:

— Obrigada.

— Víbora! — sussurrou Ellie, quando o casal afastou-se. Talita não chegou a fazer qualquer comentário, porque, nesse instante, os papéis que estavam circulando pelo salão chegaram até eles.

— Ah, aqui estão os dois cartazes — anunciou Neil, após estudá-los. — Breck disse que iria mandá-los. Quer ver, Talita?

Ela os tomou de sua mão e sentiu o coração parar. "Procura-se. Recompensa de mil e quinhentos dólares", estava escrito em letras de forma, no alto de um deles. Mais embaixo, havia o retrato falado de um dos assaltantes. O outro, igual em tamanho e dizeres, trazia estampado o retrato do segundo.

Apesar das ordens de seu cérebro, que lhe dizia para manter a calma, suas mãos começaram a tremer. Um dos cartazes escorregou-lhe por entre os dedos e caiu ao chão. Ia inclinar-se para apanhá-lo, mas alguém antecipou-se. Fascinada olhou para a mão, grande e bronzeada. Uma mão que ostentava no dorso uma cicatriz em forma de estrela.

CAPÍTULO IV

Os velhos temores infantis, que nunca de fato haviam-na abandonado, apoderaram-se dela novamente. Mas foram logo substituídos por um assomo de cólera, que fez suas pulsações acelerarem-se de puro ódio. No entanto, foi a experiente atriz que tomou o controle dessas duas emoções tão contraditórias,

impondo disciplina a sua mente e a sua conduta.

Com polido distanciamento, Talita observou Madison Brecker endireitar-se com os movimentos lentos e graciosos de uma pantera. Sem poder tirar os olhos dele, viu os olhos azuis fixarem-se nela com intensidade.

— Breck! Pensei que você não viesse mais — disse Neil, rompendo o leve instante de encantamento.

Breker desviou a atenção de Talita e apertou a mão do amigo.

— Precisava falar com o xerife — explicou ele, enquanto cumprimentava Ellie com um aceno de cabeça.

— Permita que lhe apresente uma velha amiga — disse Ellie com um sorriso. — Talita Lee. Talita, este é o Sr. Madison...

— Já nos conhecemos — interrompeu-a Brecker, voltando-se novamente para Talita.

Por um leve momento, ela evocou a imagem de sua mãe caída no chão e a de um homem ajoelhado ao lado dela. Certamente, Madison Brecker não estava se referindo àquela noite de dezoito anos antes!

— Não nos vimos esta tarde na estação? — tornou ele.

— Oh, sim... — murmurou Talita que se esquecera completamente do incidente.

Um súbito sorriso, em parte ditado pela atriz, em parte sincero, entreabriu-lhe os lábios.

— Peço-lhe desculpas por ter sido tão desajeitada.

— Confesso-lhe que eu estava um pouco distraído.

— Ouvi dizer que o ladrão escapou. Tem alguma pista dele?

— Poucas — disse ele, evasivo.

Nesse instante, o criado aproximou-se com a bandeja de champanhe.

— Poderia me conseguir um bourbon!

— Certamente, senhor.

Quando o criado afastou-se, Neil retomou o fio da conversa.

— Soube que o homem deixou cair uma das luvas. Talita ficou subitamente alerta, mas nada disse.

— Uma das luvas? — perguntou Ellie.

— Uma luva de couro — confirmou Brecker. — Infelizmente, bastante comum.

Talita obrigou-se a dizer:

— É muita falta de sorte.

— A única coisa que a distingue é seu tamanho — continuou ele, pensativo.

Ela o estudou por cima da borda de sua taça. Madison matara sua mãe movido pela cólera? Ou pretendia roubar o pouco de dinheiro que ela possuía? Não duvidava de que ele fosse um homem implacável, sem consciência, para quem uma vida humana não devia significar nada. Um homem a quem fora arrancada a capacidade de experimentar emoções, embora não pudesse imaginar por quê. De algum modo, em algum momento de sua vida, ele se tornara diferente dos outros homens.

Era uma diferença expressa em uma centena de maneiras. A mais óbvia era sua aparência. Diversamente dos outros convidados, que vestiam suas melhores roupas, Brecker usava as mesmas calças de brim e a mesma camisa preta com que o vira na estação. A única concessão a que ele se permitira era a jaqueta de couro, quase tão clara quanto seus cabelos. Talvez fosse isso que o fizesse parecer singularmente distanciado, como um visitante vindo de um outro mundo.

De repente, os olhos dela encontraram os seus e os prenderam num olhar longo e penetrante. Um frio percorreu sua espinha e ela pensou: "Não, eu estava enganada". Ele tem sentimentos. Mas apenas os mais tenebrosos, os provocados pela tortura de lembranças inconfessáveis! Porém, temerosa de que ele pudesse ler seus pensamentos, ocultou os olhos sob os cílios espessos.

"Esses olhos... Há alguma coisa intrigante nesses olhos escuros, de reflexos dourados e forma amendoada", pensou Brecker enquanto a via ocultá-los sob as pálpebras. Haviam-lhe parecido familiares à distância. Depois, ele se lembrava: colidira com ela na estação. Porém, vistos assim de perto, como nesse instante, percebia neles uma familiaridade que vinha de outras épocas. Já vira essa mulher antes? Não lhe parecia possível. Suas vidas, a dela brilhante, sofisticada, a dele simples e rude, constituíam dois mundos opostos.

No entanto, os olhos dela, como também os cabelos negros, penteados à moda chinesa, lembravam-no de alguém. Su-Ling. Mesmo depois de tanto tempo, aquela lembrança despertou-lhe um sofrimento atroz. O sonho dela havia ficado para trás, perdido em algum lugar, na vasta obscuridade que se estendia para além de sua cidade... Para livrar-se do peso dessa recordação, levou a taça aos lábios e tomou a bebida de um só trago.

"Esta noite não vai acabar nunca?", perguntou-se Talita. "Estou cansada. De lutar e de enganar..." Para aumentar seu desconforto, ela via os cartazes passarem de mão em mão, e atormentava-se com a idéia de que alguém mais esperto, provavelmente o próprio Madison Brecker, observasse repentinamente: "Srta. Lee, esses desenhos parecem-se muito com você, não acha?"

Talita ergueu bruscamente a cabeça, consciente de que o próprio Madison lhe fez uma pergunta qualquer.

— Queira desculpar-me. Não ouvi o que disse.

— Parece que o ladrão escolhe sempre o dia em que a senhorita vem a Virgínia City para roubar meu trem.

Talita sentiu-se sufocar. Rapidamente, ela estudou-lhe o rosto. Algo em sua expressão disse-lhe que a observação fora puramente casual. Seu coração recomeçou a bater e o sorriso que lhe dera fama, um sorriso a um tempo de santa e pecadora, entreabriu-lhe os lábios cheios.

— Está insinuando, Sr. Brecker, que eu lhe trago má sorte? Não é muito bonito de sua parte.

Antes que ele pudesse responder, o jantar foi anunciado. Talita sentiu um alívio imenso, que aumentou, quando ela viu-se instalada do lado oposto ao que Brecker ocupava na mesa. Em nenhum momento, durante o jantar, ela o viu olhar em sua direção. Sua única preocupação provinha do fato de que ele estava mergulhado numa conversa animada com o xerife, sentado a seu lado. Julgava adivinhar o que diziam e temia ser presa de um momento para o outro.

Sombria e enervada, viu o jantar chegar ao fim. Ia se retirar, quando avistou Ellie, sozinha, parada à entrada do salão vazio. Perguntou-lhe se não tinha achado o jantar aborrecido e enfadonho. Oh! Não, não achava enfadonho, mas não passava bem.

Olhou-a demoradamente. Sua amiga estava extremamente pálida.

— Que foi, Ellie?

A jovem ergueu os olhos e sorriu, levemente constrangida.

— Senti-me um pouco enjoada.

— É o bebê?

— Que mais poderia ser?

— Contou a Neil?

— Ainda não. Quero ter certeza.

— Não está sendo justa com ele. Neil é um excelente marido.

— Sei disso.

Nesse instante, Neil chegou, esbaforido.

— Breck vai nos emprestar o seu tálburi, querida.

— Já estou bem, Neil. Posso ir para casa a pé.

— De modo algum! Ainda há pouco você estava a ponto de desmaiar.

— Isso foi antes. Agora... Neil virou-se para Talita, aflito.

— Convença-a, por favor!

— Você está procedendo desajuizadamente, Ellie — disse Talita, com ar sério. — Faça o que seu marido está lhe pedindo.

— Não consigo compreender o porquê disso!

As ruas de Virgínia City estavam em bom estado. Os tálburis eram usados apenas esporadicamente, em geral pelos moradores da zona periférica ou por alguém que estivesse com muita pressa.

— Além do mais, quem irá levar você de volta ao hotel?

— Não há por que se preocupar. Conheço o caminho.

— Já tomei providências nesse sentido — começou Neil, mas foi interrompido por uma voz masculina, profunda e familiar;

— O tálburi está pronto, Neil.

Talita virou-se, deparando com Madison Brecker.

— Como está se sentindo, Ellie? — ouviu-o perguntar, solícito.

— Estou bem. Foi uma indisposição passageira. Posso ir para casa a pé.

— Obrigado pelo carro — disse-lhe Neil, ignorando a observação da esposa. — Eu o devolverei amanhã.

— Não tenha pressa. Para isso é que servem os amigos.

— Muito obrigado por levar Talita de volta. Talita não pôde dissimular sua surpresa.

— Posso arranjar-me muito bem sozinha!

— É perigoso para uma moça sair sozinha à noite — insistiu Ellie.

Houve um breve silêncio, antes que Brecker dissesse com voz calma, quase paciente:

— Ellie tem razão. À noite, Virgínia City pode oferecer algum perigo.

"Oh, Sr. Brecker! E quem me protegerá do senhor?", pensou Talita. Mas disse simplesmente:

— Nesse caso, eu lhe fico grata. Ellie despediu-se com um sorriso.

— Boa noite a ambos. — Depois à Talita, por cima do ombro: — Vejo você amanhã, no ensaio.

— Se o Dr. Dauson permitir — observou Neil, dando-lhe o braço.

— O Dr. Dauson? Para quê?

Brecker ficou a observá-los, enquanto se dirigiam para a porta de braços dados, conversando animadamente. Havia momentos, especialmente ao cair da noite, em que pensava como seria pertencer a uma mulher que soubesse rir com ele, conversar, lutar, amar.

Mas nunca pertencera a ninguém. Sempre fora só. Um ser solitário entre os seres, vivendo uma vida só sua, onde tudo se resumia a sobreviver. Inconscientemente, como fizera no curso de sua existência, amuralhou-se em si mesmo, escondendo seus pensamentos atrás de um olhar distante, fechando-se em seu próprio vazio.

A seu lado, pela segunda vez nesse dia, Talita pensava que sua amiga tivera sorte em encontrar um homem como Neil Oates. Seria o amor assim? Seria a paixão assim? Até aquele momento, nenhum homem despertara em seu corpo a flor rubra da sensualidade. O ódio que queimava em seu íntimo até deixá-la ofegante, o ódio que a deixava desesperada pelo alívio da vingança suplantava qualquer outro sentimento.

Por um momento, naquela sala de jantar vitoriana, os olhos de ambos se encontraram. Um não notou o desespero do outro. Rejeição e vingança haviam enervado suas visões, tornando-os cegos para tudo o que não fosse seu sofrimento interior.

— Muito bem — disse ele, ainda distraído. — Quando é que devemos partir?

— Imediatamente.

Àquela hora, a cidade dormia sob um céu claro, recamado de estrelas. Puseram-se a caminhar distraidamente, de olhar perdido na penumbra, sem saber se os minutos estavam passando.

Talita apertou a capa de lã em torno do corpo e aspirou o perfume das últimas flores, que vinha dos pequenos, mas bem cuidados jardins. Era bom andar,

andar vagarosamente, sem pensar, em meio à noite suave. Tudo era indistinto, vago, envolto em tons pálidos, porém tudo podia transformar-se em prata, com um pouco de imaginação.

Olhou de soslaio para Madison Brecker. Não sabia por que ele se oferecera para acompanhá-la ao hotel. Ele parecia ser um tipo solitário, que preferia sua própria companhia.

— Você não devia ter-se incomodado — disse-lhe, embora de maneira estranha, profunda e inquietante.

Brecker saiu de sua meditação e fitou o rosto que se destacava da penumbra,

— Não foi incômodo algum. Estou hospedado no mesmo hotel.

— Há quanto tempo mora em Virgínia?

— Há alguns meses apenas.

— E antes disso?

Ele demorou um minuto para responder. Quando o fez, foi evasivo.

— Em algum lugar, por aí.

Talita percebeu que era inútil insistir. Ele estava fora de seu alcance. Queria lhe perguntar por que matara sua mãe. Mas teria de esperar o momento certo. E o momento certo seria aquele que precedesse o instante em que o mataria. A idéia e o vento frio fizeram-na estremecer.

— Está com frio?

— Não — mentiu ela, embrulhando-se mais na capa de lã.

— Logo chegaremos — replicou ele, como se tivesse percebido sua mentira.

No silêncio que se seguiu, o ruído de seus passos ressoava nitidamente na calçada de madeira da C. Street. No instante em que passavam pelo saloon Last Drink, suas portas vaivém se abriram e dois homens foram arremessados à rua, em meio a uma onda de música e de risos.

Apesar de sua embriaguez, os dois ergueram-se rapidamente ao ver Brecker, e fugiram pela rua deserta. Ele não pareceu notar nada. Mas Talita notou. E isso confirmou o retrato que fizera dele: o de um homem implacável, temido por todos.

O vento começou a soprar ao longo da rua, em rajadas rápidas. Talita sentiu sua frieza no rosto de porcelana e ergueu a gola da capa.

— Venta sempre aqui? Brecker olhou para o céu claro.

— Acho que vai nevar logo.

A visão de flocos de neve saltou os recantos da memória de Talita. O misterioso torpor de uma paisagem que parecia adormecida por um sortilégio, a pálida luz de prata que tocava os telhados, penetrava nas ruas...

Brecker também pensou na neve e numa cabana escondida nas colinas. O inverno era sua estação preferida. O silêncio descia sobre os campos alvos, incorruptos, e ele podia fingir que ninguém mais existia. Aceitara, havia muito tempo, a idéia de que era um ser solitário. A princípio, por que a vida, as circunstâncias e as pessoas tinham-no forçado a isso. Depois, porque preferia que assim fosse.

Minutos depois, os contornos imprecisos do Chastain Hotel ficaram à vista.

— Fico-lhe grata pela companhia — disse Talita, assim que Brecker empurrou a porta de cristal e a fez entrar.

— Era o meu caminho — lembrou-a ele, enquanto a guiava pelo vestíbulo.

Os candelabros irradiavam sua luz acolhedora sobre o espelhado chão de mármore e sobre as paredes, de onde pendiam quadros representando paisagens campestres da Inglaterra.

Apesar da atmosfera aconchegante, ela sentiu um súbito aperto na garganta. Durante sua ausência, os cartazes de "Procura-se" haviam sido postos ostensivamente à mostra nas mesinhas.

— Pusemos os cartazes à vista, Sr. Brecker — anunciou o solícito recepcionista de trás da mesa da portaria.

— Obrigado, Gordy. Brecker voltou-se para Talita.

— Em que andar ficam os seus aposentos?

— Terceiro.

Ele fez um gesto com a mão, indicando a ampla escadaria de mármore, e Talita não teve escolha senão acompanhá-lo.

— Acha... Acha que os cartazes ajudarão a descobrir os criminosos? — perguntou ela, com toda a naturalidade que lhe foi possível exhibir.

— Espero que sim.

— Ouvi dizer que eles pertencem ao mesmo bando. Brecker deu de ombros.

— Quem sabe?

Talita perscrutou seu rosto vazio e inexpressivo.

— O que quer dizer?

— Pode ser apenas um homem que quer se fazer passar por dois ou três.

Ela parou para respirar. Agulhadas súbitas de dor trespassavam seu joelho machucado.

— Bem, espero que os apanhe... ou o apanhe — disse, após um longo silêncio.

— Oh, eu o apanharei, Srta. Lee. Nem que tenha de fazer um pacto com o diabo!

A ameaça ecoou pelas paredes silenciosas, penetrando fundo no coração de Talita. Nesse instante, seu joelho falhou, obrigando-a a procurar o apoio do corrimão. Imediatamente, ele sustentou-a pelo cotovelo. O calor de sua mão lhe subia ao longo do braço, docemente, e lhe chegava até o flanco em que ele a apoiava. Porém, seus olhos vazios, solitários, continuavam frios como o gelo.

Ele não era o diabo de cabelos corvinos, vindo das profundezas do inferno, mas uma criatura sem alegria, vinda de um mundo desumano, feito só de gelo. Uma criatura implacável, plena de domínio, capaz de tudo para salvar sua ferrovia.

Qualquer outra mulher, em seu juízo perfeito, daria meia-volta e abandonaria aqueles loucos planos de vingança. Mas ela não era uma mulher qualquer. Ela provinha, também, de um mundo sem alma. Além do mais, ele a fascinava, arrastando-a, com sua vontade poderosa, para um caminho desconhecido. Só com muito esforço poderia resistir-lhe.

— Você está bem? — murmurou ele, ao ouvi-la respirar fundo. Talita manteve a voz sem a menor inflexão.

— Sim, eu estou bem.

Depois, continuou a subir a escada sem nenhum esforço aparente. Diante da porta de seu quarto, enfiou a chave na fechadura e voltou-se para ele com um sorriso.

— Obrigada, Sr. Brecker.

Ele olhou-a com o rosto desprovido de qualquer expressão, depois inclinou levemente a cabeça.

— Boa noite, Srta. Lee.

Uma vez sozinha, Talita encostou-se na porta, ofegante. Seu coração batia rápido demais. Sabia que isso não tinha relação alguma com o ar rarefeito da montanha. Tinha, e muita, com a certeza de que ia haver uma luta de morte. Seu adversário era um homem inexorável, não lhe daria tréguas.

CAPÍTULO V

"Não", sussurrou Talita para a figura lívida e maldita, fugindo-lhe com o corpo, tateando nas trevas, sem saber para onde ir. Do punhal ainda em posição de atacar escorria o sangue em filete. "Não", tornou a dizer, repelindo-a com a mão direita, como a deter-lhe o gesto covarde.

A figura debruçou-se sobre ela, hesitou um instante com a mão enclavinhada, então deixou cair o punhal, que rolou no assoalho produzindo um ruído surdo. Indefesa, desamparada, gemeu alto: "Não!"

Ela havia gemido? Onde se encontrava? Suas mãos estavam úmidas, úmidas suas faces, sua garganta. Arregalou os olhos aflitos e reagiu, num último e poderoso esforço para libertar-se da inconsciência em que se debatia.

Sentou-se na cama, o sonho mil vezes repetido de encontrar-se face a face com o assassino de sua mãe. Aquele sonho cheio de dor petrificada, de adeus consternado, de desamparo brutal. E o passado, erguendo-se outra vez naquele isolamento completo, reabrindo as feridas...

Mas dessa vez o sonho fora, diferente. Antes, o homem do sonho mostrava um rosto jovem, quase de criança. Essa noite, o rosto era o de alguém de mais de trinta anos. Duro, frio, inexpressivo. O rosto de Madison Brecker...

Talita jogou a coberta para um lado e levantou-se. Depois, com a capa de lã sobre os ombros, caminhou para a janela. Descerrou as cortinas e pôs-se a olhar para o céu estrelado, à procura de uma [^]estrela cadente. Quantas vezes, no passado, ela e sua mãe não tinham permanecido no escuro, contemplando o céu! Era um de seus passatempos preferidos, naquelas ocasiões especiais em que passavam toda a noite juntas.

"Venha cá, meu amor, onde os sonhos brilham", pôde ouvi-la dizer com uma voz que era como o canto de um pássaro. "Aqui não há dor nem sofrimento. Só alegria."

Alegria. Era apenas uma palavra doce. Um bálsamo suave e enganador. Nada mais do que isto. Su-Ling Chang, a bela e desgraçada criatura, tivera poucos momentos de alegria em sua breve vida.

Certa vez, quando lhe perguntara por que não tinha um pai como as outras crianças, ela dissera que tinha um pai: um homem gentil e encantador, um homem de coração cheio de bondade. Quando quisera saber por que ele não morava com elas, Su-Ling respondera que era o destino delas viverem sozinhas e o destino

dele viver com outra pessoa.

— O destino não é muito bonito — comentara Talita.

— O destino não é bonito ou feio, bom ou mau — retrucara sua mãe. — O destino é simplesmente o destino. Algo que está escrito nas estrelas.

A jovem Talita rebelara-se contra aquele destino adverso. A mulher Talita ainda se rebelava contra ele. Não podia, não queria acreditar que as pessoas não pudessem ser mais do que simples espectadores, olhando para a vida do lado de fora. Que não pudessem lutar, juntar os fragmentos, tornar possível o quase impossível.

Mas, em momentos como esse, sozinha na calada da noite, o pesadelo ainda atormentando-a, ela era levada a acreditar que, às vezes, as pessoas eram forçadas a seguir um determinado caminho. Se não, como explicar o fato de que sua mãe parecia predestinada à tristeza e ela própria a uma amarga vingança? De que outro modo explicar por que, embora tivesse perscrutado milhares de vezes o céu, nunca avistara a estrela cadente que, segundo sua mãe, lhe traria paz de espírito?

Talita fechou os olhos para considerar melhor essas questões. Fora, no céu noturno, uma estrela cadente percorreu velozmente seu caminho. No quarto ao lado, a chama amarela de um fósforo iluminou de súbito uma mão que trazia no dorso uma estrela branca.

Brecker colocou o charuto na boca mantendo ainda a chama de fósforo encostada a ele. Um momento depois, soprou uma baforada de fumaça azul, que pairou como uma nuvem acima de sua cabeça, subindo então lentamente para o teto.

Embora aroma e gosto fossem de seu agrado, ele perguntou-se, uma vez mais, por que fumava. Essa questão, como sempre, deixou-o desapontado, como se, de algum modo, o fizesse perder um pouco do tão apetecido prazer.

A mesma coisa acontecia com sua vida. Ela o deixava sempre com uma sensação de desapontamento, como algo estéril, desabitado. Olhou em torno. Um quarto do hotel. Algumas malas, uma cama, a negra solidão da noite e do passado dentro e fora das quatro paredes.

Levantou-se da cama e apanhou as calças jogadas no chão. Depois, prendendo o charuto com os dentes, enfiou-as e dirigiu-se para a janela, sem fazer caso do vento frio que lhe desmanchava os cabelos.

Afastou as cortinas para um lado e olhou para o céu, onde brilhavam milhares de estrelas. Foi logo invadido por uma emoção familiar. Su-Ling. Quantas

vezes não haviam contemplado, juntos, o céu noturno?

Inesperadamente, teve a sensação de que alguém espiava por cima de seu ombro, uma sombra que falava baixinho:

— O primeiro que achar a estrela mais brilhante possuirá toda a sabedoria da terra.

As feições delicadas de Su-Ling abriram-se num sorriso mágico, que a fazia parecer mais jovem do que ele, embora fosse dez anos mais velha.

— Sabedoria? Que é isso? — troçara ele. — Prefiro ser rico!

— Sabedoria é riqueza, meu precioso amigo.

— Como você sabe?

O sorriso dela ampliara-se e seus olhos escuros cintilaram.

— Porque eu encontrei a estrela mais brilhante e possuo toda a sabedoria do mundo. Veja — dissera, apontando para o céu. — Lá está ela!

Ainda que dezoito anos o separassem daquela noite, Brecker sorriu à lembrança de Su-Ling. Mas o sorriso morreu, diante de outra recordação, mais pungente do que a primeira.

— A criatura que puder contar todas as estrelas ganhará a felicidade eterna.

— Quem lhe disse isso?

— Eu sei.

— Sabe por que acha que possui toda a sabedoria do mundo?

Ela sorria, concordando. Um sorriso de criança, um sorriso de mulher.

— Sim, é isso.

— Mas isso não passa de uma ilusão. Uma ilusão que você imaginou para tornar as coisas mais fáceis, Su-Ling!

O sorriso dela apagara-se lentamente, substituído por uma tristeza que a fez vergar os ombros frágeis.

— A busca da felicidade é a única coisa que realmente importa. Só lá — ela dissera, apontando para o céu, — só lá há paz e alegria.

Felicidade. Paz. Alegria. "Existirão essas coisas naquelas alturas inatingíveis?", pensou Brecker, exalando um fio de fumaça, que espiralou preguiçosamente na escuridão. Encolheu os ombros, cético. Se voltasse os olhos para cima, não veria mais do que o céu desabitado e sempre mais distante.

Mas, se Su-Ling estivesse viva, lhe diria certamente que era seu destino ser um homem só. Havia sido sempre assim. Abandonado por sua mãe, ignorado por seu pai, fora entregue a si mesmo desde os três anos de idade.

O que levava sua mãe a abandoná-lo em tão tenra idade? Seu pai nunca falava sobre ela quando estava sóbrio. Durante seus momentos de embriaguez, o pequeno Breck ficara sabendo apenas que Ingá, era o nome dela, voltara para o leste.

Mas, embriagado ou sóbrio, o fato era que Jonas Brecker nunca dera um só minuto de atenção ao filho. Deixava-o abandonado em seu barracão, nos arredores de St. Louis, durante dias e até semanas. O pequeno teria morrido de fome, se não fosse a bondade de um velho montanhês, que tomara o hábito de provê-lo de biscoitos e de pedaços de carne cozida.

Embora a solidão fosse dura, Brecker a preferia à presença do pai. Quando ele estava em casa, obrigava-o a acompanhá-lo até a cidade e depois o deixava a sua espera do lado de fora do saloon. Mais tarde, já embriagado, levava-o até o bordel, onde de novo o abandonava até a manhã seguinte. Fora nessa época que começara a ser conhecido como o "pirralho do Breck", um apelido que tinha ainda o poder de enraivecê-lo. Talvez mais agora do que então.

Já aos onze anos, criara no lugar a fama de ser calado e de saber manejar o facão de caça com extrema perícia. Mas eram seus olhos, segundo diziam, que impressionavam mais. Eram os olhos de um menino que conhecia a solidão, a dor e a tristeza.

Aos catorze anos, sua vida tomara um rumo inesperado. Jonas Brecker deixara-se matar num jogo de pôquer e ele sentia-se na obrigação de vingá-lo, embora não soubesse explicar por quê. Seu pai era um homem egoísta, desprezível, não merecia tamanha devoção.

O assassinato concedera-lhe uma reputação que servira para afastá-lo ainda mais do convívio dos homens. A partir daí, iniciara a jornada que o levaria para seu inevitável destino: uma selva em que o valor era medido pela habilidade em viver ao lado dos lobos.

Fora uma longa caminhada até a Califórnia, para onde > impelira a febre do ouro. Havia sido lá que, durante uma briga, tivera a mão espetada à parede do vagão peia faca de seu adversário. Ninguém fora capaz de encontrar um médico que o socorresse e o ferimento, em vez de ser suturado, fora cauterizado, transformando-se na cicatriz em forma de estrela que o distinguia.

O incidente endurecera-lhe ainda mais o ânimo. Nunca mais, decidira ele então, alguém lhe tiraria o que lhe pertencia por direito. Tempos depois, o mesmo

homem que ferira, um sujeito sem noção de honra ou ética, roubara o direito de exploração de uma mina que pertencia a um tio excêntrico, de quem Brecker gostava muito. Fora sua última façanha: depois disso, o sujeito desaparecera misteriosamente de circulação.

Embora ninguém pudesse provar, todos juravam, e com razão, que Brecker era o responsável pelo sumiço. A fama dele crescera e também a frieza em seus olhos, o vazio em seu coração e a solidão em sua vida.

Algumas mulheres achavam que isso lhe acrescentava charme, tornando-o irresistível. Mas ele sempre tivera o cuidado de evitar relações duradouras, vencendo tentações e não deixando que nenhuma mulher penetrasse na fortaleza em que se encastelara.

Até conhecer Su-Ling Chang. A mulher de voz tão suave quanto o murmúrio da chuva, tão gentil quanto o pôr-do-sol, tão frágil quanto um pássaro de asa partida. Uma mulher feita para o amor.

Incrivelmente, ela era prostituta num bordel de Sacramento. Embora tivesse ido vê-la por motivos óbvios, descobrira, depois, que queria apenas conversar com ela. Entre ambos, estabelecera-se uma dessas secretas intimidades que só existem entre exilados, num país estrangeiro.

Ele lhe confiara pensamentos ocultos no fundo de sua alma e coisas que nunca revelara a nenhum outro ser humano. Ela, por sua vez, falara-lhe de seu amor por um homem casado. Nunca lhe revelara sua identidade, mas contara-lhe que ele era o pai de sua filha.

Por um período de mais de quatro meses, Brecker tomara o hábito de vê-la regularmente. Jamais haviam mantido relações carnavais. Mas, preocupado com sua segurança, ele dera-lhe um punhal, para que pudesse defender-se contra a eventual brutalidade de um cliente grosseiro.

Em uma quente e sufocante noite de sábado, aproximava-se do bordel, quando colidira com uma mulher que chegava correndo dos fundos da casa. Vira-lhe os olhos cinzentos, arregalados de terror. E vira manchas de sangue, que ela tentava em vão esconder com a mão em seu vestido prateado. Minutos depois, encontrara Su-Ling caída no meio de uma poça de sangue.

Mesmo naquele instante, uma onda de emoção dominou-o. Podia vê-la no chão nu, a vida esvaindo-se lentamente de suas veias. Seu corpo estava ainda quente, mas seu rosto estava muito pálido, cor de madrepérola. Em torno dela, brilhante à luz da lanterna chinesa, a cabeleira opulenta, de um negro azulado. Era a única coisa viva, cintilantemente viva, como se a vida que abandonava seu corpo estivesse se refugiando apenas nos cabelos.

Arrancara-lhe a faca do peito, pensando devolver-lhe a vida. Depois apertara-a de encontro ao peito e tentara transmitir-lhe parte da sua. Logo em seguida, no entanto, recobrava a lucidez: fora ele que havia comprado o fatídico punhal, que estava agora coberto de sangue.

Apavorado, fugira. Mas não antes de se confrontar com a criança que aparecera inesperadamente em cena. Aqueles olhos escuros, assustados... Nunca fora capaz de esquecê-los. Como não esquecera também os olhos cinzentos, cheios de culpa, da mulher que corria ao longo da alameda.

De Sacramento, ele vagueara, levado pelas circunstâncias. Fora nessa época que conhecera Jedediah McCook, o magnata da ferrovia Central Pacific, e o ajudara a transformar em realidade o audacioso projeto de unir a costa leste à oeste, a despeito das montanhas intransponíveis, dos desertos ainda não palmilhados e dos índios hostis.

Exausto de ficar à margem da vida, ao sabor do destino, sonhara então em voltar a integrar-se na torrente e não diferir de ninguém. Aos trinta e seis anos, já vira e fizera muitas coisas. Queria esquecer o passado como um sonho mau.

Surpreendera Virgínia City, ao comprar a Estrada de Ferro Sierra Virgínia. E, agora, não ia permitir que ninguém a tomasse dele. Percebia, claramente, que a sobrevivência da ferrovia estava estreitamente relacionada com sua própria sobrevivência. Faria de tudo para salvá-la!

— Que aconteceu com o seu joelho? — perguntou Ellie, apontando para a mancha azulada, visível através do fino quimono de seda.

Talita virou-se na banquetta. Seu rosto mostrava uma expressão de cautela.

— Foi ontem, no trem. Bati em qualquer coisa. Não me lembro o quê.

O ensaio terminara havia poucos instantes e as duas amigas encontravam-se no camarim do Piper's Opera House, mudando de roupa.

— Está doendo?

— Um pouco — disse Talita, consciente de que devia mudar rapidamente de assunto. — O ensaio não a cansou demais? Está se sentindo bem?

— Graças a Deus. Não senti náuseas nem tontura. Apenas um pouco de cansaço.

— Ellie...

— Vou contar a Neil sobre o bebe amanhã à noite, assim que o espetáculo terminar. Prometo!

A expressão no rosto de Talita se suavizou por completo e um sorriso

aflorou-lhe aos lábios.

— Ótimo! — disse ela, enquanto se escondia atrás do biombo. — Sabe quem era o atrevido que estava na platéia?

O homem parecera muito mais interessado no decote pronunciado de seu vestido de cena do que propriamente p espetáculo. Não sabia como ele entrara no teatro. Os artistas, supersticiosos, não gostavam de ver ninguém na platéia, durante o ensaio.

— Wilson Booth. Um amigo do Sr. Piper.

— Compreendo. Como amigo do proprietário, tem seus privilégios.

— Wilson era o proprietário da ferrovia Sierra Virgínia, sabia?

Talita espiou de trás do biombo,

— Não. Por que a vendeu?

— Viu-se obrigado a isso. Segundo Neil, ele não tinha capital suficiente para tocá-la.

— Então, Madison Brecker entrou em cena e comprou-a, não foi?

— Foi. E provou que a empresa pode manter-se. Talita sorriu. Para continuar a mantê-la, ele teria antes que acabar com aqueles assaltos. Ou sua bela empresa iria por água abaixo!

— Agora que percebeu a potencialidade da ferrovia, Wilson Booth a quer de volta — tornou Ellie, enfiando um vestido de soirée cor-de-rosa.

— Como assim?

— Fez uma proposta a Brecker no sentido de comprá-la.

— De que modo, se não tem dinheiro?

— Um banco em San Francisco está disposto a fazer o empréstimo.

— Tem certeza? — perguntou Talita, aborrecida com a possibilidade de que a Sierra Virgínia mudasse de dono. Seu propósito era acabar com Brecker, não com a ferrovia!

— Sim, mas o fato é que Breck recusou a proposta. Ellie virou-se. Talita estava saindo de trás do biombo, amarrando o vestido branco de cetim.

— Vamos? Neil está nos esperando à saída do teatro. A opressão que por um breve instante dominara Talita havia desaparecido como por encanto.

— Vamos. Estou positivamente faminta!

Embora fosse tarde da noite, o restaurante estava ainda lotado. Talita correu os olhos em torno do imenso salão e pegou sua taça de vinho. Ia levá-la aos lábios, quando viu Brecker, sentado à mesa ao lado.

Enquanto o observava, ele terminou o seu jantar solitário. Depois, retirou a jaqueta do espaldar da cadeira com uma expressão de tédio no rosto anguloso, e deslizou-a sobre os ombros amplos. Então, como se tivesse sentido o peso de seu olhar, virou a cabeça. Seus olhos se encontraram.

O que ela viu em seus claros olhos azuis assustou-a e atraiu-a ao mesmo tempo. Uma atração tão poderosa, tão ardente, tão dominadora, que a fez experimentar um temor de pesadelo, o temor de sentir-se irremediavelmente dominada.

— Talita?

O chamado rompeu o frágil encantamento. Ela virou-se para Neil, que estava inclinado para ela.

— Mais vinho?

— Não — respondeu, já embriagada pelo brilho de certos olhos azuis. — Não, obrigada.

Tornou a virar-se na cadeira, mas Brecker já havia partido.

Meia hora depois, Talita passava pelas portas de cristal do Chastain Hotel. No saguão silencioso, apenas um hóspede ocupava uma das inúmeras poltronas de couro. Atravessou-o com passos rápidos e encaminhou-se para a escada.

— Srta. Lee?

Talita virou-se bruscamente. Diante dela estava o desconhecido do saguão, um homem de aparência bastante comum. O que o distinguia eram o grande nariz aquilino e os fartos bigodes grisalhos.

— Sim?

O homem descobriu-se respeitosamente.

— Perdoe-me por aparecer tão tarde da noite. Mas gostaria de trocar uma palavrinha com a senhorita.

Ela o fitou com atenção. Aquela fisionomia não lhe era estranha. Já o teria visto antes?

— Sobre o quê, senhor...?

— Truxtun. Oliver Truxtun — disse ele, tirando uma insígnia do bolso do paletó. — Trabalho para a Pinkerton, uma agência de detetives.

A vista do distintivo e da pistola que ele trazia na cintura provocou-lhe uma súbita secura na garganta. Esse homem era o agente que Madison contratara! O homem que aparecera inesperadamente no carro de bagagens na hora do assalto. O homem que ela vira de relance na estação, quando Brecker subira no trem.

— Muito bem, Sr. Truxtun. Naturalmente, está investigando os roubos do Sierra Virgínia.

— Perfeitamente, senhorita.

— Sinto muito, mas não vejo como posso ajudá-lo. Só soube que o trem foi roubado quando o chefe Harlan bateu à porta de meu vagão.

— Viu ou ouviu alguma coisa?

— Ouvi algo que me pareceu um tiro de revólver. Mas achei que tinha me enganado. Mais tarde, o Sr. Harlan disse-me que houvera realmente um tiro.

— Mas a senhorita não viu nada?

— Não. Permaneci o tempo todo em meu vagão, descansando.

— Não viu alguém embarcar em Reno, alguém cujas características físicas se assemelhassem com as do ladrão?

— Não, senhor.

— Então a senhorita sabe como ele é! Observador. O homem era muito observador! Talita permitiu-se um leve sorriso.

— Dez minutos após o roubo, eu já sabia tudo sobre o homem: um sujeito baixo, de bigodes, usando óculos, com uma cicatriz na têmpora.

Oliver Truxtun não fez comentário algum. De rosto impassível, ele exibiu uma luva de couro que tirou do bolso como num passe de mágica.

— Sabe o que é isto?

— Oh... a luva que o ladrão deixou cair. Truxtun arqueou as sobrancelhas.

— Ficou surpreso? — perguntou-lhe Talita. — Falaram disso ontem à noite, na casa dos Anthony.

Ainda em silêncio, Oliver Truxtun passou-lhe a luva. Talita não teve outra alternativa senão apanhá-la. Segurando-a com as duas mãos, fingiu examiná-la com atenção.

— Sinto muito. Essa luva não significa nada para mim. É de um tipo bastante comum, não acha?

— Bastante — concordou Truxtun, enfiando-a de novo no bolso do paletó, de onde retirou um cartão de visitas. — Seria de enorme interesse para mim que a senhorita se lembrasse de alguma coisa. Nesse caso, entre em contato comigo.

— Pois não, senhor.

Ele inclinou levemente a cabeça.

— Obrigado, senhorita.

— Não precisa me agradecer. Afinal, é em prol de uma boa causa.

— A senhorita acha?

A resposta de Talita veio imediata.

— Acho, Sr. Truxtun.

Sem proferir qualquer outra palavra, o homem enfiou o chapéu-coco e dirigiu-se para a saída. Talita ia subir as escadas, quando o ouviu dizer às suas costas,

— Mais uma coisa, Srta. Lee...

Ela voltou-se.

— Sim?

— A senhorita encontrava-se no Sierra Virgínia em todas as ocasiões em que o trem foi assaltado, não é?

— De fato — conseguiu ela dizer, com voz inexpressiva.

— Deve ter sido um grande aborrecimento para a senhorita — disse Oliver Truxtun com perfeito cavalheirismo.

— Para mim, não. Para o pobre Sr. Brecker, sem dúvida!

— A senhorita fala com grande convicção.

Talita ficou a observá-lo, enquanto ele atravessava o saguão. Devia ter cuidado. Oliver Truxtun não era nenhum tolo. Tinha quase certeza de que ele não suspeitava de nada. Estava apenas jogando a isca para ver o que conseguia apanhar. Precisava cuidar-se para não ser ela a presa!

Dormiu mal naquela noite. Enquanto rolava, insone, de um lado para o outro do amplo leito do casal, um longo suspiro escapou-lhe dos lábios. Nunca desejara, com tanta ansiedade, com tanto desespero como naquela noite, sentir o conforto de um forte e amplo peito masculino. Mas era a solidão que se havia deitado a seu lado e a tomara em seus braços, embora procurasse persuadir-se do contrário.

No quarto ao lado, Brecker dormia o sono dos justos. E, coisa admirável

para um homem submetido a tão extrema pressão, teve até um sonho agradável. Sonhou com meigos olhos de mulher, olhos que brilhavam, escuros e rasgados, num rosto de porcelana. Olhos que, por um motivo qualquer, pareciam-lhe estranhamente familiares.

Mas, pela manhã, ao despertar, o sonho não era mais do que uma lembrança anônima e remota. À tarde, o sonho sumiu-lhe da mente, superado pela realidade.

E a realidade era que o trem estava com uma hora de atraso!

CAPÍTULO VI

— Havia uma árvore caída sobre os trilhos! — disse Dancey Harlan com indignação, o sangue subindo-lhe às faces.

Brecker saltara para a locomotiva fumegante, antes mesmo que o comboio parasse na estação. Pressentira que alguma coisa não corria bem, ao saber que o Sierra Virgínia não chegara no horário previsto.

— Estou desconfiado de que foi jogada lá propositadamente — anunciou Abe Dustin, saindo de seu silêncio habitual.

Dancey tirou o boné e passou a mão sobre a calva luzidia.

— Claro que foi de propósito! Graças a Deus, Charlie tem uma boa vista e reflexos rápidos. Caso contrário, o trem teria tombado. Disso, não tenho a menor dúvida!

— Foi uma pena estragar toda aquela madeira — observou Charlie, o homem que fizera o trem parar com uma hábil e apropriada aplicação dos freios. — Nesta região, madeira de lei é algo mais precioso do que o ouro.

— Alguém machucou-se? — quis saber Brecker.

— Alguns passageiros sofreram alguns arranhões. Nada mais do que isso — garantiu Dancey.

— Onde foi que aconteceu o incidente?

— Na última curva, antes de alcançarmos os arredores da cidade.

Brecker conhecia bem o lugar. Na verdade, conhecia, centímetro por centímetro, todos os trechos, todas as curvas, todos os túneis e viadutos de sua estrada de ferro. A curva a que Dancey se referira não era perigosa. Por esse motivo, não era o lugar ideal para alguém bloquear os trilhos.

Por que, então?

— Eu tinha quase certeza de que seríamos roubados novamente — tornou Dancey. — Mas tudo estava tão calmo quanto um céu sem nuvens.

— Tem certeza de que foi um ato criminoso? — perguntou Brecker, querendo desesperadamente acreditar no contrário. — Talvez um raio...

— Foi sabotagem!

A voz firme, de timbre autoritário, ressoou pela plataforma da estação. Brecker voltou-se. Diante dele estava um homem de aparência distinta, ainda vigoroso em seus sessenta e poucos anos. Tudo nele sugeria poder e riqueza. Do correto terno inglês e das mãos bem cuidadas ao corte impecável de seus cabelos grisalhos, cuidadosamente penteados. Seus traços finos irradiavam inteligência e uma vontade dominadora. Em seus olhos cor de âmbar havia um brando bom humor.

Apesar da gravidade do momento, o rosto de Brecker abriu-se num sorriso de boas-vindas.

— Com os diabos, Jedediah! Por que não me avisou que ia chegar? — disse ele, saltando do estribo da locomotiva com a mão estendida.

Jedediah apertou-a com efusão.

— Só decidi viajar esta manhã. Estava em Reno, tratando de negócios. No último instante, pensei em assistir ao espetáculo de Talita Lee.

Ele fez uma pausa e seu rosto expressivo tornou-se sombrio.

— Você tem inimigos, meu jovem. Brecker sorriu tristemente.

— Isso eu já sabia.

— Qual é a sua idéia? Acha que os roubos têm alguma relação com este incidente?

— É mais do que evidente, embora não tenham assaltado o comboio desta vez.

Jedediah olhou-o por um momento. Depois assentiu gravemente.

— Maldição! Que mais posso fazer?

— Tomar um bom uísque, meu amigo — aconselhou seu amigo. — Quando o mundo parece desabar sobre a nossa cabeça, a única coisa sensata a fazer é tomar algo que restaure a confiança em nós mesmos.

— Muito bem dito! — Dancey apoiou. Jedediah voltou-se para os outros dois homens.

— Cavalheiros, querem nos fazer companhia?

Abe Dustin e Charlie Knott recusaram educadamente.

— Dancey? — convidou Brecker.

— Vão adiante. Eu irei logo em seguida. Tenho de dar algumas ordens aos empregados.

— Se alguém precisar de cuidados médicos, mande-o ao Dr. Dauson.

— Certamente.

Sozinha no grande quarto de hóspedes do Chastain Hotel, Talita sorvia com pequenos goles o chá de ervas que a camareira lhe trouxera. Profissional conscienciosa, já repassara o texto. Agora, antes de iniciar o pequeno e íntimo ritual de sua toalete, ela fazia o que sempre costumava fazer nas horas que precediam sua entrada em cena: descansava e se preparava espiritualmente para o espetáculo.

— Não precisa de mais nada, madame? — perguntou-lhe a camareira, enquanto terminava de preparar a cama para a noite.

— Não, obrigada.

A moça endireitou-se.

— Soube das novidades, madame? Talita ergueu os olhos da xícara.

— Que novidades?

— O trem. Por pouco não houve um acidente. Ela ficou subitamente alerta.

— Como assim?

— Alguém jogou uma árvore sobre os trilhos. — A voz da moça vibrou de indignação. — Foi trabalho daqueles ladrões!

— Tem certeza?

— É o que todos dizem. Terrível, não acha? Talita não fez qualquer comentário e ela continuou:

— Roubar é uma coisa, mas arriscar a vida dos passageiros é outra! Felizmente, ninguém se machucou.

As palavras da moça calaram fundo na mente de Talita. "Um acidente... Uma árvore jogada sobre os trilhos... E atribuíram, a ela o ato irresponsável!" É natural, nessas circunstâncias", pensou, com um estremecimento.

Súbito, a calma que o chá lhe trouxera desapareceu. Tensa e inquieta, perguntava-se quem mais, além dela, tinha contas a ajustar com Madison Brecker. E por que se sentiu culpada por não poder avisá-lo de que tinha outros inimigos?

— Madame — disse a camareira que esperava, imóvel, junto à porta.

Não houve nenhum indício de que Talita a tivesse ouvido.

— Madame...

Talita virou-se bruscamente para ela.

— Oh... desculpe. Pode ir. Não preciso de mais nada.

— Boa noite, madame.

— Boa noite.

A camareira se fora havia muito, o chá de ervas não era mais do que um resíduo no fundo da xícara e Talita continuava ainda a pensar quem, além dela, queria a ruína de Madison Brecker. E por quê.

Por que deixara que Jedediah o convencesse a ir ao teatro? Era o que Brecker se perguntava, horas depois, sentado num dos camarotes forrados de veludo vermelho do Piper's Opera House. Na verdade, não havia nada que pudesse fazer naquela noite para resolver seus problemas. Mas parecia-lhe um absurdo encontrar-se ali, quando a Sierra Virgínia estava com a sua existência ameaçada. Devia ter ficado no escritório, examinando os livros de contabilidade.

— A casa está cheia — comentou Jedediah McCook, com evidente satisfação, esquadrinhando a sala de púrpura e ouro, decorada com pinturas alegóricas.

Das profundidades agitadas da platéia erguiam-se os binóculos, que se fixavam nos camarotes e nas frisas. E o som discreto das vozes já se transformava num imenso murmúrio. Todos esperavam, impacientemente, que o pano subisse.

— Oh, vai começar — anunciou ele, quando as luzes baixaram.

Aplausos e gritos de boas-vindas ergueram-se da assistência., quando Talita entrou no palco. Ela os recebeu com um sorriso e uma leve inclinação de cabeça, e então dedicou-se ao que, segundo os críticos, fazia como ninguém: representar.

No balcão, que se recurvava longamente por cima da platéia, Oliver Traxton observava a eurasiana com a curiosidade que lhe dava, por instantes, a beleza das mulheres. Talita Lee era não só bela, mas também inteligente. Percebera-o após a conversa que tivera com ela na noite anterior. Ficou um momento pensativo. Depois, entregou-se ao prazer de ouvir sua voz doce e musical.

Nas galerias, encontravam-se Dick Kingsman e Hollis Reed. Poucas fileiras

mais adiante, Dancey Harlan, Abe Dustin e Charlie Knott, Todos eles estavam sob o impacto de uma espécie de encantamento. Todos deixavam-se empolgar por uma imensa onda de emoção.

Wilson Booth, na terceira fila da orquestra, seu lugar habitual quando havia espetáculo, assistia a tudo embevecido. Igualmente fascinado, Charlie permitiu que sua atenção fosse absorvida pela mulher que se movimentava no palco com extrema graça. Sem deixar de lado sua reserva, estudou-lhe o Tosto fresco e juvenil, apesar da maquiagem teatral. Depois/deslizou o olhar pelo busto elegante, os quadris arredondados, a cintura fina. Reviu-a mais encantadora, mas de um encanto diferente. Mais desejável e também mais misteriosa e impenetrável.

Seus olhos azuis, distraídos, arrebatados, subiram do busto para o coque, apertado, no alto da cabeça. A tentação de desfazê-lo, de soltar os cabelos macios e mergulhar os dedos naquela onda de seda que ele adivinhava era quase incontrolável.

Súbito, tornou-se consciente do rumo de seus pensamentos, ficando surpreso e enervado pela perturbação e pelo desejo que ela lhe inspirava. Enquanto refletia sobre isso, aplausos romperam a seu redor. Ouviu gritos de "bravo!" e então percebeu que o primeiro ato havia terminado.

Quando, novamente, murmúrios encheram a platéia, Harriet Dauson virou-se para o marido,

— Graças a Deus você ouviu a voz da razão e proibiu Victória de assistir a esse espetáculo!

— Eu ainda acho que ela teria se divertido — retrucou o Dr. Dauson, que, em absoluto, não proibira a filha de ir ao teatro.

— Os adolescentes sempre se divertem com espetáculos impróprios! Ele riu.

— Que você entende de espetáculos impróprios?

— Não é justo fazer uma pergunta dessas!

— Desculpe. Foi uma estupidez de minha parte. Não vou perguntar novamente.

Houve um breve silêncio. Depois Harriet tornou:

— Não achou o vestido dela escandaloso?

O doutor tinha vontade de dizer que o havia considerado maravilhoso, mas o bom senso o levou a afirmar:

— Não entendo nada de trajes femininos.

— Pois eu dou graças a Deus que Victória não esteja aqui para ver essa pouca-vergonha! — disse Harriet, enfática.

Enquanto isso, na galeria, Victória Dauson e Molly Flannery procuravam seus lugares, abrindo caminho através da multidão que se aglomerava no corredor central. Victória não esperava chegar tão tarde. Mas tivera de esperar que seus pais saíssem e os de sua amiga fossem para a cama.

— Oh, Vicky. Seremos descobertas — suspirou Molly, ao lado dela.

— Não se preocupe, querida. Ninguém virá atrás de nós. Deram mais alguns passos. Então Molly choramingou.

— Alguma coisa ruim vai acontecer.

— Veja as coisas por outro ângulo, meu bem.

— Ainda não conseguimos achar nossos lugares.

— Oh, Molly! Pare de reclamar!

Gradativamente, as luzes foram se apagando, até que teatro ficou totalmente às escuras, à exceção dos pequenos projetores de luz azul colocados na boca do palco.

As duas moças só conseguiram sentar-se quando o pano começava a subir sobre o cenário do segundo ato. No instante em que Talita Lee pisou no palco, Victória suspirou de satisfação. O risco e o desconforto tinham valido a pena!

No camarote, Brecker passara o intervalo procurando afastar da mente suas estranhas fantasias sobre Talita. Aquilo deixara-o vagamente aborrecido. Agora, os olhos distantes, o rosto impassível, obrigou-se a pensar nos negócios. Sua expressão não se alterou nem mesmo quando Talita voltou ao palco, envolta num halo de luz azul. Absorveu-se tanto nos problemas da ferrovia, que ficou assombrado quando, uma hora depois, a cortina caiu sobre o ato final.

Devagar, as luzes foram se reacendendo. Automaticamente, juntou suas palmas ao restante da assistência, que aplaudia entusiasticamente. Os aplausos transformaram-se em ovação, à medida que cada integrante do elenco avançava para a boca de cena e inclinava-se, em sinal de agradecimento. A última a fazê-lo foi uma figura masculina, que, ao retirar o chapéu da cabeça, revelou uma massa de cabelos loiros. Ellie Oates! Brecker ficou olhando, incrédulo. Não suspeitara de nada! Que havia com ele nessa noite?

— Soberba atuação! — observou Jedediah, referindo-se a Talita. — Vamos cumprimentá-la no camarim dela.

Brecker sufocou um suspiro. Estava cansado e pouco disposto ao convívio social.

— Preciso voltar para o escritório. Você sabe...

— Eu já mandei avisá-la. Ela está nos esperando.

Ele sabia que Talita Lee estava esperando apenas Jedediah. Mas seu amigo já o empurrava para o corredor que levava aos camarins.

Ainda sob o fascínio da atuação de Talita Lee, Victoria Dauson suspirou fundo.

— Oh! Molly. Ela não é a mulher mais linda do mundo?

— Vamos embora — disse sua amiga, aflita, — Se mamãe resolver ir ao meu quarto, estaremos perdidas!

Victória recostou-se na cadeira, dizendo com ar sonhador:

— Não é admirar que os homens estejam de cabeça virada. Que mulher!

Uma voz masculina interrompeu seus devaneios:

— Queira desculpar-me, senhorita.

Victoria ergueu os olhos. Dois rapazes pediam passagem. O da frente tinha os mais lindos olhos cinzentos que jamais vira. ' "

— Pois não — disse-lhe educadamente, enquanto se levantava.

Uma vez no corredor, o rapaz parou e voltou-se para ela.

— A senhorita não é a filha do Dr. Dauson? Victoria fitou-o, subitamente interessada.

— Sim, sou Victoria Dauson. Ele sorriu.

— Seu pai cuidou de meu lábio. Eu estava no trem que foi assaltado.

— Oh, sim! — Ela esboçou um sorriso, — O senhor é Dick Kingsman. Ouvi papai falar a seu respeito.

— Este é meu amigo, Hollis Reed — disse Dick, fazendo um gesto com a cabeça na direção de Hollis, que esperava na fila.

Victoria estendeu-lhe a mão.

— Muito prazer, Sr. Hollis. Está é minha amiga, Molly Flannery.

— É um prazer conhecê-lo — murmurou a moça. Depois, cada vez mais aflita: — Precisamos ir, Vicky!

Dick Kingsman olhou de uma para a outra.

— Vieram ao teatro sozinhas? Victoria esboçou um sorriso malicioso.

— Papai e mamãe estão na platéia. Mas não iriam gostar se soubessem que estamos aqui. Mamãe, principalmente. Ela disse que o espetáculo não é apropriado para mim.

Dick fez um gesto com a mão, indicando o corredor.

— Se quiser ter a gentileza de acompanhar-me, posso mostrar-lhe a saída dos fundos.

— Que ótima sugestão! Não acha, Molly?

À porta do camarim, Jedediah extraiu uma nota da carteira e colocou-a no bolso do rapaz que lhe estendia um buquê de rosas vermelhas.

— Obrigado, meu jovem.

Depois, com as flores na mão, ele bateu à porta do camarim com toda autoridade que lhe concedia sua condição de amigo da atriz.

A uma discreta distância, Brecker observava a cena pensando qual seria o interesse de Jedediah por Talita Lee. Até aquele momento, presumira que seu amigo viera ao teatro movido unicamente pelo prazer de assistir a um bom espetáculo. Agora, perguntava-se se, embora casado, não estaria apaixonado pela famosa atriz. Isso o aborrecia. Não queria vê-lo fazer papel de tolo!

Foi a própria Talita quem abriu a porta. Seu rosto abriu-se num amplo sorriso de boas-vindas* ao vê-los.

— Jedediah! — disse ela, estendendo a mão ao amigo, enquanto seus olhos encontravam os de Brecker. — Que surpresa agradável!

Jedediah McCook beijou-lhe a mão, depois ofereceu-lhe o buquê.

— Para você, minha querida. Esteve soberba esta noite. "São amigos, nada mais do que isso", pensou Brecker, profundamente aliviado, enquanto analisava a evidente satisfação que ambos demonstravam em se ver.

— Ela não esteve maravilhosa, Brecker? Brecker confirmou com a cabeça.

— Sim, Jedediah.

"Como ele consegue, apenas com duas palavras, transmitir tanto calor?", pensou Talita, admirada. E por que isso a deixava feliz, como se lhe importasse realmente que ele tivesse gostado do espetáculo?

— Queira desculpar-me, Talita — disse Jedediah, interrompendo-lhe as divagações. — Este é meu amigo...

— Já tive o prazer de conhecer o Sr. Brecker.

— Breck, por favor. É assim que me chamam os amigos. Talita sorriu, levemente.

— Não sabia que eram amigos.

— Jedediah foi meu conselheiro, quando eu comprei a Sierra Virgínia.

Talita percebeu o tom de orgulho na voz dele, ao mencionar sua ferrovia. E, por uma fração de segundo, ela quase lamentou o que estava fazendo. Depois, com um leve encolher de ombros, pôs o incômodo pensamento de lado e virou-se para Jedediah.

— Obrigada pelas rosas — disse-lhe delicadamente.

— Querida, você merece muito mais do que um punhado de rosas.

— Está sendo mais do que bondoso, Jedediah.

— Não, querida, é a pura verdade. Você nos proporcionou um espetáculo magnífico.

Depois, entusiasmado, ele acrescentou:

— Vamos comemorar. Reúna o elenco e seus amigos. Haverá champanhe para todos!

— Que idéia maravilhosa!

Nesse mesmo instante, Victória Dauson e sua amiga, acompanhadas pelos dois rapazes, passaram diante da porta aberta do camarim. Ao ver Talita de tão perto, entusiasmou-se.

— Ela não é encantadora?

Dick Kingsman seguiu-lhe o olhar.

— Sim, encantadora.

— E aquele não é o Sr. Brecker?

— De fato. É o Sr. Brecker em pessoa.

Num impulso, Victória pousou-lhe a mão no braço.

— Você não poderia pedir-lhe... Oh! não. Não seria correto!

— Pedir-lhe o quê? — disse Dick, ansioso em satisfazer-lhe os desejos.

— Que nos apresente à Srta. Lee — completou a moça, erguendo para ele um par de suplicantes olhos azuis.

O peito de Dick estufou-se de orgulho. Com duas passadas, ele alcançou a

porta do camarim e chamou:

— Sr. Brecker?

Brecker virou-se para ele, um tanto surpreendido.

— Sim, Sr. Kingsman?

Dick quase gaguejou na pressa de falar.

— Podia falar um instante com o senhor?

Talita olhou para o grupo parado à porta de seu camarim. Lembrou-se, no mesmo instante, do guarda-bagagens e estremeceu. Teria sido reconhecida? Não, não podia ser... Por que, então, ele estava falando baixinho com seu patrão?... O sorriso de Brecker dissipou-lhe o medo.

— Srta. Lee — disse ele, — há aqui alguns jovens que gostariam muito de conhecê-la.

Profundamente aliviada, Talita fez um sinal de cabeça para a mocinha parada na porta, numa atitude quase tímida.

— Será um prazer,

— Permita que lhe apresente Dick Kingsman e Hollis Reed — tomou Brecker. — Ambos trabalham para mim. E estas são as srtas. Dauson e...

— Flannery — disse Molly, num sussurro.

— Tenho imenso prazer em conhecê-los — disse Talita, esboçando um sorriso encantador.

Victória adiantou-se e parou diante dela com um sorriso de felicidade.

— A senhorita é tão... tão linda!

— Obrigada, mas não concordo. Eu sempre sonhei ter cabelos loiros como os seus.

— Oh, não! A senhorita é perfeita! E uma atriz ainda maior do que eu pensava.

— É muito gentil, minha querida. Victória fitou-a, com ar extasiado.

— Meu sonho é seguir a carreira teatral.

— Muito bem!

— E tornar-me uma atriz tão boa quanto a senhorita.

— Será melhor, tenho certeza — disse Talita com afabilidade.

Depois, virando-se para Jedediah, ela pediu:

— Quer me passar alguns programas?

Então, em questão de segundos, autografou quatro programas e passou-os aos quatro jovens.

Victória apanhou o dela e comentou com um sorrisinho:

— Se mamãe soubesse... Acho que ficaria furiosa! Caindo subitamente em si, ela procurou emendar-se:

— Mamãe tem uma opinião muito severa a respeito das atrizes... quero dizer; ela acha... — A moça interrompeu-se, encerrando-se num mortificado silêncio.

Um véu pareceu baixar sobre os olhos de Talita.

— Entendo...

Brecker viu a tristeza que os enevoava e que a tornavam muito jovem e extremamente vulnerável. Suspirou imperceptivelmente. Ambos eram proscritos. Ele porque fora arrojado para fora do caudal por um acidente no caminho. Ela porque exercia uma profissão que feria o código de moral de uma sociedade cheia de preconceitos.

A voz de Molly quebrou o opressivo silêncio:

— Acho que está na hora de irmos para a casa, Victória.

As duas jovens despediram-se e encaminharam-se, precedidas pelos rapazes, para os fundos do teatro. Talita seguiu-os, os olhos compreendendo tudo. Essa saída furtiva era um insulto que lhe faziam, embora não intencional. Sufocando um suspiro, ela voltou-se e encontrou os olhos de Brecker fixos nela. Ele adivinhara sua mágoa. Estava escrito em seus olhos azuis, que continuavam a estudá-la.

"Estranho. Ninguém mais teria sido capaz de entender-me", pensou.

Essa perspicácia despertou-lhe reações contraditórias. Se, por um lado, era um conforto ver que alguém a compreendia, por outro lado era perturbador saber que fosse Madison Brecker, o homem que odiava. E se ele pudera ler em seus olhos com tanta clareza, que outras coisas mais não poderia ver?

Baixou os olhos para ocultar tudo o que ainda não fora visto. Depois, armou-se da máscara com que enfrentava o mundo: os olhos mais brilhantes, os lábios mais sorridentes, a cabeça mais erguida.

— Aquele champanhe, Jedediah. Será bem-vindo, depois que passei duas horas sob a luz dos refletores.

Ele ofereceu-lhe o braço com galanteria.

— Que é que estamos esperando, menina?

O Crystal Saloon vibrava de vozes e de risos. Brecker tentara evitar essa alegria, mas Jedediah não o permitira. E, agora, ali estava ele, sentado no meio de um grupo formado essencialmente por artistas, com uma taça de champanhe diante dele.

Meticulosamente, seus olhos esquadrinharam o salão barulhento e apinhado. Todos estavam empenhados em conversar sobre os mais variados assuntos: o espetáculo, os roubos do trem, a árvore jogada sobre os trilhos, a próxima apresentação dos artistas em San Francisco.

Ouvia tudo calado. Seria capaz de tolerá-los por alguns instantes. Mas, depois, se retiraria de novo para aquele mundo no qual existia sozinho. Assim, foi o único a não dizer nada, quando alguns dos mais antigos moradores da cidade aproximaram-se de Talita e convidaram-na para o grande baile regional, a ser oferecido pelo condado.

— Quando vai ser? — perguntou ela com um sorriso, quando as vozes tornaram-se mais insistentes.

Brecker observava-a em silêncio. Seu rosto parecia jovem, feliz, ao aceitar o convite. Quando ela se voltou, seus olhos se encontraram. Ele a olhou firmemente e viu-a enrubescer e depois desviar a vista para Wilson Booth, que parecia devorá-la com os olhos. Esforçou-se para permanecer indiferente. Foi uma batalha dura. Se permitisse que sua vontade levasse a melhor, estaria plantando o punho no queixo do imbecil!

Estava pensando nisso, quando uma voz arrancou-o de sua feroz meditação. Era Ben Berford, da Mina Berford. Seu rosto estava vermelho e irritado, e o colarinho amassado e encharcado de suor.

— Você está sentado aí, divertindo-se, quando faria melhor cuidando de seus negócios! Engana-se, se acha que vou continuar a arriscar meu dinheiro em sua ferrovia!

— Você está bêbado, Berford — disse Brecker, calmamente, erguendo os olhos e conservando-os fixos em seu interlocutor. — Venha falar comigo quando estiver sóbrio.

— Pensa que não sei o que estou fazendo? — perguntou Berford, zangado.

— Não sabe mesmo — disse Brecker, sorrindo.

— Pois eu vou dizer que não preciso dos serviços de uma ferrovia dirigida

por um vagabundo!

Havia um ar de expectativa nas pessoas que os cercavam. Já outras acorriam, atraídas pela agitação. Estavam começando a observar a cena com mórbido prazer.

— Não podemos facilitar! — continuou Berford, aos berros, — Que se pode esperar do filho de um bêbado e de uma... uma mulher barata?

No silêncio que se seguiu, o ruído da cadeira de Brecker ao tombar ressoou com a força de um trovão. Com mais rapidez de que a vista poderia acompanhar, ele levou as mãos ao pescoço de Berford, estrangulando-lhe na garganta as palavras finais. O rosto do homem se deformou, instantaneamente, e um terror espectral se desencadeou, espelhando-se em seus olhos esbugalhados.

— Meu Deus, ele vai matá-lo! — disse alguém. Brecker parecia não ouvir nada. Seus dedos continuavam

a apertar, enquanto uma expressão estranha estampava-se em seu rosto. Da garganta só lhe saíam rugidos roucos de animal.

— Brecker! — disse Jedediah, que o olhava como se estivesse hipnotizado.

Ele olhou então para Berford e teve a impressão de que o via pela primeira vez.

— Que é que estou fazendo? — disse, com uma voz cheia de desgosto e de ódio.

O homem caiu de joelhos, gemendo com lamentos entrecortados de espasmos arquejantes:

— Meu Deus... Meu Deus...

Brecker olhou-o um instante, depois deu-lhe as costas e saiu do saloon.

Jedediah retirou o lenço do bolso e enxugou o rosto banhado de suor, olhando para Talita. Ela havia-se levantando da cadeira e estava de pé, o rosto branco e tenso. Seu corpo todo tremia incontrolavelmente.

CAPÍTULO VII

— Você está bem? — a pergunta de Jedediah confundiu-se com os rangidos do comboio.

Talita voltou-se para ele. Pouco antes de romper do aurora, os dois tinham iniciado sua rota para a costa oeste. Em Reno, haviam deixado o Sierra Virgínia e

embarcado no rápido da Central Pacific que se dirigia para San Francisco. Agora, sentada no carro particular do amigo, um luxo cor de esmeralda, ela via passar as suaves linhas de planícies e de colinas numa paisagem onde tudo falava de paz e esquecimento e nada lhe falava de si mesma.

— Talita?...

A resposta à pergunta dele seria uma resposta a todas as questões que a tinham assaltando nas últimas horas. Disse, sem fitá-lo:

— Sim, eu estou bem.

Mas sabia que estava mentindo. Não estava bem. Não o estivera desde a noite anterior, no Crystal Saloon. Embora não tivesse visto Brecker, ao deixar a cidade, sentia sua presença tão próxima e tão real quanto as coisas que a cercavam. Tinha até a impressão de que não podia fazer nada para afastá-la de si. Tentara inúmeras vezes, mas não conseguia esquecer tudo o que marcara, nele, a tensão daquele momento. Revia seus dedos fortes comprimindo a garganta de Ben Berford e seus olhos frios e implacáveis, enquanto a vida do homem que o ofendera se esvaía lentamente.

A princípio, pensara que havia sido aquela violência que a assustara. Aos poucos, porém, tomara consciência de que

O pavor que sentia devia-se principalmente ao fato de que ele não era nada mais do que um reflexo de si mesma. Sabia que seus planos de vingança também incluíam sangue nervos de aço, era tão violenta quanto ele.

— Você está quieta demais, minha querida. Tem certeza de que nada a está preocupando?

— Eu estou bem. De verdade. Apenas fantasiando* — Talita sorriu e, dessa vez, seu sorriso era sincero. — Você não costuma fantasiar, Jedediah? Ou os magnatas não têm tempo para tais futilidades?

Ela esperou que ele sorrisse também. Em vez disso, ele a surpreendeu, dizendo com seriedade:

— Gosto de folhear as recordações. Principalmente as que se referem aos bons e velhos tempos, quando eu era tico apenas de sonhos.

Jedediah inclinou-se um pouco para a frente e continuou a falar, devagar, pensando as palavras:

— Vou lhe dar um conselho valioso. Desconfie de tudo o que desejar com loucura. Poderá consegui-lo! O homem que estava sentado diante dela mostrava-se tão diferente do poderoso e autoritário Jedediah, que Talita foi incapaz de

dizer palavra.

Houve um momento de silêncio. Então, como que embaraçado por sua própria comoção, ele acrescentou com um sorriso:

— Não dê atenção às rabugices de um velho.

— Você não é velho.

— Não estou muito longe disso.

Talita fitou-o por um momento. Depois prosseguiu, como a querer mudar de assunto:

— Não tinha idéia de que você conhecesse Madison Brecker.

— Eu também ignorava que vocês, dois fossem amigos.

Ela enrubesceu repentinamente,

— Oh, eu não o conheço bem! Fomos apresentados, mas trocamos apenas poucas palavras. Minha amiga Ellie falou-me dele... e dos roubos do trem. Jedediah balançou a cabeça.

— Um mau negócio para Brecker, esses roubos.

— Então... Você o conhece há muito tempo!

— Sim, há muitos anos. Ele me ajudou a construir a Central Pacific. Brecker é um homem leal, com quem se pode contar.

— Acha que ele pretendia matar aquele homem, ontem à noite?

Talita não pretendia abordar o assunto, mas a cena estava ainda assombrosamente clara em sua mente.

— Não — disse Jedediah, simplesmente. — Se quisesse matá-lo, ele o teria feito. Apesar de tudo o que eu pudesse dizer ou fazer.

— Você tem mais probabilidade de saber do que eu.

— Então acredita seriamente...

— Posso explicar o ato apenas em face de uma provocação excessiva. Mas convenhamos: esse Sr. Brecker é um verdadeiro selvagem!

Jedediah encolheu os ombros.

— Selvagem, talvez. Mas honesto. Com Brecker, você sabe onde pisa.

Talita sorriu ironicamente. .

- Se cair em suas boas graças.
- Assustou-se com a cena de ontem à noite?
- "Sim, e por motivos que você nem imagina", pensou ela.
- Nunca vi ninguém ser morto debaixo de meus olhos!
- O homem não morreu, minha cara. Não se esqueça disso.
- Mas podia ter morrido, não podia?
- Não julgue Brecker com tanta severidade, querida.
- Está querendo inocentá-lo?
- Ele é um homem que foi obrigado a viver só e a criar suas próprias regras. Não pode ser punido por não observar as dos outros.
- Você gosta dele.
- Sim, gosto.
- Por quê?
- Porque eu sei o que ele quer.
- E o que ele quer?
- Lutar pela sua sobrevivência. Para tal, não irá permitir que nada se interponha em seu caminho.

Talita examinou atentamente seu amigo. E, por um momento, teve a impressão de que ele estava escondendo algo cuja recordação fosse pungente demais. Vagamente contrafeita, não fez qualquer outra pergunta ou alusão a Madison Brecker. Pouco depois, chegavam a Vallejo, onde o odor de fumaça foi substituído pelo de maresia. Ali foram transferidos para um barco, no qual fariam o trecho final da viagem.

No cais de chegada, Jedediah voltou a tocar no assunto.

— Brecker virá a San Francisco a negócios dentro de uma semana. Convidei-o a passar a noite em minha casa. Não quer aproveitar a ocasião para jantar conosco?

Ao ver a hesitação de Talita, ele acrescentou com um sorriso:

— Você poderá domar o selvagem que há nele.

Ela teve vontade de recusar. Mas convivera muito tempo com o ódio para esquecer a vingança que seu cérebro lhe impunha.

— Deixarei para outra vez a tarefa de domar o selvagem, Mas terei imenso

prazer em jantar com você e sua esposa.

Nos dias que se seguiram, ela lançou-se de corpo e alma ao projeto de produzir Macbeth, cuja encenação precisava ser perfeita nos menores detalhes. Às vezes, nos momentos de repouso, pensava na ironia de apresentar uma peça devotada ao assassinato. Em geral, porém, trabalhava ali a ponto de não pensar em mais nada, até o ponto de experimentar apenas uma sensação de vazio, quando o dia terminava.

À noite, encerrada entre as paredes silenciosas de seu quarto, a severa vigilância imposta a sua mente afrouxava. Ficava horas a fio recordando o homem cujo rosto estava gravado para sempre em sua memória, e nos planos para matá-lo.

Enquanto isso, Brecker dividia o tempo entre o trabalho e a esperança. No dia 15, quando não houve nenhuma tentativa de roubo e o dinheiro destinado aos mineiros chegou intacto a seu destino, ele soltou um suspiro de alívio.

Seu alívio, no entanto, foi de curta duração. Uma semana depois, Charlie Knott era vítima de um atentado.

— Não chegaram a me ferir. Foi um tiro mal-sucedido — disse o engenheiro maquinista, sentindo a necessidade de dizer alguma coisa que desoprimisse a tensão reinante no escritório de seu patrão.

Brecker recebera a "notícia sem perder a impassividade.

— A questão não é essa — disse ele, com voz neutra. Daricey Harlan e Abe Dustin concordavam. Só Oliver Truxrun, que estava no comboio no momento do atentado, não disse nada.

— A questão é que você "podia" ter sido ferido. A outra questão é se haverá uma próxima vez.

Brecker ficou em silêncio durante algum tempo, pensando. Havia tanta coisa em jogo, tantos anos de trabalho... Todo o esforço que o levara até ali iria certamente perder-se. Mas havia algumas coisas mais importantes do que o trabalho. Como a vida de gente inocente, gente que acreditava estar fazendo uma viagem segura no Sierra Virgínia.

Foi isso que o levou a dizer:

— Meus amigos, temos de fazer alguma coisa para que não haja uma próxima vez!

Todos puseram-se a falar ao mesmo tempo numa confusão de vozes.

— Acha que o atentado de hoje foi obra dos assaltantes? — perguntou

Charke Knott, em um certo momento.

— Claro que foi! — disse Dancey, com veemência.

— Que vai fazer agora? — quis saber Oliver Truxtun, patentemente nervoso.

Brecker levantou-se e foi apanhar a jaqueta de couro no cabide.

— Vou tocar as coisas à minha maneira. Estou cansado de ser um alvo fácil.

Dancey mostrou-se surpreso.

— Para onde vai?

— Tomar um drinque e anunciar, para quem quiser ouvir, que a folha de pagamento desta quinzena dobrou.

Brecker correu os olhos pelos três rostos ansiosos e continuou:

— Mas há outros fatos que deverão permanecer entre estas quatro paredes.

Sucintamente, ele expôs seu plano. Quando terminou, Dancey sorriu, cheio de confiança.

— Você está preparando uma boa armadilha! Truxtun confirmou com a cabeça e permitiu-se um leve sorriso.

— Que poderá funcionar!

— Funcionará — retrucou Brecker com voz cortante. — E, quando eu apanhar o miserável, ele poderá considerar-se um homem morto!

Minutos depois, no saloon Last Drink, com uma garrafa de uísque a sua frente, ele pôs-se a fazer confidências. Seu companheiro de mesa contou o fato a outros dois, pedindo-lhes, naturalmente, que fossem discretos. O resultado foi que, em questão de segundos, as notícias espalharam-se rapidamente pela cidade.

Mais tarde, em seu escritório, Brecker estirou-se na cadeira com um ar de profunda satisfação. Combinava mais com seu estilo fazer alguma coisa para mudar uma situação que lhe desagradasse, do que ficar esperando, passivamente, que as circunstâncias agissem em seu lugar.

Em seu hotel, tarde da noite, ele concedeu-se um pouco de otimismo. Havia ainda esperança. Se pudesse acabar com os roubos, se pudesse pagar ao banco o empréstimo que fizera para arcar com os prejuízos, e se a locomotiva que encomendara...

Uma batida na porta interrompeu seus pensamentos.

— Olá — disse Millie Rhea, quando ele a abriu. — Posso entrar?

Brecker deu um passo para trás, permitindo que ela entrasse, e depois a acompanhou com os olhos até que a viu sentar-se numa das cadeiras. Então, sempre em silêncio, atravessou o quarto e foi sentar-se diante dela com as pernas esticadas para a frente. Seus olhos deslizaram pelos cabelos ruivos e encaracolados que lhe enquadravam o rosto e, em seguida, pelo vistoso traje de cetim preto que ela usava.

Pela primeira vez desejou que Millie estivesse usando algo mais simples, que realçasse a doçura natural que ela possuía, apesar da vida que levava. Desejou, também, ser uma boa companhia nessa noite. Mas sentia uma irresistível vontade de ficar sozinho.

— Vi você no saloon — disse ela. — Pensei que viesse falar comigo.

— Desculpe, não foi possível.

— Soube que Charles Knott foi vítima de um atentado.

— Pois é...

— Alguém me disse que a próxima remessa de dinheiro será mais vultosa. É verdade?

— É verdade. Mas não espalhe isso por aí, está bem?

— Claro que não, querido!

— Quer tomar alguma coisa? — perguntou ele, esforçando-se para ser educado. Millie merecia isso.

— Agora não.

Millie sentou-se nos joelhos dele. Depois, sorrindo, passou os braços por seu pescoço e o beijou.

— Não quer ir para a cama?

Por um momento, ele lhe acariciou o rosto e os cabelos. Depois, disse com voz grave:

— Desculpe, Millie. Não estou muito disposto.

— Senti sua falta, querido — murmurou ela, passando-lhe as mãos pelas coxas, num movimento lento e sensual.

— Millie...

— Você teve uma porção de aborrecimentos nos últimos tempos, precisa relaxar. Deixe-me ajudá-lo.

Brecker não se mexeu.

— Sei que você me quer — tornou ela, com ousadia. Ele sentiu os dedos da moça deslizando suavemente por seu corpo, reacendendo-lhe os desejos. Sentiu os lábios macios roçando seu rosto. As palavras sussurradas dela chegavam-lhe aos ouvidos: "meu querido, meu amor..." Ergueu a mão e lhe acariciou o seio por sobre o vestido. Uma expressão de êxtase invadiu o rosto dela, obrigando-a a fechar os olhos. Então, como se fosse um ato rotineiro, ele a levou para a cama. Possuiu-a vertiginosamente, sem sentir prazer, apenas para aliviar a tensão.

— Compre algo bonito para você — disse-lhe momentos depois, sem olhá-la, enquanto lhe enfiava uma nota nas mãos.

Millie levantou-se e começou a vestir-se rapidamente.

— Esperava que pudéssemos ficar juntos esta noite. Como amigos — disse ela, ressentida.

Ele fitou-lhe os olhos magoados e lembrou-se de outros, castanhos com reflexos dourados.

— Trabalhei muito hoje, querida — disse-lhe, com uma ponta de remorso. — Amanhã, talvez. Está bem?

Ela fez que sim com a cabeça e até conseguiu sorrir.

Talita parou à entrada da sala de visitas da mansão tios McCook e olhou a seu redor. Em tudo estava impresso o selo do sucesso. As paredes eram delicadas sombras verdes e azuis, enfeitadas com tapeçarias Beauvais. No piso havia um tapete Aubusson e no teto um enorme lustre do cristal e bronze dourado, revelando o bom gosto do dono da casa.

Depois, inconscientemente, seus olhos deslizaram para o homem que estava em companhia dele. Observando o sem ser notada, percebeu que se enganara. Os olhos de Brecker não eram claros, mas de um azul profundo, como o céu crepuscular. Nunca teria imaginado, nem em seus sonhos mais audaciosos, que eles pudessem sorrir como agora, de algo que Jedediah obviamente dissera. E muito menos que seu rosto pudesse iluminar-se de tal forma, fazendo-o parecer muito mais moço. Nesse instante, Jedediah voltou-se e a viu.

— Oh Talita... Aí está você! — disse ele, indo em sua direção com os braços abertos. — Molhou-se? Pensei que a chuva passasse, mas parece que veio para ficar. .

Brecker não conseguia tirar os olhos da recém-chegada. Via-lhe o perfil da posição em que estava. O negro dos cabelos contra o rosto levemente rosado, os profundos olhos castanhos, as salientes maçãs do rosto, a boca suave e o queixo

firmemente arredondado.

Talita sentiu que ele a observava e virou-se. Sorriu, meio embaraçada, e cumprimentou-o com a cabeça.

Jedediah fez um gesto com a mão.

— Talita, creio que já conhece Breck. Ela sorriu.

— Naturalmente. Como vai, Sr. Brecker?

— Pensei que estivéssemos de acordo num ponto — disse ele, adiantando-se com a mão estendida.

— Qual?

— Que iria me chamar de Breck.

— Nesse caso, peço-lhe que me chame de Talita — disse ela, sentindo-se mais à vontade.

Parecia a coisa mais lógica a dizer. Mas de repente, ela percebeu que queria saber como seu nome soava nos lábios dele.

— Talita — disse ele em voz baixa, profunda, que a fez lembrar do calor de uma quente tarde de verão.

Súbito, um alerta soou em seu íntimo.

Brecker fitou-a. Os olhos dela ficaram, de repente, muito sérios e mudaram de cor. Era curiosa a mutação repentina daquele olhos... O sangue correu-lhe nas veias com tal ardor, que o espantou. Que se passava com ele? Mas logo convenceu-se de que era apenas a reação de um homem saudável diante de uma bela mulher.

Porém, para estar mais seguro, recolheu-se para dentro de si mesmo onde não necessitava de ninguém nem de coisa alguma, assumindo uma expressão indecifrável.

Talita tomou precauções similares. Não devia pensar em nada que lhe causasse transtornos. Tinha de se sentir livre e desembaraçada para enfrentar Madison Brecker. Nada poderia impedi-la de matá-lo!

Estavam tão imersos em seus próprios pensamentos, que nenhum deles ouviu as palavras do anfitrião.

— Talita?... Breck?

Os dois viraram-se ao mesmo tempo para Jedediah.

— Que desejam beber?

— Vinho branco — disse Talita automaticamente.

— Uísque puro — pediu Brecker.

Beberam em silêncio. Jedediah acabou seu drinque de um gole e depois consultou o relógio. Em seguida, tornou a encher o copo e provou-o. Então, retomando obviamente o fio de uma conversa interrompida, perguntou a Brecker:

— Gostou da Baldwin?

— Não há como não gostar dela. É uma máquina poderosa, feita com arte.

— Quando irão entregá-la?

— Esse é o problema: não sei. Querem o pagamento adiantado. Não os censuro, em vista da situação da companhia.

— Já disse a você:.. — começou Jedediah.

— A sua generosidade me deixa grato, mas não posso aceitar. É muito dinheiro.

— Mas essa máquina poderá ser decisiva para você!

— Não se fala mais nisso — tornou Brecker, enfático. Jedediah reconheceu o tom de voz: significava que seu amigo fechara a porta a qualquer discussão, e nada que ele dissesse adiantaria coisa alguma. Resolveu não insistir no assunto, no momento.

— Está bem, Brecker. Não se fala mais nisso — disse-lhe. Depois, tornou a consultar o relógio.

— Que pode estar atrasando Ada? Ela disse que desceria dentro de quinze minutos, no máximo!

— Atrasar-se é um privilégio das mulheres — observou Brecker com bom humor.

Mas também ele não compreendia a razão daquela displicência. Chegara havia duas horas e fora conduzido até seus aposentos pelo criado. A hora do jantar, descera e encontrava Jedediah sozinho na sala de visitas. Onde poderia estar a dona da casa?

— Pode ser, mas não gosto disso. Não acho correto — retrucou Jedediah, num tom duro que Talita nunca o vira empregar antes.

— Não me importo de esperar.

Ele abriu a boca para falar. Nesse instante, uma bem modulada voz feminina disse com suavidade:

— Peço desculpas pelo atraso.

Todos voltaram-se. A mulher que estava parada aos pés da escada era de estatura média, mas tudo em sua aparência sugeria majestade, magnificência. Apresentava-se num sofisticado vestido de cetim rosa, pérolas em torno do pescoço sem rugas. Os cabelos castanhos estavam bem penteados e a maquiagem que enfatizava seus traços quase clássicos era primorosa.

Quando ela se adiantou, com um sorriso cordial nos lábios, Talita percebeu que seus olhos cinza-escuros a estudavam atentamente, com grande interesse. Experimentou uma repulsa instintiva, que não soube explicar. Era uma sensação estranha, constrangedora, algo que dominava todos os seus sentidos.

Tinha certeza de que Ada McCook atrasara-se propositadamente, para fazer uma entrada triunfal. Sentiu um desapontamento mesclado a uma ponta de tristeza. Queria tanto gostar da esposa de seu amigo!

— Oh... — murmurou Jedediah, levantando-se. — Já tínhamos desistido de esperar por você!

A voz dele continha uma leve nota de censura. Ada olhou-o por um momento, sem responder. Depois, tornou a sorrir.

— Demorei muito, querido?

Talita colheu uma expressão de surpresa no rosto de Brecker, enquanto ele olhava para a dona da casa com uma intensidade fora de comum. Mas durou apenas uma fração de segundo e ela pensou ter-se enganado.

Jedediah aproximou-se da esposa e pegou-lhe o braço.

— Quero lhe apresentar a Srta. Lee, querida — disse ele formalmente.

Ada sorriu.

— É um prazer, Srta. Lee.

Talita julgou ver condescendência no sorriso e sua antipatia por ela aumentou. Mas disse polidamente:

— O prazer é todo meu, Sra. McCook.

A outra tornou a lançar-lhe um olhar avaliador, depois, voltou-se para Brecker.

— O senhor Madison Brecker, suponho. Jedediah falou-me muito a seu respeito. Estava impaciente por conhecê-lo.

— Sra. McCook... — disse ele, simplesmente.

— Espero que sua visita a San Francisco tenha sido agradável e produtiva.

— Foi, com efeito.

Ada pegou a taça de vinho que seu marido lhe estendia e perguntou:

— A Srta. Lee é uma atriz, não é?

A observação era casual, mas Talita sentiu-lhe a farpa e disse, rápida:

— Sim, senhora. Sou atriz.

— Estranho! A senhorita não se parece nada com imagem que eu tinha feito.

— Não?

— Não. Pensei que fosse um tipo oriental.

Talita fitou-a com avidez.

— Sou eurasiática, senhora.

— Oh... uma mestiça.

— Ada! — Jedediah repreendeu-a severamente.

— No melhor sentido, é claro — emendou-se sua esposa. — Diga, Srta. Lee, quem era chinês: seu pai ou sua mãe?

— Minha mãe.

— Ela deve ter sido linda, já que a senhorita é encantadora. E talentosa, segundo ouvi dizer.

Ada pousou a mão no braço do marido e esboçou um sorriso angelical.

— Jedediah sabe escolher seus amigos.

Desse momento em diante, sua correção de maneiras fez-se presente e ela revelou-se uma anfitriã perfeita. Sorria compreensivamente e encorajava sua convidada a falar de seu trabalho, fazendo perguntas interessadas e pertinentes sobre teatro. Mostrava-se tão educada e gentil que Talita, após o constrangimento inicial, começou a pensar se não a julgara mal.

Quando o criado veio anunciar que a mesa estava posta, Ada segurou-a pela mão.

— Venha. Jedediah a escoltará até a sala de jantar. Eu tomarei o braço do Sr. Brecker.

Em silêncio, Brecker colocou sua taça na bandeja e postou-se ao lado dela. Enquanto a mão esguia e lânguida de Ada McCook pousava ligeiramente em seu braço, ele fitou-lhe os cálidos olhos cinzentos. Eram olhos que já vira antes. Mas

onde? E por que lhe parecia tão importante lembrar-se disso?

CAPÍTULO VIII

Durante o jantar, uma sucessão de pratos preparados com esmero e meticulosamente servidos, Brecker ficou pensando por que a esposa de Jedediah lhe parecia tão familiar. Aquelas feições finas... Aqueles grandes olhos cinzentos, como lagos estagnados... Olhou-a de novo e novamente teve a impressão de conhecê-la.

— Oh! Henri. Que desastrado! — ouviu-a dizer, de repente.

O criado, ao encher-lhe a taça, deixara respingar algumas gotas do borgonha no corpete de seu elegante vestido.

— *Je regrette*, madame — desculpou-se o homem, visivelmente mortificado.

— O vestido está perdido! — disse ela, sem esconder sua contrariedade.

Após um momento de embaraçoso silêncio, Jedediah interveio:

— Foi um acidente. Não se preocupe, Henri. Comprarei outro vestido para a senhora.

— *Oui, monsieur* — murmurou o criado, cerimoniosamente.

Depois disso, todos voltaram a sorrir por cima de suas taças. Todos, exceto Brecker, que olhava, perplexo e fascinado a um só tempo, para as manchas vermelhas que se alargavam sobre o vestido cor-de-rosa. Ao erguer os olhos para os olhos cinzentos de sua anfitriã, ele sentiu o sangue gelar em suas veias. Olhos cinzentos que, sob o domínio de uma emoção profunda, podiam tornar-se quase negros... A mulher na alameda do bordel, dezoito anos antes!

"Não é possível", pensou, tornando a debruçar-se sobre o prato.

Tinha de estar enganado. Pelo bem de Jedediah! Mas sabia que não estava. Essa mulher havia assassinado Su-Ling!

Ada McCook. Se fosse possível admitir que houvera alguma ligação entre ela e a doce e vulnerável chinesa, que acontecera para que seus mundos entrassem em choque? E por que as coisas haviam chegado a um ponto que só a morte pudera resolvê-las?

Não tinha, a bem dizer, motivos para suspeitar dela. Talvez, como ele, Ada encontrara Su-Ling já morta. Talvez tivesse visto o assassino e fugira, com medo

de sua represália. Talvez.

Olhou-a de soslaio e notou-lhe as mãos: belas, mas com unhas longas e recurvas. Mãos em forma de garra. Não teve mais dúvida de que ela matara sua linda, graciosa e delicada amiga. Mas, por quê? Havia um envolvente mistério em torno disso.

Brecker colocou a taça na mesa e estudou os outros. Jedediah, sentado à cabeceira, fazia as honras de sua mesa com uma graça estimulada por uma alegria um tanto exagerada. Ele estava bebendo muito, nessa noite. A sua esquerda, sentava-se Talita. Pôs-se a observá-la. Quando ela sorria, seu lado oriental tornava-se mais evidente, chamando a atenção para seus olhos amendoados.

Eurasiana. Ada havia sido abertamente grosseira, ao fazer aquelas perguntas sobre os pais de Talita. Por qual motivo? Os olhos de Brecker voltaram-se de novo para seu anfitrião, que continuava a falar com sua convidada. Jedediah sabia que sua esposa era uma assassina? Teria também ele conhecido Su-Ling? Nesse exato momento, viu-o rir de algo que Talita lhe disse. Olhou os dois com redobrado interesse. Ambos tinham lábios cheios, de curvas sensuais. Lábios quase do mesmo formato, lábios marcadamente semelhantes...

Uma idéia ocorreu-lhe de súbito, e com tal força que fez sua pulsação acelerar-se. Era tão incrível, tão extraordinário, com implicações tão comprometedoras, que recusou-se a considerá-las. Tinha ido longe demais.

Tinha mesmo? Pensamentos estranhos insinuaram-se em sua mente. Súbito, de uma grande distância, ouviu alguém chamá-lo.

— Sobremesa, Sr. Brecker? Voltou-se na cadeira.

— Não, obrigado, Sra. McCook.

Jedediah levantou-se, dando o jantar por encerrado.

— Eu sei o que Brecker quer. Um bom charuto e um bom conhaque. Venha comigo — disse ele, tomando o amigo pelo braço. — Encontrará as duas coisas na sala de fumar.

— Diga, Srta. Lee — perguntou Ada, com um petulante tom infantil, enquanto saíam da sala. — Quer reunir-se aos homens, na sala de fumar, ou prefere tomar um xerez em minha companhia?

— Façam o favor de ficar conosco — disse Jedediah, antes que Talita pudesse dizer uma só palavra. — Prometemos que não iremos aborrecê-las, não é Brecker?

Brecker guardou silêncio. Por que seu amigo parecia estranhamente ansioso

em conservar a moça junto de si?

Talita deu um sorriso leve e se voltou para os dois homens, que estavam parados no saguão.

— Queiram me desculpar, mas vou voltar para o hotel. Parece que o tempo não vai melhorar.

— É ainda muito cedo! — protestou Ada. — Por que não passa a noite aqui?

— Obrigada, mas preciso voltar.

Uma expressão que Brecker não pôde definir, receio ou desprazer, cruzou o rosto de Jedediah.

— Talita disse que precisa voltar para o hotel, querida. Não insista.

— Mas está ameaçando cair uma tempestade! — retrucou Ada, contrariada.

Depois, acolhendo a expressão de desagrado do marido, ela propôs:

— Decidiremos isso mais tarde. Agora, a Srta. Lee vai me dar o prazer de tomar um cálice de xerez em minha companhia.

O assunto só foi trazido novamente à baila por volta das dez horas, quando o cocheiro apareceu à porta da sala de fumar.

— Queira desculpar-me, senhor. Todos olharam para ele.

— O tempo está piorando. Se sua convidada quiser voltar ao hotel, seria mais prudente que partíssemos já. Algumas ruas poderão ficar inundadas e intransitáveis.

Ada levantou-se com um farfalhar de sedas.

— Para que arriscar a vida do homem e dos cavalos, William? — continuou ela, com voz autoritária. — Vá procurar Pearline e diga-lhe para preparar o quarto de hóspedes contíguo ao do Sr. Brecker.

Jedediah pousou a mão no braço de Talita.

— Se prefere voltar para o hotel, William a levará antes que o aguaceiro desabe.

— Certamente, senhorita — disse o cocheiro, cortesmente.

Talita sentiu todos os olhares convergirem para ela e mostrou um rosto sorridente.

— Corno poderia recusar um convite tão amável? A voz de Ada voltou a ficar macia.

— Ótimo, querida. William, vá falar com Pearline. O homem fez uma reverência.

— Sim, senhora.

Brecker arriscou um olhar na direção de Jedediah. Notou seu mau humor, e, de um modo bastante sutil, sugeriu-lhe um remédio imediato.

— Vamos tomar mais um conhaque?

— Naturalmente, meu amigo — disse ele, a tensão de seu rosto afrouxando-se num sorriso.

Brecker retribuiu o sorriso e endireitou-se. Viu que Talita o olhava. Seus olhos se encontraram e foi como se uma corrente elétrica houvesse passado por eles.

Com esforço, ela baixou os seus, consciente de que estava sob o domínio de uma nova emoção. Mas era uma boa atriz e podia dissimular perfeitamente o que sentia: um sentimento intangível, um leve pressentimento no fundo do coração.

Recostou-se na poltrona com um suspiro. A noite fora estranha, cheia de subentendidos. Vagamente inquieta, pensou onde residiria a raiz da antipatia que alimentava contra Ada McCook e por que razão ela insistira tanto em dar-lhe abrigo.

Passar a noite ali podia ser a melhor coisa a fazer, naquelas circunstâncias. Mas Ada não lhe deixara virtualmente escolha, ao observar, sem grandes escrúpulos, que de outro modo estaria arriscando a vida do cocheiro e dos animais.

Sentia-se como que numa armadilha... Como um camundongo acuado num canto diante de um gato pronto para saltar. Era uma sensação sumariamente desagradável, que a irritava!

Quando Pearline veio anunciar que o quarto de hóspedes estava pronto, levantou-se imediatamente.

— Permitem que eu me retire? Estou com uma leve dor de cabeça.

— Fique à vontade, minha querida — respondeu Jedediah, levantando-se, no que foi imitado por Brecker.

— Obrigada. Desejo-lhes uma boa noite. A criada adiantou-se.

— Vou lhe mostrar o quarto, senhorita.

— Não é necessário, Pearline — disse Ada, interpondo-se entre as duas. — Terei prazer em acompanhar a Srta. Lee até seus aposentos.

— Pois não, senhora.

— Aproveitem a noite, cavalheiros — continuou ela. — Eu também vou direto para a cama.

Enquanto subiam a ampla escadaria que levava ao andar superior, Ada inclinou-se para sua hóspede com solicitude.

— Há alguma coisa que eu possa fazer para aliviar a sua dor de cabeça?

— Não se preocupe. O repouso será suficiente.

— Deve ser esse tempo. San Francisco é uma cidade linda, mas extremamente úmida. — Ada lançou-lhe um olhar perscrutador. — Nasceu aqui, não é Srta. Lee?

— Não — disse Talita laconicamente. A outra não se deu por vencida.

— Jedediah disse-me que sua temporada terminou.

— Sim, terminou.

— Vai descansar, antes de encenar outro espetáculo?

— Apenas algumas semanas.

Ada fez uma pausa, depois disparou:

— Sua mãe também era atriz?

Talita estranhou-lhe as palavras. Que queria ela dizer com isso?

— Por que quer saber, Sra. McCook?

— Estava pensando se a senhorita não herdou o talento dela.

— Meu talento, senhora, é o resultado de muito trabalho, muita dedicação. Meus pais eram pessoas encantadoras, mas comuns.

Ada sorriu e deu-lhe uma palmadinha no rosto.

— É um amor, querida.

Diante de uma porta, ela parou e abriu-a.

— Espero que goste.

O aposento era grande e imponente, com suas cortinas¹ floridas, a ampla cama de cerimônia e o alto espelho de moldura dourada.

— É muito bonito. Obrigada.

— Se precisar de alguma coisa, não hesite em me chamar.

— A senhora é muito gentil. Não vou precisar de nada — disse Talita com

polidez, mas indicando claramente que queria ficar sozinha.

Ada não teve outro remédio senão dizer:

— Boa noite, querida.

— Boa noite.

Quase relutante, ela fechou a porta atrás de si. No corredor, parou com a mão ainda na maçaneta, e permaneceu um minuto em profunda concentração. Por fim, dirigiu-se com passos vagarosos, quase arrastados, a seu quarto.

Convencida finalmente de sua intimidade, Talita começou a despir-se com gestos lentos. Estava cansada, suas têmporas latejavam. Quase se arrependia de ter vindo ali. A noite não fora como havia imaginado.

Depois de despir-se, sentou-se diante do espelho do toucador e começou a retirar a maquiagem. Em seguida, desfez o coque, deixando que os cabelos lhe tombassem, soltos, sobre os ombros. Feito isto, apagou a lâmpada de cabeceira e deslizou sob as cobertas.

O fogo da lareira lançava sombras dançantes no quarto, a chuva batia compassadamente nas vidraças. Ficou ouvindo a doce melodia procurando não pensar. Mas os pensamentos sucediam-se, rápidos, ameaçando sufocá-la. Um tremor lhe passou pelo corpo. Não sabia dizer se era frio ou se era a sensação desagradável de estar numa casa estranha.

Ada McCook deixara-a nervosa com aquela franca investigação sobre sua vida. O que a preocupava é que só podia entender uma parte das razões que a haviam levado a trazer à tona o passado. Quanto a Madison Brecker, o assassino de sua mãe, o homem de rosto desiludido e olhos penetrantes, perturbara-a mais do que teria imaginado. Apenas Jedediah fora sua âncora, sua salvação.

Virou-se para o outro lado com um suspiro. Mas via diante de si uma única imagem: a de um homem de cabelos loiros e penetrantes olhos azuis. Arregalou os olhos aflitos e reuniu toda sua coragem para enfrentar esse pesadelo real. Em vão. Essa foi a última imagem que sua mente reteve, antes que uma sonolência lenta lhe alcançasse os olhos e ela adormecesse suavemente.

Jedediah estava embriagado ou muito próximo disso.

— Permite que lhe dê um conselho, Brecker... Um conselho de amigo. Analise cuidadosamente aquilo que você deseja. Por falar nisso, eu quero outro drinque. E você?

— Não, obrigado.

— Gostaria que tomasse alguma coisa comigo para finalizar a noite. Poderia

me negar esse prazer?

Brecker esteve a ponto de dizer que, para ele, a noite já terminava. Mas não quis aborrecê-lo.

— Claro que não.

— A que iremos beber?

— Ao que você quiser.

— Gostaria de propor um brinde ao bom conhaque e aos bons amigos.

— Muito bem. À amizade!

Jedediah ergueu seu cálice e tomou um gole, logo acrescentando-:

— Quero fazer outro brinde. Aos... — A voz de Jedediah falhou. — Aos filhos.

— Filhos?!

— Você não tem filhos? Brecker sorriu.

— Não sou nem casado, meu amigo!

— Poderia ser, se quisesse.

— Pois bem. Bebamos aos filhos dos outros. Jedediah tornou a erguer o cálice.

— Aos filhos de meus amigos... — A voz dele transformou-se num murmúrio. — À minha... filha.

Brecker ficou com o cálice parado no ar e pôs-se a estudá-lo atentamente. A expressão de Jedediah não mudara, mas tinha a impressão de que unia luz se acendera dentro dele, irradiando calor.

Estranhamente, a confirmação do que já suspeitava trouxe-lhe mais alívio do que surpresa.

— À saúde de todos eles — disse com voz neutra. Jedediah pareceu voltar subitamente a si. Inclinando-se

sobre a mesinha, como se fosse fazer uma confidência, ele murmurou:

— Estou embriagado.

Brecker sorriu quase imperceptivelmente.

— Embriagado, não. Vamos dizer que você não está totalmente sóbrio.

— Eu disse algo... que não devia?

— Não. Nada.

Ficaram um instante em silêncio, cada qual entregue aos próprios pensamentos. Súbito, Brecker colocou o cálice bojudó na mesinha e levantou-se.

— Vou me deitar, Jedediah. Vai subir também?

— Não, vá adiante. Vou ficar mais um pouco, em companhia do fogo.

— Nesse caso, boa noite.

Ele já estava atravessando a sala, quando Jedediah o chamou:

— Breck?

— Sim?

— Tem certeza de que eu não disse nada?

— Absoluta, Jedediah. Boa noite.

"Estou embriagado, mais embriagado do que em qualquer outro momento de minha vida", pensou Jedediah, enquanto descansava a cabeça no espaldar almofadado.

Mas não estava embriagado a ponto de esquecer que sua filha estava dormindo lá em cima. Onde devia estar desde que nascera. Onde devia estar se... Agora era tarde demais para pensar nisso!

Aproximou a poltrona da lareira acesa, deixando que as chamas o envolvessem com seu calor e lhe dessem o habitual e grato conforto. Tinha tudo o que um homem podia desejar: prestígio, riqueza, influência. Teria até a possibilidade de tornar-se o governador da Califórnia, se o desejasse! Mas renunciaria a tudo de bom grado, se pudesse voltar atrás e começar de novo...

Su-Ling.

Não passava dia que não pensasse na linda chinesa de rosto de porcelana, que entrara em sua vida tão inesperadamente. Tinha trinta anos então e era o proprietário de uma modesta loja de artigos importados. Meses antes, encomendara a um capitão de mar, que viajava regularmente para o Oriente, um lote de seda chinesa.

Na volta, o homem, que contava estabelecer-se em San Francisco, quisera trazer consigo um jovem casal de chineses, para que lhe servissem de criados. Porém, durante a viagem, uma epidemia de febre amarela dizimara boa parte da tripulação, levando para o túmulo o marido da chinesa e o próprio capitão. Quando o navio chegara a seu destino, Su-Ling, com apenas dezoito anos, era uma viúva desamparada.

Podia ainda vê-la, parada no cais, com os cabelos flutuando sobre os ombros. Ela estava assustada, temia o desconhecido. Viera para a América sem conhecimento algum. Contara com uma garantia, uma promessa, e encontrava-se de mãos vazias.

Ele fitara aquela figura suave e impassível, os olhos fatigados e sentira-se invadido por uma súbita onda de compaixão. Sua juventude, sua beleza, sua fragilidade foram-lhe direto ao coração. Oferecera-lhe trabalho em seu estabelecimento e proteção.

Tratara-se de um simples ato de piedade, mas que tivera um resultado imprevisível. Apaixonaram-se um pelo outro, de um modo profundo e permanente, e teriam vivido felizes para sempre, se não fosse por um fato: ele era um homem casado.

Foram apenas oito meses, mas repletos de dor e de ternura, de paixão e de cruciantes lutas de consciência. Depois disso, ele terminara o caso dizendo a si mesmo que não era justo para Su-Ling. Mas, no fundo do coração, sabia que estava desempenhando um papel odioso. Na verdade, não estava pronto para enfrentar a opinião pública, em caso de divórcio ou separação. Era um homem ambicioso, queria poder e riqueza. Um escândalo teria arruinado seu futuro.

Su-Ling ouvira-lhe as mentiras sutis sem descerrar os lábios. E, embora ele nada lhe pedisse, deixara o estabelecimento. A princípio, ele sentira um alívio profundo, certo de que tudo terminara de um modo correto. Mas, quando ela desapareceu da cidade sem deixar pistas, soubera imediatamente que havia feito a escolha errada. Ficara quase louco. Felizmente, tinha seu trabalho, que exigia todas as forças de seu corpo e de seu espírito e submergira nas responsabilidades cotidianas.

Oito anos depois, encontrava-se em Sacramento, em companhia de Ada, quando deparara casualmente com Su-Ling. Ela estava com uma criança, a quem apresentara como sua filha. Era uma menina linda, de feições levemente orientais. Lembrava-se ainda do efeito que lhe causaram o tom mate de sua pele e os reflexos negro-azulados de seus abundantes cabelos, sob o pequeno casquete vermelho que usava. Intuíra logo que a menina era sua filha.

Tivera de se munir de toda sua coragem para afastar-se das duas. A caminho do hotel, sentira-se exultante e ao mesmo tempo deprimido, vitorioso e, apesar disso, com o gosto amargo de uma frustração compreensível. Quantos anos desperdiçados!

Aquela era a oportunidade, a primeira luz do alvorecer de suas esperanças, de seus sonhos secretos. Dois dias depois, no entanto, descobria que ela se

tornara prostituta. Ficara chocado, não podia compreender. Mas isso fora nada, comparado ao que sentira depois, quando lhe disseram que ela fora assassinada poucas horas depois do encontro que haviam tido. Nunca, em sua vida, experimentara uma dor tão profunda.

Embora corressem rumores de que o assassino era um homem loiro, possivelmente um de seus clientes, uma terrível suspeita atravessara-lhe o cérebro. Seria possível que sua esposa estivesse, de algum modo, comprometida com a morte de Su-Ling?

Lembrava-se imediatamente de que, naquela noite, Ada alegara uma dor de cabeça para não acompanhá-lo a uma reunião social. Quando voltara para o hotel, batera à porta de seu quarto, mas ela não respondera.

No dia seguinte, sua esposa desculpava-se, dizendo que havia tomado um sedativo e que caíra num sono profundo. Não sabia até que ponto tinha dado fé àquelas palavras. O fato era que se recusara a pensar o pior de Ada. Como podia ela ter assassinado Su-Ling, se nunca tivera conhecimento do caso?

Mas, impelido por um instintivo temor pela segurança da menina, tomara uma decisão: sua esposa não devia saber que a criança, que ela vira de relance, pudesse ser filha dele. Com isso em mente, conseguira que Talita fosse criada por um casal de chineses, a quem provirá discretamente de meios.

Somente um férreo autocontrole dera-lhe forças e coragem para manter-se a distância de sua filha. Anos depois, quando ela dispusera-se a seguir a carreira de atriz, ficara encantado. Doravante, teria um pretexto válido para tornar-se seu protetor e para deixar-se ver a seu lado.

Jedediah franziu a testa. Talvez lhe tivesse dedicado demasiada atenção. Depois dessa noite, não duvidava mais de que Ada suspeitava de alguma coisa. Não devia ter convidado Talita para jantar em sua casa! Mas parecera-lhe um ato inocente, que, com Breck presente, não atrairia a atenção da esposa. Breck... Revelara-lhe alguma coisa, sob os efeitos dos vapores do álcool? Suspirou profundamente. Sentia um vazio por dentro, um cansaço... Estava cansado de se preocupar com Ada, eslava cansado de esconder os sentimentos que nutria por Talita.

Súbito, acima do crepitar das chamas e das pancadas de chuva, teve a impressão de ouvir a voz suave de Su-Ling dizer baixinho:

— Jedediah... Meu querido Jedediah...

A dor, recalcada para os recessos mais profundos de seu ser, reapareceu com força total. Teve receio de romper em lágrimas.

— Su-Ling... — murmurou.

Mas Su-Ling estava morta, perdida para sempre, irremediavelmente.

No andar superior, no quarto que não compartilhava mais com o marido, Ada McCook recordava o passado. Em particular, um dia quente de verão em Sacramento. Fora logo depois do anoitecer, na fresca momentânea que se fazia logo que o sol se punha e os lampiões eram acesos. Podia ainda sentir a agitação, ouvir as vozes roucas e as risadas dos clientes do bordel...

Fora até lá num impulso incontrollável e seu interior a surpreendera: parecia uma acolhedora casa de família. Como também a surpreendera o fato de ter localizado Su-Ling com tanta facilidade. "O dinheiro compra tudo...", refletiu cinicamente, lembrando-se do comerciante que lhe dera a informação e lhe explicara que o quarto da chinesa ficava nos fundos do andar térreo do bordel.

Su-Ling. Não pretendia matá-la, mas nunca se arrependera de tê-lo feito.

Sua intuição lhe dissera logo que estava sendo traída pelo marido. Uma mulher sente essas coisas, mas aceitara passivamente a infidelidade, achando que era melhor não tocar no assunto. Fora uma decisão acertada, pois, pouco depois, o caso terminava.

Porém, oito anos passados, quando vira a menina o intuía que ela era de seu marido, temera que ele a legitimasse e que isso se constituísse numa ameaça a sua posição social e à carreira política dele. Fora ver Su-Ling para conversar com ela, persuadi-la a deixar a cidade com a filha. Oferecera-lhe uma grande soma em dinheiro. Mas a tola recusara. Tornara a insistir, nervosa, quase áspera. A chinesa assustara-se e munira-se de um punhal para proteger-se. Seguiu-se uma luta corpo-a-corpo. A cólera a impulsionara e lhe dera força. Su-Ling sucumbira.

Em seu suspiro final, ela murmurara o nome de Jedediah. Ao ouvir o nome dele nos lábios de outra, nos lábios de uma prostituta, seu coração se endurecera. Todo o amor que sentia por ele se perdera, inapelavelmente. E em sua revolta, em sua humilhação, ficara satisfeita de ter destruído a única coisa que significava tanto para ele. Teria acabado também com a criança, mas ela parecia ter-se evaporado da face da terra.

Cerca de dois anos antes, quando Jedediah passara a freqüentar assiduamente o teatro, não dera muita atenção ao fato. Mas, quando ele fizera de Talita o objeto de seu interesse, começara a preocupar-se. Estaria Jedediah tendo um caso com ela? Seu marido parecia ter um fraco pelas mulheres orientais. Ou seria a atriz... a filha dele? Viria a saber, com o tempo. Mas não aceitaria tamanha traição. Preterida por uma filha bastarda... Nunca, nunca!

Seu segredo dava-lhe poder. O poder para fazer o que tinha de ser feito, reencontrando a calma de que precisava para sobreviver. Era um poder que, diferentemente de Jedediah, não a trairia!

Brecker tirou o paletó e jogou-o sobre uma cadeira.

"Tudo faz sentido", pensou, caminhando para a lareira. Tudo fazia sentido... Sabia que Su-Ling amava um homem casado e que ele era o pai de sua filha. Ela própria falara-lhe sobre isso em termos encantadores. Mas não mencionara o nome dele. Era seu modo de protegê-lo e de proteger a criança.

Esse homem devia ser Jedediah. De algum modo, sua esposa soubera que ele mantinha uma relação extraconjugal com a chinesa e a matara. Mas saberia seu amigo que fora a própria esposa a assassinar a mulher que amava? Não, não podia acreditar nisso. Jedediah jamais teria permanecido ao lado dela, se tivesse sabido!

Teria Ada conhecimento de que Talita era a filha de Jedediah? Ela fizera muitas perguntas nessa noite... Mas soubera o que queria? E o que faria ela, uma mulher capaz de matar, se tivesse certeza disso? Iria vingar-se dele... de ambos?

Sua ansiedade a respeito dos pais de Talita, sua insistência em manter a moça ali...

Um som inesperado interrompeu-lhe as reflexões. Apurou os ouvidos, procurando ouvir acima do estalar das achas. O silêncio era total. Acabava de convencer-se de que se enganara, quando o ouviu novamente. Um lamento. Um grito sufocado. Um baixo, torturado gemido. Todos vindos do quarto ao lado!

CAPÍTULO IX

O quarto estava iluminado apenas pelo clarão das chamas na lareira. Brecker, com todos os sentidos aguçados, ficou parado no limiar, examinando o que seus olhos podiam distinguir: as alvas cortinas que envolviam a cama, o toucador, a poltrona, o espelho. Não havia nada além disso. Nenhuma figura sinistra, nenhuma presença suspeita ou perigosa.

Estava se censurando por ter vindo ali, quando ouviu novamente o som: um gemido estranho, dolorido, que não parecia humano. Algo que o lembrava de um coio que libertara de uma armadilha. Então, como agora, o patético lamento o comovera.

Seus olhos deslizaram, irresistivelmente, para a forma deitada na cama,

uma silhueta que se confundia com as espessas sombras cinzentas que envolviam o quarto. Exatamente como o coiole ferido, Talita rolava a cabeça de um lado para o outro, lutando contra alguma coisa.

"Ela está sonhando", pensou, e pôs-se a avançar lentamente. Não se questionou por que estava se introduzindo sorratamente em sua intimidade, uma atitude que contrariava sua filosofia de criatura solitária. Em vez disso, com o instinto de um líder, afastou o cortinado para um lado e debruçou-se sobre a cama.

Ficou imóvel, admirando-a na penumbra. Os cabelos negros esparramados em torno do travesseiro, os ombros nus que tinham um esplendor dourado, juvenil, os doces lábios entreabertos.

— Talita,... — chamou, com suavidade.

Ela ergueu a mão, parecia afastar alguém em sonhos. Depois tornou a gemer.

Sua mãe jazia no assoalho, uma fita vermelha escorrendo de seu branco quimono de seda, os longos cabelos desfeitos. O ar em volta dela era gelado e tenso. O estranho, de cabelos dourados e frios olhos azuis, estava também ali, olhando para a criança assustada, que era ela. "Venha cá, menininha. Venha cá... venha cá..." Sacudiu a cabeça, que não, que não...

Gemeu, cada vez mais aflita, quando o homem ergueu a mão coberta de sangue. Tentou se encolher, refugiar-se nas sombras, mas foi inútil. Ele estava cada vez mais perto, mais perto. "Talita", dizia e, de súbito, a voz que fluía e refluía pareceu-lhe real. Como podia ser que ele a chamasse pelo nome? Nunca havia feito isso antes...

"Talita", ouviu-o dizer novamente e, dessa vez, sua voz parecia-se com a de Brecker. Fora assim que ele a havia chamado na sala, com uma voz baixa e sensual, que a fizera sonhar. Compreendeu que ele debruçava-se agora sobre ela. Implorou-lhe com gestos que não a levasse e, quando os dedos dele se fecharam em torno de seu braço, gemeu mais alto, num desespero súbito.

— Não! Por favor, não...

Ele pôs-se a sacudi-la pelos ombros e ela lutou para libertar-se.

— Não, não...

— Talita...

— Não!

— ...você está sonhando.

— Por favor...

Brecker segurou-a pelos braços e a fez sentar-se na cama. Após um intervalo de respiração ofegante, ela suspirou profundamente e despertou.

— Ah! finalmente.

Talita via-o a um palmo de seu rosto, mirando-a cuidadosamente. Os olhos dele, quase incandescentes na penumbra, eram um poço sem fundo, no qual sentia-se mergulhar cada vez mais. Abriu a boca, mas não emitiu nenhum som.

Brecker notou seu rosto banhado de suor e seus lábios trêmulos. Naquele momento, ela parecia extremamente vulnerável.

— Não tenha medo — murmurou-lhe ao ouvido, enquanto a puxava para si.

Ela se aninhou naquele peito viril, que parecia banir todos os medos, e procurou libertar-se dos últimos vestígios do pesadelo. Era estranho que o homem que a assustara nos sonhos fosse o mesmo que agora a confortava. E, mais estranho ainda, que se sentisse segura em seus braços. Ainda sonolenta, agarrou-se a ele com a força de um náufrago que estivesse submergindo.

Brecker sentiu-lhe a suavidade dos ombros, os seios pequenos contra seu peito nu, a carícia dos cabelos sedosos. Um aroma bom se desprendia dela, flores do campo sob a chuva fresca, mesclado ao mais doce, de um corpo feminino quente pelo sono. Sua respiração, que ainda não sossegara, era entrecortada por suspiros, como a de uma criança assustada.

— Sossegue... — disse-lhe, acariciando-lhe os ombros, as costas, num movimento incessante.

Sem saber como, sem querer, Talita levantou o rosto para ele. Ia falar, quando ele ergueu a mão como se quisesse colocá-la sobre sua boca. Mas foram os lábios que ele pousou sobre os seus entreabertos, brindando-lhes com beijos leves e acariciantes. Fechou os olhos, aspirando o aroma almiscarado daquela pele, sentindo o vigor daqueles braços que a apertavam, e pensou o que iria resultar daquela intimidade.

Brecker olhou-a em silêncio por um momento. Sentiu sua submissão e de novo se curvou sobre ela. Tomou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-a outra vez, profundamente, com beijos possessivos que a faziam estremecer.

Quando suas línguas se tocaram, Talita gemeu de novo, desta vez de prazer. Tinha passado tão suavemente do sono para a sensualidade, que seu corpo preferia seguir as ordens dos sentidos, em vez das ordens da razão. Inclinou a cabeça para trás e entreabriu a boca, abandonando-se toda à onda de desejos que a invadia como uma força jamais sentida. Sensações desconhecidas

inflamavam seu corpo. Necessitava, desejava alguma coisa, mas não sabia o quê.

Mas Brecker sabia exatamente o que desejava. E a força desse desejo assustou-o tanto, que ele a afastou de si. Contemplou-a. Os lábios entreabertos conservavam ainda a umidade de seus desejos. Os olhos escuros, familiares, cintilavam. Eram os olhos de uma criança que vira dezoito anos atrás. Ela se lembraria daquela noite? Em tal caso, do que exatamente se lembrava?

— Você está bem? — perguntou, evitando tocá-la. Talita viu o olhar dele ganhar uma estranha expressão e fez que sim com a cabeça.

— Você estava sonhando.

Permaneceram em silêncio, um silêncio rompido apenas pela respiração ofegante de ambos. Então, porque não estava habituado àquele desejo pungente, Brecker levantou-se da cama de um salto e murmurou uma despedida confusa. Depois, saiu do quarto batendo a porta atrás de si.

Talita encolheu-se na cama, trêmula com o esforço de manter o autocontrole. Uma pergunta martelava-lhe o cérebro: por que permitira que ele fosse tão longe?

Ela se fez essa pergunta com freqüência nos dias que seguiram. Sua resposta era sempre a mesma; estava semi-adormecida, não sabia o que dizia. O que a levava a concluir que Brecker se aproveitara dela, uma conclusão conveniente para sua consciência.

Mas, nos momentos de honestidade, quando desvelava o mais íntimo de si mesma, experimentava uma sensação de culpa, de uma culpa ainda maior do que julgara. Então, via-se diante de outra desconfortável questão: se não se achava responsável por ter correspondido às carícias dele, por que se sentia culpada? E porque a lembrança daqueles beijos despertava-lhe uma impressão de pecaminoso prazer?

Em sua mente havia só confusão. Não apenas por causa dos beijos de Brecker, mas também pelo estranho comportamento de Ada McCook na manhã seguinte àquela estranha noite. Durante o café, tivera a incomoda sensação de estar sendo interrogada sobre seu passado. Graças a Deus, Jedediah viera em seu socorro, ordenando ao cocheiro que a levasse de volta ao hotel.

Enquanto se preparava para deixar a mansão, seus olhos depararam com o homem que vinha descendo a escada. Seu coração havia disparado, mas nenhum dos dois dissera palavra. Apenas olharam-se longamente.

Dois dias depois, às vésperas de viajar para Virgínia City, onde participaria do Baile Regional, e já pronta para executar o roubo que havia planejado, Talita

recebeu uma carta de Ellie Oates. Entre outras coisas, sua amiga dizia-lhe:

"A cidade está em polvorosa. Todos estão se preparando para o baile.

Abrindo as festividades, haverá uma parada na C. Street. Os músicos que compõe a banda ensaiaram tanto, que estão tocando razoavelmente bem. Felizmente para os nossos ouvidos!

Depois da parada, haverá uma cerimônia cívica diante do palanque do governador. Victória Dauson foi escolhida para recitar o terceiro parágrafo da Constituição de Nevada, o que enche sua mãe de orgulho. Isso até alguém insinuar que o futuro de sua filha é o palco!

Por falar nos Dauson, fui ver o bom e velho doutor. Ou melhor, fui forçada a isso. contei a Neil sobre o bebe, ele chorou, coitadinho, e intimou-me a ir ao consultório. O Dr. Dauson confirmou a gravidez e logo espalhou a novidade pelos quatro cantos da cidade. Trabalhou tão bem, que, ao chegar em casa, encontrei Mande Terrill a minha espera, para congratular-se comigo.

Tivemos outro incidente na ferrovia, depois que você foi embora. Alguém atirou no velho Charlie Knott.

Felizmente, não o acertou. Breck acha que foi coisa do assaltante. Segundo confidenciou a Neil, ele suspeita de que esses roubos são obra de um único homem e não de um grupo, como todos imaginam. Também confidencialmente, revelou que a folha do pagamento desta quinzena representará uma soma muito superior à da anterior. Pobre Breck! Meu coração sofre por ele. Estou esperando ansiosamente a sua chegada. Boa viagem!"

Foi o penúltimo parágrafo que aguçou o interesse de Talita. Uma das notícias já era do conhecimento dela: o engenheiro maquinista sofrera um atentado e Brecker suspeitava que o autor do crime fosse a mesma pessoa que assaltara o trem. Quem mais queria atingi-lo? E por quê? Tinha de agir com mais cuidado, agora que ele suspeitava que havia apenas um homem envolvido no roubo!

Mas era uma preocupação menor comparada à excitação que percorria suas veias à idéia de que haveria muito mais dinheiro naquele cofre! Isso significava que teria uma redobrada vingança: ou seja, duas vezes mais satisfação!

Ainda com a carta de Ellie na mão, Talita renovou seu solene compromisso: a destruição física e financeira de Madison Brecker. Não se perguntou por que renovava a promessa. Tinha receio de que só houvesse uma explicação: a confusa mistura de emoções que a agitava.

Nunca lhe acontecera isso antes. Sabia exatamente o que queria. Até a noite do jantar, tudo tinha sido muito simples. Havia traçado uma linha reta entre

ela e o seu objetivo. Era Brecker. Tinha de ser Brecker!

— É melhor embarcar, Srta. Lee — disse Dancey Harlan. — Vamos partir dentro de alguns minutos.

Talita voltou-se lentamente na plataforma banhada de sol. Tivera de descer em Reno, onde o vagão particular da Central Pacific seria atrelado ao último carro do Sierra Virgínia, o que lhe dera a oportunidade de respirar um pouco de ar fresco.

— Obrigada, Sr. Harlan.

Enquanto seguia ao lado do corpulento chefe de trem, arriscou um olhar na direção do carro de bagagens. Oliver Truxtun, parecendo mais do que nunca um falcão à caça, estava parado diante da portinhola. Sua fisionomia sugeria que havia poucas coisas que lhe escapassem aos olhos observadores. Tinha de reconhecer que ele era um bom detetive: profissional e preciso.

Passou diante dele, pensando se havia no vagão a soma enorme a que Ellie aludira, e se outras precauções tinham sido tomadas. Havia procurado em vão descobri-lo. Não vira os sacos serem carregados e, embora tivesse percorrido várias vezes a plataforma em toda a sua extensão, não vira nada fora do comum. Isso a preocupava um pouco. Uma quantia tão grande exigia medidas vigorosas de segurança.

— Sr. Harlan, é verdade o que se diz? Estão transportando tanto dinheiro extra?

Dancey baixou a voz até transformá-la num murmúrio conspiratório, e preparou-se para repetir a história que contara tantas vezes que já começava a acreditar nela.

— É verdade, senhorita. Uma quantia enorme. Mas poucas pessoas sabem. O Sr. Brecker proibiu que se fizesse qualquer publicidade a esse respeito.

Talita inclinou-se confidencialmente para ele e procurou dissimular a exaltação em sua voz.

— É o agente da Pinkerton que está parado diante do vagão de bagagens, não é?

— Sim, senhorita. Ele irá permanecer de guarda. Armado até os dentes.

— Um homem muito corajoso e competente.

— Não há outro melhor do que ele na sua profissão — retrucou o chefe, estendendo-lhe a mão para ajudá-la a subir no vagão particular.

— Obrigada, Sr. Harlan.

— Não há de quê, senhorita. Faça uma boa viagem. Chegaremos em Virgínia City no meio da tarde.

"Se a sorte me sorrir, sem o dinheiro do pagamento!", pensou ela, os olhos atraídos por uma leve espiral de fumaça que se elevava sobre o teto do carro de bagagens. Obviamente, tinham acendido a estufa para espantar o frio. Estufa... Súbito, ocorreu-lhe uma idéia que lhe pareceu excelente. Daria certo? As chances eram tão favoráveis, que ela sorriu, satisfeita.

— Faz muito frio, não é mesmo, Sr. Harlan? Acha que vai nevar?

— Acho que sim. Só espero que não demore demais. Ele levou dois dedos à aba de seu boné azul de condutor.

Depois voltou-se e caminhou ao longo da plataforma.

Ela o observou caminhar. Notou, vagamente, que um homem, conduzindo pela coleira um cão branco e preto, embarcava naquele instante no carro dos passageiros. Não viu nisso nada de estranho, talvez porque estivesse muito distraída, pensando que a idéia e os planos eram perfeitos e que iriam atingir em cheio alguém que sabia odiar tanto quanto ela.

Ficou parada na pequena plataforma do vagão por um minuto ou dois. Quando o trem pôs-se em marcha, retirou-se para seu compartimento já desabotoando o vestido. Sobre a cama, metodicamente colocados um ao lado do outro, havia um terno completo, uma pistola, uma bolsa contendo vários potes de maquiagem teatral, uma peruca masculina, um grande rolo de algodão de enchimento.

Brecker alcançou o trem em movimento e saltou para o vagão de bagagens no instante em que o comboio começava a ganhar velocidade. Esperara até o último instante para embarcar, a fim de não chamar a atenção de quem quer que fosse. Não queria que ninguém, salvo as pessoas que estavam a par de seu plano, soubesse que estava a bordo do Sierra Virgínia.

— O senhor calculou certo — disse-lhe Truxtun, que o esperava na pequena plataforma.

Brecker girou a maçaneta da porta.

— Era o que eu pretendia.

Dick Kingsman levou imediatamente a mão à pistola e só então ergueu os olhos. Ao ver quem era, relaxou num sorriso.

— Sr. Brecker...

— Kingsman, você vai ceder seu posto a Truxtun.

— Mas eu pensei... — começou o agente.

— Você será mais útil aqui dentro — cortou Brecker. — Fique de guarda, Kingsman. Quando o canalha aparecer, ofereça alguma resistência. Mas deixe-o entrar. Acha que pode fazer isso?

— Sim, senhor.

— Por que não deixamos a porta desguarnecida? — propôs Truxtun.

— Pareceria muito suspeito, afinal, fomos assaltados três vezes. Não quero que o nosso pássaro se assuste e bata as asas.

— O senhor deve ser um grande jogador de pôquer. Está praticamente convidando o homem a cair na armadilha! — disse Truxtun com admiração. — Já pensou em trabalhar para a Pinkerton?

— Serei obrigado a isso, se o patife nos fizer de bobos novamente — replicou Brecker. Voltando-se para Dick, ele acrescentou: — Lembre-se, deixe-o entrar. E tenha cuidado!

— Eu terei, senhor. — O rosto de Dick abriu-se num f grande sorriso. — Desta vez, nós o apanharemos!

Brecker tirou do coldre a Remington .4 e sentiu-lhe o peso.

— Sim, desta vez nós o apanharemos.

O tempo passava lentamente. Quando Reno chegou e ficou para trás, todos começavam a ficar nervosos. Dancey Harlan fazia seu trabalho olhando furtivamente de um lado para o outro, enquanto Charles Knott e Abe Dustin permaneciam em seus postos, com os ouvidos atentos a qualquer rumor estranho.

Isso era o que o fazia também o xerife Lou Luckett; vigiava e procurava um suspeito. Dinâmico, vivo, o xerife conseguira impressionar até uma cidade habituada a contratar apenas homens rudes e calejados para manter a lei. E aquele era um desafio a que ele não podia resistir. Ele e seu cão.

Enquanto Luckett percorria os vagões, em busca de sua presa, Mande Terrill suspirava, desapontada.

— Está com medo de que aconteça alguma coisa? — perguntou-lhe o marido.

— Por que acha que eu deveria estar?

Dub Terrill deu de ombros e voltou a recostar-se na poltrona.

Diante da porta do carro de bagagens, Dick Kingsman sonhava de olhos abertos. Não via a hora de contar a Victória Dauson que o Sr. Brecker o

escolhera para montar guarda ao tesouro. "Foi muito perigoso, Vicky... Assustado? Não, eu não estava assustado..."

No interior do vagão superaquecido, Oliver Truxtun não sonhava nem falava. Tinha um encontro marcado com um homem que não conhecia. E estava a sua espera. Em geral, ficar na expectativa não o aborrecia. Fazia parte do trabalho de um detetive. Nesse dia, porém, sentia-se contagiado pela ansiedade geral. Queria pôr a mão naquele homem custasse o que custasse! Era uma questão de orgulho profissional!

Brecker sentia as garras geladas da tensão arranharem sua espinha dorsal. Estava cansado de esperar. Estava cansado de ter paciência, de passar as noites trabalhando porque, se não o fizesse, uma imagem de mulher emergiria das sombras, fazendo a irrealidade parecer real. Uma imagem que se recusara a enfrentar até... o momento em que a vira saltar do trem para as sombras claras e reluzentes que varriam a plataforma da estação, em Reno. Apenas uma ilusão, ou pouco mais do que isso?

Absorto em seus pensamentos, apanhou um charuto e o acendeu lentamente. Depois, aspirando com prazer a fragrância do tabaco, tirou uma longa baforada.

No vagão contíguo, Talita apalpou o bigode que colocara sobre o lábio superior e depois fixou a máscara preta sobre os olhos. "Ótimo", disse a si mesma, mirando-se no espelho. Depois pensou se o agente da Pinkerton estaria de guarda à porta do carro de bagagens. Nesse caso, Dick Kingsman estaria em seu interior. Pobre rapaz! Tinha de achar um modo de compensá-lo pelo vexame que iria passar.

Apanhou a pistola e o rolo de algodão de enchimento, e encaminhou-se para a porta antes que seus nervos cedessem. Permitiu-se um último pensamento em Madison Brecker, imaginando-o como o objeto de seu ódio. Deliberadamente, deixou de lado o verdadeiro Madison Brecker, o homem cujos lábios tinham-se colado aos dela, em certa noite escura e chuvosa.

Ao abrir a porta, foi colhida por uma lufada de ar frio. Sem fazer caso desse desconforto, pulou para o outro vagão e, como das outras vezes, pôs-se a subir agilmente pelas garras de ferro laterais. Quando alcançou o topo, semicerrou os olhos. O vento soprava com força, carregado de fuligem e de cinzas.

Cuidadosa, silenciosamente, começou a rastejar. Ao alcançar a pequena chaminé, obstruiu com tufo de algodão o cano de escapamento. A seguir, arrastou-se até a borda do vagão e esperou, lutando contra a sensação de mal-

estar que a invadira desde que percebera que o agente da Pinkerton era a única proteção do valioso carregamento.

No interior do carro, Brecker apagou o charuto. O local estava cheio de fumaça. Notou-o distraidamente, mais preocupado em controlar a impaciência do que a fumaça. Quando o patife iria dar o primeiro passo? Uma idéia maluca ocorreu-lhe de repente: e se o homem não aparecesse? Tantos planos perdidos... Com os diabos, se não fosse respirar um pouco de ar puro explodiria!

— Vou ser se está tudo bem com Kingsman — anunciou, enquanto atravessava o carro.

Truxtun assentiu, antes de um ataque de tosse. Depois, apoiou-se contra a parede e esperou. Alguns segundos se passaram. Tossiu de novo, e sentiu um amargor na garganta. Virou-se para a estufa. O engenho estava subitamente expelindo uma névoa branca de fumaça. Que diabo havia acontecido? Não podia nem respirar...

Quando a fumaça acre começou a doer-lhe nos pulmões, levantou-se e fez correr a porta lateral apenas o suficiente para que a ventilação melhorasse. No mesmo instante, recebeu no rosto o impacto de um pé calçando uma bota. Surpreendido, tropeçou e caiu de costas. Chegou a puxar o revólver, mas seu agressor já lhe apontava uma arma.

— Não faça nenhum movimento, se quer continuar vivo — disse Talita disfarçando a voz.

Mas, ao ver que era Truxtun que jazia a seus pés, a apreensão dela cresceu. Por que não ficara vigiando a porta? E onde estava Dick Kingsman? Lançou um rápido olhar em torno. Não viu ninguém e fez um gesto ao agente para que se levantasse.

— O dinheiro — disse, olhando automaticamente para o cofre. — Antes, apanhe o revólver e jogue-o pela abertura da porta.

O agente levantou-se vagarosamente, mas, com um ar tão confiante, que a desconcertou. Engoliu em seco, sentindo as mãos suadas dentro das luvas, e desejou estar a mil milhas de distância dali. Mas não havia qualquer alternativa senão dominar-se.

— Vamos, mova-se! — ordenou bruscamente.

Lentamente, como se estivesse se despedindo de um amigo, o agente arremessou a arma pela estreita abertura.

— Abra o cofre.

— O dinheiro está lá — disse Oliver Truxtun com uma nota de satisfação na voz, enquanto apontava para algo atrás dela.

Talita lançou um rápido olhar por cima do ombro. Junto ao painel da parede lateral havia uma grande caixa de madeira. Estremeceu. Que podia ser aquilo?

— Abra-a — ordenou, enquanto encolhia-se toda na parede, perto da porta dos fundos, pela qual escapara na vez anterior.

O agente deu dois passos para a frente e abriu a tampa da caixa. Lutando contra um forte acesso de tosse, ela observou o homem desamarrar um dos três sacos que estavam em seu interior. Um som tilintante encheu o vagão, quando ele enfiou a mão num deles.

— O dinheiro é todo seu... se puder carregá-lo — ouviu-o dizer, sorrindo, enquanto fazia escorrer um punhado de moedas de ouro por entre os dedos.

Os pensamentos passaram em disparada pela mente de Talita. Não era tão inteligente quanto se julgava. Caíra direitinho na armadilha que lhe haviam preparado! Agora não podia recuar nem se quisesse. E não podia também perder a luta!

"Calma", disse a si mesma, enquanto recuava para a porta dos fundos.

— Não perca tempo. Essa porta está trancada pelo lado de fora — disse-lhe Truxtun com um leve sorriso no rosto.

Ela sentiu um aperto no estômago e encostou-se à parede para não cair. Que fazer? Sair pela porta lateral exigiria muito mais habilidade do que para entrar. A porta dos fundos estava trancada... Só lhe restava uma opção: a porta da frente.

Sacudiu a cabeça e sua mente voltou a clarear. Estaria Dick Kingsman de guarda? Talvez, mas era um risco que tinha de correr. A sensação de náusea começou a dar lugar a uma fria determinação. Rapidamente, atravessou o vagão e abriu a porta com o Colt ainda apontado para o detetive. O monótono ruído das rodas chegou a seus ouvidos. Pôs a cabeça para fora. Não havia ninguém na pequena plataforma.

Deu um passo para a frente e mais outro. A liberdade estava a apenas um passo dela. Estava para dá-lo, quando sentiu nas costas a pressão de um revólver.

— Bem-vindo a bordo do Sierra Virgínia — disse-lhe uma voz profunda, ameaçadora. Uma voz familiar demais!

CAPÍTULO X

Talita sentiu-se gelar. Era um artilheiro como em Chinatown. Um homem pela frente e outro pelas costas.

— Mova-se! — ordenou-lhe Brecker, aumentando ainda mais a pressão.

Ela avançou cambaleando, pensando que, nesse instante, o rosto dele devia mostrar ódio, a vontade voluptuosa de matar, e sua mão estaria apertando, como uma cascavel, o cabo do revólver. Iria matá-la? O que sentiria, se levasse um tiro? Seria uma dor realmente insuportável? Engraçado, nunca pensara nisso antes...

Mas o que estava ele fazendo naquele trem? "Preparando uma armadilha para você, sua idiota!" Sentiu um assomo de amargura. Não tinha o direito de se revoltar. Conhecia as regras do jogo. Agora, nada mais importava.

— Ponha a arma no chão e vire-se! — tornou ele a dizer. — Já!

Estava a ponto de cumprir suas ordens, quando, bruscamente, sem que nada fizesse supor que algo acontecera, os freios do trem foram acionados. Houve um estridor e os vagões ameaçaram sair dos trilhos. A composição deslizou cerca de um metro e depois parou com um solavanco.

Num dos carros de passageiros, Dancey, que estava sentado numa poltrona vaga, praguejou baixinho. Que havia acontecido dessa vez? Ouviu gritos de surpresa e de dor, enquanto os passageiros eram arremessados uns contra os outros, e as bagagens de mão caíam das redes, indo esparramar-se no corredor central com estrondo.

Levantou-se de um salto, ainda a tempo de ouvir alguém gritar lá fora:

— Matarão sobre os trilhos!

Do fundo do carro, o grito de Dick Kingsman fez-lhe eco:

— O trem foi assaltado!

A expressão de perplexidade que surgira no rosto do xerife Luckett foi prontamente substituída por um ar oficial.

— Vamos, Ugly — disse ele, batendo no lombo do animal que dormitava a seus pés. — Não temos tempo a perder.

O caos reinava também no carro de bagagens. No instante do pandemônio, quando o trem havia parado com um solavanco, todos foram arremessados violentamente para o chão.

Talita sentiu uma dor tão aguda no quadril, que a arma caiu-lhe da mão e

deslizou pelo assoalho, desaparecendo no meio da nuvem de fumaça que parecia infiltrar-se por todas as frestas do vagão. Pôde ouvir Truxtun tossir. Num ato reflexo, rolou para um lado, pensando que o destino intervieria novamente em seu favor. Teria de aproveitar a chance. Não teria outra para safar-se da confusão em que se metera.

Com isso em mente, pôs-se a rastejar na direção da porta. A mão de Brecker, vindo do nada, prendeu-lhe uma das pernas. Talita deu-lhe um chute com a outra e continuou a arrastar-se. Dessa vez, um laço forte como aço envolveu-a pela cintura e a fez virar-se de costas.

Através das frestas da máscara, viu seus claros olhos azuis fixos nela, como se estivessem gozando uma espécie de irônica vitória.

— Não — sussurrou, procurando desvencilhar-se. Mas era algo superior a suas forças.

Sentiu que ele a agarrava pelos ombros e que seus braços e pernas retesavam-se em torno dela. Sentiu a pressão de sua poderosa masculinidade. Mas, quando ele ergueu a mão para arrancar a máscara que lhe escondia os olhos, virou o rosto e pôs-se a arranhá-lo e dar murros em seu peito com as mãos e os punhos.

"Não! Não me toque!", pensou apavorada.

Brecker não podia descobrir sua identidade. Seria o fim! Com um último esforço, conseguiu erguer o joelho e atingi-lo na virilha. Ele apertou os dentes e dobrou-se sobre si mesmo, proferindo palavrões. Fugiu-lhe com o corpo e ergueu-se. Depois, cambaleando e escorregando alternadamente, dirigiu-se para a porta.

Quando a agonia passou, Brecker bateu o chão, à procura de seu revólver. Sentiu o contato frio do aço de uma arma. Agarrou-a com as duas mãos e ergueu-se sobre os joelhos, apontando-a para as costas do homem que fugia. Já com o doce gosto da vitória nos lábios; atirou. Não houve nada, além do dique do gatilho. A arma estava descarregada!

— Com os diabos! — gritou, jogando-a para um lado. Como um louco, pôs-se a procurar a Remington4 no meio da névoa que envolvia o local. Não podia permitir que o canalha escapasse! Conseguiu achá-la e virar-se com ela em punho, no exato momento em que o patife alcançava a saída. Disparou e depois abriu os dedos, deixando-a cair.

Talita tombou sobre a porta, a boca apertada numa dor indizível, a mão comprimindo o lado esquerdo. Ficou assim por um instante que lhe pareceu uma eternidade. Depois, a dor e a surpresa foram sobrepujadas pelo instintivo

reconhecimento de que tinha de escapar.

Podia ouvir os gritos dos passageiros, nítidos através do ar gelado. A qualquer momento, alguém poderia irromper pela porta do outro vagão e apanhá-la!

— Você o atingiu!

A voz de Truxtun chegou-lhe aos ouvidos, seguida de um acesso de tosse. Num impulso de desespero, saltou para fora do vagão e pôs-se a correr ao longo do trem parado até alcançar o carro particular. Galgou os degraus de um pulo e, uma vez em seu interior, apoiou-se contra a porta. O suor escorria-lhe pelo rosto. Tinha a impressão de que lhe haviam enfiado um ferro em brasa no flanco. Respirou fundo. A dor cedeu, permanecendo apenas uma incômoda ardência.

— O homem não pode ter ido longe. Levou um tiro! — ouviu o detetive dizer.

— Procurem debaixo do trem. E no interior de cada vagão! — gritou Brecker, arquejante, como se estivesse ainda sentindo dores.

— Sim, senhor — disse alguém, que Talita julgou ser Dick Kingsman.

— Deve haver manchas de sangue por aí. O patife está ferido.

— Não acha que a rocha nos trilhos foi um acidente?

Pode ter rolado da encosta... A voz forte e possante de Dancey Harlan ecoou no ar parado.

— Impossível!

— Não foi um acidente — confirmou outra voz, acima do latido de um cão.

— A rocha foi jogada lá para facilitar a fuga do bandido — disse Brecker.
— Como de fato aconteceu.

Quando ele falou de novo, sua voz parecia mais distante, como se ele estivesse se afastando do carro privado.

— Tratem de desobstruir o cano daquela chaminé. O ar dentro do vagão está irrespirável.

Talita relaxou os músculos e obrigou-se a entrar em ação. Precisava livrar-se do disfarce sem demora. Tinha de encontrar forças para isso. De algum modo! Alguém poderia bater a sua porta de um instante para o outro. Tinha de estar preparada para responder!

Freneticamente, arrancou a peruca, o bigode e a máscara. Quase gritou, ao tirar o paletó. A dor subia-lhe pelo braço esquerdo, insuportável, enquanto uma

mancha vermelha alargava-se sobre a camisa. Sentiu uma ligeira vertigem e, por um momento, reviu a cena trágica: a mãe morta numa poça de sangue.

Sacudiu a cabeça para libertar-se da névoa que lhe obscurecia o cérebro e, cuidadosamente, puxou a camisa para fora das calças. O movimento provocou um novo jorro de sangue, que tentou controlar com a ponta da camisa. Depois, sufocando os gemidos, puxou-a para cima e livrou-se rapidamente da faixa que lhe disfarçava os seios.

Ainda com a camisa na mão, foi até o espelho e examinou-se de frente e de lado. A bala entrara pelas costas e saíra pelo flanco esquerdo, logo abaixo da última costela, abrindo um orifício de bordas irregulares, que latejava terrivelmente.

Sentiu a náusea subir-lhe pela boca do estômago, uma náusea causada tanto pela dor aguda e lancinante, quanto pela vista da feia incisão, por onde o sangue em filete escorria-lhe até a cintura.

"Oh, Senhor! Que vou fazer agora?" Com passos trôpegos, caminhou até o lavatório. A água fria transmitiu-lhe uma sensação repousante, permitindo que o pulsar acelerado de seu coração fosse pouco a pouco voltando ao normal.

Cinco minutos depois, ouviu uma discreta batida na porta. Abriu-a e deparou com os olhos de seu inimigo. Como sempre, pareciam frios, distantes, quase inacessíveis.

— Pois não, Sr. Brecker.

Ele quisera vir pessoalmente, para saber se ela vira ou ouvira alguma coisa que lhe desse uma idéia do que acontecera com o ladrão, pensou. Em vez disso, ouviu-o dizendo, em voz branda, como se fala a uma criança:

— Está se sentindo bem?

Talita o olhou por alguns instantes, sufocando o medo. Havia tamponado o ferimento com tufo de algodão. Mas temia que houvesse um vazamento.

— Estou, muito obrigada — disse, por fim, com sua voz calma de sempre. — Em que posso ajudá-lo?

— O sujeito escapou — disse Brecker, presumindo que, como todos, ela soubesse da frustrada tentativa de furto. — Minha esperança é que tenha visto ou ouvido alguma coisa fora do comum. Ouviu, Srta. Lee?

Talita hesitou.

— Ouvi um tiro.

— Oh, sim. Atirei no patife e o atingi. Não sei se mortalmente. Mas talvez

eu tenha sorte e ele sangue até morrer.

Ela controlou a voz.

— Parece que todos nós tivemos um pouco de sorte. Ele fitou-a e só então notou que ela estava um pouco pálida.

— Tem certeza de que está bem? Talita sorriu levemente.

— Essa confusão causou-me uma terrível dor de cabeça.

— Se precisar de alguma coisa, chame o chefe. Ele fará tudo o que estiver a seu alcance.

— Obrigada.

— Se não houver outro contratempo, logo estaremos em Virgínia City.

Ele ficou ainda um momento parado. Por que, Talita não sabia. Talvez, como ela, estivesse recordando outro momento que não era bom lembrar. Ele a confortara então. E era de conforto que ela precisava agora. Desesperadamente. Mesmo vindo do homem que quase a matara. Súbito, a dor começou a repercutir-lhe nas têmporas, dilacerando-a como uma faca. Assustou-se. Iria sangrar até morrer, como ele dissera?

— Sr. Brecker?...

Ele voltou-se. Era Dick Kingsman.

— Desculpe, senhor. Mas Charlie quer saber se podemos continuar a viagem.

— Naturalmente!

Brecker fez um aceno de cabeça para Talita. Depois foi atrás do cabineiro.

Ela o observou desaparecer na plataforma, sentindo-se estranhamente sozinha. Quando fechou a porta de seu compartimento, viu que todo o lado esquerdo de seu vestido estava ensopado de sangue.

A chegada do trem foi festivamente saudada pela banda dos mineiros. Mas os músicos produziam sons desconcertantes, assim que as notícias da tentativa de roubo começaram a circular por entre a multidão que lotava a plataforma. Quando o governador desembarcou, todos precipitaram-se para ele, querendo ouvir sua impressão a respeito do que acabara de acontecer.

— Foi uma infâmia! — comentou ele, afagando a longa barba grisalha que lhe descia até o peito.

Atrás dele, Talita sorria, enquanto abria caminho por entre o círculo de admiradores que se comprimiam a seu redor. Mas, na verdade, sentia-se invadida

por um entorpecimento estranho. Seu corpo estava úmido e pegajoso sob o casaco de veludo. Teria, porém, de esperar mais alguns minutos para tomar um bom banho quente. Um banho demorado, que a ajudasse a recuperar a calma e as forças necessárias para enfrentar o pesadelo que aquele baile iria representar.

— Talita! — chamou Ellie, acenando com a mão, quando a viu.

Ela fixou no rosto um sorriso radiante.

— Alô — respondeu, evitando como podia o abraço de sua amiga para não gritar de dor.

— Não é inacreditável?! O trem foi roubado outra vez!

— Foi apenas uma tentativa de assalto, querida.

— Que ousadia! O sujeito não se importou nem com o governador. E muito menos com o agente da Pinkerton, o xerife e Breck. Deve ser um louco varrido!

— Talvez ignorasse que todos eles estivessem no trem. Ellie parecia inclinada a falar pelas duas e isso convinha a Talita, que queria conservar toda a sua energia. Nunca, como nesse dia, o hotel pareceu-lhe tão distante. Mas, também, nunca fizera o percurso que o separava da estação em tais condições. Apesar do frio ar invernal, sua testa estava banhada de suor. Ah, se pudesse descansar... Talvez o sangramento parasse.

Finalmente, após alguns minutos que lhe pareceram uma eternidade, as portas de cristal do hotel abriram-se diante dela.

— Até que enfim! — suspirou.

Na recepção, após assinar o livro de registro, o empregado anunciou com um sorriso:

— O seu apartamento já está pronto, Srta. Lee. Boa estada!

— Muito obrigada!

Ellie tomou a amiga pelo braço.

— Que bom que tenha vindo para o baile!

Mas, ao sentir-lhe a respiração ofegante, o entusiasmo dela arrefeceu.

— Que foi, querida?

— Acho que me machuquei. Quando o trem parou bruscamente, fui jogada ao chão.

— Vou chamar o Dr. Dauson...

— Não é necessário. Foi apenas uma contusão.

— Você está pálida...

— É o cansaço da viagem... — Talita procurou sorrir. — Foi excitante demais!

— E o baile desta noite? Acha que poderá comparecer?

— Por que não? Depois de um bom banho e de algumas horas de sono, vou me sentir outra. Você não se importa que eu passe a tarde descansando, não é?

A resposta de Ellie demorou um instante.

— Claro que não. Mas, se não estiver bem até a noite, chamarei o Dr. Dauson. Combinado?

— Combinado. Mas eu estarei bem. Você vai ver. Cinco minutos depois, Talita mandava chamar a camareira:

— Pode me fazer um favor?

— Pois não, senhora. Tudo o que estiver ao meu alcance.

— Preciso de algodão de enchimento. De tantos rolos quanto puder encontrar.

Depois que a moça saiu, ela deixou-se cair na beirada da cama. A despeito de sua coragem, as lágrimas afloraram-lhe aos olhos. Sabia agora como era ser atingida por uma bala. Doía demais!

Naquela noite, ao entrar no enorme vestíbulo esplendente de luzes, Talita parecia de fato uma princesa da cabeça aos pés, num deslumbrante traje parisiense. Quando ela parou às portas do salão de baile, todos os sons de conversa se extinguiram e todos, homens e mulheres, voltaram-se para ela. Nenhum dos presentes ignorou sua entrada triunfal.

Nem mesmo Brecker, ainda que ele tornasse a se censurar por estar presente numa festa a que não desejava comparecer. Mas logo desculpou-se consigo mesmo, dizendo-se que fora obrigado a isso. Como homem de negócios, era importante que se fizesse ver ao lado do governador. Embora procurasse ignorá-lo, sabia que ninguém em Virgínia City gostava dele. Toleravam-no, sem dúvida, porém não o aceitavam. Não seriam capazes de levantar um dedo para ajudá-lo. Mas estava determinado a reverter essa situação. Se fizera negócios com eles, respeitando as regras, queria tornar-se um deles!

Convenientemente, pôs de lado a idéia de ter vindo ao baile simplesmente para ver Talita. E, para provar a si mesmo que não era verdade, deu meia-volta e encaminhou-se para o bar, onde pediu um uísque puro. Então, com o copo na mão, correu com os olhos o salão lotado.

Segundos depois, no entanto, voltava a fixá-los na atriz. Ela estava linda, banhada na luz fulgurante dos candelabros. O traje cor de rubi envolvia numa aura de sensualidade o corpo escultural. Os olhos escuros cintilavam e os cabelos negros e brilhantes, com pequenos cachos soltos sobre a nuca, formavam uma moldura perfeita para o rosto em forma de coração.

Sorveu um gole de sua bebida, deixando que seus olhos baixassem até aqueles ombros nus e o decote generoso. Lembrou-se de coisas que não queria se lembrar: a maciez dos seios dela contra seu peito e os doces gemidos que lhe escaparam dos lábios, tornando aquele beijo especial...

Deliberadamente e com grande esforço, desviou os olhos dela e obrigou-se a pensar no homem que tentara roubar o Sierra Virgínia. Curiosamente, o termo "macio" veio-lhe à mente. Por que, não sabia. Assim como não sabia o que era aquela nódoa castanho-amarelada na camisa que usara nessa tarde. Mas havia outras coisas que o intrigavam: por que o bandido dispusera-se ao assalto com um revólver descarregado? E por que seus olhos castanho-dourados, que vislumbrara pelas fendas da máscara, o haviam impressionado tanto?

Ia levar o copo aos lábios, quando viu outro par de olhos castanhos fixos nele. Como sempre, pareceram-lhe assombrosamente familiares. Mas, agora, compreendia o motivo: lembravam-lhe os olhos da filha de Su-Ling. O que não compreendia era por que relutava em romper esse contacto visual, que o deixava perturbado. Talvez porque tivera a nítida sensação de encontrar nela a mesma indefinível ansiedade que ele próprio estava experimentando.

Durou só alguns segundos. De repente, como se um muro invisível se erguesse entre os dois, já não conseguia mais decifrar a expressão dela.

A orquestra que viera de Sacramento começou a tocar. Talita voltou-se para o governador, procurando não pensar na dor que lhe dilacerava as entranhas como um lobo faminto. Até aquele momento, conseguira suportá-la. Mas sua resistência se esgotava...

Ouvia o governador falar como através de uma névoa. Não podia compreender o que ele dizia, mas conseguiu sorrir no momento certo, assentir no momento certo. Só esperava não desmaiar a seus pés, nem que o ferimento recomeçasse a sangrar. O sangramento havia sido profuso, mas depois melhorara, transformando-se num controlável filete de sangue. Talvez porque ficara deitada durante toda a tarde.

Se pudesse ao menos sentar-se e refazer as forças... Então, esperaria o momento oportuno para dar a noite por encerrada. Seu destino, depois disso, era San Francisco. Embarcaria no dia seguinte, pela manhã. Uma vez na cidade,

procuraria a ajuda de um profissional competente e discreto...

— Gostaria que me desse o prazer desta dança, Srta. Lee. Talita olhou para o rosto rubro sob a barba grisalha.

— Obrigada, mas...

Uma salva de palmas cortou-lhe a palavra. Obviamente, os convidados estavam ansiosos para que o governador desse início às danças. Em vista disso, só lhe restava uma coisa a fazer: aceitar o braço que ele lhe oferecia. Respirou fundo e sorriu. Então, deixou que ele a levasse até o meio do salão.

Rodopiava arfando incontrolavelmente. A mão que lhe pressionava as costas renovava seu sofrimento.

"Preciso conservar a lucidez", pensou, enquanto gotículas de suor cobriam-lhe a testa.

— Bela festa! — disse o governador, correndo os olhos em torno.

Talita ergueu o rosto para ele.

— Parece muito animada.

— Tenho certeza de que irá até o amanhecer do dia. O governador Bradley inclinou-se e disse-lhe ao ouvido:

— Vou lhe contar um segredo. Detesto bailes. Mas fazem parte da vida de um político.

Ela fez um gesto com a cabeça.

— Compreendo...

— Vai demorar-se em Virgínia City?

— Pretendo partir amanhã para San Francisco.

— Por algum motivo em particular?

— Meu trabalho me espera.

— Sou um admirador seu há muito tempo, Srta. Lee.

— Obrigada, Sr. governador. Sinto-me realmente lisonjeada.

A música parou e eles ficaram no centro do salão.

— Quero expressar-lhe o meu agradecimento, senhorita.

— O prazer foi todo meu, Sr. governador.

Talita afastou-se, aliviada. Mal havia dado dois passos, ouviu uma voz às suas costas:

— Srta. Lee?

Ela voltou-se. O rosto do homem elegantemente vestido tinha um jeito vagamente conhecido. Booth. Wilson Booth.

— Peço-lhe a honra desta dança, Srta. Lee.

— Oh... eu...

— Sinto muito, mas não vou permitir que recuse. Talita sentiu um zumbido nos ouvidos.

— Perdão, Sr. Booth, mas...

— Só será perdoada se dançar comigo — disse ele com suavidade. — Não quero perder esta chance. Não terei outra tão cedo.

— Bem...

— Estava ansioso para conhecê-la. Temos muito que conversar — tornou ele, tomando-a nos braços e fazendo-a girar.

Ela dançava com o corpo rígido. A dor havia atingido o seu ponto máximo.

— Assim não, senhorita. Chegue para mais perto de mim e descontraia-se.

Booth puxou-a para si, tão perto quanto as convenções o permitiam, e a fez rodopiar.

— Dança como um anjo, Srta. Lee — sussurrou ele, ao fim de algum tempo.

— Eu? — Havia uma nota de angústia na voz dela.

— Um anjo tentador.

— Queira desculpar-me — disse nesse instante uma profunda voz masculina.

Wilson voltou a atenção para o homem que aparecera inesperadamente ao lado dele. Uma ruga de contrariedade pregueou-lhe a testa. Mas ele não perdeu a postura.

— Sim, Sr. Brecker?!

— A Srta. Lee tinha me prometido a primeira dança. Cedi minha vez ao governador, mas agora não pretendo abrir mão desse privilégio.

Um pequeno tremor no canto da boca de Wilson foi a única indicação de seu descontentamento.

— Falta de sorte a minha! — disse ele, como se a afirmação se referisse principalmente à ferrovia da qual fora dono.

Depois, voltando-se para Talita fez-lhe uma reverência.

— Talvez outro dia tenhamos a oportunidade de nos conhecer melhor.

— Obrigada.

— Srta. Lee...

— Sr. Booth...

Quando o outro se abastou, Brecker ofereceu o braço a seu par.

— Conhece Wilson Booth?

— Ah... sim.

— Ele parece ser um homem de bastante sucesso junto às mulheres.

Ela manteve-se em silêncio e ele olhou-a. Notou o suor que lhe molhava a testa, a extrema palidez, as placas vermelhas nas faces.

— Está se sentindo bem?

Talita fechou os olhos por um momento. Esse homem era seu inimigo. Não podia fraquejar diante dele!

— Sim... Sim, estou.

Ela colocou a mão sobre o ombro dele, como se estivesse pronta para valsar. Na verdade, caiu-lhe nos braços.

— Estou bem... — murmurou, ainda consciente. Então, de repente, o chão faltou-lhe sob os pés. Sentiu-se quase feliz quando as trevas desceram afinal sobre ela.

Num reflexo, Brecker deslizou o braço por suas costas e segurou-a pela cintura, apoiando-a contra seu peito. Sentiu os dedos úmidos. Baixou os olhos. Sangue... Era sangue!

CAPÍTULO XI

De repente, foi como um raio em céu azul. De repente, tudo se encaixou em seu lugar e fez sentido. A mancha escura em sua camisa, que não era mais do que maquiagem teatral, os assaltos praticados apenas quando Talita vinha a Virgínia City, a imitação perfeita da voz de Dancey, coisa que só um ator, ou uma atriz de talento podia fazer, os óculos de aro redondo, ou a máscara, escondendo os olhos amendoados, a luva de número pequeno, a baixa estatura do ladrão, a maciez do corpo que se debatia debaixo dele. E, por fim, a chaminé obstruída com o mesmo

tipo de algodão que, com certeza, ela usava para disfarçar os seios!

Devia ter percebido tudo isso semanas antes, quando assistira à representação de Ellie e vira como era fácil ser enganado por um disfarce inteligente! Mas por quê? Por que ela queria prejudicá-lo?

A questão martelava-lhe o cérebro, enquanto a carregava nos braços, tendo o cuidado de conservar a mancha de sangue oculta dos olhos curiosos dos convidados. Consegua vê-los, observando-o e abafando murmúrios de surpresa, antes de se afastarem para dar-lhe espaço.

Parou sob o vão da porta. Então, de algum lugar, a dona da casa apareceu para mostrar-lhe o caminho. Ellie e Neil Oates vinham logo atrás dela.

— Tenha a bondade de me acompanhar, Sr. Brecker — disse ela em tom formal.

Ele inclinou-se para Dancey Harlan, que se aproximara dele, e murmurou-lhe:

— Venha comigo.

Depois seguiu-a escadaria acima. Parou no alto e lançou um olhar ao mar de rostos erguidos para eles. Viu Oliver Truxtun. Seus olhos de águia eram inequivocamente inter-rogadores.

Quando se voltou, a dona da casa já abria uma porta.

— Pode entrar, Sr. Brecker.

Ele atravessou o quarto e, gentilmente, depositou na cama a mulher que tinha nos braços.

— Encontrará aqui água e toalhas...

— Não se preocupe, deixe que eu me encarrego de tudo. A mulher olhou-o com ar espantado. Depois percebeu o que ele queria dizer.

— Certamente — disse ela, sem dar mostras de ter-se ofendido. — Se precisar de mais alguma coisa é só avisar.

Quando ele fechou mansamente a porta atrás de si, Ellie tomou a mão inerte de sua amiga entre as dela.

— Percebi que ela não estava bem quando fui buscá-la na estação. Tentei convencê-la a procurar o Dr. Dauson. Mas ela não quis me ouvir. Disse que era apenas uma contusão. Será que houve alguma fratura?

— Ela está sangrando — disse-lhe Brecker secamente.

— Sangrando?...

— Sim, Ellie.

Ele debruçou-se sobre Talita e a virou com delicadeza. Depois, com as mãos, rasgou-lhe o corpete do vestido de alto a baixo.

— Veja.

Ellie sufocou um grito, ao ver a atadura que envolvia o busto empapada de sangue.

— Oh, eu não sabia... Como foi isso? Dancey compreendeu imediatamente a situação.

— Ela recebeu um tiro.

— De mim — disse Brecker.

Um estranho silêncio dominou o quarto. Finalmente, Ellie balbuciou:

— Não... Não compreendo...

De repente, porém, o pleno horror daquilo explodiu em seu entendimento.

— Oh, meu Deus! Foi ela que... Mas por quê?

— Jamais o saberemos se não estancarmos já essa hemorragia.

— Vou buscar o Dr. Dauson — disse Ellie, fazendo menção de levantar-se.

— Não! — gritaram Brecker e Neil ao mesmo tempo. Ellie olhou de um para o outro, perplexa.

— Não?...

— Não. A menos que você queira que toda a cidade saiba do que aconteceu — disse Brecker. — Com o resultado de que Truxtun logo estará aqui, reclamando sua presa.

— Nesse caso, que podemos fazer?

— Cuidar dela com os meios de que dispomos. Breck tornou a inclinar-se sobre a cama e pôs-se a cortar a atadura. No mesmo instante, o sangue pôs-se a jorrar dos dois ferimentos.

— Ela está sangrando muito — observou Dancey, lançando, baixinho, um assobio de surpresa.

Brecker confirmou com a cabeça. Depois disse:

— Precisamos de alguma coisa que sirva de atadura.

— O saíote dela — sugeriu Ellie.

— Boa idéia.

Sem mesmo descobrir Talita, apenas puxando-lhe para cima o vestido de seda, ele cortou com sua faca o babado do saiote. Quando ela gemeu, olhou-a. Sentiu-se comovido. Doeria como o diabo. Mas continuou a fazer o que devia ser feito.

— Agüente mais um pouco, querida — disse Ellie, acariciando o rosto da amiga, que não parava de gemer.

Apesar daquelas carícias confortadoras, ela gemeu mais alto, quando lhe lavaram os ferimentos e a enfaixaram. Breck parecia não notar sua reação, mas sua voz era calma e controlada, ao dizer:

— Neil, ajude-me a amarrar esta tira. Temos de conservar a atadura no lugar. Ellie, limpe a mancha da colcha. Não podemos deixar nenhum vestígio de sangue.

Terminando o curativo, ele ajeitou as roupas em torno do corpo de Talita da melhor maneira que pôde. Então ordenou:

— Vá buscar o manto dela, Ellie. E desculpe-a junto à dona da casa. Diga que ela desmaiou de estafa e que vai voltar ao hotel para descansar.

Depois, virando-se para Neil, acrescentou:

— Procure a saída dos fundos. Temos de deixar esta casa sem que ninguém nos veja.

— Certo — disse o mineiro.

— Vá buscar meu cavalo, Dancey.

Ellie estranhou.

— Não vai levá-la para o hotel?

— Não. Vou levá-la para a minha cabana, nas colinas. Lá, ela estará a salvo dos olhares indiscretos do mundo.

Os olhos de ambos se encontraram. Brecker sabia qual era a pergunta que havia nos olhos dela. Era a mesma que ele se fazia: Por que estava protegendo a mulher que queria levá-lo à ruína? Disse a si mesmo que ela era a filha de Su-Ling, devia-lhe consolo e segurança. Era uma boa resposta, mas incompleta. Havia outros motivos. Motivos pessoais, que ele não podia definir exatamente. Ou melhor, havia uma espécie de emoção que sempre evitara no passado.

Havia começado a nevar. Pequenos flocos brancos caíam sem parar, suavizando as ondulações dos campos. Brecker levantou a gola da grossa jaqueta de lã e depois afastou a ponta da pelica para espiar o rosto da mulher aninhada em seus braços. Ela estava quieta, seus raros gemidos se confundiam com o ruído

dos cascos dos cavalos no solo congelado.

— Falta muito? — perguntou Dancey, atrás dele. No último instante, ficara decidido que ele acompanharia os viajantes, a fim de transportar os poucos medicamentos que puderam conseguir sem despertar suspeitas.

Brecker deixou as rédeas descansarem frouxas nos dedos e gritou por cima do ombro:

— Logo chegaremos!

— Não teria sido mais fácil dispensar Oliver Truxtun?

— É tarde demais para afastá-lo do caso. Ele não iria desistir, com ou sem o meu consentimento.

Brecker voltou sua atenção para o caminho coberto de neve. A cabana, aninhada entre duas colinas, ficava a menos de uma hora da cidade. Não costumava levar ninguém para lá, nem mesmo Dancey. Era o seu santuário, o lugar onde se refugiava quando sentia necessidade de ficar sozinho ou de revigorar-se com o silêncio dos campos.

Essa noite estava com pressa. Tinha de alcançá-la com a mulher ainda viva. Seu cavalo, um garanhão negro, pareceu sentir sua impaciência e relinchou. O som e o movimento brusco do animal fizeram Talita voltar à consciência. De repente, ela começou a gemer baixinho.

— Sossegue — disse gentilmente Brecker, afastando a pelica do rosto dela. Apesar da noite sem lua, sabia que seu rosto devia estar mortalmente pálido. Sentia isso, como sentia sua respiração quente contra o peito.

— Dói muito... — queixou-se ela, com um fio de voz. Ele ficou olhando-a em silêncio, sentindo a boca e a garganta completamente secas. Por fim, murmurou:

— Tenha mais um pouco de paciência.

A cabana apareceu de repente, numa curva do caminho estreito. Tinha grossas paredes de pedra e uma varanda que a circundava. Ao lado, havia um pequeno telheiro com um curral anexo.

Brecker fez o cavalo parar junto aos degraus da varanda e forçou-se a esperar que Dancey desmontasse.

— Tenha cuidado — avisou então, passando-lhe para os braços a sua carga.

O chefe de estação olhou para a mulher que gemia e tranquilizou-a:

— Já chegamos, senhorita.

— Leve-a para dentro — ordenou-lhe Brecker, enquanto agarrava as

rédeas dos dois cavalos. — Há lenha na lareira. É só acender.

Ele precisou apenas de alguns minutos para cuidar dos animais. Depois voltou correndo para a cabana.

— Como está ela? — perguntou, tirando a grossa jaqueta, o chapéu e as luvas.

— Está sangrando muito.

Enquanto Dancey acendia um dos lampiões a querosene, sentou-se ao lado da cama e afastou a pelica. A parte lateral do vestido de Talita estava novamente empapada de sangue.

— Que inferno — murmurou, examinando os ferimentos. — Vai sangrar até morrer!

— Não temos outra alternativa senão cauterizar os ferimentos — disse Dancey. O que ele não disse foi que podia ser tarde demais.

Brecker soubera que ela não escaparia disso, desde o instante em que vira os ferimentos pela primeira vez. A idéia de aplicar um ferro em brasa sobre aquela pele macia e delicada repugnava-o. Mas agora tinha consciência de que o momento havia chegado.

"Por que você me obrigou a atirar?", pensou, ressentido.

— Ajude-me com isso — resmungou, começando a puxar-lhe o vestido para baixo.

Talita virou a cabeça e gemeu.

— Calma, calma... — murmurou Dancey, cobrindo-lhe com a pelica o corpo nu.

Enquanto sua voz se fazia ouvir mansa e confortadora, Brecker foi para a cozinha e selecionou algumas facas. Escolheu a maior e depois, agachando-se diante da lareira, estendeu-a por cima das chamas. Manteve-se em silêncio até a lâmina ficar rubra. Só então murmurou entre os dentes:

— Trabalho difícil e sujo...

— Quer que eu faça isso?

— Não, mas terá de segurá-la para mim. — Sabia o que era preciso fazer, e o faria calma e competentemente. — Vou cauterizar antes o ferimento que está em piores condições. Depois repetirei o processo com o outro.

Dancey assentiu e segurou Talita pelos ombros.

— Pronto?

— Pronto.

Brecker não hesitou. Quando apertou a lâmina em brasa sobre o ferimento, o cheiro de carne queimada invadiu suas narinas. Um cheiro fétido que ele lembrava muito bem!

Talita gemeu alto. Uma dor insuportável dilacerava-lhe o corpo, tirando-a do torpor da inconsciência e solicitando-a ao mundo semiconsciente das sensações. Arqueou-se, num esforço para evitá-la, enquanto sons guturais escapavam de sua garganta.

— Não a deixe se mexer! — gritou Brecker, pressionando o corpo dela para baixo com a ajuda da mão livre.

No mesmo instante, Dancey deslizou o joelho por cima dos quadris dela e lançou mão de todas as suas forças para imobilizá-la.

— Fique quietinha, muito quietinha!

. "Por favor", implorou Talita silenciosamente. "Não me machuque... não me machuque..."

Seus gemidos transformaram-se em lamentos, depois em gritos tão desesperados que tocaram fundo o coração de Brecker.

— Vire-a de costas — disse ele, procurando controlar sua emoção.

— Talvez seja melhor esperar....

— Vire-a, Dancey!

De novo, ele apoiou a lâmina sobre o ferimento e de novo ela gritou. Mas, dessa vez, em vez de procurar libertar-se, começou a encolher-se. Ele viu os músculos de suas costas se contraírem, numa convulsão após a outra. Então, bruscamente, as convulsões pararam e ela caiu numa abençoada inconsciência.

Brecker respirou fundo e afastou-se da cama. Depois, com passos lentos, dirigiu-se para a cozinha. Deixou a faca sobre a mesa de cedro, abriu o armário e tirou uma garrafa de uísque. Serviu-se de uma dose e esvaziou o copo de um só gole. Depois, bebeu rapidamente outra e um pouco de calor irradiou-se por seu corpo. Voltou para a sala ainda com a garrafa na mão e deixou-se cair numa cadeira.

Observou Dancey enfaixar rapidamente o tórax de Talita e então erguê-la nos braços e ajeitá-la bem na cama,

— Que acha? — perguntou-lhe.

— A bala não atingiu nenhum órgão vital. Mas ela perdeu muito sangue.

Poderá morrer.

Como o amigo não fizesse nenhum comentário, ele perguntou:

— Você está bem?

— Sim, estou — respondeu Brecker, sabendo que nada estava bem dentro dele.

— Acho. que não há mais nada a fazer senão esperar.

— É, esperar...

Esperar.

Havia inúmeras maneiras de esperar. Foi o que ele descobriu depois, enquanto permanecia sentado em companhia de Dancey, aguardando a reação de Talita. Não houve nenhuma. Nem o mais leve movimento, nem mesmo um gemido. Quando os primeiros clarões do amanhecer tingiram o horizonte, Dancey levantou-se. Era hora de partir antes que a cidade despertasse.

Quando ele saiu, Brecker preparou-se para uma vigília solitária. Instalou-se ao lado da cama e ali permaneceu o dia inteiro. Ocasionalmente, levantava-se para esticar as pernas ou alimentar o fogo. Depois voltava para seu lugar. Se ela ao menos gemesse ou fizesse alguma coisa para indicar que estava viva... A um certo momento, debruçou-se sobre seu corpo imóvel e procurou uma veia em sua garganta. Sentiu sob os dedos um leve pulsar que o tranqüilizou momentaneamente.

Ela precisava viver! Não sabia exatamente por quê. Mas, queria que ela vivesse. Tinha de conseguir isso! Mas como, se o destino parecia ter decretado diferentemente?

O tão esperado suspiro aconteceu pouco depois de meia-noite e penetrou em seu sono leve, despertando-o. Ergueu a cabeça e voltou os olhos semicerrados para a forma feminina que jazia a poucos centímetros dele. Ficou alerta, à espera de um som, de um movimento. O som fez-se ouvir de novo. Leve e queixoso. Mas não provinha da mulher adormecida. Virou-se para a janela. O vento. Era apenas o vento!

Engolindo o gosto amargo do desapontamento, levantou-se e dirigiu-se para a janela. A nevasca jogava contra a vidraça seus flocos brancos e triangulares. O vento chorava e gemia, abafando seus queixumes contra a terra. Os pinheiros negros, amontoados no primeiro plano, isolavam-se, delineados por um clarão fosco.

Encostou o rosto na vidraça. Alguma coisa parecia queimá-lo por dentro.

Sentia a necessidade de esclarecer seus pensamentos, antes de recomeçar a longa vigília. Mas estava sem forças, vazio de tudo... Passou a mão pelo rosto e soltou um profundo suspiro.

Um outro, leve e frágil, levou-o a endireitar-se. Virou-se e esperou. Dessa vez não houve engano. O suspiro fez-se ouvir novamente e com ele um leve farfalhar de cobertas. Precipitou-se para frente. Talita estava com os olhos abertos, mas parecia nada ver. Era como se ela estivesse apenas ensaiando uma volta à consciência.

Sentou-se na beirada da cama, mas não soube dizer se ela o reconheceu.

— Talita... — disse.

Houve um fulgor de espanto nos olhos dela.

— Eu vou... Vou morrer?

— Não! — gritou ele com ardor.

Depois procurou-lhe a mão e tomou-a entre as suas. Estava fria... sem vida.

— Você não vai morrer! Está me ouvindo? Não vai morrer!

Não teve idéia de quanto tempo ficou sentado, segurando-lhe a mão. A um certo momento, deixou-se cair ao lado dela. Estava mortalmente exausto. Precisava dormir.

Dancey chegou pela manhã, trazendo um pequeno frasco de morfina e alguns rolos de gaze.

— Ótimo — disse Brecker, passando a mão pelo queixo barbudo. — Que desculpa deu ao farmacêutico?

— Disse-lhe que precisávamos ter algo à mão, em caso de acidente.

— Houve algum comentário na cidade?

Dancey serviu-lhe uma caneca de café fervente e deu uma risadinha.

— Parece que a Sra. Oates deu uma outra versão à estafa da Srta. Lee. Ela não desmaiou de cansaço. Está aqui com você. E cada um que tire a conclusão que quiser!

Brecker sorriu levemente.

— Bem lembrado! Isso dará algum tempo a Talita. E manterá Oliver Truxtun afastado do caso.

— Como está ela?

— Voltou à consciência, mas está quente demais. Dancey abanou a cabeça.

— Dificilmente ela sobreviverá a uma crise de febre, no estado em que se encontra.

Instantes depois, quando ele partiu, Brecker voltou a ocupar-se com a hóspede adormecida, ajeitando-lhe a cabeça morena no travesseiro, puxando cuidadosamente as cobertas sobre o corpo ferido e deixando-se ficar um momento a contemplá-la.

Quando ela despertou, fez com que tomasse um pouco de morfina diluída em água. Apesar do poder calmante da droga, ela mergulhou num sono inquieto, entrecortado de gemidos e de frases sem nexos.

— Não machuque mamãe...

— Talita? — chamou ele, começando a preocupar-se.

Tocou-lhe o rosto. Ela estava ardendo em febre. Que podia fazer? A resposta veio-lhe instantânea à mente. Levantou-se de um salto e foi apanhar um balde. Fora, a neve caía sem parar, empilhando-se em montes ao longo da varanda. Encheu o balde e voltou para junto de sua paciente, pondo-se a esfregar-lhe o corpo com punhados de neve.

Talita tremia sem parar. E houve um momento em que ela se pôs a lutar contra aquelas mãos estranhas que se estendiam na direção de sua intimidade.

— Quietinha — disse ele, segurando-a pelos pulsos até que ela se acalmasse.

Mas a batalha ainda não terminara. Em seu desenrolar, perdeu toda a noção de tempo. Sabia apenas que tornara a amanhecer e que parara de nevar. "Ela vai morrer!" Essa compreensão chegou de repente, com a força de um pesadelo. Um suor de medo inundou-lhe a testa, enquanto fitava o rosto mortalmente pálido de Talita.

— Você não vai morrer! Não vou lhe dar a chance de escapular!

Respirou lentamente, fazendo um esforço para acalmar-se.

— Vamos, chinesa! Lute! — disse, enquanto recomeçava a banhá-la. — Você não vai morrer, ouviu? Vai lutar... lutar!

Cuidou dela ao longo do dia, com raiva e fervor. A um certo ponto, quando o sol se punha, apoiou a cabeça na beirada da cama. "Apenas por um minuto", pensou, sentindo que as pálpebras iam fechar-se.

A neve derreteu no balde, o fogo morreu na lareira. A cabana mergulhou em profundo silêncio. A primeira coisa de que teve consciência ao despertar foi que o conteúdo do balde derramara-se sobre a cama. A segunda, de que Talita

respirava suavemente. Tocou-a. Ela estava fresca. A febre cedera.

Inspirou profundamente, controlando a euforia que começava a invadi-lo e pôs-se a banhá-la de novo, dessa vez para lavar o suor de seu corpo. Em seguida, mudou os lençóis e aconchegou-a sob um cobertor seco: Só então encaminhou-se para a porta.

A noite era fria e clara. Olhou para o alto. O céu de Nevada formigava de estrelas. Era lá, segundo Su-Ling, longe das paixões da terra, que se escondia a sorte. Estaria a sobrevivência de Talita escrita entre aquelas estrelas fulgurantes? E se não estivesse, seria possível, por meio de um desejo veemente, inscrevê-la?

Não sabia a resposta. Mas uma sensação de calor corria ; por suas veias, diante da mansa expectativa de que algo inevitável iria acontecer.

CAPÍTULO XII

Para Talita, os dias que vieram depois do acidente foram uma sucessão de altos e baixos, uma gangorra de emoções diversas: dor aguda, calor insuportável e um frio que a enregelava até os ossos, engolfando-a num desconforto como nunca experimentara antes.

Aos poucos, porém, foi mergulhando num torpor doce, uma paz profunda rompida apenas quando alguém lhe introduzia algum alimento por entre os lábios secos, ou pelo contato de mãos gentis e de um corpo vigoroso que, ocasionalmente, deitava-se a seu lado. Queria abrir os olhos, mas não podia: exigiria um grande esforço.

Abriu-os uma semana após sua chegada. Vagarosamente. Através das grades dos pés da cama, redescobriu as cores da toalha axadrezada da mesa, a forma bojuda do lampião a querosene, o tosco banco de madeira. Estava numa pequena cabana que cheirava a cedro e a algo que não conseguia identificar.

Virou cuidadosamente a cabeça para a direita e avistou as chamas dançantes da lareira, sobre as quais pendia um caldeirão de ferro. O cheiro bom de comida foi se apossando dela. Descobriu que estava faminta. Passou a mão pelo estômago e sentiu o contato áspero das ataduras. Por que estava enfaixada? Que acontecera?

As lembranças começaram a aflorar de repente, confusas e dolorosas. O tiro, o desmaio nos braços de Brecker, uma viagem noturna que parecia não ter mais fim... Respirou profundamente e sentiu uma dor aguda sob as costelas.

Estaria muito ferida?

Indefesa e desamparada, virou-se para o outro lado e viu o homem de pé junto à janela, a luz do dia envolvendo-o em seu brilho. O homem infeliz, insatisfeito, o homem de rosto desiludido e olhos claros, com reflexos de prata...

"O que dizem esses olhos nesse instante?", perguntou-se, examinando-os com atenção. Observavam-na sem ressentimento, mas com uma ironia mais do que visível. Desafiavam-na.

— Por quê?

A voz dela era baixa, com uma nota de amargura que lhe vinha do íntimo. Um nó formou-se na garganta de Talita, mas ela respondeu com uma ousadia que só o ódio podia sugerir:

— Porque você matou minha mãe!

Havia muito que Brecker cessara de surpreender-se com o que quer que fosse. Porém, no estado emocional em que se encontrava, as palavras de Talita apanharam-no desprevenido. Então, ela não o esquecera através dos anos... E essa lembrança devia ter deixado marcas terríveis na menina sensível que ela fora.

O silêncio dele irritou Talita.

— Vai negar? — perguntou ela, com a vaga sensação de que algo lhe escapara por entre os dedos.

Ainda assim, Brecker nada disse. Afastou-se da janela e caminhou para a lareira, e pôs-se a remexer no caldeirão. Um rico aroma de verduras invadiu a pequena sala.

— E então? — tornou ela.

Brecker virou-se e de novo ela entreviu aquela expressão fugidia, que transmitia um sentimento amargo.

— Não, não vou negar.

Ele havia considerado a situação sob todos os aspectos.

Pensara em Jedediah, o homem que encontrara por fim a filha perdida, e em Su-Ling. Guardaria o segredo de ambos até o momento em que pudesse saber mais coisas sobre o que acontecera naquela trágica noite. Além do mais, era óbvio que Talita já tirara suas conclusões a respeito dele. E o condenara. Se lhe contasse a verdade que só ele sabia e ninguém mais, ela certamente não acreditaria. A sua inocência... Talita não a vira nem podia vê-la agora.

Não iria negar a acusação dela. Estava cansado de opiniões formadas sem

reflexão e de presunções intolerantes. Que ela o condenasse, se quisesse! Então, por que isso o magoava tanto? Por que merecer seu ódio lhe parecia uma suprema indignidade?

Talita sentou-se abruptamente na cama. Tudo, até então, havia concorrido para inculpar Madison Brecker. Agora, suas próprias palavras depunham contra ele.

— Então confessa que a matou?

Brecker apanhou uma tigela e encheu-a com a sopa de legumes.

— Você tem o direito de acreditar no que quiser.

— Quero saber a verdade — insistiu ela, em voz baixa, os olhos apertados.

Ele voltou-se e perguntou com uma zombaria estranha, quase assustadora:

— A verdade? Segundo o ponto de vista de quem? Olharam-se por um longo momento. No silêncio que se fez entre ambos, as achas estalaram, o vento assobiou, a neve bateu em rajadas macias na vidraça.

— Vou matá-lo. Na primeira oportunidade que tiver! — disse ela por fim.

Sem deixar de olhá-la, Brecker sentou-se na beirada da cama, mergulhou a colher na sopa e levou-a aos lábios dela.

— Pois faça isso.

Ela o fitou com um olhar selvagem.

— Não acredita que essa possibilidade deva ser levada a sério?

Brecker deu de ombros.

— Talvez.

— Está acordada? — perguntou ele, duas horas depois.

— Sim... — murmurou Talita, pensando que aquela sopa fora melhor do que qualquer soporífero.

Seus olhos haviam começado a se fechar bem no meio da discussão e ela adormecera, de repente, vencida por um sono profundo. Despertara naquele momento, quando duas mãos começaram a passar-lhe toalhas felpudas, ensopadas de álcool, pelo corpo dolorido.

Súbito, seus olhos se arregalaram.

— Que... Que está fazendo?

— Vou fazer os curativos e mudar as ataduras — disse Brecker,

imperturbável.

— Posso fazer isso sozinha! — protestou ela, afastando-lhe as mãos.

Ele olhou-a severamente.

— Vamos deixar as coisas bem claras, chinesa. Conheço cada detalhe de seu corpo. Então esqueça esse pudor vitoriano e deixe-me trabalhar, sim?

Dito isso, ele puxou-lhe a camisa para cima.

— Devia me agradecer por eu ter deixado aqui uma camisa de reserva!

— Quanta consideração! — murmurou Talita, por entre os dentes cerrados.

— Não é mesmo? — disse ele, apenas para encerrar o diálogo.

Depois inclinou-se sobre a cama e pôs-se a examinar o orifício cauterizado, por onde o projétil saía. Não sangrava mais, porém estava ainda vivo, com a pele avermelhada e sensível.

Talita prendeu a respiração, mas teve de admitir que Madison Brecker tinha dedos leves como plumas.

— Está muito ruim? — perguntou depois, abaixando a camisa.

— Ruim, mas não muito. Você vai viver, não tenha medo.

— Não estou com medo... — começou Talita, e sua voz estrangulou-se na garganta.

Brecker levantou os olhos e viu-a olhar para a cicatriz com espanto, reprimindo a vontade de chorar. "Ficou chocada", pensou, sentindo o ímpeto de confortá-la. Mas resistiu à tentação. Não só por uma questão de princípios, mas também porque não saberia como fazê-lo.

— Tem sorte de ainda estar viva — disse-lhe rudemente. — E quanto à cicatriz, vai acabar se acostumando com ela. Sei o que digo.

Talita deslizou os olhos para a cicatriz branca, que lhe deformara o dorso da mão direita, uma cicatriz que havia assombrado seus sonhos de menina. Pensou se havia alguma justiça no fato de que, agora, estavam ambos marcados; e se essas cicatrizes superficiais não esconderiam outros males, emocionais e mais profundos.

Súbito, teve a impressão de que flutuava não em direção da luz, mas de uma escuridão ainda mais completa. Compreendeu, estupefata, que o ódio a transformara num monstro, ao passo que ele... que era ele então? Paralisada, nesse instante, pelo próprio impacto da questão, soltou um profundo suspiro.

Brecker interpretou-o erradamente e disse-lhe, à guisa de consolo:

— Não se preocupe. Com o tempo, a cicatriz se tornará quase invisível.

— Sei disso. E fico-lhe grata por ter salvado a minha vida. Gratidão. A palavra, dita por aquela mulher que quase matara, representava uma patética contradição. Já analisara seu ato, mas nunca com tanta intensidade nem tão cruamente como nesse momento. Sim, a teria matado com certeza, se a arma dela estivesse carregada!

Porém, sem os seus cuidados, ela não teria sobrevivido. Não estaria ali, deitada em sua cama, seminua e absolutamente desejável em sua palidez. Sentiu uma atração repentina e poderosa. Queria acariciá-la, estreitá-la nos braços... Não unicamente desejando-a, mas sentindo-se na posse dela, continuou a olhá-la. Não, era uma fraqueza... Fechou seu coração e ordenou-lhe:

— Vire-se.

— Quê?

— Vire-se! — tornou a dizer-lhe com brusquidão. Talita virou-se de lado com um suspiro. Não lhe sobrava outra alternativa senão obedecer às ordens daquele grosseirão. Sentiu o contato ardente das mãos dele em sua cintura e depois ao longo da espinha, e seu rosto ardeu de vergonha. Enterrou o rosto no travesseiro e a custo resistiu ao impulso de cobrir a cabeça com o lençol.

— Com os diabos, isso está me atrapalhando! — ouviu-o dizer de repente, enquanto lhe suspendia a camisa até a altura dos seios.

Encolheu-se toda com o frio que arrepiava seu corpo, e quis abrigar-se com as mãos. Mas, ao toque macio e cheio de calor dos dedos dele, sentiu as têmporas latejarem, a mente confundir-se com uma mistura de sentimentos e emoções. Imaginou-o iniciando um lento e quase insuportável passeio erótico, tocando com a boca úmida e quente sua pele nua, roçando os lábios sobre os bicos rosados de seus seios... Teve de respirar fundo para reassumir o domínio de si mesma. Quando o conseguiu, sentiu raiva de si mesma por ter-se deixado afundar naquelas sensações vulgares. Era uma fraqueza que chegava a enojá-la! Começou a sentir-se melhor. A raiva a havia ajudado.

Brecker fazia o curativo ciente o tempo todo daquele dorso de mulher suavemente esguio: os quadris com a forma clássica de uma ânfora, a linha graciosa da espinha, a suave redondez das nádegas. Estava ao alcance de suas mãos, falando de promessas cuja intensidade denunciavam rapidamente...

— Feito! — anunciou bruscamente, fazendo-a voltar para a posição inicial.

Seus olhos se encontraram. Os dela estavam semicerrados e neles brilhava, através da estreita abertura das pálpebras, uma luz intensa. Ela quase

não podia respirar, enquanto abotoava a camisa, que oferecia uma visão tentadora dos seios arfantes...

Erguendo-se com ímpeto, ele apanhou um cigarro na mesinha-de-cabeceira e acendeu-o com mãos ligeiramente tremulas. Depois voltou-se.

— Vou tratar dos cavalos.

Talita ouviu os passos que se afastavam e, quando deixou de ouvi-los, deu um suspiro. A cabana parecia estranhamente vazia e silenciosa sem a presença dele. Aconchegou-se confortavelmente entre as cobertas e fechou os olhos, tomada de cansaço.

Despertou com as pancadas secas do machado. Soergueu-se na cama para verificar o estoque de lenha. Junto à lareira havia combustível suficiente para todo um inverno. Então, por que Breck continuava a trabalhar? Surpreendeu-se ainda mais uma hora depois, quando ele entrou na cabana com uma enorme braçada. Mas não disse nada. Nem ele. Apenas trocaram olhares furtivos.

O jantar constituiu-se de outra tigela de sopa, acompanhada de fatias de pão de milho fritas na manteiga, que Brecker preparou sobre o fogo da lareira. Talita guardou silêncio até o momento em que ele se dispôs a servi-la. Então, colocou as pernas para fora da cama e anunciou:

— Posso comer sozinha.

Brecker olhou-a durante algum tempo. Depois, sem palavras, passou a tigela para suas mãos.

— Está muito boa — disse ela, entre duas colheradas. — E bem quente, como eu gosto.

Ele nada disse e ela desistiu de romper seu silêncio. Ao final da refeição, deitou-se de costas e o observou lavar a louça do jantar e depois avivar o fogo. Sem saber por que, ficou pensando se ele iria barbear-se, antes que o dia findasse. Não ia demorar muito. As sombras azuladas do crepúsculo já envolviam a cabana.

— Precisa ficar sozinha? — perguntou ele, de repente.

— Quê? — disse ela, sem compreender.

— Está na hora de dormir. Precisa de alguma privacidade para fazer sua toalete noturna?

— Oh! Sim, obrigada — disse Talita, pensando onde ele iria dormir. Estava fora de cogitação que dormisse a seu lado, agora que ela recobrava a consciência!

Atendeu a suas necessidades tão rapidamente quanto lhe foi possível e

depois voltou a aconchegar-se entre os grossos cobertores de lã. Minutos após, ele entrava na cabana com as mãos enterradas nos bolsos. A neve lhe polvilhara os cabelos e a ponta do nariz. Com a grossa jaqueta úmida, parecia uma pantera, emergindo da sombra da noite para uma escapada perigosa.

Pôs-se a observá-lo da cama, através dos olhos velados. Viu-o abafar o fogo e abaixar o pavo do lampião, e só então começou a despir-se. Involuntariamente, pôs-se a examiná-lo com mais cuidado. Admirou-lhe as longas pernas musculosas, apertadas nas calças jeans e o peito largo e bronzeado, que a camisa desabotoada deixava entrever. Arrepiou-se toda ao imaginar como seria excitante passear os dedos na leve camada de pêlos dourados que desaparecia sob o cinto.

Ao levantar os olhos, porém, deparou com uma expressão levemente zombeteira no rosto dele. Teria percebido o exame demorado de que fora objeto? Enrubesceu, envergonhada pela própria indiscrição, e tornou a baixar as pálpebras.

Brecker percebeu sua confusão e não quis perder a oportunidade de provocá-la.

- Não se esqueça de cavar dois túmulos, antes de consumir sua vingança.
- Para mim, um será suficiente.
- Então, certifique-se de que não seja o seu.
- Fico-lhe grata pelo conselho.

Brecker olhou-a e pôs-se a despir-se sem uma palavra. Talita virou a cabeça, embaraçada. Pouco depois, a sala mergulhava em penumbra. Sentiu as cobertas serem afastadas, enquanto ele resmungava, impaciente:

- Quer chegar mais para lá?

Ela puxou as cobertas até o queixo, tomada de súbito pavor.

- Não me diga que está pretendendo...

— Se você quiser dormir no chão, fique à vontade — cortou Brecker. — Eu prefiro o conforto de uma boa cama.

- Mas...

- Vamos depressa! Antes que eu congele!

Raiva, mesclada a uma emoção que ela não queria admitir, aqueceu o sangue de Talita.

- O senhor não é um cavalheiro!

— Essa é uma das poucas vantagens de um assassino. Ninguém espera que ele se comporte com educação.

— Dane-se! — murmurou ela entre os dentes.

— Doces sonhos, chinesa — replicou ele, com uma calma que a enfureceu ainda mais.

Mas logo compreendeu que não adiantava nada revoltar-se. Ele respirava compassadamente, parecendo ter adormecido no mesmo instante em que afundara a cabeça no travesseiro. Rolou até a beirada da cama e pôs-se a olhar para o fogo que morria. Ficou assim durante um longo tempo. De repente, não soube mais se era feliz ou infeliz, se estava sofrendo ou não. Sabia apenas que estava viva. Viva! O calor de uma emoção incontrolável correu-lhe pelas veias, como fogo numa fornalha. Estava viva e plenamente consciente disso.

Fechou os olhos por um instante, para saborear melhor aquela sensação deliciosa. Depois correu o dedos pelos cabelos emaranhados, à procura dos grampos remanescentes, e pôs-se a retirá-los, um a um.

— Não se mexa tanto! — resmungou Brecker de seu canto.

Ela sobressaltou-se, como se tivesse sido surpreendida no meio de um ato indecoroso.

— Foi sem querer. Julguei que você não acordaria.

Brecker virou-se para ela e ergueu-se, procurando-a com os olhos na penumbra. Viu-a indistintamente. Os cabelos caíam-lhe pelos ombros, negros e brilhantes, emoldurando-lhe o rosto naturalmente belo.

— Durma — disse-lhe, tornando a afundar a cabeça no travesseiro.

— Perde-se tempo demais, dormindo.

— À noite, o tempo fica imóvel. Apenas o relógio se movimenta.

Longo tempo depois, quando o fogo não era mais do que um punhado de cinzas, ela percebeu que o sono não vinha também para ele. Perguntou na escuridão tornando-a mais ousada:

— Por que não me deixou morrer? A resposta demorou para chegar.

— Teria muito trabalho para enterrá-la. Ela fez que não o ouviu.

— Por quê?

O silêncio que se seguiu estava carregado de tensão.

— Não sei, chinesa — disse ele por fim.

Sua voz, inegavelmente perturbada, revelava que ele dizia a verdade.

O tempo passava lentamente. Durante o dia, os dois conviviam num predominante silêncio. À noite, compartilhavam do mesmo leito. Estranhamente, dormir lado a lado começou a parecer algo perfeitamente natural.

Assim, ao despertar das frias manhãs invernais, Talita não tinha mais pressa de se afastar daquele corpo quente, que lhe transmitia calor e segurança. Esperava até que Brecker a afastasse delicadamente de si e se levantasse para preparar a refeição matinal.

O que não compreendia inteiramente era por que, depois de colocar o café, os biscoitos e os ovos diante dela, ele precipitava-se para fora da cabana e punha-se a cortar mais uma árvore, que depois transformava em lenha para o fogo. A pilha estava agora tão alta que daria para vários invernos. Apesar disso, ele continuava a cortar e a serrar, incansavelmente.

— Gosto do ruído do serrote e do cheiro de madeira — dizia, quando ela perguntava-lhe, ocasionalmente, por que parecia ansioso demais em decepar árvores.

Enquanto permanecia deitada a repousar, ouvindo as pancadas monótonas do machado, Talita pensava em como aquela convivência forçada confundia sua mente. Começava a ver Madison Brecker apenas como homem e não como o assassino de sua mãe. Frequentemente, tinha de lembrar-se de que sua missão era matá-lo.

Mas essa intenção tornava-se cada vez menos consciente. Dias inteiros decorriam sem que isso lhe passasse pela mente. Então, subitamente, muito além de qualquer explicação ou lógica, a sombria certeza de que ela tinha de vingar-se pulsava-lhe de novo no sangue.

Num desses dias, observava Brecker descascar batatas com seu facão do mato. Acompanhou seu labor com os olhos por um longo tempo, tomando mentalmente nota de todos os seus movimentos, até os mais insignificantes. Alguma coisa, a cicatriz, a faca, ou sua consciência culpada, lembrou-a de que aquele homem que lhe preparava o jantar era o mesmo que matara Su-Ling.

Sentiu o gosto amargo do ódio, que se diluiu repentinamente, ao recordar que ele lhe salvara a vida, mostrara-se gentil, quando ela estava doente. Esse reconhecimento despertou-lhe emoções contraditórias que, de um certo modo, eram mais amargas do que o ódio.

"Se eu desistisse de tudo", pensou. "Se eu desistisse completamente e esquecesse tudo..."

Não! Matá-lo era muito mais do que um ato pessoal de vingança. Se não o fizesse, se tornaria culpada de um crime gravíssimo! Enterrou as unhas na palma das mãos. Era quase insuportável esperar...

Brecker ergueu os olhos. Aprendera a conhecê-la melhor nos últimos dias e viu o ódio que lhe queimava as pupilas cor de âmbar. Apesar disso, terminou sua tarefa calmamente e depois colocou a faca sobre a mesa. Então, deliberadamente, deu-lhe as costas e jogou as batatas no ensopado de carne.

Talita não fez um só movimento para levar a cabo seu propósito. Após o jantar, ao voltar para a cama, apanhou a faca e girou-a entre os dedos. Depois tornou a colocá-la em seu lugar, prometendo-se que realizaria sua vingança quando estivesse mais forte.

Enfiou-se debaixo das cobertas e, como acontecia sempre que o sono a vencia, aconchegou-se junto daquele vigoroso corpo masculino, extraíndo-lhe a força que um dia se voltaria contra ele. A força que o próprio Brecker parecia desejar de lhe dar.

Dias depois, antes que uma nova manhã irrompesse por completo na cabana, houve uma leve batida na porta trancada. Talita despertou com um sobressalto e puxou imediatamente as cobertas para os seios.

— Quem será?

— Com os diabos... dormimos demais! — resmungou Brecker, saltando da cama e enfiando-se no jeans.

Tornaram a bater e ele gritou:

— Um instante!

Foi abrir a porta sem mesmo vestir a camisa. Era Dancey Harlan. O chefe de trem vinha à cabana a intervalos regulares, trazendo roupas, víveres e remédios. Mas nunca àquela hora tão matinal.

— Vim cedo demais? — perguntou o homem, preocupado.

— Nós é que dormimos demais — tranqüilizou-o Brecker, enquanto o fazia entrar.

Talita estava se ajeitando, quando viu a cabeça loira de Ellie introduzir-se pelo vão da porta.

— Ellie! — gritou,

A amiga correu para ela e sentou-se na beira da cama.

— Oh, querida! Deixe-me olhar para você.

Talita não teve coragem de sustentar-lhe o olhar. Era óbvio para qualquer um que Brecker havia dormido ali, com ela. O outro lado da cama em desordem falava por si... Sentiu o rosto ficar vermelho e murmurou com voz confusa:

- Que bom que você veio.
- Você está ótima! — disse Ellie, com entusiasmo.
- Estou me sentindo melhor.

Talita conseguiu sorrir, enquanto procurava Brecker com os olhos. Ele estava ajoelhado diante da lareira, avivando o fogo. Quando seus olhos se encontraram, ele viu a confusão que os dela traduziam e sorriu imperceptivelmente.

- Muito gentil de sua parte ter vindo aqui — disse, dirigindo-se a Ellie.
- Estava morrendo de vontade de ver Talita.
- Ouvi falar sobre o bebe. Meus cumprimentos. O rosto de Ellie abriu-se num grande sorriso.
- Obrigada.
- Vou resolver alguns negócios na cidade. Pode preparar o almoço para Talita? Há um bom suprimento de comida na cozinha.
- Será um prazer — disse a moça. — Talita e eu temos muito que conversar. Não é mesmo, querida?

Brecker terminou de se vestir. Enquanto se dirigia para a porta, acompanhado de Dancey, disse por cima do ombro:

- Não vamos demorar.

Meia hora depois, banhada e reanimada, Talita entregou-se à agradável tarefa de falar de coisas alegres com a velha amiga. Tagarelaram satisfeitas, recordando os velhos tempos e trocando confidências, sem que nenhuma das duas fizesse qualquer alusão ao roubo de trem.

No entanto, à medida que a tarde avançava e a primeira friagem do crepúsculo penetrava na cabana, Talita começou a ficar nervosa. Por que ele não voltava? Dissera que não ia demorar... Certamente, alguma coisa havia acontecido!

Ellie interrompeu-lhe as reflexões.

- Disse a todos que você e Brecker estão tendo um caso. Talita arqueou as sobrancelhas.
- Não compreendo.

— É muito simples. Tinha de dizer alguma coisa para justificar o desaparecimento de vocês dois.

— Ninguém desconfiou de nada? Ellie deu uma risadinha.

— As pessoas acreditam em casos de amor.

Talita sabia que ela agira acertadamente. Mas a idéia de que os outros pensassem que estava tendo um caso com Brecker deixava-o muito constrangida.

— Há razões para eu acreditar que isso é verdade? — perguntou Ellie, com uma ponta de malícia, diante de seu silêncio.

— Nada disso! Brecker é o último homem com quem eu...

- Talita interrompeu-se, ao ver que os olhos da amiga enchiam-se de lágrimas.

— Que foi?

— Fiquei tão preocupada... Pensei que você fosse morrer!

— Tinha minhas razões para fazer o que fiz — justificou-se Talita. — Prometo que contarei tudo a você no momento oportuno.

"Depois de ter matado Madison Brecker", pensou.

— Não sei quais foram os seus motivos. Sei apenas que Brecker fez de tudo para salvar a sua vida.

— Eu também sei.

Nesse instante, Dancey apareceu à porta da cabana.

— Podemos ir, Sra. Oates? Está ficando tarde.

— Estou pronta, Sr. Harlan — disse Ellie, e depois abraçou a amiga. — Voltarei logo, querida.

Dancey acenou para Talita.

— É uma satisfação saber que a senhorita está bem. 170

— Obrigada.

Ele ia virar-se, quando ela o chamou:

— Sr. Harlan...

— Pois não, senhorita.

— Ainda não o agradei pelo que fez por mim.

— Fiz o que qualquer um, no meu lugar, teria feito.

— De qualquer modo, muito obrigada.

Dancey olhou-a, como se procurasse um meio de dizer o que sentia:

— A respeito de Breck, senhorita... Não sei o que tem contra ele, mas eu posso lhe garantir que ele não é má pessoa. É duro, intransigente, mas tem bom coração.

— Verdade, Sr. Harlan?

— Bem... Sim. Creio que agora posso confessá-lo: ele me salvou a vida.

Talita nada disse e Dancey prosseguiu, com voz tranqüila e educada:

— Quase morri nas mãos de um índio que queria decorar a sua cabana com meu escalpo. Breck resgatou-me e depois me carregou nas costas por mais de cinco milhas. Isso em pleno inverno. Como vê, ele pode ser rude, mas tem um grande coração.

Coração. O dela quase saltou-lhe no peito, minutos depois, quando Brecker entrou na cabana. Como era possível sentir tanta falta de um inimigo? E como era possível sentir tanto prazer apenas com a presença de um homem que até há pouco não passava de um estranho?

Brecker lançou-lhe apenas um olhar, enquanto fechava a porta atrás de si. Depois, tirou a jaqueta e pôs-se a esquentar o jantar que Ellie preparara. Sentaram-se frente a frente à pequena mesa da cozinha que ele colocou diante dela, e consumiram em silêncio uma refeição que foi das mais rápidas. A noite estava caindo e Brecker tinha ainda de desincumbir-se de algumas tarefas.

— O que é isto? — perguntou Talita, ao deparar com um pequeno embrulho sobre o travesseiro murmurou

— Algo que eu achei que você iria gostar ele, desconcertado.

Ela perscrutou-lhe o rosto impassível e depois desatou o embrulho. Havia um sabonete oval, recendendo a jasmim, num ninho de papel de seda. Sentiu tamanho assomo de gratidão, que foi incapaz de falar.

— Não é nada — disse ele, quando viu seus olhos cheios de lágrimas.

Depois, confuso com sua própria fraqueza, saiu batendo a porta atrás de si. Quando voltou, ela já estava deitada. Havia um único lampião aceso. Soprou-o e começou a despir-se no escuro. Ao enfiar-se na cama, acomodou-se bem afastado dela, como se sua salvação dependesse disso.

Nessa noite, ele fez unia observação interessante. O céu e o inferno cheiravam a jasmim.

CAPÍTULO XIII

Brecker permanecia em silêncio, ouvindo Talita falar sobre os misteriosos acidentes que estavam lançando uma sombra de descrédito sobre o Sierra Virgínia. Quando ela terminou, ele deixou-se cair na cadeira à frente dela, sem esconder seu espanto.

— Está querendo me dizer que não teve nada a ver com aquele tronco caído sobre a linha?

— Foi exatamente isso o que eu disse. Não fui responsável por aquele acidente. Também não atirei no maquinista e tampouco fiz rolar o matacão sobre os trilhos. Afinal, como eu poderia?

Diante do ar de dúvida de Brecker, ela viu-se na obrigação de acrescentar:

— Não tenho razões para mentir. Fui sincera com você sobre... tudo o mais, não fui?

"Brutalmente sincera", pensou ele, levantando-se e procurando analisar-lhe as palavras. Ela lhe confessara que planejava matá-lo desde o primeiro instante. Admirara a sua franqueza e também as suas convicções, embora sua vida estivesse em jogo. Não, Talita não estava mentindo. Mas se ela era inocente, quem, então, estaria atrás daqueles atos criminosos?

— Quem foi? — perguntou, exprimindo com palavras o que lhe ia pela mente.

Talita olhou-o. Ele parecia ter passado a noite sem dormir. O rosto estava abatido e pálido, e os olhos se mostravam injetados.

— Alguém que quer arruiná-lo. Mais alguns acidentes e você controlará uma companhia falida. Brecker olhou-a demoradamente.

— Quem mais, além de você, teria uma motivação? Ela sentiu o calor do sangue queimar suas faces. Mas disse, sem hesitar:

— Não sei. E se eu fosse você, trataria de descobri-lo.

— Pode ser qualquer um de Virgínia City. Não sou muito estimado nessa cidade.

Por um breve momento, Talita julgou ver em seus olhos um ar de vulnerabilidade. Mas logo achou que se enganara. Brecker era indestrutível.

— Não tem idéia de quem possa estar fazendo isso? Deve ser alguém que

representa uma ameaça para você ou para a sua companhia. Alguém que...

— Não preocupe sua cabecinha com isso — cortou ele rudemente. — O que acontecer a minha companhia não é coisa que lhe diga absolutamente respeito.

O tom de sua voz sugeria que ele se fechara por dentro e por fora. Diante disso, ela sentiu a inexplicável e imperiosa necessidade de provocá-lo.

— Por que você afasta as pessoas de sua vida?

Por um momento, pensou que ele não fosse responder. Brecker parecia uma estátua de bronze, imóvel e aparentemente impenetrável.

— O homem esperto aprende a fechar a sua porta antes que os outros lhe fechem a deles na cara.

Seus olhos azuis faiscaram de intrépido orgulho e a desafiavam a negar a sabedoria do provérbio. Os minutos se arrastaram. Por fim, dando a conversa por encerrada, ele, vestiu a jaqueta e saiu a passo medido.

Literal e simbolicamente, fechara a sua porta.

A tarde já ia em meio, quando Brecker voltou à cabana. Ao abrir a porta, um cheiro bom de café recém-coado e de fritura invadiu-lhe as narinas. Ainda com a mão na maçaneta, ele olhou para Talita, que preparava bolinhos de fubá no fogo da lareira. Ela trocara a camisa masculina pelo quimono amarelo de crepe da china que Ellie lhe trouxera e penteara seus reluzentes cabelos escuros para o alto.

Varreu de sua mente tudo o que se relacionasse com a ferrovia e passeou os olhos por seu corpo. Teve a impressão de ver, através da seda, os músculos ondulantes das coxas e os contornos dos seios. Ela era esbelta, mas inconfundivelmente feminina.

— Que está fazendo fora da cama? — perguntou-lhe, assumindo um ar severo.

— Eu me sentia entediada...

— Você se sentia entediada... — repetiu ele, aborrecido. — E por isso teve de sair da cama?

— Não gosto de ficar sem fazer nada.

— Então não assalte mais trens!

Ela engoliu o nó que se formou em sua garganta e murmurou, encabulada:

— Estou bem melhor.

— Nem por isso deve abusar.

— Que mal há em fazer um pouco de exercício? Brecker zangou-se de repente.

— Volte já para a cama! — Ao vê-la hesitar, ele ameaçou: — Não estou para brincadeiras!

Talita correu para a cama e enfiou os pés debaixo dos cobertores.

— Entenda, Breck, não posso continuar dependendo de você para as menores coisas.

Ele fez um gesto vago com a mão e pôs-se a retirar os bolinhos da frigideira.

— Parecem ótimos. Mas você devia ter ficado na cama. Seus ferimentos podem voltar a abrir.

— Já era tarde e eu achei que você devia estar faminto, quando voltasse para casa.

— Na verdade, era uma grande razão — disse Brecker, ironicamente. Talita ficou calada. Já falara demais. Temia que sua voz houvesse revelado seu desapontamento, um desapontamento que não podia explicar nem para si mesma.

Brecker lançou-lhe um olhar de soslaio, enquanto, rapidamente, enchia duas canecas de café e colocava os bolinhos num prato. Depois de servi-la, serviu-se também e sentou-se à mesa de cedro, diante dela.

— Os bolinhos ficaram um pouco duros — disse Talita com um tímido sorriso de desculpas. — Esqueci do fermento.

Ele retribuiu o sorriso.

— Quando você disse que ia me matar, pensei que fosse com um facão ou um revólver. Nunca imaginei que fosse com bolinhos de fubá!

Perceberam, ao mesmo tempo, que estavam sorrindo um para o outro e ficaram subitamente sérios. Terminada a refeição, Brecker colocou-se diante do espelho da lareira e, sem uma palavra, pôs-se a fazer a barba. Quando terminou, soprou o lampião e começou a despir-se no escuro. Só então foi deitar-se ao lado dela.

Esticou as pernas, procurando distender os músculos do pescoço e dos ombros. Estava mortalmente exausto, precisava dormir. No silêncio profundo que se estendera sobre a cabana, podia ouvir a respiração dela e compreendia que Talita estava com medo de mover-se para não tocá-lo. Olhou-a. Seu rosto parecia irreal à luz tênue da lareira. Tinha vontade de acariciá-lo, de sentir sob os dedos a maciez da pele.

Reagiu, de repente, enfurecido. Tornou a vestir-se e saiu para a varanda. Encostou-se na coluna de madeira com as mãos enfiadas nos bolsos. Os contornos das colinas eram suaves sob as estrelas, os campos um mar de prata.

Ergueu os olhos. Onde estaria a estrela cadente? Precisava tanto de paz de espírito... Deliberadamente, esqueceu o motivo que o levava a deixar o leito e concentrou-se no enigma que ocupara sua mente durante a maior parte do dia. Quem estava sabotando sua ferrovia? E por quê?

Fizera muitos inimigos no decorrer de sua existência. Um deles dormia em sua cama, comia a sua mesa. Mas, por ironia do destino, não era culpado do crime que Talita lhe atribuíra. Sorriu tristemente. Talvez fosse o modo que o destino encontrara para fazê-lo pagar por suas ações irrefletidas, pelos males que causara no passado.

E Ada McCook? Quem iria fazê-la pagar por seu crime?

Estivera tão ocupado nas últimas semanas, que quase se esquecera da mulher que matara Su-Ling. E a outra, a que estava em sua cabana, o que ia fazer com ela? Não tinha resposta para nenhuma dessas duas questões. Sabia apenas de uma coisa: não podia desistir da ferrovia! Desistir dela significaria desistir de si mesmo. Com ela, provaria seu valor. Sem ela, seria apenas a criatura solitária e desajustada que fora obrigado a ser por toda a vida.

Súbito, uma sombra destacou-se da porta. Virou-se com um sobressalto. A silhueta indistinta oscilou, como um árvore frágil sacudida pelo vento. Impossível distinguir seus traços, mas os olhos brilhantes se destacavam com sua expressão insondável. Viera para matá-lo?

— Não pude dormir — explicou ela com voz macia. Brecker nada disse. Olhava-a, simplesmente.

— Posso ficar aqui com você?

— Está muito frio.

Talita interpretou sua resposta como um consentimento. Caminhou até a balaustrada e pôs-se a contemplar a tênue poeira de diamantes que parecia erguer-se da neve e dançar no espaço.

— Você devia estar dormindo — disse ele, de repente.

— E você também.

Houve mais um instante de silêncio, antes que ela perguntasse:

— A cidade fica muito longe daqui?

Brecker percebeu um leve tremor nos lábios dela e subitamente

compreendeu tudo. A pergunta tinha sua razão de ser. Ela teria de fazer a viagem de volta sozinha, se conseguisse levar a cabo sua missão.

— Cerca de um hora de cavalo. — Ele apontou para o leste. — Naquela direção.

Depois encarou-a por um momento, com um sorriso triste.

— Veio me matar?

Talita fitou-lhe os olhos. Ele devia estar considerando a hipótese de que ela escondia uma faca sob a pelica.

— O momento é apropriado? Brecker deu de ombros.

— Tão apropriado quanto outro qualquer. Não há critério seguro para o comportamento de um assassino.

Ela não se perturbou.

— Onde quer ser enterrado?

— Terá de me matar primeiro, chinesa. Isso significa que precisará de um pouco de sorte para me apanhar desprevenido.

— Presumindo que eu tenha essa sorte, onde você gostaria de ser enterrado?

— Em qualquer lugar sob as estrelas. Lá, onde elas brilham, não há mágoas nem sofrimento. Apenas alegria.

Talita tremeu. Não estava preparada para ouvir palavras tão carregadas de tristeza. Palavras de confiança, que escondiam um sentimento profundo de pesar. Palavras que ouvira centenas de vezes, mas que jamais esperaria ouvir de novo.

Brecker sentiu-a tremer e murmurou, como se falasse consigo mesmo:

— Éramos amigos.

Essa confissão confundiu-a ainda mais. Era possível que um assassino pudesse ser amigo de sua vítima? Havia uma única explicação possível: Brecker fora um dos clientes de Su-Ling e a explosão da tragédia sobreviera como um raio em céu azul!

Não, não podia ser. Era uma coisa dolorosa demais de se pensar. Afastou-a da mente e limitou-se a considerar o fato de que Brecker conhecera muito bem sua mãe.

— Como era ela? — perguntou-lhe com uma emoção apenas levemente perceptível. — Minhas recordações são vagas. Às vezes lembro-me de algum

pormenor: um sorriso, um olhar, uma carícia. Mas o resto parece envolto em névoa.

Brecker comoveu-a com seu tom emocionado.

— Ela era a pessoa mais gentil do mundo. Sua voz era suave como a brisa dos campos. Seu sorriso era lindo, mas triste. Também seus olhos eram tristes, como os de uma criatura que foi muito maltratada pela vida.

— E também por meu pai?

— Pode ser.

— Minha mãe costumava falar nele? Disse quem ele era? Brecker fez um sinal negativo com a cabeça. Não tinha o direito de revelar suas suspeitas. O passado pertencia unicamente a Su-Ling e a Jedediah. Além do mais, não mentia. Su-Ling nunca lhe dissera o nome do pai de sua filha.

— Ela era bonita?

"Não tanto quanto você", quis dizer ele. Mas disse apenas:

— Sim, muito bonita.

A despeito do frio, Talita sentiu o calor dele ao falar de sua mãe e abriu seu coração.

— Quando eu era criança, queria ser como ela. Queria pentear os cabelos a sua maneira, usar o seu perfume, cheirar a jasmim. Eu queria ser uma dama. Como ela.

Talita calou-se de repente, sufocada pelo amargo reconhecimento de que, diante da sociedade, Su-Ling podia ter sido tudo menos uma dama. Percebia, agora, que ela própria passara a vida pretendendo não importar-se com o fato de que sua mãe fora uma prostituta.

— Prostituta ou não, sua mãe era antes de tudo uma dama. Uma verdadeira dama — disse ele, como se tivesse lido seus pensamentos.

A noite tornou-se profunda em volta deles, enquanto esperavam um do outro a resposta a questões que nenhum dos dois ousava formular. As palavras sussurradas nas sombras não tinham sido suficientes para acalmar as dúvidas.:

Talita fitou-o. No fundo do olhar que ele mergulhava na noite, distinguiu todo seu interior. Brecker era uma criatura selvagem, que carregava sobre os ombros o peso de várias mortes. Sentiu-se acometida de um medo súbito, o medo das profundezas desconhecidas. Mas não durou mais do que uns segundos. Estava fascinada pelo demônio que havia dentro dele. Talvez por que soubesse que havia um demônio também dentro dela.

Um vento frio ergueu-se de repente. As pontas de sua capa flutuaram, chamando a atenção de Brecker para as curvas do corpo sedutor, visíveis sob o quimono de seda, e depois | para as mãos que se cruzavam sobre o peito: era ali que ela escondia a faca?

Aproximou-se dela para protegê-la contra a fúria gelada do vento. Sabia que estava inteiramente exposto a um provável ataque e já imaginava o que ia acontecer em seus mínimos e atrozes detalhes. Seus olhos se encontraram. Então, lentamente, estendeu as mãos para ela.

— Faz muito frio.

O coração de Talita bateu mais forte, quando ele inclinou-se para ela e gentilmente aconchegou-lhe a pelica em torno dos ombros.

— É melhor você entrar.

Ela virou-se lentamente e caminhou para a porta, sentindo os olhos dele acompanharem seus passos. Os ombros caídos, dirigiu-se para o fundo da sala e recolocou a faca sobre a mesa de cedro. Só então deitou-se, puxando o lençol frio sobre o corpo febril.

Havia cometido um erro. Brecker soube disso no instante em que viu o corpo nu, delineado pela luz do lampião através do lençol que esticava de um lado a outro da sala.

O pedido dela, feito após o jantar, parecera-lhe razoável. Ela queria tomar um banho de verdade e lavar os cabelos. Ele concordara. E até condescendera com a sua necessidade de ficar só. Agora, enquanto seus olhos se deliciavam com os movimentos sensuais daquele lindo corpo, e seus sentidos com o aroma de jasmim, lamentava o seu erro.

Irritado, voltou-se para o fogo, empurrou com o pé um pedaço de lenha e pôs-se a fitar as chamas um instante. Depois virou-se novamente. Vislumbrou um braço esticado, o contorno de um seio redondo e tornou a jogar mais alguns cavacos na lareira. Um instante depois, um calor crepitante enchia a sala.

— Que delícia... — murmurou Talita, no momento em que deslizava na tina e os vapores do banho perfumado a envolviam.

Gostava do contato suave da água de encontro à pele nua. Isso a fazia sentir-se viva. Mergulhou um pouco mais e deixou a água cobrir-lhe os seios. Viu os bicos endurecerem lentamente sob aquele estímulo e riu alto.

— Oh! É disso que eu gosto!

Brecker ouviu os barulhos suaves que ela fazia e sentiu-se um perfeito

idiota. Exatamente como se sentira na noite anterior, quando lhe ajeitara a capa em volta dos ombros.

— Obrigada pelo banho! — ouviu-a dizer, enquanto se ensaboava com o sabonete delicadamente perfumado. Mas não respondeu.

Ficou a olhá-la e pôde perceber, por sua lentidão, que os braços dela, desacostumados ao exercício, começavam a ficar cansados. Os ferimentos, que agora ela insistia em cuidar sozinha, estavam ainda mal cicatrizados e deviam restringir-lhe os movimentos.

— Você está bem? — perguntou em voz alta. Não houve resposta.

— Chinesa?...

— Estou bem — disse ela, com um fio de voz. — Mas quase deixei cair o sabonete.

Ele queria tanto ajudá-la... Sabia, porém, que era loucura. Se cedesse uma vez, cederia para sempre.

— Terminei! — tornou ela, quase em seguida, enquanto enrolava a toalha em torno da cabeça.

Ela estava de pé na tina de madeira e ele quase podia ver as gotas de água escorrendo por sua pele. Quis desviar a vista, mas não conseguiu. Com os olhos turvos, viu-lhe os músculos das costas se distenderem de repente, quando ela inclinou-se para enxugar as pernas longas e esbeltas. Mastigou uma praga e virou-se.

Talita apareceu minutos depois, ainda amarrando o cinto do quimono e ele teve consciência do esforço que lhe custou levantar os olhos e encará-la. Viu-a ajoelhar-se diante do fogo que crepitava alegremente na lareira, tirar a toalha da cabeça e pôr-se a escovar os cabelos que lhe caíam pelas costas.

Brecker sentia-lhe o perfume, ainda forte devido ao calor do banho, e prendeu a respiração. Era quase insuportável o estranho prazer que sentia ao contemplá-la.

— Dê-me isso — disse-lhe bruscamente, tirando-lhe a escova da mão.

— Mas eu posso fazer isso...

— Fique quieta — tornou ele, e começou a escovar-lhe os cabelos com movimentos firmes, mas suaves.

A princípio, ela ficou tensa e rígida, mas logo se rendeu aos toques gentis e hipnóticos, ao calor gratificante do fogo e àquela presença masculina. Disse a si mesma que não o matara na noite anterior porque estava muito fraca. Mas não lhe

seria difícil surpreendê-lo em outra ocasião qualquer.

Restava, porém, um problema: como conviver vinte e quatro horas por dia com um homem que começava a achar fisicamente atraente, imensamente atraente? B, apesar de haver poucos motivos para gostar dele, idéias vagas, mas ao mesmo tempo muito perturbadoras principiavam a afluir em sua mente.

Fechou os olhos e descansou a cabeça sobre o braço, deixando-se submergir inteiramente à lassidão. Teria de matá-lo um dia, mas, agora, iria permitir que ele lhe escovasse os cabelos...

Brecker fitou-lhe o pescoço de alabastro graciosamente curvado. "Ela parece uma pantera deitada ao calor do sol", pensou, deixando escorrer por entre os dedos os cabelos sedosos e perfumados.

Vagarosamente, Talita abriu os olhos. Ergueu a cabeça e fitou-o como se nunca o tivesse visto. Uma luz parecia envolvê-lo. Seus cabelos brilhavam como ouro à claridade das chamas. Sentiu uma força inexorável atraí-la para ele e, instintivamente, entreabriu os lábios.

"Cuidado!", disse Brecker a si mesmo, e apesar disso tomou-a em seus braços, impregnando-a de sua energia e sensualidade.

— Não... — murmurou Talita, os olhos deixando transparecer uma súbita apreensão.

Mas, quando ele a enlaçou pela cintura, as mãos ávidas descendo lentamente, os lábios ardentes queimando-lhe a boca, um leve tremor percorreu-lhe o corpo, da ponta dos pés ao último fio de cabelo. Jogou a cabeça para trás, vencida, e entregou-se à fúria daquele beijo.

Os olhos de Brecker estavam escuros de paixão.

— Talita, você é tão linda... Oh, Talita...

Flutuando em êxtase, ela tomou conhecimento de seu crescente desejo e colou-se a ele sem reservas, os seios esmagados contra o peito, ansiando que aquele delírio de sensualidade não terminasse jamais.

Os minutos se escoavam, lentos, até que o passar do tempo não contou mais. Murmuraram-se palavras mágicas dentro da noite, palavras suaves e cheias de ternura.

— Brecker... — murmurou ela, com uma voz que não reconheceu como sua, enquanto ele deslizava a boca por seu pescoço, descobrindo a suave curva de seus seios.

Ele afastou a boca e disse, a voz embargada pela emoção:

— Diga meu nome de novo. Diga!

Talita fechou os olhos e encostou a cabeça no peito dele. Brecker mal pôde ouvir-lhe o sussurro:

— Breck... Breck...

Tornou a exigir-lhe a boca e beijou-a longamente, estreitando-a contra si até sentir-lhe o corpo trêmulo. Talita sentiu-se novamente dominada pela paixão. Um frêmito de desejo subiu por seu corpo, fazendo-a corresponder àquele beijo com um impulso selvagem e apaixonado.

— Oh, meu querido...

Súbito, a enormidade do que dissera penetrou em sua consciência. Como pudera esquecer que esse homem, que quase lhe roubara a capacidade de resistir, era seu inimigo?

— Não! — disse com voz dura, erguendo as mãos para repeli-lo — Não!

Aquela mudança de atitude era por demais espantosa. Brecker afastou-se dela e fitou-a. O ódio, que fora levado de roldão pela torrente impetuosa do desejo, tornava agora a pairar em seus olhos escuros, aguardando que a fatalidade se cumprisse.

Num desespero súbito, disparou:

— Você está louca!

Então, guiado por seu demônio, agarrou a jaqueta e saiu batendo a porta.

Um grande silêncio tombou sobre a cabana, rompido apenas por um som murmurante, delicado. Podia ser o vento. Ou o fogo. Mas podia ser Talita murmurando o nome dele.

CAPÍTULO XIV

Na manhã seguinte, quando Talita ouviu o ruído de passos na varanda, o alívio que sentiu foi imediato. A noite fora longa, a mais longa de sua vida. Pela primeira vez, desde que chegara à cabana, Brecker não dormira a seu lado.

Procurando afetar indiferença, debruçou-se sobre a lareira acesa e pôs-se a preparar a refeição matinal. Mas seu coração batia forte. Que iriam dizer um ao outro? Não poderiam agir como se os beijos e as carícias da noite anterior não tivessem acontecido!

Uma firme batida na porta interrompeu suas reflexões. Virou a cabeça.

Quem poderia ser? Brecker não teria certamente batido. Provavelmente, teria entrado com a mesma arrogância de sempre, talvez com a mesma raiva com a qual saíra!

Devia ser Dancey Harlan. Sentiu uma pontada de desapontamento. Mas escondeu-a sob um sorriso forçado e foi abrir a porta. Ao ver o visitante, teve um leve estremecimento de surpresa.

— Sr. Truxtun... — murmurou, apertando o quimono de seda contra o corpo.

— Srta. Lee — respondeu o homem, sério.

Ela o olhou por um momento. As sombras do pórtico acentuavam-lhe as reentrâncias do rosto, ocultando a viva curiosidade que havia em seus olhos.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa?

— Gostaria de falar com o Sr. Brecker. Ele está?

— Poderá achá-lo no curral ou no telheiro.

Talita apontou para a pequena construção, visível entre as moitas de zimbro, e notou distraidamente que Brecker não estava à vista.

O agente tocou a aba do chapéu. No meio da escada, deteve-se e voltou o rosto astuto para ela. Seus lábios finos sorriam, irônicos.

— Ia me esquecendo. Espero que esteja restabelecida de seu mal súbito.

Oliver Truxtun conhecia o momento exato de dizer a sua deixa. Isso era algo que uma atriz compreendia. E, nesse instante, Talita compreendeu também outra coisa: mostrar fraqueza ou medo diante dele seria o mesmo que admitir a sua culpa.

— Eu estou bem, obrigada — disse, obrigando-se a sorrir docemente. — O desmaio no baile do governador foi um aviso e acabou por me convencer de que eu precisava de repouso.

O sorriso dela ampliou-se.

— Seria uma pena que uma simples estafa interrompesse a minha carreira, não acha?

— Ou um ferimento à bala — murmurou Truxtun, como se estivesse falando para si mesmo.

Talita sentiu o sangue fugir-lhe do rosto.

— Receio não ter compreendido, Sr. Truxtun. Ele tornou a subir os degraus.

— Conhece a senhorita Beatrice, não é mesmo? Ela fez um esforço para lembrar-se.

— Beatrice?...

— Beatrice Knoates, a camareira do Chastain Hotel. Lembra-se dela agora?

— Oh!... sim.

— Pois bem. Beatrice é uma criatura de pouca instrução, mas tem boa memória. E recorda-se com clareza que a senhorita a mandou comprar algodão para enchimento no dia do baile. Uma grande quantidade de rolos, segundo ela. É verdade, Srta. Lee?

Talita respondeu com relutância:

— Sim, é verdade.

— Por qual motivo?

— Por que quer saber?

Havia algo de irritado na voz dela e o agente logo o percebeu.

— Estou procurando compreender certos fatos. Talita ergueu o queixo, em desafio.

— Não sou obrigada a responder, mas vou fazê-lo. Em teatro, usamos com frequência esse tipo de algodão na caracterização dos personagens.

Oliver Truxtun viu-lhe o ligeiro rubor nas faces e sorriu, como se estivesse se preparando para mais um lance do jogo de gato e rato em que estavam empenhados.

— Pensei que a senhorita tivesse vindo a Virgínia City apenas para o baile do governador.

Talita mantinha-se ereta, os punhos cerrados ao lado do corpo trêmulo. Mas, a cada segundo, ficava mais tensa e desesperançada. Súbito, através da névoa de medo que a envolvia, ouviu a voz calma, mas firme de Brecker:

— Entre, Talita. Está muito frio aqui fora. Quando ela voltou-se para ele, Brecker viu a profunda angústia que a dominava. Era como se Talita houvesse perdido todas as esperanças de salvação.

— O Sr. Truxtun... — sussurrou, com um fio de voz.

— Eu o atenderei. Entre, agora.

Ela foi grata àquela maneira de lhe dar confiança e assentiu mudamente. Os olhos frios de Brecker voltaram-se para o agente.

— Vamos entrar, Sr. Truxtun?

— Preferia falar com o senhor — disse o homem, cautelosamente.

Brecker rejeitou enfaticamente a insinuação.

— Lá dentro, Sr. Truxtun.

O agente encolheu os ombros, com ar de derrota..

— Como quiser.

Brecker adiantou-se e abriu a porta.

— Faça o favor, Sr. Truxtun.

Quando os dois entraram na sala, Talita levantou-se e olhou para Brecker, contrafeita.

— O café está pronto. Quer tomá-lo agora? Ele fez que sim.

— É bom para tirar o gosto amargo da boca. Café, Sr. Truxtun?

O rosto do homem era uma máscara de impassividade.

— Não, obrigado.

Brecker pegou a xícara que Talita lhe passou às mãos e tomou um gole.

— Bom café, este.

Houve um momento de silêncio, depois ele disse com voz calma, ponderada:

— Pode dizer a que veio Sr. Truxtun.

O homem sorriu levemente e deixou uma pergunta no ar, como uma ironia em suspenso:

— Nunca lhe passou pela cabeça que o responsável pelos assaltos poderia ser... a Srta. Lee?

Talita sufocou uma exclamação e voltou-se prontamente para Brecker, cuja resposta, num simples erguer de sobrancelhas, lhe disse de maneira mais clara do que por meio de palavras: mantenha a calma,

O agente insistiu:

— Então, Sr. Brecker?

Brecker ficou um instante a observar o rosto astuto, os olhos vagos, pensativos. Apesar de toda sua fleuma, aquele sujeito era vivo e inteligente. Um erro de sua parte poria tudo a perder. Após um momento, perguntou com estudada naturalidade:

— Andou roubando o meu trem, chinesa? Talita aproveitou a ocasião.

— Não, mas confesso que seria algo tremendamente excitante!

Brecker assentiu, o divertimento brilhando em seus olhos.

— Como vê, Sr. Truxtun, enganou-se a respeito da Srta. Lee.

Novamente os olhos astutos do agente estudaram-lhe a fisionomia.

— Queria desculpar-me, Sr. Brecker, mas o senhor certamente não espera que ela confesse os seus crimes!

— O que eu espero — disse ele com voz fria — é receber um serviço à altura dos honorários que eu lhe pago.

— Não direi que o senhor não tenha razão. Por isso, peço-lhe que ao menos considere a minha hipótese — apelou o agente.

— Não me parece lógico que uma mulher possa ter cometido os assaltos!

— A Srta. Lee é uma mulher incomum.

— Sim, imagino que ela seja. Mas isso não quer dizer nada.

— Perdoe-me a insistência — disse Truxtun, — mas já chegou a pensar que a Srta. Lee encontrava-se no trem todas as vezes em que houve os assaltos?

Brecker deu de ombros.

— Coincidência. Há pelo menos meia dúzia de pessoas acima de qualquer suspeita nessas condições. De qualquer maneira, se eu a considerasse realmente culpada, não guardaria silêncio sobre isso.

Oliver Truxtun continuou, falando mais para si mesmo do que para Brecker:

— Não pode negar que o Sr. Harlan andou comprando uma grande quantidade de ataduras ultimamente. E também um frasco de morfina...

— Um procedimento normal para quem dirige uma estrada de ferro onde acontecem acidentes.

— Como deve estar lembrado, a chaminé da estufa do carro de bagagens foi entupida com algodão de enchimento, um tipo de algodão...

— Que qualquer um pode comprar — cortou Brecker. — Eu mesmo teria feito isso, se tivesse a intenção de assaltar um trem pagador!

Truxtun olhou para Talita e continuou, imperturbável:

— Um tipo de algodão usado principalmente por artistas na caracterização de seus personagens.

Brecker ficou tenso.

— Sim, realmente. Mas isso não explica muita coisa. O detetive fez uma pausa. Depois disparou:

— Sabíamos, desde o começo, que estávamos às voltas com uma pessoa de pequena estatura, uma pessoa que podia usar isto.

Ele retirou a luva de couro do bolso do casaco e jogou-a sobre a mesa.

— Uma pessoa muito hábil, que se apresentava a cada vez sob um disfarce diferente, com o fito de nos fazer acreditar que havia uma quadrilha envolvida nos roubos. A Srta. Lee é uma atriz e portanto com muita prática em disfarces e maquiagem teatral.

Truxtun desenrolou dois cartazes sobre a mesa. — Realmente, com um pouco mais de imaginação teríamos chegado até ela desde o início! Veja como esses dois desenhos assemelham-se a ela de um modo impressionante. Um calafrio percorreu a espinha de Talita num espasmo prolongado, e a fez tremer dos pés à cabeça. Truxtun era sagaz, não ia se deixar enganar com facilidade!

— Essa luva serviria na maior parte das mulheres desta cidade. E até em alguns homens — disse Brecker, assumindo um tom levemente irônico. — E não se esqueça de que não são apenas os atores ou atrizes que se utilizam profissionalmente de disfarces. Os bandidos costumam também usar máscaras e lenços para ocultar o rosto. Ele fez uma pausa significativa.

— Quanto a esses cartazes, é uma questão de ponto de vista achar que eles se parecem com ela.

— Como o senhor explica o revólver descarregado? — tornou o detetive, não se dando por vencido. — Um bandido não iria praticar um assalto com a arma nessas condições!

— Não posso encontrar uma explicação plausível para isso. Nem o senhor.

Durante alguns segundos, que pareceram horas, os dois homens enfrentaram-se silenciosamente, como inimigos. De repente, o rosto de Brecker desanuviou-se e ele sorriu.

— Se esta senhora estivesse ferida — disse então, passando o braço em torno da cintura de Talita, — eu saberia. Acredite em mim, Truxtun.

A intimidade com que ele a tratava diante do agente sugeria que os dois eram amantes, possuíam total conhecimento de seus corpos. Talita percebeu onde ele queria chegar e apressou-se a representar seu papel. Suspirou de satisfação e aconchegou-se ternamente contra o peito dele.

Truxtun dispunha ainda de uma arma e a usou sem piedade:

— O senhor sabe, naturalmente, que eu não preciso de seu apoio para cumprir meu dever. Posso transmitir as minhas conclusões às autoridades competentes. Se decidirem que há possibilidade de processar a Srta. Talita, eles o farão.

Brecker sorriu, ironicamente.

— É sempre perigoso aceitar como provados fatos que realmente não o estão. Na minha opinião, não há provas. Há apenas evidências. Que não parecerão tão consistentes, quando se souber que o senhor não conseguiu convencer nem mesmo o principal interessado em ver o crime esclarecido. O homem que, mais do que ninguém, quer ver o criminoso atrás das grades!

Ele fez uma pausa dramática.

— Há outro fato a considerar: as autoridades não estarão interessadas em agir contra uma pessoa da posição da Srta. Lee, a menos que tenham amplas justificativas.

Os olhos de Oliver Truxtun faiscaram. Não era apenas questão de orgulho profissional. Ele queria que se fizesse justiça!

— É compreensível que, no ardor da paixão pela Srta. Lee, o senhor presuma que ela seja inocente. Os homens ficam cegos quando estão apaixonados. Outros, porém, poderão enxergar com mais clareza.

— Não se trata de uma simples paixão, Truxtun. Oh! Acho que não lhe contei. A Srta. Lee e eu vamos nos casar.

Brecker baixou os olhos para a mulher que estava em seus braços.

— Acho que devemos convidá-lo para a cerimônia?

Apanhada de surpresa, ela enrijeceu-se. Depois, lembrou-se de que estavam desempenhando um papel, reproduzindo uma ilusão. E o sorriso de santa e pecadora, que sempre fazia os homens suspirarem, curvou-lhe os lábios bem-feitos.

— Você é quem sabe, querido.

Os olhos de Brecker tiveram um instante de fulgor, mas depois voltaram a sua reserva habitual.

— Sr. Truxtun, eu não iria me casar com a mulher que praticamente me arruinou. Seria uma brincadeira de mau gosto, não acha?

O detetive olhou-o pensando que, afinal, os homens são todos iguais. Tão

hábeis, tão inflexíveis, tão capazes em todos os sentidos e ainda tão crianças, quando havia uma mulher em jogo.

— Nesse caso, não me resta outra coisa a fazer senão encerrar o caso e desejar felicidades a ambos — disse ele, com um suspiro.

Brecker inclinou levemente a cabeça.

— Obrigado.

— Senhorita... — tornou o agente à guisa de saudação, virando para Talita.

Ela viu-lhe os olhos de relance. E pensou que mesmo que vivesse cem anos, nunca se esqueceria do abismo de frustração que leu neles, mas esses pensamentos sumiram-lhe da mente, quando teve consciência de que estava livre da ameaça que ele representava. Sentiu então um alívio tão grande, que teve de apoiar-se ao consolo da lareira para refrear uma leve tontura.

Súbito, a realidade surgiu, sem disfarce.

— Oliver Truxtun sabe que eu pratiquei os roubos! Brecker voltou-se da janela.

— Sim, sabe.

— Oh, meu Deus! Que é que eu vou fazer? — gritou ela, dominada por um terror paralisante.

Quase em pânico, apanhou os cartazes, rasgou-os e atirou-os ao fogo. Depois, enquanto os via arder lentamente, murmurou:

— Que vai ser de mim?

— Truxtun não irá fazer nada — tranqüilizou-a Brecker, aproximando-se.
— Não pode. Está de mãos atadas.

Com um movimento súbito, ele arrancou-lhe da mão a luva que ela ia jogar nas chamas.

— Não adianta queimá-la. Não fará nenhuma diferença.

— Eu sei, eu sei. Mas isso não me faz sentir melhor.

— Tolice!

Fitaram-se por um longo momento. Talita ansiando pelos cuidados e o conforto daquele homem forte, que a defendera com tanto calor, minutos antes, e Brecker desejando ardentemente esquecer, ao menos por alguns instantes, os beijos daquela mulher linda, graciosa, delicada.

Desviaram a vista ao mesmo tempo. Ela voltou-se para o fogo e ele, depois

de vestir a jaqueta, dirigiu-se para a porta. Antes de alcançá-la, disse por cima dos ombros:

— Vou pedir a Dancey que traga o ministro. Talita virou-se bruscamente.

— Quê?

— Um ministro — disse Brecker pacientemente, como se estivesse falando a uma criança. — Sem ele, não podemos nos casar.

— Casar?... — balbuciou ela, sem compreender.

— Não há outro meio de evitar que você vá para a cadeia, chinesa.

Talita ficou boquiaberta. A proposta, embora revelada com frieza, era explosiva. Ela não esperava aquilo.

— Acha que vou concordar?

— Não tem outra escolha, chinesa.

Incapaz de dizer qualquer coisa, ela o olhou. Os olhos azuis eram duas pedras de gelo que nada exprimiam, só frieza.

— Não pode estar falando sério... Brecker deu um passo para o frente.

— Será que ainda não compreendeu? Só casando-se comigo você poderá salvar-se da cadeia e até da forca!

— Não é verdade! Truxtun irá esquecer-se de mim, com o passar do tempo. Temos apenas de fingir que somos amantes por mais algumas semanas.

— Está enganada. Mesmo que ele se esquecesse, o que eu duvido, eu não esqueceria.

— Que está querendo dizer?

— Que terá de se casar comigo, minha querida estrela do Oriente. Caso contrário, eu a entregarei a Truxtun.

Talita estremeceu. Pela primeira vez, desde que tudo aquilo começara, teve consciência de que estava se afundando num abismo maior, do qual jamais sairia.

— Posso matá-lo antes. E ninguém iria me condenar por ter matado o assassino de minha mãe!

— É um caso bem antigo para ser desenterrado. Ninguém espera que suas recordações sejam tão nítidas, após dezoito anos!

— Pois eu lhe garanto que minha memória é muito boa.

— E quem iria acreditar nisso? Iriam pensar que você quis vingar-se do

homem que a estava caçando.

A lógica daquele raciocínio calou fundo na mente de Talita.

— Por que está fazendo isso? — perguntou ela, com uma voz que era um sussurro desesperado.

Ele sorriu, ironicamente.

— Para que você possa desempenhar o papel de viúva inconsolável, depois de me matar.

— Por quê?

O sorriso dele morreu, dando lugar a uma expressão séria.

— Vamos dizer que esse é o único modo de vigiá-la o tempo todo. Beleza e traição andam sempre juntas.

O tempo passava, mas aquele momento pareceu eternizar-se. Estavam ambos sob o efeito de um encantamento que nenhum dos dois podia explicar: hostilidade mesclada a uma emoção desconhecida, despertada pela menção da palavra casamento. Finalmente, Brecker girou nos calcanhares e abriu a porta.

— Não quero me casar com você! — disse ela, seguindo-o até a varanda. — Prefiro pagar pelos meus erros, não importa o preço!

— Você vai se casar comigo. Só assim terá todos os seus problemas resolvidos.

— Não vou!

— Peça conselhos a Ellie, se preferir.

— Não vou me casar com você, Madison Brecker! Ouviu?

Ele sorriu, matreiro.

— Não tenha nenhuma dúvida, chinesa. Nós vamos nos casar e será pra valer!

Uma loucura selvagem tomou conta dela. Mas, junto com toda a fúria, insinuava-se uma estranha excitação.

— Não haverá casamento! — gritou atrás dele. — Prefiro ser presa... Prefiro ir para o inferno! Ouviu o que disse, Madison Brecker?

— Estamos reunidos aqui, diante de Deus e dos homens... A monótona ladainha do ministro atingiu Talita com a força de uma chicotada,

"Ainda há tempo para acabar com esta farsa!", disse a si mesma. Mas sabia que não faria nada. Soubera-o desde o princípio, quando, pela primeira vez, o

motivo que levara Madison Brecker a casar-se com ela se lhe apresentara claro. Como seu legítimo esposo, ele poderia exigir que ela guardasse silêncio sobre o seu passado, impedindo-a assim de desacreditá-lo, de pôr em perigo tudo o que ele construía. Essa era apenas uma das questões. Deviam existir muitas outras. Os lábios dela se crisparam com amargura. O caçador se transformara em caça por intermédio dos laços de um casamento reduzido ao essencial: sem flores, sem velas, sem sequer champanhe para brindar a felicidade dos noivos! Quanto a ela própria, tinha consciência do motivo que a levara a aceitar aquele ato ridículo: não queria ser presa. E era para a cadeia que Brecker a mandaria» caso não aceitasse a sua proposta! Não alimentava qualquer dúvida a esse respeito. Se tivesse alguma, já teria se dissipado diante de uma única evidência: ele a impedira de destruir a luva comprometedora. Oh! Como fora tola ao deixá-la em suas mãos. Sufocou um suspiro de exasperação e voltou a sua atenção ao ministro, que continuava monótono:

— Madison Brecker, aceita esta mulher por sua legítima esposa?

Talita voltou os olhos para o homem que estava a seu lado. Também ele a fitava. Era a primeira vez que o fazia desde o instante em que haviam se defrontado. A partir daquele dia, tinham evitado um ao outro. Brecker fizera do telheiro praticamente seu lar. Ia à cabana apenas à hora das refeições, que consumava em completo silêncio.

Naquela manhã ele viera apanhar uma muda de roupa, que levara para seu abrigo, onde se trocava. Às três horas, quando o ministro chegara em companhia de Dancey, aparecera na cabana envergando uma simples camisa branca e uma apertada calça cinzenta. Seus cabelos loiros, recém-lavados, brilhavam como trigo maduro. Não dirigira a palavra a Talita. Nem mesmo a olhara. Até aquele momento.

— Sim — ouviu-o dizer, em resposta à pergunta do ritual, com voz extraordinariamente clara, que encheu a sala.

— Talita Lee, aceita este homem...

Ela baixou os olhos e contemplou-se. Seu orgulho feminino impedira-a de ignorar o fato de que aquele era o dia de seu casamento. Assim pedira a Dancey que lhe trouxesse um dos vestidos de gala que deixara no Chastain Hotel. Não era exatamente adequado para uma jovem noiva, mas... Um leve pigarro do ministro trouxe-a de volta à realidade. Ele olhava-a como se estivesse esperando alguma coisa.

— Aceita o Sr. Brecker por seu legítimo esposo?

O coração bateu-lhe descontroladamente no peito. "É o momento de

acabar com a farsa", pensou, olhando para Brecker. Mas ele mostrou-se tão frio e tão reservado como sempre.

— Sim — disse, afinal, com um fio de voz.

O ministro, obviamente aliviado, deu prosseguimento à cerimônia.

— As alianças.

"Não há nenhuma aliança", pensou Talita, aborrecida. Aliança significaria a promessa de um amor eterno. Não era o caso deles!

Para sua total surpresa, viu Brecker retirar um delicado aro de ouro do bolso da camisa. Sentiu a mão tremer, quando ele a fez deslizar em seu dedo. O calor daquele contato lhe subiu docemente ao longo do braço e ela se apoiou nele, cambaleando.

— Com o poder de que sou investido, eu os declaro marido e mulher — finalizou o ministro. Depois, com um sorriso: — Pode beijar a noiva.

Os lábios dela se entreabriram para receber os de Brecker, num beijo que marcava para sempre sua submissão.

— Feliz, querida?

As palavras soaram ternas, mas a ironia que ela vislumbrou no olhar dele dizia o contrário. Sorriu, com uma alegria forçada.

— Há algum motivo para não estar? — murmurou e logo mudou de assunto. — Acho que o Sr. Harlan quer nos cumprimentar.

Apoiada no braço do marido, ela aproximou-se de Dancey, que lhe disse:

— Está uma noiva linda, Sra. Brecker. Meus cumprimentos.

Depois, enquanto Brecker se afastava para acompanhar o ministro até a porta, ele completou, os olhos cheios de grande bondade:

— Ele tem coração, senhora. Só que está enterrado muito fundo em seu peito.

— Não vou esquecer disso — murmurou Talita. — Obrigada,

Uma vez sozinha, ela caminhou até a janela. No pátio coberto de neve, Dancey falava animadamente com Brecker. De negócios, naturalmente. Quando ele acabou, montou em seu cavalo e pôs-se a descer o estreito caminho da colina, seguido de perto pelo ministro. Brecker acenou para ambos e depois seguiu pela trilha de zimbros.

Talita acompanhou-o com os olhos até vê-lo desaparecer no interior do curral. Brecker. Seu marido. Súbito, a importância do fato envolveu-a com força

avassaladora. Que fiz?", perguntou-se. Mas depois corrigiu-se: "Que tive de fazer?"

Tornara-se a esposa de Madison Brecker. A esposa do assassino de sua mãe. A esposa do homem que temia. Pior do que isso, a esposa do homem que a fazia ter medo de si mesma. Quando ele lhe colocara a aliança no dedo, esquecera-se dos planos de vingança, e desejara que aquele ato simbolizasse realmente o selo de sua união.

Era bom sabê-lo para ficar em guarda, quando a névoa da fantasia, uma vez mais, embaçasse as lentes da realidade,

Breck olhou para as chamas da pequena fogueira que acendera fora do telheiro, e depois para a luva que tinha nas mãos. Sabia o que Talita pensava: que ele retivera aquele objeto para chantageá-la, se ela não se submetesse a sua vontade.

Talvez houvesse alguma verdade nisso. Afinal, não tivera nenhum escrúpulo em obrigá-la a casar-se com ele. Mas o que ela ignorava, era que ele guardara a luva com um único propósito: basear-se no seu tamanho para escolher a aliança.

Ela ficara obviamente surpresa. Mas gostara? Irritado consigo mesmo por importar-se tanto com o que Talita pensava, jogou mais alguns pedaços de lenha na fogueira.

"Por que a obriguei a casar-se comigo?" A resposta era simples: tinha de protegê-la. Truxtun não descansaria enquanto não a levasse perante a justiça. Além de que, tinha de saber com precisão o momento que ela escolheria para matá-lo. Não tinha ilusões a esse respeito. O orgulho dela a impeliria a tentar isso ao menos uma vez.

E depois havia Su-Ling. Sua amiga iria gostar de que ele protegesse Talita. Naturalmente, havia outras razões, muitas mais. De uma delas, estava se afastando. Quanto às outras... recusava-se a encará-las nesse momento!

Deixou cair a luva no fogo e ficou olhando as chamas consumirem-na lentamente. Tinha plena consciência de que era uma ação irrefletida. Mas precisava destruir a única pista concreta que o ladrão mascarado deixara atrás de si.

As chamas reacenderam-lhe o calor do desejo que queimava dentro dele. Como ansiara por tomá-la nos braços, após a cerimônia! Mas a tensão de seu corpo tinha chegado a um ponto crucial. Se a tivesse beijado de novo, agiria como um homem apaixonado. Não poderia voltar atrás.

"Por que a forcei a casar-se comigo, sabendo que não pode haver

coexistência entre nós?"

Dessa vez, a resposta chegou com o vento que soprava das colinas. Forçara-a a isso porque lhe parecera subitamente importante tê-la para sempre a seu lado. Porque, de repente, parecera-lhe que ambos haviam sempre pertencido um ao outro, e que ela retornava para ele de um ponto qualquer de sua vida.

CAPÍTULO XV

— Mais um biscoito?

Talita jantava nessa noite com Brecker. Era a primeira vez, naquela semana. Mas ela se tranquilizava, dizendo-se que o fato não era uma concessão à domesticidade. Preparar o jantar e sentar-se à mesa com ele fora simplesmente um modo de aplacar a ansiedade que a consumia desde a tensa cerimônia de casamento. A mesma ansiedade que a fazia insistir, irrefletidamente:

— Há uma travessa cheia. Se quiser mais é só pedir. Não estão bons?

— Estão ótimos — disse Brecker, achando desnecessário prolongar a conversa.

Quando ele se serviu de bacon, ela observou:

— São as últimas fatias. Os ovos também estão acabando. Que vamos fazer?

Repentinamente, perturbada por ter se expandido tanto, ela calou-se. Que lhe estava acontecendo, afinal? Girou a aliança no dedo. Seria isso que a confundia, deixando-a com os nervos à flor da pele, à espera do inevitável?

Parecia-lhe que caminhava através de um nevoeiro, perdida e longe de tudo. A seus pés abria-se um abismo insondável. Embaixo havia o perigo que devia evitar e que, no entanto, a fascinava, levando-a a se precipitar de um instante para o outro, irremediavelmente...

Um choque claro de talher sobre a mesa despertou-a. Ergueu os olhos e encontrou os de Brecker fixos nela. O abismo pareceu-lhe então perigosamente próximo. Sabendo o que poderia ocorrer se fraquejasse, se não se afastasse com a necessária rapidez, levantou-se de um pulo e começou a retirar os pratos usados.

— Deixe que eu faço isso — disse Brecker, empurrando a cadeira para trás.

— Obrigada, mas não é necessário. . Ele a olhou demoradamente, antes de dizer:

— Gostaria que você parasse de agir como se eu fosse derrubá-la sobre a cama de um instante para o outro e possuí-la à força!

— É o que gostaria que você fizesse! — gritou Talita, cedendo à tensão que a dominava. — E já, para acabar com esta agonia!

Ele guardou silêncio por um momento. Quando falou de novo, sua voz era diferente, quase suave e terna.

— É assim que você entende que eu deva exercer meus direitos conjugais?

— Não foi esse o trato? — lembrou-o Talita, fazendo um esforço para recobrar o domínio de si mesma.

— Oh! chinesa... Não há nenhum trato. — A voz dele tornou-se ainda mais cálida. — Quando fizermos amor, será com o seu total consentimento.

— Nunca! — disse ela com veemência. — Nunca!

— Nunca, minha estrela do Oriente, é tempo demais para mim... para nós dois.

As últimas palavras, ditas quase num sussurro, encerraram a promessa de todas as intimidades que costumavam acontecer entre um homem e uma mulher. Encerravam também uma ameaça a sua resistência. Sabia que não seria fácil, mas esperava que suas reações fossem bem claras. Não podia imaginar que iria mergulhar naquele caos em que se misturavam amor e ódio, fúria e fascinação, rejeição e desejo.

Não houve nunca uma noite tão longa quanto aquela. Contrariamente ao que dissera, Talita fez tudo o que pôde para retardar a hora de ir para a cama. Demorou-se no banho que ele lhe preparara, mesmo não se dando ao trabalho de ocultar-se atrás do lençol, e depois passou um tempo desnecessário diante da lareira, escovando os cabelos. Quando os sentiu estalarem sob o vaivém incessante da escova, amarrou-os na nuca com uma fita azul.

— Prefiro que os deixe soltos sobre os ombros — disse Brecker, começando a despir-se.

Talita voltou-se e o viu encaminhar-se para a tina com um andar elástico e leve de pantera. Percorreu-lhe com os olhos o corpo magnífico, belo como o de um deus grego, e sentiu-se como que hipnotizada. Mas, com medo que ele percebesse que o seguia com o olhar, virou o rosto e disse, teimosa:

— Não vou soltá-los.

— É o que veremos!

Talita levantou-se do banquinho, apertando o quimono de seda contra o corpo, e encaminhou-se para a cama com o nariz desdenhosamente levantado.

— Sim, é o que veremos!

Brecker olhou-a com admiração. Que mulher! Banhou-se rapidamente, com o sangue a ferver-lhe nas veias, depois abafou o fogo e abaixou o pavier do lampião.

Talita afastou-se para a beirada da cama. Exausta pelas intensas emoções que experimentara em tão curto espaço de tempo, procurava mentalmente descobrir um meio de relaxar. Mas, quando o colchão cedeu sob o peso dele, seu coração parou. Como seria? Ele a tomaria rudemente? Iria machucá-la? Perceberia que ela era virgem?

Sua respiração tornou-se ofegante, enquanto a de Brecker, como sempre, era calma e compassada. Ficou indignada. Por que ele não era igual aos outros homens? O que o fazia tão seguro de si?

De olhos fechados, Brecker sentia o aroma de jasmim invadir-lhe as narinas. Não era necessário olhá-la para saber que as chamas do fogo já baixo brincavam sobre a longa linha ondulante de seu corpo, distendido sob o cobertor.

Virou-se, sem querer, e ordenou mansamente:

— Venha cá, chinesa.

Talita sentiu o contato quente das mãos dele em seus ombros e, sem se voltar, gritou, raivosa:

— Não me toque!

— Olhe para mim.

Ela não respondeu e encolheu-se toda sob os lençóis.

— Pare de agir como uma virgem violada... Olhe para mim!

Ela virou a cabeça. Na penumbra, seus olhos se encontraram e eles ficaram a fitarem-se, perdidos, sozinhos no espaço.

— Não precisa ter medo de mim, chinesa.

Brecker debruçou-se de repente sobre ela e enterrou o rosto em seus cabelos.

— Jasmim... Um de meus perfumes favoritos.

— Reserva uma fragrância especial para cada uma de suas mulheres? —

murmurou Talita, fazendo esforço para se desvencilhar do abraço, mas, a cada movimento ficava mais consciente de seus músculos fortes e do aroma que se desprendia do corpo másculo.

— Fique calma, querida. Ou quer que eu a tome à força?

— Absurdo! Por que eu...

— Porque isso salvaria a sua consciência! Você me quer tanto quanto eu a quero. Mas se eu tomá-la à força, poderá conservar intactos seu ódio e seus planos de vingança!

— Sua arrogância é simplesmente revoltante! Pois fique sabendo que eu não o aceitaria nem que fosse o último homem da terra!

— Não, mesmo? — murmurou ele com um risinho insolente.

Então, num movimento inesperado e ágil, trouxe-a para junto de si e prendeu-lhe os pulsos com uma das mãos. Depois deslizou a perna sobre a sua coxa.

— Quer à força, chinesa? Então será à força.

— Patife! — gritou ela, ofegante e assustada com aqueles modos brutais. — Não quero você. Eu...

Ele envolveu-lhe os ombros com o braço e abaixou a cabeça, cobrindo-lhe os lábios com um beijo que sufocava na garganta seus últimos murmúrios de protesto. Depois murmurou-lhe ao ouvido:

— É inútil ficar se debatendo, minha preciosa.

Talita estava ofegante. Sentia as pálpebras pesadas e havia uma sensação de calor queimando seu corpo, um fogo líquido que corria por suas veias, enlouquecendo-a.

— Por favor... Não...

Pouco a pouco, porém, ela viu-se correspondendo com a mesma ânsia, entreabrindo os lábios, moldando seu corpo macio ao dele. Não opôs qualquer resistência, quando sentiu as mãos fortes deslizarem para dentro de sua camisola. Curvou-se para recebê-las, incendiando-se com seus toques, ofegando quando seus seios se enrijeceram às provocantes explorações.

Como em transe, sentiu, sob as cobertas, que ele lhe separava as pernas.

— Não! — gritou subitamente, enquanto lutava contra si mesma para não se entregar ao desejo ardente que ameaçava subjugar-la.

Ele continuou a acariciá-la, beijando-lhe os seios, os lábios que se

entreabriam lentamente, apesar de seu esforço.

"Preciso resistir", pensou, desesperada, mas seu corpo recusava-se a obedecer, já não se debatia tanto, já não lutava.

— Não... — balbuciou ainda, mas sua súplica não era mais do que um fio de voz.

Brecker ergueu-se.

— Olhe para mim e diga se devo parar.

Talita lentamente ergueu as pálpebras e fitou-o nos olhos, mas não conseguiu dizer uma palavra.

— Vamos, chinesa. Diga se devo parar.

Ela sacudiu a cabeça em silêncio, sem tirar os olhos dele. À difusa luz alaranjada, viu uma camada de suor cobrindo-lhe o rosto e o peito. Os dentes brancos brilhavam num sorriso. Sua mente se ausentou, incapaz de pensar.

— Quer me sentir dentro de você — ouviu-o dizer, com voz rouca.

Sentiu uma súbita raiva da traição que estava fazendo e gritou:

— Você é brutal!

Ele pousou a mão entre as suas pernas.

— Aqui.

— Você é vulgar — gemeu ela, arqueando-se involuntariamente.

Brecker olhou-a. Seus lábios estavam entreabertos, os olhos enevoados de desejo. Atraiu-a para si, pressionando-lhe os seios contra o peito e beijou-lhe a boca macia e úmida. Sentiu o corpo dela tremer e percebeu que podia tê-la sem ser à força.

Era o que mais queria: que ela se entregasse voluntariamente. Nunca, ninguém lhe pertencera. Nem ele jamais pertencera a alguém. Fora rejeitado pela mãe, ignorado pelo pai, marginalizado pela sociedade. Queria, ao menos uma vez, ser intensamente desejado. Por essa mulher... só por ela!

Respirou fundo e afastou-a delicadamente de si, embora com mãos relutantes.

— Quero que me perdoe.

Ainda sob o impacto das intensas emoções que experimentara, Talita olhou para ele, estupefata.

— Não compreendo...

— Chinesa... Quero que venha a mim de vontade própria, ansiosa e apaixonada. Quero que me confesse o seu ardente desejo de realização, que só eu posso lhe proporcionar.

Talita estava profundamente chocada.

— Quer que eu me rebaixe e peça, de joelhos, que... que me possua? É isso que sua arrogância intolerável espera de mim?

— Seria tão terrível assim?

Talita deixou-se cair para trás, aniquilada por uma sensação escaldante, que queimava como fogo. Vergonha. Vergonha de ter traído seus princípios, vergonha de ter se esquecido que esse homem, que nem ao menos lhe fizera a cortesia de tomá-la à força, era o assassino de sua mãe! Vergonha de ter se submetido a suas carícias, de ter se perdido na sedução de seu corpo viril. E, agora, não satisfeito de tê-la rebaixado tanto, ele estava pedindo mais! Queria não apenas forçar a reação sensual de seu corpo, como esperava que ela fosse a primeira a tomar a iniciativa amorosa. Era uma dupla ofensa! Uma onda de humilhação cresceu em seu íntimo, com fúria descomunal.

— Odeio você! — gritou-lhe, cheia de rancor.

Brecker deixou escapar um profundo suspiro. Sabia o que ela pensava, o que qualquer uma pensaria nessas circunstâncias. Mas não podia fazê-la ver que estava enganada porque, se o fizesse, estaria lhe expondo o que havia de mais íntimo em seu ser. Não, não podia. Não para essa mulher que exercia um tão estranho poder sobre ele e que faria disso, impiedosamente, uma arma!

— Eu sei, chinesa — disse simplesmente, dando-lhe as costas. — Eu sei...

Ambas estavam prontos para a luta. Isso tornou-se evidente na manhã seguinte, ao despertarem de uma noite mal-dormida. A paixão insatisfeita transformara-se em rancor. Esse clima perdurou por uma semana. Durante o dia, enfrentavam-se como inimigos. À noite, deitavam-se lado a lado. Era então que o desejo despertava com redobrada força. Mas nenhum dos dois cedia a seu apelo.

Talita não se conhecia mais. Seu corpo cessara de pertencer-lhe e era agora propriedade de uma mulher de sangue ardente, que reclamava seu natural direito ao prazer. Ela preferia a anterior, mais inocente, que não sabia o que esperar da vida nem dos homens.

Também Brecker não se sentia o mesmo homem. Conhecia seu corpo bem demais e sabia que precisava de uma mulher. Mas necessidade e desejo, que haviam estado sempre distintamente separados, estavam agora fundidos, de modo que era impossível distinguir um do outro.

Talita. Tudo nela lhe agradava. Sentia prazer apenas em olhá-la. Ou ouvir sua voz doce e acariciante. Gostava até de discutir com ela, porque isso o fazia sentir-se vivo, renascido de sua própria força. Mas, nos últimos dias, ela se refugiava dentro de si mesma num quase silêncio de palavras medidas.

Por isso, surpreendeu-se, quando a ouviu dizer à hora do almoço, por cima da terrina de sopa quente:

— Por que você continua a rachar lenha? Temos uma reserva suficiente para quatro invernos, pelo menos.

— Gosto de exercitar os músculos — respondeu-lhe, tenso.

— Um gosto extraordinário! — tornou ela, irônica. Brecker ficou pensativo, tentando imaginar a que tipo de discussão aquela conversa conduziria e resolveu ficar quieto. "É evidente que está querendo me irritar. Mas não vou permitir que o consiga!"

No entanto, ela parecia movida por um segredo e implacável rancor. Olhou-o e continuou, num tom displicente:

— Não me importo que derrube todas as árvores da colina. Aliás, parece que você já fez isso!

— Ótimo que não se importe, porque eu vou continuar meu trabalho — disse ele, encaminhando-se para a porta.

Dois dias depois, estavam ainda empenhados naquela guerra emocional. À hora do café, Brecker olhou para a mesa escassamente fornecida e resmungou:

— Pensei que houvesse ovos nesta casa.

Talita o fuzilou com o olhar, mas procurou manter a voz distante e impessoal.

— Pois não há mais!

— Não compreendo. Trouxe uma cesta cheia não faz três dias.

— Deixei a cesta cair no chão. Os ovos quebraram-se.

— Todos?

— Sim, todos. — Ela o encarou com petulância. — Pode dizer, Brecker. Sou uma tola e uma incompetente, não é?

— Nem tola nem incompetente. Apenas uma criança mimada e caprichosa!

Ele riu, um riso de escárnio que a deixou cega de ódio. Talita estendeu a mão trêmula para a mesa e, quase instintivamente, agarrou a xícara e a arremessou ao chão.

— Muito bem — disse Brecker. — Pensei que tivesse perdido a capacidade de sentir emoções. Pois continue assim. Não se feche de novo.

Ele levantou-se, atirando o guardanapo em cima da mesa e Talita fez de conta que aquelas palavras não lhe diziam respeito. Mas, quando ele desapareceu da cabana, deixou os ombros curvarem-se, desesperada. Era difícil encará-lo, como se não tivesse acontecido nada. A ferida ainda sangrava...

No dia seguinte, 30 de novembro, Ellie Oates e o marido chegaram inesperadamente para cumprimentar o casal em lua-de-mel. Incerta sobre a reação da amiga a seu casamento, Talita esperou os comentários com o coração aos saltos.

— Não fiquei nem um pouco surpresa. Sabia que isso ia acontecer — disse-lhe Ellie, abraçando-a com ternura. — Não foi, Neil?

Então, sem esperar a resposta do marido, ela continuou:

— Achei esse casamento secreto tão romântico!...

Os sorrisos dos recém-casados foram inevitáveis. Especialmente quando seus olhos se encontraram. Pouco depois, no entanto, ao servir o café, Talita viu o marido ficar imóvel, pensativo, olhando sem ver. Percebeu que alguma coisa acontecera, mas não tinha idéia do que podia ser.

Interrogou-o assim que as visitas se retiraram.

— Que aconteceu? Você mal trocou duas palavras com os nossos amigos! O que não irão pensar eles? — insistiu, embora soubesse que ninguém, a não ser ela, notara-lhe a sutil mudança de humor.

Brecker olhou-a intensamente.

— Do que está se queixando? Não me comportei com um mínimo de cortesia?

— E a que devemos seu mau humor? — perguntou ela, sarcástica.

Ele agarrou-lhe a mão esquerda.

— Onde está sua aliança, Sra. Brecker?

— A aliança...

Por um momento, Talita não pôde recordar-se de onde a deixara. Então, lembrou-se. Tirara-a para lavar algumas peças de roupa. Ia explicar-se, quando ele falou de novo:

— Que há, chinesa? Está com vergonha de ter se casado comigo?

A acusação, proferida em tom ferino, deixou-a muda.

— Bem, goste ou não, você é minha mulher!

— Breck, eu...

— Você parece que se esqueceu desse pormenor, mas eu não. Quando nos casamos, fiz um voto perante Deus. Eu o levei a sério!

Essas palavras ecoavam ainda na mente de Talita, à noite, quando, cansada do quimono amarelo, ela envergou um vestido de lã, que estava entre as coisas que Ellie lhe trouxera do Chastain Hotel.

Vergonha. Brecker achava que ela sentia vergonha dele. Não era verdade. Sentia vergonha de ser a mulher de um assassino, não a mulher de Madison Brecker. Para ela, o assassino e o homem eram duas pessoas distintas. Talvez porque em seu coração não houvesse lugar para outra vergonha que não fosse a dela própria.

Mordeu os lábios até fazê-los sangrar, impotente diante das emoções disparatadas que a torturavam. Dissera que o desprezava e o odiava, mas seus sentimentos, seu coração e seu corpo diziam coisas muito diferentes. E isso lhe dava a humilhante certeza de que Brecker atingiria seus propósitos sem ter de forçá-la.

Esquecera-se de Su-Ling, de todos os momentos de ternura que haviam tido, dos risos, das conversas à meia-luz. Como pudera chegar a esse ponto? Se tivesse um pouco de respeito pela memória dela, acabaria com aquela charada nesse exato minuto! Apanharia a faca que logo Brecker deixaria sobre a mesa e a enterraria no coração dele.

Ao vê-la com aquele macio vestido de lã, que moldava todas as curvas que havia por baixo dele, Brecker sentiu o sangue correr mais rápido em suas veias, num assomo de paixão que o fez ofegar. Sentiu também um medo, que não passava, afinal, do amargo reconhecimento de sua vulnerabilidade diante dessa mulher.

Seus olhos se encontraram. Os dele inescrutáveis, inexpressivos. Os dela calmos, mas indicando que a vingança se cumpriria.

Lentamente, ele atravessou a sala, apoiou o pé na cadeira e tirou o comprido facão de cano da bota. Depois, endireitando-se, colocou-o ao lado do lampião a querosene. Talita acompanhou seus gestos com os olhos. Sentia uma grande calma, agora que o momento finalmente havia chegado. Tornou a observá-lo, enquanto ele, vagarosamente, tirava a camisa. Teve vontade de acariciar-lhe o peito forte, deliciando-se sensualmente com os pêlos dourados.

— Por que está me olhando desse jeito, chinesa? — perguntou ele, com um

sorriso insinuante. — É ódio ou paixão? Impulsionada por um súbito desejo de apagar aquele sorriso, ela apanhou a faca e a ergueu no ar. Num movimento rápido, Brecker prendeu-lhe o pulso com mão de ferro e torceu-lhe o braço para irás.

Ela o fitou, as lágrimas saltando-lhe dos olhos arregalados, mais de frustração do que de dor.

— Preferia ir para o inferno, antes de me apaixonar por você!

Ele apertou-lhe ainda mais o pulso, até que ela largasse a faca.

— Já estamos queimando juntos nas chamas de nosso inferno particular, chinesa.

Ela o empurrou rudemente e livrou-se com um safanão. Precisava afastar-se, antes que ele a matasse ali mesmo! Sentiu os joelhos vergarem-se e, depois de um esforço desesperado, conseguiu sair correndo pela sala.

Com uma calma assustadora, Brecker inclinou-se e apanhou a faca. Então, com a habilidade de um atirador profissional, arremessou-a na direção da mulher que alcançava a porta.

CAPÍTULO XVI

A lâmina cintilou à luz amarela da lanterna, antes de crivar-se na manga alva e imobilizá-la contra a porta.

Talita ficou assim por um instante, como uma borboleta de asas distendidas presa pelo alfinete de um colecionador. Então, num desespero súbito, virou a cabeça. Brecker avançava para ela a passos largos. Seu rosto, habitualmente inexpressivo, refletia uma fúria descontrolada. Dominada por um terror selvagem, tentou libertar-se. Mas a mão que se fechou em torno do cabo trabalhado não foi a dela.

Ele a fez girar, e antes que tentasse fugir, firmou-a sob seu corpo. Depois, lentamente, encostou-lhe a faca na têmpora, onde uma veia pulsava com furor, enquanto sua mão livre deslizava pelo pescoço frágil. Bastaria um leve aperto para pôr fim àquela vida...

"Vai me matar!", pensou ela, com a terrível sensação de que tudo chegara ao fim. "Talvez esfaquear-me, como fez com minha mãe, ou estrangular-me, como quase fez com o mineiro que disse coisas insultuosas dos pais dele..."

— Vamos, mate-me! — desafiou-o com voz embargada pela emoção.

Ele a agarrou brutalmente pelos ombros e sacudiu-a, como se a quisesse magoar, ferir, vingar-se.

— Oh! não me provoque... — murmurou entre os dentes, os olhos azuis faiscando de ódio, as narinas arfando.

Talita deu um grito desesperado e debateu-se em seus braços. Mas ele a segurava de tal maneira, subjugando-a e apertando-a mais e mais contra o peito, que ela ficou paralisada, incapaz até de respirar.

Brecker contemplou-a em silêncio durante alguns segundos. Era a jasmim que ela cheirava... E sentiu a cólera escorrer-lhe inteiramente dos nervos.

— Talita, eu...

Ela ergueu o olhar e teve consciência da súbita atração que começava a estabelecer-se entre eles.

— Deixe-me — murmurou, sentindo-se fraca, perdida, sem forças para lutar.

Como num sonho, viu o rosto dele chegar cada vez mais perto e sentiu sua boca esmagada por lábios surpreendentemente macios e quentes. Fechou os olhos por um momento, envolta em indizível exaltação. Mas, quando as mãos fortes introduziram-se dentro de seu decote, quis afastar-se.

— Não...

Então, dedos inquietos apertaram os bicos rijos de seus seios, e um extraordinário fluxo de sensações transformou seu sangue em fogo. Tornou a fechar os olhos, enquanto, num gesto quase instintivo, entreabriu os lábios, à espera do contato que mais uma vez a incendiaria de desejo.

Permaneceram assim por um longo tempo, as bocas unidas movendo-se sem realmente se separar, saboreando-se, famintas, e despertando todos os outros sentidos.

— Oh, chinesa...

— Quero você! — ela ouviu-se suspirar, um suspiro que era mais do que uma aquiescência: era uma súplica.

Brecker olhou para aquela linda criatura que o fitava com os lábios entreabertos e a respiração ofegante e não hesitou mais. Com a faca, fez saltar os botões do vestido, que caiu a seus pés, num suave amontoado.

— Linda! — exclamou, na contemplação dos seios que ofegavam.

Depois, tomando-a pela mão, levou-a para junto do fogo.

— Não quer soltar seus cabelos?

Um a um, lentamente, Talita pôs-se a retirar os grampos dos cabelos, colocando-os sobre o consolo. Sabia que Brecker seguia seus movimentos com atenção. Podia vê-lo pelo espelho, terminando de despir-se sem tirar os olhos dela. Quando seus cabelos derramaram-se pelas costas, ouviu-o exclamar, num sussurro emocionado: — Como você está maravilhosa! Virou-se para ele, lânguida, estremecendo de desejo, e lançou-se em seus braços, num abandono completo. Ele levou-a assim, passiva, como um despojo precioso, enquanto ela saboreava a sensação de ser uma bela presa. De costas sobre a cama, enlaçou-o pelo pescoço.

— Isso não vai mudar nada — disse em voz muito baixa. — Eu ainda odeio você.

Brecker suspirou fundo.

— Eu sei, chinesa.

— Vou matá-lo.

— Você já está me matando. De paixão.

— Você sabe o que eu quis dizer...

— Então beije-me, querida.

Os olhos semicerrados, Talita o puxou para si e deu-lhe um longo beijo na boca.

Ela era toda sensualidade, com os lábios entreabertos, as pupilas dilatadas pelo desejo. Brecker tocou-lhe o rosto, depois os bicos dos seios. Continuou o passeio sensual pela ancas ondulantes, até deter-se nos pêlos entre as pernas, excitando-a com terna habilidade.

Talita gemeu baixinho. A sensação era tão eletrizante, que ela não conseguiria suportá-la por mais tempo. — Não espere demais, Brecker... Mas ele queria saborear aquele momento sem pressa alguma. Cobriu-lhe os lábios com os seus, enquanto suas mãos ávidas e experientes descobriam-lhe cada ponto sensível do corpo, excitando-a até a loucura. Ela estava completamente arqueada quando começou a penetrá-la mais e mais. Subitamente, ergueu-se e ficou imóvel.

— Talita?...

— Não seja tão delicado, querido! Faça-me sua.

Era um pedido, um apelo. Ela aceitava a responsabilidade de fazer amor com ele. E dava-lhe o que nunca dera a ninguém: a dádiva de si mesma. Recomeçou a penetrá-la, delicada e carinhosamente, abafando seus gemidos de prazer com o calor de seus beijos. Depois, com movimentos cada vez mais rápidos e

impetuosos, penetrou-a com todo seu peso.

Talita não teve mais que um desejo: submeter-se, ser dele. Inteiramente.

Brecker ouviu os soluços contidos e ficou tenso. Ela estava chorando! Estreitou-a ainda mais contra o peito e procurou descobrir os motivos dessas lágrimas. Um deles era claro: ela acabava de se tornar mulher. Fora uma experiência nova. Ela viera inexperiente para seus braços. Pura. Uma emoção estranha dominou-o, um sentimento completo, forte e inelutável.

Olhou-a silenciosamente, com crescente compreensão da mudança que se operava nela, em si próprio. Essa tomada de consciência, essa perturbação que experimentava lembrou-o do outro motivo daquelas lágrimas. Também ela devia estar confusa. O que acontecera havia poucos instantes não fora uma simples satisfação dos sentidos, mas uma fusão completa de corpos e mentes.

E se essa comprovação o confundia tanto, devia confundi-la ainda mais, pois ela o odiava. O instinto de resistência, a humilhação de se saber constrangida e abandonar-se a seus próprios desejos, o rancor em meio ao prazer, todas essas emoções haviam-na abalado.

Essa certeza foi-lhe direto ao coração com uma força quase igual a seu natural desespero. E por um momento, apenas por um momento, sentiu a tentação de contar-lhe a verdade. Mas conteve-se. Por respeito a Su-Ling e a Jedediah, ou talvez porque estava com medo de que ela não acreditasse nele e que essa falta de confiança o magoaria mais do que o ódio cego. Ergueu-lhe o rosto e seguiu-lhe o contorno dos lábios com o dedo. Então, sem palavras, beijou-os de leve. Foi um beijo suave, delicado, que Talita aceitou com gratidão. Ela quis parar de chorar e quis também que ele compreendesse o motivo das lágrimas que lhe enchiam os olhos. Mas como, se ela própria não se entendia?

Passou-lhe os braços pelo pescoço, encostando o rosto ao dele. Não era justo para ele. Não era absolutamente justo. Os momentos de paixão que tinham compartilhado foram maravilhosos. Estava ainda surpresa e um pouco abalada pelo impacto emocional.

— Que foi, chinesa? — Brecker olhava para ela, sorrindo interrogativamente.

— São os meus nervos...

— Machuquei você? — insistiu ele, acariciando-lhe o flanco, onde o ferimento mal cicatrizava.

Talita o olhou através das lágrimas.

— Não.

Ele desceu a mão por seu ventre e tocou-a intimamente.

— Aqui?

Ela ficou calada.

— Machuquei-a, não foi?

— Não.

— Então! Para que chorar?

Ela enxugou os olhos com a ponta do lençol.

— Não sei explicar. É... É uma sensação estranha. Brecker sentiu-a tremer e envolveu-a com os seus braços.

— Isso acontece sempre com as mulheres após o ato de amor. Logo, vai deixar de se sentir estranha.

Ele inclinou-se e pôs-se a passear a boca sobre o rosto dela, brindando-a com beijos leves e acariciantes.

— Agora, diga que acredita em mim!

— Acredito... — balbuciou ela, confusa.

Ele riu e beijou-a de novo, com triunfante paixão. Depois segurou-lhe a mão e tocou a aliança.

— Não precisa usá-la, se não quiser.

Talita ouviu sua voz tremer e quis explicar-se.

— Tirei-a esta manhã para lavar algumas peças de roupa. Acredita em mim?

Ele tornou a sorrir e colocou os lábios aos dela, num beijo profundo e apaixonado. Ela sentiu-lhe a força impetuosa e deixou-se contagiar pelo mesmo ardor, pelo mesmo desejo intenso. Seus corpos se ajustaram e mergulharam juntos no delírio da paixão.

Os primeiros raios do sol nascente já se insinuavam pelas frestas da janela, quando deixaram-se cair sobre os lençóis, exaustos mas saciados.

Mas, com a luz da manhã, chegou a realidade, Talita olhou para o homem que dormia a seu lado e sentiu os olhos queimarem. Como se deixara envolver daquela maneira? Num assomo de rancor, renovou seus votos de vingança: ele não podia viver!

Com a manhã, chegou também Dancey Harlan. O chefe de trem, abrigado num pesado casacão, saltou do cavalo ainda em movimento.

— Breck!

— Que há de errado? — perguntou ele da varanda, com a horrível sensação de que acontecera uma desgraça.

Dancey subiu os degraus de dois em dois, gritando:

— Aquele patife está agindo de novo!

Então, ao ver Talita parada na soleira da porta, ele levou a mão à aba do boné.

— Bom dia, senhora.

— Bom dia, Dancey.

— Que foi que o patife fez desta vez? — perguntou Brecker, sem perder a calma.

— Tentou sabotar a ferrovia. Exatamente antes do último viaduto. Você sabe onde é.

Brecker assentiu.

— Explique-se melhor.

— Alguém retirou o cravo de junção. Charlie não percebeu nada e a locomotiva saltou fora dos trilhos. Charlie diz que vai abandonar o emprego, se as sabotagens continuarem!

Talita aproximou-se do marido e, num instintivo gesto de proteção, colocou-lhe a mão no braço. Aquilo constituía um prejuízo fora do comum!

— Alguém machucou-se? — tornou Brecker. Dancey balançou negativamente a cabeça.

— Não, felizmente. Mas foi um milagre.

— E o comboio?

— Mandei o pessoal recolocá-lo nos trilhos. Brecker virou-se abruptamente para Talita.

— Sente-se em condições de viajar?

— Sim, claro! — disse ela, sem um átimo de hesitação.

— Muito bem. É tempo que eu volte à cidade e reassuma o pleno controle da companhia. Quero descobrir quem é o miserável que está querendo me arruinar!

Brecker respirou fundo e continuou:

— Estaremos lá por volta do meio-dia. Ponha o trem para rodar, se puder.

— É o que pretendo fazer — respondeu Dancey, enquanto descia rapidamente a escada.

Com um pé no estribo, ele acrescentou:

— Ia me esquecendo. Recebemos uma carta anunciando que a nova locomotiva já foi embarcada. Deverá chegar dentro de um ou dois dias.

Brecker sacudiu a cabeça, cheio de assombro.

— Pensei que fossem me pedir um adiantamento, antes de embarcá-la!

— Parece que mudaram de idéia e resolveram dar-lhe crédito.

Brecker pensou imediatamente em Jedediah. Era um belo gesto. Sabendo que ele jamais aceitaria um empréstimo, seu amigo resolvera facilitar-lhe as coisas juntos aos fabricantes, pressionando-os para que lhe concedessem crédito.

— Tenho a impressão de que minha sorte vai mudar.

— Que Deus o ouça! — retrucou Dancey, tomando as rédeas e fazendo o cavalo dar meia-volta.

Brecker passou o braço pelos ombros da esposa.

— Tem certeza de que está em condições de viajar?

— Pensa que não sei o que estou fazendo? Nunca estive melhor! Ele ficou a olhá-la por um momento e terminou descontraindo-se.

— Temos apenas um cavalo. Procure poupar-se.

— Não se preocupe.

Mas ela pensava menos no desconforto da viagem e mais no fato de que iria viajar nos braços dele. Era algo decididamente excitante, apesar dos pesares.

Alcançaram Virgínia City exatamente na hora que Brecker previra: pouco depois do meio-dia. A cidade já estava mergulhada na típica agitação de um sábado à tarde. Os mineiros não incomodavam-se com o frio cortante e as ruas estavam movimentadas.

Havia muita gente também no hall de entrada do Chastain Hotel. Depois de passar pela recepção, Brecker tomou Talita pelo braço e guiou-a com autoridade até os aposentos que ocupava havia mais de oito meses.

Ela estava exausta. Muito mais do que queria admitir até para si mesma, e deixou-se cair na beirada da cama com um suspiro.

— Ufa!

— Cansada? — perguntou-lhe Brecker, enquanto abria o telegrama que encontrara em seu escaninho.

— Nem tanto.

— Preciso dar uma passada pelo escritório. Você tem alguma coisa especial para fazer até que eu volte?

— Não.

— Então descanse um pouco.

— Você vai demorar? — Era uma pergunta que só uma esposa teria feito, e Talita mordeu o lábio, lamentando sua precipitação.

— Cerca de duas horas — respondeu ele, distraído, enquanto lia o telegrama, — Jedediah congratula-se conosco pelo casamento: Leia.

Talita apanhou o telegrama e leu-o, pensando como seu amigo soubera do fato. Depois devolveu-o em silêncio.

Brecker esboçou um sorriso em parte divertido, em parte sarcástico.

— Por falar em nosso estranho casamento, posso confiar em você?

— Que está querendo dizer?

— Você não irá sair por aí, comprar um revólver e ficar à minha espera com a arma engatilhada?

Talita desarmou-se e sorriu.

— Pode ficar descansado.

— Agradeço a franqueza — disse Brecker, olhando-a bem nos olhos. — Está sendo honesta.

Sorrindo, ele transpôs a pequena distância que os separava e inclinou-se sobre ela, cobrindo-lhe a boca com um beijo de marido e amante.

Muito longe dali, uma mulher elegantemente vestida subia a velha escada de um prédio de dois andares que já vira dias melhores e batia a uma porta pintada de um verde sujo.

— Um instante — disse uma voz abafada, do interior.

Ada McCook esperou com a impaciência de uma rainha forçada a aguardar um criado. Mas conteve-se, convencendo-se de que quem esperara dezoito anos podia esperar mais alguns segundos.

Quando os jornais de San Francisco tinham publicado uma profusão de notícias sobre o casamento de Talita Lee, ela as acompanhara com atenção. Não porque se importasse com isso, mas porque um dos repórteres parecia muito interessado em falar sobre a atriz.

Cinco artigos em tão poucos dias sugeriam uma fascinação pessoal do jornalista. E como a maior parte deles referia-se ao misterioso passado da Srta. Lee, Ada convenceu-se de que o homem poderia ajudá-la na concretização de seus planos. Seu dinheiro e sua influência fizeram-no soltar a língua e revelar um nome, em Sacramento. Restava saber como essa pessoa a receberia. Mas isso era o que veria dentro de poucos instantes.

A porta abriu-se de sopetão, interrompendo suas reflexões.

— Alô, querida. Posso saber o que deseja?

A voz era suave, educada, e pertencia a uma mulher alta, grisalha e simpática, seguramente com mais de cinquenta anos. O penhoar que usava, gasto e desbotado, parecia ter a mesma idade, mas falava de um passado de luxos.

— Estou procurando a Srta. Ruby Landry — disse Ada, com forçada polidez.

— Pois então acabou de encontrá-la.

A mulher sorriu cordialmente, produzindo duas ou três rugas nos cantos dos olhos.

— Ruby Landry Wharton Davis. Sua criada. Ada McCook retribuiu o sorriso.

— Muito prazer, Sra. Davis. Ida Standhurst.

— Pois não, Sra. Standhurst. Em que posso servi-la?

— Seria indiscrição perguntar-lhe se morava em Sacramento dezoito anos atrás?

— Nenhuma indiscrição, senhora. Eu nasci e me criei aqui.

Ruby estudou-a abertamente e então sorriu.

— Naturalmente, está querendo saber mais coisas, não é? Ada confirmou com a cabeça.

— Eu tinha o melhor bordel de Sacramento. Era o que todos diziam. Meus clientes costumavam vir de longe, até San Francisco, para usufruir dos confortos de minha casa. Minhas garotas eram distintas e nunca decepcionaram um hóspede.

Ruby sorriu, com os olhos voltados para o passado.

— Bons tempos aqueles. Nunca mais teremos coisa igual. Ada McCook sentiu-se interessada, apesar de tudo.

— Por que fechou a casa?

— Por várias razões — contou Ruby. — Era cada vez mais difícil encontrar garotas dedicadas. Só queriam ser prostitutas. Em vista disso, decidi fechar as portas.

— Entre as suas garotas havia uma chamada Su-Ling Chang?

À menção do nome os olhos de Ruby Landry encheram-se de inesperada tristeza.

— Su-Ling Chang... Faz anos que não penso nela. — Então, ela trabalhava em seu estabelecimento?

— Oh! sim. Foi uma de minhas melhores garotas. Ela era bonita, diferente, com aqueles cabelos negros e pele de alabastro...

— Essa Su-Ling tinha... Uma filha? Ruby assentiu.

— Quando a conheci, ela morava num pardieiro. Estava passando por maus momentos. Grávida de sete meses, não conseguia encontrar trabalho. Ninguém queria aceitar uma mulher nas suas condições. Levei-a para a minha casa e dei-lhe abrigo. Disse-lhe também que só trabalharia depois que tivesse dado à luz.

— E a criança?

— Nasceu no bordel. E desde o primeiro instante em que a vi, considerei-a como uma das nossas — Rubi sorriu. — A garota tinha mais tias do que outra criança qualquer!

— Então... Era uma menina — disse Ada em voz baixa.

— Sim, uma menina — confirmou Ruby, perdida em pensamentos. — Todos gostavam de Su-Ling. Sendo assim, todos passaram a gostar da menina porque era filha dela.

Os olhos cinzentos brilharam.

— Que aconteceu a seguir?

— Pobre Su-Ling... A vida não foi muito amável para com ela.

Havia uma tristeza genuína no rosto de Ruby, enquanto ela continuava:

— Muitas vezes lamentei o fato de tê-la iniciado na profissão. Ela era boa demais para isso, embora fosse justamente seu ar de fragilidade, de doçura, a

inspirar aos homens o desejo de protegê-la. Ada ouvia-a em silêncio.

— O que a salvava era a sua resignação. Ela costumava dizer que não importava o modo como a pessoa vivia, porque a verdadeira vida estava nas estrelas, não na terra.

Ruby fez uma pausa demorada.

— Sua morte foi uma coisa que nunca mais esqueci. A senhora sabe que ela foi assassinada?

— Sim — disse Ada com um fio de voz.

— Todos disseram que foi um homem alto, loiro, mas eu...

— Que aconteceu à criança? — cortou ela.

— Uma coisa estranha. Dias após a morte de Su-Ling, um casal de chineses apresentou-se à minha casa para reclamá-la. Disseram que eram parentes afastados. Mas eu ouvi Su-Ling dizer muitas vezes que não tinha qualquer parente na América. De qualquer modo, foi melhor assim. Caso contrário, a menina teria ido para o orfanato do condado.

Ada respirou fundo e fez a pergunta que lhe estava atravessado na garganta.

— Lembra-se do nome dela?

Ruby Landry esboçou um sorriso radiante.

— Claro que me lembro! Fui eu mesma que o escolhi. Tirei-o da Bíblia.

— Da Bíblia?

— As garotas e eu estávamos lendo o capítulo quinto do Livro de Marcos, a passagem sobre o milagre da filha de Jairo. É emocionante quando Jesus se aproxima da menina morta e diz: "Talita, levanta-te!" E a senhora sabe, Talita em hebraico quer dizer menina.

Ada quis dizer alguma coisa, mas as palavras não lhe chegaram aos lábios.

— Foi então que me veio a idéia de chamar aquela criança preciosa de Talita. Não é o nome mais lindo que já ouviu?

Há uma famosa atriz com esse nome. Mas à exceção dela, nunca conheci outra moça que se chamasse Talita. Ei, senhora! Que foi?...

Ada McCook dera meia-volta e já estava descendo as escadas.

— Que será que deu nela?

Pôs-se a descer rapidamente a escada. Na obscuridade, viu sangue.

Vermelho vivo destacando-se no cinzento de suas luvas. Trêmula, parou nos últimos degraus e respirou fundo. Quando cruzou o umbral da porta estava mais calma. Era explicável a depressão que sentira: a escada, o vento frio, aquelas tolices todas que Ruby lhe contara... Mas não podia hesitar. Tinha de olhar para frente, pensar no futuro. Então estaria livre, enfim, livre! E Jedediah seria o governador da Califórnia!

Antes disso, porém, teria de fazer os dois serviços. Não lhe sobrava outra alternativa.

CAPÍTULO XVII

A voz de Brecker soou firme e direta.

— Não está com vontade de conhecer a nova locomotiva, Talita?

Ambos encontravam-se na casa de pastos de Molly Dodd. Estavam jantando cedo porque em dezembro a noite caía rapidamente, logo após o pôr-do-sol, trazendo consigo um frio cortante.

Talita ergueu os olhos do prato. Aquele convite a surpreendia. Ele não costumava falar de negócios com ela nem revelar seus planos para o futuro. A única coisa que compartilhavam era a cama, onde passavam noites de loucura, como se aquele fogo que os consumia pudesse destruir todas as barreiras.

Estudou-o com mais atenção. Um brilho juvenil substituíra a habitual reserva de seus olhos.

— Quer mesmo que eu vá?

Tinha um genuíno interesse em ver de perto a tão falada locomotiva. E assim era porque desejava ser algo mais do que um objeto de prazer na vida dele. Talvez encerrar o velho jogo e começar uma partida nova. Isso, porém, ainda se projetava para o futuro.

Brecker não escondeu sua satisfação.

— Naturalmente. Mas precisamos correr. O dia está quase acabando.

Ele ajudou-a a levantar-se e a vestir a capa de veludo forrada de peles. Enquanto lhe passava o regalo, seus olhos se encontraram. Como sempre, disseram mais coisas do que os lábios.

— Vamos?

— Sim, vamos.

Fora, nuvens pesadas arrastavam-se pelo céu, uma pálida luz de prata tocava os telhados e penetrava as ruas. Talita aspirou o ar revigorante, deliciando-se com a promessa de neve. Por um momento, esqueceu-se do homem que caminhava a seu lado, esqueceu-se de si mesma. Procurou simplesmente sentir um pouco de paz. Mas, como das outras vezes, talvez porque o destino assim o determinara, a paz evitou-a e foi se esconder no reduto da noite. —

Brecker enterrou o chapéu na cabeça e retardou um pouco o passo. A tarde caía rapidamente. Um vento reconfortante lhe batia no rosto, avivando-lhe o sangue. Aspirou-o fortemente, dominado por uma alegria sem motivo. Começava a sentir-se parte daquele pedaço de terra chamado Nevada, onde as montanhas erguiam-se a distância, as águas pairavam nos céus azuis, e a neve cobria os campos de artemísia.

Se pudesse ficar mais um pouco ali e criar raízes como uma árvore... Antes, o coração inquieto não lhe permitira marcar fronteiras. Mas agora havia uma mulher a seu lado. E era ela, percebia nesse instante, o motivo desse bem-estar, dessa alegria poderosa, que nada nem ninguém teria forças para destruí-la.

— O galpão fica muito longe?

Brecker deixou a pergunta pairar no ar por um instante, antes de responder:

— A poucos minutos daqui.

Deixaram a rua principal e seguiram durante cinco minutos por um caminho cheio de curvas, até pararem diante de uma cerca alta, atrás da qual uma cerrada massa de ciprestes ocultava tudo.

— Chegamos.

Envolto nas sombras do crepúsculo, o pátio de manobras da ferrovia parecia já preparado para a longa noite invernal. Transpuseram o portão e caminharam em silêncio, ao longo da linha terminal, junto à qual erguia-se um grande galpão de madeira. Via-se ali um cartaz que dizia: "Exclusivo do pessoal. Entrada proibida a estranhos".

Brecker fez deslizar as enormes portas e disse para Talita entrar. Quando tornou a fechá-las, a escuridão e o cheiro sufocante de graxa os envolveu. Tatearam a parede no escuro, antes que Brecker riscasse um fósforo e as trevas se desvanecessem abruptamente pela claridade de uma lanterna.

Dentro do halo cor de âmbar, emergia um gigante de ferro. Foram até a frente da máquina, examinando-a.

— Que acha dela? — perguntou Brecker, cheio de orgulho.

Talita estava de olhos arregalados.

— Que beleza! — exclamou surpresa. — É linda, Brecker!

Ele sorriu.

— Que é que você esperava? Que ela fosse feia?

— Não sei o que esperava. Mas não imaginava que fosse tão bonita e tão grande.

— Trinta e quatro toneladas. Em peso e em dólar é a melhor máquina que roda por aí.

Brecker passou a mão ao longo do varão frontal.

— É uma bela dama de ferro.

— Você fala dela com carinho, como se estivesse falando de uma mulher.

O sorriso dele ampliou-se.

— Uma máquina tão bonita merece isso.

— Gostaria de experimentar sua força.

— Um dia qualquer vou levá-la para dar uma volta. Talita sentiu o sangue pulsar nas veias.

— Terei um grande prazer.

Brecker sorriu e pôs-se a tirar o pó que encobria a placa do fabricante, colocada logo abaixo do farol. Inscritas num círculo em torno da placa, havia as palavras "Oficina de Locomotivas Baldwin. Filadélfia". No centro, um grande número onze.

Talita aproximou-se da máquina e deu a volta, admirando-a.

— É pura beleza, seja qual for o ângulo de que se olhe. Ele suspirou.

— Só espero ter meios de pagar tanta beleza.

Ela sentiu uma pontada de remorso. Dessa vez, por um motivo diferente.

— Depositei o... produto do roubo num banco, em San Francisco. É todo seu.

Brecker estudou-a longamente.

— Isso melhora um pouco a situação. Poderei saldar o empréstimo que contrái junto ao banco. Mas não dará para amortizar nem uma parte dos custos da nova locomotiva. Teria de suar muito para conseguir esse dinheiro,

Talita admirou-se.

— Minha experiência em negócios é muito limitada, mas achei que você tivesse meios de resolver essa questão, quando a encomendou.

— Naquela ocasião, eu esperava fazer muito dinheiro com a expansão das linhas.

— Não espera mais? Brecker deu de ombros.

— Considerando-se as circunstâncias, isso me parece um sonho remoto.

— Que circunstâncias?

Ele ficou em silêncio por um momento. Depois confessou:

— O lucro da companhia está caindo.

— Por quê?

— Perdi clientes. Alguns proprietários de minas voltaram a servir-se da Wells Fargo para o transporte do dinheiro, embora continuem a usar a ferrovia para o transporte do minério.

— Está querendo dizer que eles romperam o contrato com você por causa dos roubos?

Brecker assentiu vagarosamente.

— Sim, foi isso o que aconteceu.

— Mas os roubos acabaram!

— Como eles podem ter certeza?

Talita ficou muda. Era uma situação difícil para ele, naturalmente. Não poderia dizer a ninguém que prendera o misterioso assaltante pelos sagrados laços do matrimônio!

— Mas quando eles perceberem que os roubos não irão continuar, tornarão a fazer negócios com você.

— Possivelmente. Mas vai demorar, até que readquiram a confiança perdida. E eu não posso esperar até lá.

O rosto dele tornou-se sombrio.

— Essas sabotagens estão contribuindo para piorar ainda mais as coisas.

— Não tem nenhuma idéia de quem possa estar por trás disso?

— Andei revolvendo minha memória em busca de detalhes a respeito da fisionomia ou das reações desta ou daquela pessoa. Não me lembrei de nada que pudesse revelar o verdadeiro culpado.

— Terá de encontrar uma solução.

— Uma delas é ficar com a locomotiva. Talvez ela possa pagar-se por si mesma se aumentarmos o número de viagens. — Brecker descansou a mão na barra frontal. — Não vou abandonar a luta no momento em que mais vale a pena continuar.

Talita sentiu um peso no peito, ao pensar que fora ela que o empurrara para a ruína financeira. Num impulso, disse:

— Tenho algum dinheiro. Posso ajudá-lo a pagar parte dos prejuízos.

Brecker foi colhido de surpresa. Jamais lhe passaria pela cabeça que ela fosse capaz de um gesto tão delicado.

— Obrigado, chinesa. É bom saber que posso contar com você. Mas por que está querendo me ajudar? Somos inimigos, não se lembra?

Não, ela não tinha se lembrado. Por um breve instante, esquecera-se de que alimentava um ódio profundo por ele.

Por quê? Estava tentando decifrar o enigma, quando o viu retesar-se.

— Que foi?

Brecker levou o dedo aos lábios.

Permaneceram em silêncio, com os ouvidos atentos a qualquer ruído estranho. Não ouviram nada, além do assobio do vento. Talita ia dizer alguma coisa, quando, de repente, ouviu um ruído quase imperceptível à entrada do galpão. Logo depois, um rangido, como se a porta estivesse girando em seus gonzos.

No mesmo instante, Brecker apagou a lanterna e o local mergulhou em total escuridão. Automaticamente, ela deu um passo em sua direção e sentiu duas mãos fortes puxarem-na para trás, enquanto uma voz sussurrante lhe dizia ao ouvido:

— Quietinha!

Ouviu o ruído da porta que se fechava e depois o de passos cautelosos. Houve um silêncio repentino, seguido pelo rascar de um fósforo, quase no mesmo instante, uma lanterna irradiou seu halo de luz amarelada.

Brecker puxou Talita para as sombras. De lá, ambos puderam ver que o intruso era um homem alto, forte. Não puderam distinguir sua fisionomia, oculta sob a aba do chapéu de feltro, mas viram-no mover-se com a agilidade de alguém que possuísse músculos bem treinados.

"O que estará ele fazendo aqui, no meio da noite?", pensou ela.

Foi o próprio intruso a dar-lhe a resposta. Depois de colocar a lanterna sobre uma caixa emborcada, ele tirou um objeto longo e estreito, aparentemente pesado, do bolso do sobretudo. Algo que parecia uma lima.

— Você não vai tocar nessa máquina! Do contrário, irá se arrepender pelo resto da vida! — A voz de Brecker ressoou com uma bomba no silêncio tumular.

O homem virou-se bruscamente, como se tivesse levado uma picada de cobra. Talita distinguiu-lhe o rosto assustado e percebeu que já o vira antes. Mas não se recordou de onde.

— Só um covarde age furtivamente, na calada da noite! — tornou Brecker. — Mas isso nós já sabíamos. Não é Booth?

Wilson Booth! Talita olhou-o com mais atenção. O homem que a olhara com ousadia, durante o ensaio. O homem que a tirara para dançar, no baile do governador!

Booth arreganhou os dentes.

— Ora, ora... Não é o proprietário da Sierra Virgínia?

Seu medo desvanecera-se, substituído por uma arrogância bastante estranha, naquelas circunstâncias. "Uma atitude perigosa", pensou Talita. "Muito perigosa." Instintivamente, ela colocou-se ao lado do marido.

— E sua encantadora esposa! — completou Booth com indisfarçável ironia.

— Deixe minha esposa fora disso! — disse Brecker com uma frieza que fez Talita estremecer. — E jogue essa lima para bem longe!

— Como quiser — retrucou o outro, deixando cair o instrumento.

— Você é mais louco do que eu imaginava. Que resultado esperava obter, danificando minha locomotiva?

— Na verdade, eu esperava que esses... pequenos acidentes não precisassem mais se repetir. Esperava que você voltasse à razão e vendesse a companhia — respondeu Booth, cada vez mais seguro de si.

— Você foi um idiota em vendê-la. Eu não serei outro, deixando que a tome de mim!

Um brilho mau cruzou os olhos de Booth.

— Você não tem mais condições de oferecer um serviço adequado. Está afundado em dívidas! A propósito, eu não tenho nada a ver com os roubos!

— Por que não pensou nisso ou por que não teria coragem para tanto? Seu

estilo é outro: o de um covarde que age nas sombras, prejudicando gente inocente!

Booth crispou os lábios.

— Vamos, Brecker! Não quer que essa senhora pensa mal de mim, quer?

Os olhos dele voltaram-se para Talita e, por um momento, ela teve a impressão de que ele a despia mentalmente.

— A bela eurásiana!

Brecker cerrou os punhos e deu um passo para frente.

— Não se meta com a minha esposa!

Ele ia prosseguir, mas de súbito se imobilizou. Booth havia puxado um revólver e dizia:

— Vamos com calma, amigo!

Brecker fitou-lhe os olhos. Brilhavam numa expressão de triunfo.

— Você não vai puxar esse gatilho, Booth!

— Espere e verá!

— Que pretende fazer? Matar-nos?

— Não queria fazer isso. Mas você não me deixa outra alternativa.

— Talita não tem nada a ver com nossas diferenças. Deixe-a ir embora.

— De modo algum: Ela será encontrada aqui a seu lado. Todos irão pensar que vocês surpreenderam um ladrão, talvez o mesmo que roubou o trem, e que ele os matou.

— É tudo o que tem a dizer?

— Não! — disse Booth com ousadia. — Quando eu me apresentar para comprar a companhia, todos irão me incentivar, já que o futuro da Sierra Virgínia é incerto.

— Você não mudou nada, hein? Continua o mesmo espertalhão!

Booth riu.

— Talvez você tenha razão.

Brecker entrou em ação quase com mais rapidez do que a vista poderia acompanhar. A chave inglesa acertou o punho de Booth, fazendo a arma cair ruidosamente. Quando ele se inclinou para apanhá-la, Brecker deu-lhe um tremendo pontapé no braço esticado. O homem soltou um grito de dor e olhou-o

com um pavor petrificado.

— Maldito! Isso é para você aprender a não se meter em meus negócios!

Booth viu o punho de Brecker aproximar-se de seu rosto e procurou esquivar-se. Mas não suficientemente e a dor explodiu em seus olhos. Outro murro o fez cair sobre a barra da locomotiva.

"Brecker vai matá-lo!". Esse pensamento cruzou rapidamente a mente de Talita. Lembrou-se da cena a que assistira no Crystal Saloon e o medo apertou seu coração.

Então ouviu-o falar, olhando para o homem estendido a seus pés:

— O melhor mesmo seria matá-lo. Mas você não merece que eu suje as mãos por sua causa. Levante-se!

Booth gemeu e tentou levantar-se.

— Não posso.

— Vou entregar este infeliz ao xerife.

Booth estava ainda ajoelhado à frente da locomotiva. Brecker ergueu-o pelo colarinho e o pôs de pé.

— Vamos!

Depois, voltando-se para Talita, ele acrescentou:

— Espere aqui. Mandarei Dancey buscá-la. Ele a acompanhará até o hotel.

Talita fez que sim e acompanhou-o com os olhos até vê-lo desaparecer nas sombras, arrastando Booth atrás de si. Brecker podia ter matado o homem que o prejudicara, mas não o fizera. E se ele não fosse o assassino sanguinário que acreditava? E se ele não fosse o assassino de Su-Ling?...

Essa idéia causou-lhe uma ligeira vertigem. Não podia ser. Brecker matara sua mãe. Vira sangue nas mãos, nos olhos dele. Com um misto de piedade e repulsa pela própria cegueira, inclinou-se para apanhar a capa de peles que lhe escorregara dos ombros. Ia endireitar-se, quando viu um revólver cintilar à luz da lanterna. Tomou-o entre as mãos. O frio do aço parecia falar da vingança.

"Tenho algum dinheiro. Posso ajudá-lo..."

"Por que quer me ajudar, chinesa? Somos inimigos..."

Fechou a mão em torno da arma de Wilson Booth. Se não levasse a cabo sua missão logo, nunca mais o faria. Madison Brecker estava deitando raízes em sua vida. Principalmente em seu coração.

Brecker entrou no saguão do Chastain Hotel sentindo-se de repente muito velho. Devia estar contente, o sabotador iria apodrecer numa cela de prisão. E, na verdade, estava. Mas estava também cansado de confusões.

Sua mão direita latejava dos inúmeros socos que plantara naquela infeliz, e uma leve dor de cabeça começava a incomodá-lo. Um banho quente, bem repousante, faria com que as tensões o abandonassem. Depois uma cama e... o calor de um corpo macio.

Enquanto subia os degraus de dois em dois, já imaginava Talita em seus braços, os lábios doces e quentes sob os dele, o corpo arqueado ao fogo da paixão. Introduziu a chave na fechadura e abriu a porta. Deu um passo para frente e então estacou.

Ela estava parada no meio do quarto. À luz da lâmpada de cabeceira, seus olhos cintilavam e os ombros, que já vira se erguerem docemente, regularmente em pleno sono, pareciam de alabastro; as mãos, de dedos longos e unhas rosadas, estranhamente femininas em contraste com o aço azulado do revólver que apontava para ele.

Uma tristeza imensa invadiu-o. Sua luta ainda não terminara. Ou talvez sim. Para sempre. Vagarosamente, como se nada de extraordinário estivesse acontecendo, fechou a porta e jogou o chapéu sobre a cadeira. Tirou a jaqueta e encaminhou-se para a mesa, onde estava a bandeja do uísque.

— Posso? — perguntou, lançando-lhe um olhar de soslaio.

Talita não disse uma palavra. Apenas acompanhou seus movimentos com a arma apontada para ele.

Brecker preparou a bebida e tomou-a de um só gole. Não ajudou. Só podia ver o cansaço que havia naquele rosto pálido, a tortura da decisão que a fazia apertar os lábios, acentuando as linhas das maçãs proeminentes.

— Então — disse, procurando-lhe os olhos, — chegou o momento da verdade!

Ela o encarou com um estranho olhar de solidão e abandono.

— De um modo ou de outro, chinesa, o jogo vai terminar. Agora.

Ele deu um passo para frente e ela recuou.

— Vai ser um tiro rápido e certo, ou dezoito anos de ódio exigem que a morte seja lenta e dolorosa?

Ela continuou a recuar em silêncio.

— Na cabeça ou no coração quase não haverá dor. No estômago, o

sofrimento será longo. Talvez horas a fio. Em certa ocasião, vi um homem com uma bala no estômago. Estava estendido no chão, tossindo e gemendo. Levou trinta horas para morrer.

— Não diga mais nada — murmurou Talita, e sua voz era quase um gemido.

— Vai assistir à minha morte ou fugirá logo em seguida? Se quiser ficar, aconselho-a a abafar o tiro com um travesseiro. Caso contrário poderá atrair a atenção de alguém e perderá um espetáculo inigualável! — tornou ele, dando mais um passo em sua direção.

Ela recuou ainda mais, até bater com as costas no rebordo da lareira. Mas ele não se deteve. Continuou a caminhar, impassível, até encostar o peito no cano da arma, desafiando-a a completar a sua obra.

Seus olhos se encontraram cheios de mágoa, sofrimento.

— Eu... Eu tenho de matá-lo — balbuciou ela, querendo justificar-se.

A voz dele não foi mais do que um sussurro.

— Pois mate. Se você tiver coragem de apertar o gatilho, viver não terá mais sentido para mim!

Uma forte emoção apoderou-se dele, O que era aquilo? Apenas uma ilusão... ou um pouco mais? Para o diabo com todos os fingimentos! Era amor.

Talita olhava-o presa de sentimentos caóticos, conflitantes. Tinha jurado matar esse homem. Jurara-o pelo sangue de sua mãe. Mas agora... Era possível que o coração não pudesse odiar a quem só queria amar?

Seus olhos encheram-se repentinamente de lágrimas, suas mãos começaram a tremer.

Lentamente, Brecker tornou-lhe a arma e jogou-a ao chão. Depois abriu os braços e deixou que ela se agarrasse a ele, soluçando.

— Não matei sua mãe — murmurou-lhe ao ouvido. — Juro pela minha honra.

Talita ergueu o rosto inundado de lágrimas. Acreditava nele. Graças a Deus, acreditava nele!

CAPÍTULO XVIII

Brecker manteve-a contra si até que toda aquela tensão se dissipasse. Então, ergueu-a nos braços e levou-a para a cama. Pouco depois estava deitado ao lado dela, os olhos deliciando-se com as maravilhas de seu corpo, o sangue

fervendo.

— Chinesa... — murmurou, seguindo-lhe o contorno dos lábios com o dedo.

Talita o olhou. Transparecia uma pergunta nos claros olhos azuis.

— Chinesa...

Ela fez que sim. Uma sensação de euforia espalhava sensualidade em cada minúscula parte de seu corpo, anulando qualquer possibilidade de resistência. Ofereceu-lhe a boca, vencida, e deixou que ele a beijasse longamente, mordiscando-lhe os lábios, fazendo-a sentir sua língua.

— Nunca beijei uma mulher assim — disse ele, por fim, deixando-se cair sobre os travesseiros.

— E eu nunca fui beijada assim. Ele aconchegou-a nos braços.

— Venha, quero fazer amor com você. Meu coração está transbordando de alegria. A vida nunca me foi tão preciosa quanto hoje.

Talita ergueu os olhos. Não havia a menor sombra de ironia no rosto de Brecker. Ele queria dizer aquilo mesmo, achando-o muito natural. Não a queria ferir.

— Chinesa?

Ela sorriu, e havia um brilho de felicidade em seus olhos, quando se deixou cair nos braços dele, os seios comprimindo-se contra sua pele nua.

Quando Brecker despertou de um curto sono, a sensação de felicidade que experimentara momentos antes ainda persistia. Pôs-se a contemplar a mulher que mantinha nos braços. Ela estava de olhos fechados e respirava suavemente, com os lábios entreabertos. Ainda não voltara ao mundo consciente. Ele, já. Sentiu-se subitamente sozinho e tocou-lhe o rosto.

— Chinesa...

Ela descerrou as pálpebras.

— Você estava muito longe. Completamente afastada de mim.

— Eu estava deitada perto de você. A seu lado. Em seus braços.

— Você se encontrava numa terra desconhecida. Ele tomou-lhe o rosto delicado entre as mãos.

— Diga que acredita que eu não matei sua mãe. Diga. Talita sentiu um nó na garganta e ficou alguns minutos sem poder falar. Alguma coisa na voz dele e na sua paciência tocaram-na no fundo do coração. Então, as palavras se articularam por si mesmas. Não teve nem consciência de tê-las proferido com os lábios.

Saíram espontaneamente de seu íntimo, estendendo entre ambos uma ponte de entendimento.

— Acredito em você, Brecker.

A expressão do rosto dele não mudou, mas ela teve a impressão de que uma luz se acendia no seu íntimo, irradiando um calor que a atingiu deliciosamente.

Seus lábios voltaram a encontrar-se, suas mãos sôfregas retomaram o ritual interrompido. E foi ainda mais belo.

Os olhos abertos na escuridão, Talita ouvia a respiração profunda de Brecker que dormia com a mão pousada em seu seio. A mão com a cicatriz em forma de estrela. Tocou-a com a ponta dos dedos. Mal podia acreditar que esse homem, que havia tão pouco tempo era seu inimigo, fosse agora seu marido, seu amante. O homem que amava.

Estivera sempre tão ocupada em odiá-lo, que lhe parecia impossível que tivesse encontrado tempo para se apaixonar por ele. Mas a explicação era simples. Havia sido algo tão natural quanto o vento que soprava das colinas, a chuva que amaciava a terra, a neve que cobria os campos.

No entanto, ele nunca falava de amor, embora tivesse deixado claro que lhe importava muito que ela acreditasse em sua inocência. Achava realmente que Brecker não matara sua mãe, ou seu coração falava mais alto do que a razão? Acreditava nele, profundamente, completamente. E por um motivo que jamais pensara ser possível: confiava na palavra dele.

Mas, se ele não matara sua mãe, por que insistira em casar-se com ela? Uma idéia atroz cruzou-lhe de súbito a mente. Talvez Brecker tivesse amado Su-Ling. Casara-se com a filha porque ela era o reflexo de uma lembrança que não desaparecera, o reflexo de outra criatura que se entregara apaixonadamente, o reflexo da única mulher que o tocara de perto.

"Preciso ir embora!", pensou, de repente, enquanto as lágrimas subiam-lhe aos olhos.

Tinha de se afastar dali, encontrar um lugar onde pudesse refletir com maior clareza e compreender aquela confusão que lhe invadia o cérebro. Compreender o que tinha uma vida a ver com a outra e por que passara tão rapidamente, tão completamente, do ódio ao amor.

Brecker abriu os olhos e teve imediata consciência de que Talita não se encontrava mais a seu lado. Inquieto, percorreu o quarto com o olhar. Estava vazio. As meias de seda, a lingerie, o vestido de veludo jogados sobre a cadeira, na noite anterior... Não havia mais nada ali.

Afastou as cobertas para o lado, enfiou os chinelos e levantou-se. Com certeza, estava se preocupando à toa. Rugas profundas no rosto. Mas só quem fitasse seus olhos poderia compreender que a mudança não era apenas física. Vinha principalmente de dentro e o tornava cada vez mais irritável e temperamental.

Corriam vozes de que a mulher o abandonara. Por um certo tempo, esse foi o assunto de todas as rodas. Mas logo não pensaram mais no caso. O Natal se aproximava e a cidade começava a enfeitar-se para as festividades.

Millie Rhea e suas colegas de profissão prometiam divertimentos extras aos clientes, o que estava causando um grande alvoroço entre a população masculina. Falava-se disso pelos cantos da cidade e falou-se disso também na reunião semanal que Brecker promoveu em seu escritório.

— Vai ser uma beleza! — exclamou Hollis Reed, sentando-se perto da estufa. — Já viram as pernas daquela novata?

— Cindy Sue, de St. Lou? — perguntou Dick Kingsman como se a conhecesse intimamente. Na verdade, fazia tempo que não punha os pés no Last Drink. Não queria se arriscar. Vicky Dauson o mataria, se soubesse.

— A própria — confirmou Hollis. — Um amor de garota!

— Prometeu encher minhas meias no dia de Natal — disse alguém, do fundo da sala.

Outro observou:

— Antes, você terá de encher as dela. Com moedas de ouro!

Todos romperam numa risada. Exceto Brecker, cujos olhos continuaram frios e pensativos.

— Vocês, jovens, não entendem nada de mulheres — tornou Charlie Knott. — Essas meninas são maluquinhas.

— Qual é o seu tipo preferido? — perguntou Dick Kingsman, bem-humorado.

— Mulheres mais amadurecidas, como Millie Rhea... Charlie interrompeu-se e ficou um instante sem falar. A alusão implícita ao casamento fracassado de seu patrão devia dar uma dúzia de razões plausíveis para que ela não se encontrasse ali. Mas por que saíra às escondidas? Estava ainda pensando nisso, quando viu o bilhete sobre a mesa. Desdobrou-o e leu:

"Querido Breck. Estou voltando para San Francisco. Preciso de algum tempo para pensar. Compreenda, por favor."

Teve a impressão de que punhos cerrados lhe desfechavam golpe atrás de golpe. Quase cambaleou sob o inesperado ataque. Apoiou-se à mesa e tornou a correr os olhos pelo bilhete. Ela nem mesmo o assinara. Não escrevera "sua esposa que o ama", nem "sinto muito causar-lhe tanta preocupação", ou "terá notícias minhas em breve". Nada. Absolutamente nada! Fora-se e deixara-lhe entre as mãos apenas o vazio.

Amassou o papel e atirou-o ao chão. Perdera-a para sempre. Encheu um copo de uísque e tomou-o de um só trago. Sentiu a garganta queimar, mas continuava a beber.

"Compreenda, por favor."

Oh! Ele compreendia tudo. Ela não acreditara em suas palavras. Caso contrário não teria ido embora sem uma explicação. Fora um louco, ao pensar que ela confiava nele. Louco por pensar que sentisse o mesmo que ela sentia. Louco, ao pensar que poderia retê-la à força!

Atirou a garrafa vazia contra o espelho, experimentando um estranho prazer em vê-lo despedaçar-se em centenas de cacos. Quando a cólera dissipou-se, uma sensação de solidão e de isolamento apoderou-se dele. Era como se estivesse num lugar estranho e num outro tempo.

Nos dias e nas semanas que se seguiram, apenas os empregados da ferrovia mantinham contato com ele. Os outros evitavam-no, lançando-lhe olhares furtivos e preocupados. Ele estava magro e a exaustão cavara-lhe rugas muito claras para todos.

— Bom, o que eu quis dizer é que vocês precisam de mulheres mais experientes.

Brecker cortou a torrente de comentários inúteis, dizendo com sutil ironia:

— Se não houver nenhum inconveniente, vamos falar de coisas que dizem respeito à companhia.

A tensão na sala diminuiu um pouco e ele continuou:

— Serei simples e breve. O que vou dizer se refere às atividades da companhia no futuro. A viagem suplementar foi bem recebida, embora o número de passageiros tenha sido pequeno. Mas estamos apenas no início.

— Vai contratar outro maquinista? — perguntou Charlie Knott.

— Ainda não. Iria aumentar as despesas. Você e eu teremos de nos revezar na direção das locomotivas.

Na viagem inaugural a Reno, Brecker tomara a si o encargo de conduzir a

nova máquina. Ficara satisfeito, pois a tarefa o obrigara a trabalhar sem descanso e a não pensar.

— Está de acordo?

Charlie fez um sinal de assentimento. Já esperava por isso.

— Farei o máximo que me for possível.

— Ouvi dizer que o xerife expulsou Wilson Broth da cidade — disse Hollis Reed inesperadamente.

Breck manteve-se em silêncio.

— Aquele patife! Ainda acho que foi ele quem roubou o trem — disse um dos empregados.

— Não. O ladrão era menor — observou Dick Kingsman. Dancey e Brecker entreolharam-se, silenciosamente, enquanto os outros punham-se a falar, todos ao mesmo tempo.

— Por favor, senhores! — reclamou então Dancey. — Podemos debater agora os assuntos que interessam?

O silêncio se restabeleceu e dez minutos depois a reunião estava encerrada. Todos se levantaram e saíram, à exceção de Dancey Harlan, que continuou sentado, olhando para Brecker.

— Podemos conversar um instante? — perguntou ele.

— Naturalmente.

— Teve notícias dela?

— Não — disse Brecker, tenso.

— Acha que...

— Não acho nada.

— Por que não vai procurá-la? Brecker fitou-o com olhos duros.

— Não tenho absolutamente essa intenção! Dancey não insistiu.

— Estarei no Last Drink, se precisar de mim. Brecker forçou um sorriso.

— Vai procurar Cindy Sue, de St. Lou?

— Meu filho, na minha idade, só posso é olhar — disse o condutor, retribuindo o sorriso. — E se não tiver óculos, nem isso.

— Você dará um jeito.

Brecker acompanhou-o com os olhos por um momento, antes de voltar sua

atenção para o livro-caixa. Não conseguiu concentrar-se. Irritado, fechou-o com um golpe seco e levantou-se. Foi até a janela e olhou para fora. A noite estava escura e havia recomeçado a nevar.

Encostou a cabeça na vidraça fria. Tudo o que desejava eram algumas horas de sono. Mas isso se tornara quase impossível. Se pudesse esquecer... Mas quem podia resistir às lembranças que corroíam o coração?

Talita parou no saguão do elegante Cosmopolitan Hotel, em San Francisco, e olhou em torno, à procura do homem com quem iria jantar. Ele ainda não chegara. Ergueu a cauda do vestido violeta com a mão enluvada e foi sentar-se numa das poltronas forradas de veludo.

O chão de mármore parecia um espelho à luz dos candelabros, refletindo a imensa árvore de Natal, profusamente enfeitada. Já?, pensou ela com espanto, não obstante tivesse visto as vitrines cheias de ninharias resplendentes, em seus giros noturnos. Não tomara, talvez, pleno conhecimento do fato porque estava inteiramente mergulhada no caos em que se transformara sua vida.

Ao chegar a San Francisco, logo se apresentara a oportunidade de uma turnê. Durante duas ou três semanas, percorrera todos os teatros da Costa Oeste, satisfeita de ter alguma coisa com o que ocupar sua mente. Mas seus pensamentos estavam sempre voltados para Brecker.

Que estaria ele fazendo? Estaria pensando nela? Tinha procurado compreender seus próprios sentimentos vezes sem conta, em busca da verdade. Mas ainda não encontrara a explicação. O fato de que seu ódio houvesse se transformado em amor tornava tudo ainda mais confuso.

Havia coisas que não podiam ser explicadas e outras que não podia compreender. Ele era, sob muitos aspectos, ainda um estranho. Não conhecia seu coração. Não sabia se lhe significava alguma coisa, ou se apenas ela o lembrava de outra... Da mãe.

A idéia de que ele pudesse ainda amar Su-Ling com um amor imutável, deixara-a fora de si. Mas não queria pensar nisso agora. Voltara para San Francisco havia uma semana e descobrira que na cidade não se falava de outra coisa a não ser de um crime ocorrido dez dias antes. O repórter de um jornal local, um profissional competente que a entrevistara inúmeras vezes, fora misteriosamente assassinado. Não sabia por que, mas essa morte deixava-a estranhamente apreensiva.

— Talita?

Ela ergueu bruscamente a cabeça e então soltou um suspiro de alívio.

— Jedediah...

— Parece que a assustei, minha querida. Sinto muito.

— Você não me assustou. É que eu estava... Talita interrompeu-se e levantou-se com um sorriso.

— Como vai? — disse-lhe, estendendo-lhe a mão. Ele a apertou cordialmente, como sempre.

— Não posso me queixar. E você, como vai? O sorriso dela morreu.

— Eu estava bem.

Jedediah considerou-a longamente, antes de dizer:

— Vamos tomar um drinque. Depois falaremos dessas sombras pronunciadas que circundam seus lindos olhos. Vestígios de sua insônia?

— Que sombras?

— Essas que você procurou encobrir — disse Jedediah, oferecendo-lhe o braço.

Minutos depois, ele voltou ao assunto.

— Conte-me por que você não está tão feliz quanto uma recém-casada devia estar.

— Está enganado, Jedediah. Eu...

— Onde está seu marido? Talita umedeceu os lábios.

— Ele ficou em Virgínia City. Não pôde vir comigo por causa dos negócios.

— Compreendo — retrucou Jedediah. — O que eu não compreendo é por que você, em plena lua-de-mel, resolveu fazer essa turnê.

— Era um compromisso antigo. Tinha de cumpri-lo.

— Era mesmo?

Ela ia inventar uma desculpa qualquer, mas desistiu. Não podia mentir para um homem a quem estimava tanto.

— Não — disse-lhe com simplicidade. O silêncio dele estimulou-a a continuar:

— Tinha de ficar longe de Breck. Precisava de algum tempo para pensar.

— Ah, tempo para pensar... Sobre o quê? Talita baixou os olhos e nada disse.

— Já chegou a alguma conclusão? A voz dela era um sussurro.

— Ainda não.

Seguiu-se um silêncio rompido apenas pelo tilintar dos talheres e pelo murmúrio confuso de vozes em torno deles.

— Quando soube que você tinha se casado, fiquei surpreso. — Jedediah deu uma risadinha. — Surpreso não é o termo exato. Fiquei perplexo. Mas também extremamente satisfeito.

Talita fitou-o sem dizer uma palavra.

— Sei que Brecker é um homem difícil — continuou ele. — Mas...

— Mas, o quê?

— Diga-me toda a verdade, Talita!

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Eu o amo.

O rosto de Jedediah abriu-se num amplo sorriso.

— Isso não me parece um problema! Não é amor que as esposas devem sentir por seus maridos?

— Você não compreende. Nosso casamento...

Ela quis dizer mais coisas, mas não pôde. Eram muito pessoais, não podia compartilhá-las com mais ninguém. Disse apenas:

— Ele nunca me falou de amor.

— E você lhe disse que o amava?

— Não, eu...

Talita suspirou fundo.

— É muito difícil explicar.

— O amor é difícil. Torturante.

— Breck... — Ela hesitou. — Ele pode estar apaixonado por outra. Talvez eu o lembre dela.

Jedediah riu.

— Não posso imaginar uma coisa dessas. Você é única! Um sorriso tremulou nos lábios de Talita.

— E você muito gentil, Jedediah.

Ele alcançou-lhe a mão por cima da mesa e acariciou-a.

— Vou lhe dar um conselho. Um conselho... De pai. Confesse a Brecker que o ama. E pergunte-lhe se ele a ama também.

— Pensarei a respeito, Jedediah. Tenho de pensar nisso... com todo o cuidado.

— Nunca desista de quem você ama sem lutar! — tornou ele, com calor.

Houve um novo silêncio. Quando ele voltou a falar, sua voz era quase a de um velho.

— Eu não lutei. Foi o maior erro de minha vida. Talita viu-lhe nos olhos uma dor imensa e teve pena dele.

— Vou lutar, Jedediah.

Ele forçou um sorriso e deu-lhe uma palmadinha na mão.

— Creio que é melhor pedirmos o jantar, não acha?

Depois de passar em claro a maior parte da noite, Talita levantou-se bem cedo e escreveu um curto bilhete a Jedediah, pedindo-lhe, mais uma vez, o vagão particular. Feito isto, passou um telegrama ao marido:

*"Chegarei Virgínia City primeiro trem. Eu te amo. Você me ama?
Sra. Madison Brecker".*

CAPÍTULO XIX

Não havia nenhuma insinuação de manhã no amplo aposento de Jedediah, quando o criado bateu à porta.

— Entre — murmurou ele, ainda sonolento.

O criado entrou com a bandeja do café e a colocou na mesinha perto da janela.

— Trouxe a correspondência, senhor.

Jedediah saltou da cama e vestiu o chambre de seda.

— Obrigado, James.

Quando o criado se retirou, ele foi até a mesa e, ainda de pé, serviu-se de uma xícara de café. Sorveu um gole, enquanto quebrava o lacre que fechava o

envelope. Leu rapidamente a carta e depois consultou o relógio. Cinco e meia. O trem para Reno partiria às nove horas. Havia ainda muito tempo. Sorridente, desceu as escadas e encaminhou-se para o escritório. Escreveu um bilhete com instruções para seu administrador, e pensou um instante antes de começar a carta para Talita.

— Algum problema, querido?

Jedediah endireitou-se tão bruscamente, que algumas gotas de tinta foram respingar no encorpado papel de carta.

— Veja só o que me deixou fazer!

Ada entrou no escritório sem fazer o menor ruído.

— Jedediah...

— Está tudo bem, querida — disse ele, ligeiramente impaciente, amassando a carta inutilizada e jogando-a na cesta de papéis.

— Que faz aqui a esta hora?

— Negócios urgentes, Ada. Volte para a cama.

Quando ela se foi, arrastando a cauda do penhoar de seda, pôs-se a escrever outra. Assinou o nome, colocou-a num envelope e tocou a campainha, para que o cocheiro levasse as duas mensagens imediatamente a seu destino. Feito isto, voltou para seu quarto.

Ao ouvir a porta fechar-se atrás dele, Ada saiu das sombras do quarto contíguo e tornou a descer. Seu coração fervia de ódio, enquanto rebuscava na cesta até encontrar o papel que queria. Alisou-o e leu:

"Minha querida. Talita, sua decisão deixou-me feliz. Muito mais do que você poderia supor. É claro que pode servir-se de meu vagão particular! Eu ficaria desolado se fosse a Virgínia City num carro comum. Darei imediatamente ordens a meu administrador para que o ponha a sua disposição. O trem para Reno, segundo o novo horário, partirá às nove horas da plataforma central Boa viagem, minha filha. Sempre seu, Jedediah."

Não conseguiu ver mais nada. As palavras ecoavam em sua mente, a princípio quase sussurradas, depois gritadas num alarido ensurdecador: "Minha filha... minha filha..."

Não! O mundo não podia conhecer esse segredo!

Pouco a pouco, as batidas de seu coração foram sossegando. Após alguns segundos, sentiu que estava preparada para o que tinha de fazer. Mas tinha de fazê-lo já, quando era ainda tempo de salvar Jedediah de sua própria loucura.

— Sinto muito, senhora. O trem acaba de partir.

— Mas eu tenho de ir a Virgínia City! — gritou Ada, fora de si. — Ainda não são...

Ela ergueu os olhos. O grande relógio de parede atrás do guichê marcava nove horas e cinco minutos. Uma sensação de impotência dominou-a. Fizera o possível, mas não chegara a tempo. Era um desastre. Não podia levar avante seu plano.

— Escute aqui — disse. — Há outro trem para lá?

— Não, senhora. O direto é o único com destino a Virgínia City.

— Sei disso, meu jovem — tornou Ada, irritada. — O que eu quero saber é se há outro que faça ligação com o direto.

— Durante o trajeto, senhora?

— Claro, meu jovem!

— É muito fácil verificar.

O bilheteiro estudou o horário e depois alguns mapas pendurados na parede. Um longo apito cortou o ar. Ada virou-se. Havia um comboio formado na plataforma. Diante das portinholas, os passageiros, nos amplos casacos de viagem, iam e vinham.

— Não, senhora — disse o bilheteiro, virando-se para ela. — Não há nenhum trem até lá.

Ada apontou para a composição que estava prestes a partir..

— E aquele?

— Destina-se a Denver, senhora.

— Não fará nenhuma parada ao longo da viagem?

— Sim, senhora. Haverá uma parada em... — O rapaz tornou a verificar o horário. — Reno, senhora.

— Reno? — disse Ada, sentindo a esperança renascer.

— Sim, senhora. Lá, as duas composições irão se interligar.

— A que horas? — perguntou ela, com voz excitada. Houve um novo apito e ela insistiu:

— Pelo amor de Deus, homem! Depressa!

O bilheteiro começou a procurar freneticamente no horário.

— Esse trem chegará a Reno às sete e cinquenta e três. O outro logo em seguida: às oito horas.

"Sete minutos!", pensou Ada. Sete minutos de tempo para se tornar ou não a primeira dama do Estado da Califórnia.

— Um bilhete — pediu, rebuscando na bolsa.

— Somente ida, ou ida e volta?

— Qualquer coisa! — gritou ela, lançando um olhar por cima do ombro. Já se ouviam ordens e o estalar das portinholas. — Depressa!

— Sim, senhora!

O rapaz destacou do bloco.

— São...

Ada depositou uma nota no balcão e saiu, apressada.

— Espere, senhora! O troco...

Mas Ada já corria pela plataforma; o casaco de peles entreaberto sobre uma onda de rendas.

Sheldon Vance, o chefe da seção, levantou-se e seguiu-a com os olhos.

— Sabe quem vai ali, Garret?

Sem esperar resposta ele acrescentou:

— A Sra. Jedediah McCook.

— A esposa do proprietário da Central Pacific?

— Ela mesma. Vi seu retrato nos jornais inúmeras vezes. Pertence à melhor sociedade de San Francisco. Dizem que ambiciona tornar-se a primeira dama da Califórnia.

— Por que será que ela estava com tanta pressa?

— Não sei. E acho estranho que ela tenha pago sua passagem. Afinal, o marido é o dono da ferrovia, não é?

Garret Lathrop ficou olhando para a nota em silêncio. Uma idéia acabava de lhe ocorrer, um modo de provar a seu patrão que, embora inexperiente, ele era um empregado honesto e leal.

Sorrindo para si mesmo, abriu a gaveta, fez o troco certo e o colocou num envelope. Depois voltou-se para o seu chefe.

— Gostaria de almoçar mais cedo. Se não houver problema.

— Claro, filho. Pode sair às onze.

Brecker ergueu os olhos da mesa, quando a porta do escritório abriu-se. Era Billy, o mensageiro.

— Sim? — perguntou-lhe amavelmente.

— Telegrama, senhor.

O garoto avançou timidamente e depositou a mensagem na escrivaninha. Ia fazer meia-volta, quando ouviu uma voz às suas costas.

— Espere.

Tornou a aproximar-se da escrivaninha.

— Deseja mais alguma coisa, senhor?

Brecker retirou algumas moedas do bolso. O garoto era órfão de pai e mãe. Merecia uma boa gorjeta.

— Para você.

O garoto sorriu de uma orelha a outra.

— Obrigado, senhor.

Brecker assentiu e voltou sua atenção ao telegrama. Talvez tivesse algo a ver com a nova locomotiva. Jedediah intercedera a seu favor, mas a firma tinha todo o direito de saber quando seria o pagamento...

Chegarei Virgínia City primeiro trem. "Eu te amo.

Você me ama?

Sra. Madison Brecker."

Brecker sentiu o coração palpitar. Era um prodígio e a coisa mais simples do mundo. Ela estava de volta. Por causa dele. Só para ele! Correu de novo os olhos pela curta mensagem, dessa vez obrigando-se a ler vagarosamente, para evitar um possível erro de interpretação. Experimentou a mesma emoção que sentira semanas antes, quando tivera certeza de que ela iria sobreviver. Agora, como então, uma alegria indescritível aqueceu-lhe o peito.

"Eu te amo."

Lembrou-se das vezes em que haviam dormido juntos, tão perto um do

outro que peles, hálitos e pensamentos fundiram-se num só. Seus olhos, sempre tão vazios, encheram-se de luz e as linhas de seu rosto distenderam-se num sorriso.

Encaminhou-se para a porta e surpreendeu-se cantarolando, enquanto descia a rua, a caminho do posto telegráfico.

"Você me ama?"

Inspirou fundo. Ela era a sua vida, mas teria coragem o bastante para abrir seu coração e confessar que a amava? Teria coragem o bastante para não resistir, para tornar-se ainda mais vulnerável do que jamais o fora?

O telegrafista ergueu a viseira, quando o viu entrar. Os dois homens que estavam jogando dominó diante da lareira acesa viraram as cabeças e ficaram observando-o em silêncio.

— Quero mandar um telegrama — disse ele.

— Pois não, Sr. Brecker. — O operador abriu o bloco. — Destinatário?

— Sra. Madison Brecker. Quero que o envie para o Sierra Virgínia.

— Sim, senhor. Qual é o teor da mensagem?

Brecker pensou um instante, antes de dizer em voz alta e clara:

— *"Eu te amo."*

O operador ergueu os olhos arregalados.

— Sim, senhor — disse ele por fim, saindo de seu estupor. — Mais alguma coisa?

— Não, isso é tudo.

— Assinatura?

— Não é preciso.

Brecker tirou uma nota do bolso e colocou-a sobre o balcão.

— Faça de um modo que a mensagem lhe seja entregue quando o trem chegar a Reno.

— Sim, senhor.

Quando ele desapareceu pela porta vaivém, um dos jogadores comentou:

— Acho que estou sonhando.

— Quem iria imaginar que o homem é humano? — retrucou o outro.

Humano. Era exatamente assim que Brecker se sentia, enquanto

enfrentava as rajadas do vento frio de dezembro. Maravilhosamente, assustadoramente humano. Humano o bastante para estar apaixonado.

Às onze e dezessete, o bilheteiro da estação central, transpirando sob o alto colarinho engomado, foi introduzido no elegante escritório de Jedediah McCook. Porém, ao fitar os olhos interrogadores do patrão, ele experimentou as mais fortes dúvidas que já o haviam assaltado no curso de sua jovem vida.

— Então? — disse amavelmente Jedediah, quando se tornou claro que o visitante não iria tomar a iniciativa.

O rapaz deu um passo para a frente.

— Sou Garret Lathrop. Trabalho para o senhor.

— Perfeitamente, Sr. Lathrop. Em que posso lhe ajudar? — perguntou Jedediah com tanta cordialidade, que Garret quase teria acreditado que o magnata das ferrovias o havia reconhecido.

— Bom, Sr. McCook. Acho que sou eu que posso lhe ser útil.

Encorajado pela cortesia de seu patrão, ele retirou um envelope do bolso e o colocou sobre a escrivaninha sem dizer uma palavra.

Jedediah olhou-o com curiosidade.

— Do que se trata?

— Sua esposa, senhor — explicou o bilheteiro. — Ela pagou em excesso pela passagem.

A expressão de Jedediah era de perplexidade.

— Não estou compreendendo, Sr. Lathrop.

— Sua esposa não esperou o troco. Chamei-a, mas ela estava com pressa, não queria perder o trem.

— Trem?... Minha mulher viajou esta manhã?

— Sim, senhor.

— Deve estar enganado. Minha mulher não me disse nada que ia viajar. Deixei-a em casa...

— Oh, não, senhor! — interrompeu-o Garret com firmeza. — Sua esposa embarcou naquele trem. Sheldon Vance, meu chefe, reconheceu-a pelos retratos nos jornais.

Jedediah empalideceu.

— Em que trem minha esposa embarcou?

— No rápido para Denver.

— Denver? — murmurou Jedediah, sentindo uma opressão no peito.

— Sim, senhor. Ela queria ir para Virgínia City. Chegou tarde demais e resolveu tomar o rápido. Parece que tinha um encontro marcado com alguém em Reno.

— Meu Deus! — gritou Jedediah, levantando-se de um salto e correndo para a porta.

Garret apanhou o chapéu que trouxera consigo ao entrar e seguiu-o.

— Senhor...

Mas Jedediah já se encontrava ao lado de sua secretária.

— Quero que mande um telegrama, sita. Evans. Madison Brecker, Virgínia City.

— Pois não, Sr. McCook.

Jedediah pegou uma folha de papel e pôs-se a escrever rapidamente.

— Esse é o texto. Mande-o imediatamente!

— Vou tratar disso agora mesmo, Sr. McCook. Garret lançou-lhe um último olhar, depois dirigiu-se para a escada. Um pensamento persistia em não abandoná-lo. Se as coisas tivessem se passado um pouco diversamente, ele estaria saindo dali como um herói.

Ao transcrever a palavra "urgente", o telegrafista de Virgínia City tratou de despachar o comunicado imediatamente.

— Billy! — chamou.

O jovem mensageiro voltou-se para ele.

— Às suas ordens, senhor.

— Entregue este telegrama ao Sr. Brecker. Vá depressa. É importante.

— Sim, senhor! — disse Billy, todo animado, sonhando com outra gorjeta.

O dia estava nublado, com nuvens carregadas e pancadas intermitentes de vento e chuva, e Billy levou dez minutos para chegar a seu destino. Daquela vez a sorte não lhe sorriu. O escritório de Madison Brecker estava fechado e ele não teve outro remédio senão enfiar o telegrama debaixo da porta.

Brecker percebeu que tinha cometido um erro no instante em que chegou à estação. A Central Pacific estava operando em novo horário. O trem só chegaria às onze e trinta e três da noite. Olhou para o relógio na parede. Quatro horas. Ficaria louco até lá!

Era melhor voltar para o escritório e estudar um meio de pagar as contas do fim do mês. O grande problema era que estava ansioso demais. Não poderia suportar a enfadonha rotina administrativa naquele dia. Parou no meio da plataforma para acender um cigarro e, num impulso, resolveu ficar.

Entrou na sala de recepção deserta e sentou-se num banco de madeira. A luz do dia desapareceu, enquanto esperava. Às sete e quarenta e cinco, deixou a sala em passos lentos e pôs-se a andar de um lado para o outro da plataforma deserta. Três cigarros depois, achou que estava precisando de uma bebida.

— Estarei no Last Drink — gritou ao chefe de manobras, que estava se preparando para recolher a nova locomotiva. — Avise-me, se houver alguma novidade.

O homem resmungou alguma coisa e continuou seu trabalho.

Minutos depois, com as mãos enterradas nos bolsos, Brecker passava diante do posto telegráfico. Seus pensamentos estavam voltados para Talita. Seu coração batia descompassadamente, enquanto pensava na reação que ela teria, quando se encontrassem. Talita... A memória agitou-se em leves lembranças, antes que ele pudesse voltar ao presente.

Com o canto dos olhos, viu que alguém lhe fazia sinais por trás dos vidros da janela. Era Billy, o garoto que fizera do telégrafo o seu lar. Estacou.

— Boa noite, Sr. Brecker — disse ele, abrindo a porta.

— Boa noite, Billy.

— Enfie o telegrama debaixo da porta, senhor. O Sr. Balcom disse que era importante.

Brecker franziu a testa.

— Outro telegrama, Billy?

— Sim, senhor.

— Quando o receberam?

— Por volta do meio-dia, senhor. O Sr. Balcom disse que era importante. Brecker tirou uma moeda do bolso e a passou ao garoto.

— Obrigado, Billy.

— Obrigado, senhor!

Brecker desceu a rua pensativo. O sexto sentido lhe dizia que algo mau estava para acontecer. Percebeu que não se enganara, enquanto lia o telegrama.

"Ada pronta embarcar Sierra Virgínia em Reno. Afaste-a de Talita.

Explicarei motivo depois

Jedediah McCook."

O desespero de Jedediah transparecia claramente naquelas poucas palavras. Um desespero que podia sentir em suas próprias entranhas. Era a mesma sensação que experimentara meses antes, na casa de seu amigo, quando se precipitara para o quarto de Talita quase esperando surpreender Ada com uma faca na mão.

Lutando contra o pavor da imobilidade, consultou o relógio. Faltavam poucos minutos para as oito. Um telegrama! Mandaria um telegrama a Talita, mas não sabia se ela o receberia a tempo. A coisa mais certa a fazer era ir ao encontro dela. Na rua, apressou o passo, lutando contra o vento que o fustigava. Fez uma parada breve no posto telegráfico e de lá pôs-se a correr como um louco na direção do pátio da estação. A nova locomotiva, com seu tênder a reboque, parecia uma pantera gigantesca, protegendo o filhote dos perigos de uma selva de trilhos. Saltou para o estribo e começou a dar ordens:

— Abra a chave do desvio, Joe!

— Sr. Brecker!... — gritou o chefe de manobras, atônito.

— Depressa, homem!

Joe Warren obedeceu-o e voltou correndo.

— Vai sair com a locomotiva, senhor? Brecker fez que não ouviu e continuou:

— Atrele o tênder e carregue a fornalha!

— Mas, senhor...

— Faça o que eu lhe digo, homem!

— A máquina está com água pela metade. Precisamos reabastecê-la.

— Não temos tempo para isso! — replicou Brecker com uma ponta de irritação.

Apesar do frio, o rosto do chefe de manobras estava afogueado.

— Senhor!

A voz de Brecker fez-se ouvir secamente no silêncio da noite.

— Suba, Joe!

A locomotiva começou a expelir sopros roucos, deu um solavanco e começou a mover-se devagar. Depois de outro solavanco pôs-se a rodar com mais velocidade, deixando o pátio de manobras definitivamente para trás.

— Alimente a fornalha! — gritou Brecker, pondo-se a manejar os instrumentos.

Um penacho de fumaça desenhou-se no ar e um apito longo, triste, cortou o silêncio da noite. Quase no fim da plataforma, a locomotiva principiou a rolar pela paisagem suburbana e depois precipitou-se para a planície infindável a toda velocidade.

— Vai explodir! — gritou Joe Warren. Aquela máquina era o orgulho de seu construtor e o orgulho e a salvação de seu proprietário.

A única resposta de Brecker foi abrir ainda mais a válvula de pressão.

CAPÍTULO XX

Nevava, quando o trem chegou a Reno. Talita, envolta na capa forrada de peles, que a protegia contra a inclemência do tempo, saltou na plataforma. Estavam dentro do horário. O Sierra Virgínia partiria no espaço de alguns minutos.

Enquanto andava de um lado para o outro, por entre os carregadores que corriam e rolavam as carretas através da fumaça, ouviu comentários esparsos. O comboio que se destinava a Denver ainda não havia chegado. Estava enfrentando a pior tempestade de neve que acontecia no percurso norte, naquele inverno.

Arrepiada de frio, enfiou as mãos no regalo. Nunca a viagem lhe parecera tão longa como dessa vez. Mas, também, nunca estivera tão ansiosa para chegar a Virgínia City. Suspirando, perguntou a si mesma, pela centésima vez, se estaria indo mesmo ao encontro do que julgava a sua felicidade ou se teria ainda de sofrer muito para conquistá-la.

"Pare de se torturar, por favor! Logo, você saberá!"

Continuou a andar, para distrair o tumulto de idéias e sentimentos que a perturbavam. Mas a imagem de Brecker teimava em não lhe sair da mente. Ele a aguardaria para dar-lhe as boas-vindas? Quase esperara receber dele um telegrama, ou talvez um bilhete, que lhe seria entregue por Dancey Harlan.

Mas o chefe de trem dera-lhe apenas um caloroso abraço. Não lhe dissera nada a respeito do telegrama nem fizera qualquer comentário a respeito de Brecker. E, no final, diante de seu ar desapontado, desculpara-se com os olhos pela reticência do amigo.

Brecker fora sempre um ser solitário, encastelado em sua frieza. O que é que lhe impedia a livre comunicação com seus semelhantes? Teria a capacidade de abrir-se com ela, de aceitá-la a seu lado? Mas se não a amava, se...

"Pare com isso!", ordenou a si mesma.

Deu mais uma volta, lentamente, pela plataforma varrida pelo vento, depois recolheu-se ao vagão particular, agora firmemente atrelado ao Sierra Virgínia. Acabava de tirar a capa, quando ouviu uma leve batida na porta.

Era Dancey.

— Partiremos dentro de alguns minutos, senhora. Precisa de alguma coisa?

— Não, Dancey. Obrigada.

— Posso lhe oferecer um café ou um chá? Faz muito frio. Uma bebida quente ajudaria bastante.

Talita sorriu.

— Uma xícara de chá, então.

— Perfeitamente, senhora.

Ela permaneceu no corredor por um instante, acompanhando-o com os olhos até vê-lo desaparecer no meio da multidão que, subitamente, lotava a plataforma. O trem com destino a Denver tinha finalmente chegado.

Fechou a porta e pôs-se a passear de um lado para o outro, impaciente, presa a sua idéia fixa, até que, esgotada, deixou-se cair numa cadeira. Outra batida na porta tirou-a de suas reflexões dolorosas.

— Que rapidez... — murmurou para si mesma, enquanto a abria.

Calou-se e ficou imóvel no limiar, fitando o rosto da mulher com quem se encontrara apenas uma vez na vida. Agora como antes, ela lhe pareceu uma mulher vigorosa e cheia de vitalidade, uma mulher dotada de abundante energia para realizar seus ambiciosos propósitos.

Teve a estranha sensação de que havia corrido, apesar de sua aparente compostura. Seu peito ofegava, seus olhos cintilavam e uma leve camada de suor perlava-lhe o lábio superior.

— Sra. McCook! — disse, sem esconder a surpresa.

— Srta. Lee — retrucou ela, num tom polido.

— Sra. Brecker.

As feições de Ada se endureceram e o brilho de seus olhos aumentou, tornando-os quase inamistosos. Mas então ela sorriu. Um sorriso tão caloroso, tão sincero, que Talita, como da outra vez, pensou se não se enganara, se a dureza que entrevira naqueles olhos cinzentos não fora apenas produto de sua imaginação.

— Sra. Brecker — concedeu Ada. Depois, quase gemendo, ela continuou: — Tive uma viagem cansativa. O trem atrasou-se e eu tive receio de não chegar a tempo para embarcar no Sierra Virgínia.

Talita manteve-se em silêncio. Não conseguia vê-la desempenhando o papel de mártir.

— Perdi o trem para Carson City que parte pela manhã. Embarcaram-me no rápido para Denver, garantindo-me que eu poderia fazer a conexão em Reno.

Ada soltou uma risadinha seca.

— O que eles não me disseram foi que havia uma perspectiva de atraso devido ao mau tempo. Minha querida, não imagina a nevasca que tivemos de enfrentar!

— Ouvi dizer que foi terrível.

— Seja como for, tudo terminou bem.

— Felizmente.

— Jedediah contou-me que você estaria viajando no Sierra Virgínia e sugeriu que eu a procurasse para fazer-lhe companhia.

Talita teve a convicção inabalável de que Jedediah não lhe dissera coisa alguma. Mas como estava ocupando o vagão da família, sentiu-se na obrigação de dizer:

— Que ótima idéia! Entre, por favor.

— Obrigada.

Ada entrou de cabeça erguida, como se o mundo lhe pertencesse.

— Isto aqui é bem melhor do que os compartimentos comuns, sempre tão cheios. Não acha? — perguntou, fazendo deslizar dos ombros o suntuoso casaco de peles.

— Jedediah foi muito amável em pôr o vagão a minha disposição — disse Talita, como que desculpando-se.

— Oh! Jedediah é sempre muito gentil com... os amigos. Uma sensação estranha, não de medo, mas de apreensão, cresceu no íntimo de Talita. Ficou quase aliviada, quando uma repentina batida na porta interrompeu a conversa.

— Queira desculpar-me — disse, indo abri-la.

— Aqui está seu chá. Bem quente... — Dancey interrompeu-se ao ver a senhora elegantemente trajada, de pé junto à janela.

— É a Sra. Ada McCook — disse-lhe Talita, apanhando a bandeja de suas mãos. — Viajaremos juntas até Carson City.

Dancey assentiu:

— Quem sabe a Sra. McCook não gostaria de tomar uma xícara de chá?

Talita voltou-se para a visitante.

— Quer me fazer companhia, Sra. McCook?

— Gostaria muito. — Ada sorriu. — Uma xícara de chá iria me fazer muito bem, depois do frio que passei.

— Perfeitamente — disse Dancey. — Estarei de volta num minuto. .

Quando ele voltou com a xícara, trazia também algo que fez o coração de Talita disparar,

— Acaba de chegar, Sra. Brecker.

Ela apanhou o telegrama com mãos trêmulas.

— Obrigada.

Dancey respondeu-lhe com um sorriso de entendimento e anunciou:

— Partiremos dentro de alguns segundos, senhoras. Talita colocou a outra xícara na bandeja e caminhou até a janela.

— Quer que eu a sirva? — perguntou-lhe Ada, ansiosa... ansiosa demais.

— Sim, por favor — respondeu-lhe, distraída. Depois, mostrando o telegrama: — Permite?

Leu: "*Eu te amo*"

O peso que oprimia o peito de Talita desfez-se aos poucos.

Inspirou profundamente. Ele a amava. Brecker a amava! E ela estivera a ponto de sacrificar esse amor por uma obscura ilusão de vingança, por uma vaga esperança de desforra...

As lágrimas afloraram-lhe aos olhos. Apertou convulsivamente o papel

contra o peito e fechou os olhos, deixando que a chama do amor a consumisse.

Ada fitou-a através do compartimento e sentiu o ódio correr-lhe nas veias como um veneno. Não perdeu mais tempo. Retirou da bolsa que trouxera consigo o pequeno frasco de láudano e, sem que Talita percebesse, deixou cair algumas gotas numa das xícaras de chá. Observou a droga mover-se circularmente sobre a superfície ambarina e depois dissolver-se, e então um furtivo triunfo inundou-lhe os olhos.

Ia passá-la a Talita, quando viu sangue em suas mãos. "Oh! não. Não, agora", pensou. O sangue estava aparecendo com demasiada frequência. Naquela tarde, no comboio para Denver, começara a jorrar inesperadamente, e ela tivera que expor a mão ao calor de uma lâmpada para fazê-lo desaparecer.

Tornou a olhar para a mancha que se alargava e entrou em pânico. Talita não podia vê-la. A filha de Jedediah não podia...

Frenética, pousou a mão sobre o bule de chá. Estava quente, insuportavelmente quente. Mas obrigou-se a mantê-la ali. Um segundo. Dois. Três. Lentamente, as pulsações voltaram ao normal. Um instante depois, passava, sorridente, a xícara às mãos de Talita.

Naquele mesmo instante, o telegrafista da estação recebia uma estranha mensagem. Um tal Madison Brecker mandava dizer a uma certa Talita para ficar longe de Ada McCook. A mensagem era urgente, devia ser entregue sem perda de tempo. Transcreveu-a e ia seguir as instruções, quando ouviu o guarda soprar seu apito, indicando que o Sierra Virgínia estava de partida. Tarde demais! Teria de remetê-lo a um novo endereço.

Também naquele instante, Brecker alcançou a válvula de pressão, procurando tirar o máximo de sua máquina, que prosseguia a toda velocidade.

"Ada embarcará Sierra Virgínia em Reno... Afaste-a de Talita..."

As palavras de Jedediah queimavam como um ferro em brasa. Como o carvão que ardia na fornalha, como o medo que lhe incendiava as entranhas. E se ela não tivesse recebido o telegrama? Que aconteceria se ele não chegasse a tempo? Não! Não podia perder a mulher que amava!

— O reservatório está quase seco! — gritou subitamente Joe Warren. — Temos de parar em Carson City para reabastecer.

— Não! Não temos tempo a perder!

— Está louco! Não vai conseguir, sem água.

— Vou, sim. Tenho de conseguir!

Não conseguiu. Cerca de duas milhas além de Carson City as válvulas chiavam, o metal gemeu, e os instrumentos imobilizaram-se. O dano era irreparável.

— Eu o avisei de que a locomotiva não agüentaria a pressão — disse Joe.

Mas Brecker não ouvia suas queixas. Estava com os olhos voltados para a casa de fazenda que se vislumbrava entre as árvores, à beira da estrada. Então, sem uma palavra, saltou da máquina e pôs-se a correr como um louco.

— Para onde vai? — perguntou Joe atrás dele.

Brecker não respondeu. Em menos de dez minutos, alcançava a casa e oferecia, a um fazendeiro atônito, todo o dinheiro que tinha no bolso em troca de um cavalo veloz. Então, sem perda de tempo, montou o animal e lançou-o para frente a toda brida, desafiando o frio e a neve que caía em rajadas engeguecedoras dos altos picos.

Centenas de imagens passavam diante de seus olhos. Cenas terríveis que o faziam incitar o cavalo a galopar ao ritmo de seu desespero.

"Talita... Talita..."

Estranho destino! Sua locomotiva, talismã que lhe abriria as portas do sucesso, não existia mais. Morrera, e com ela, os seus sonhos. Nunca mais seria capaz de reerguer-se financeiramente. Restava-lhe apenas saber se o destino decretara também que ele vivesse em solidão. Se não chegasse a tempo, Ada alcançaria o seu objetivo. Então, estaria de novo sozinho. Para sempre.

— Jedediah será um ótimo governador...

Talita ouvia Ada tagarelar, mas não compreendia o que ela estava dizendo. Fazia tanto calor ali dentro...

— Está se sentindo bem, minha querida?

A voz chegava até ela vindo de uma névoa espessa como camadas de algodão.

— Sim... estou. Um pouco tonta, talvez. Está tão quente...

— Tem razão, minha querida. O vagão está superaquecido. Não quer sair e tomar um pouco de ar fresco?

Através da visão ainda desfocada, ela viu Ada levantar-se.

— Não. Eu... Eu estou bem — disse, sentindo instintivamente que não devia ir a lugar algum com Ada McCook.

— Como quiser. Temos tempo,

"Temos tempo... Para quê?", perguntou-se Talita, mas não conseguiu fixar a mente em mais nada. Um tremor lhe subia pelas pernas e não conseguia dominá-lo. Tomou mais um gole de chá. Tinha um gosto amargo, mas o tomou assim mesmo. Seu estômago vazio pedia alguma coisa.

—... Jedediah é tão ingênuo! Jogaria por terra sua chance de tornar-se governador, se eu o permitisse. Tem de compreender, querida. Não posso permitir que ele arruíne o próprio futuro!

Talita não tinha conhecimento de nada, a não ser do balanço do trem e da sensação de náusea que a invadia.

— Que está acontecendo comigo? Ada agarrou-a pelo braço.

— Precisa tomar um pouco de ar, querida.

Talita quis recusar, fugir dela, mas a outra a envolveu pela cintura e ela viu-se, de repente, a caminhar a seu lado. No corredor, o vento gelado bateu-lhe no rosto e clareou-lhe um pouco a mente ofuscada. Nesse breve instante, percebeu que alguma coisa não estava bem. Não devia estar se sentindo assim...

— Breck... Breck... — murmurou, com a boca cheia de um gosto azedo.

Ele saberia o que fazer. Cuidaria dela. Deu mais um passo e outra onda de náusea acometeu-a e a fez cambalear. Quase gritou.

— Devagar — disse-lhe Ada. — Segure-se no corrimão. Ofegando, alcançou o parapeito no fundo do carro e agarrou-se firmemente à gelada barra de ferro. Havia neve no ar. Fazia muito frio, mas Ada continuava a empurrá-la...

Uma sensação de perigo iminente saltou-a. Precisava ter cuidado. Um passo em falso e cairia... para sempre, para a eternidade.

Não, não! Recuou um instante e sentiu alguma coisa.... A pressão de uma mão em suas costas. — Breck! Breck!

Brecker pressionou os flancos do cavalo, estimulando-o a lançar-se para frente. Via o penacho de fumaça erguer-se de encontro ao céu escuro, e ouvia o som agudo do apito. Eram sinais de que o comboio não devia estar longe. Mais uma curva e poderia avistá-lo.

O tempo parecia infinito, a curva parecia sem fim, o pesadelo parecia interminável. De repente, como uma miragem brilhante num deserto imaculado, viu o Sierra Virgínia surgir diante de seus olhos cansados.

Talita... Ele a alcançaria, afinal. Só esperava que não fosse tarde demais.

— Quem vem lá? — perguntou Charlie Knott, esquadrinhando a escuridão.

Abe Dustin limpou o suor do rosto com a manga da camisa.

— Algum louco — disse calmamente.

— É Brecker! — gritou Charlie, atônito, ao reconhecer o patrão no homem que passava como um raio ao lado da locomotiva. — Alguma coisa de muito grave deve ter acontecido! Brecker não se deteve. Cavalgava alongando o pescoço, tentando ouvir de novo seu nome constantemente repetido: "Breck! Breck!"

Talita cambaleou para frente e caiu sobre a pequena plataforma, a cabeça resvalando pela grade de proteção, a mão ainda presa à barra de ferro. Corroído pela neblina, viu o rosto enlouquecido de Ada descer sobre ela.

— Solte essa barra! — ouviu-a gritar, enquanto a esbofeteava duramente na face.

Talita gemeu, atordoada pelas pancadas. Então, num esforço supremo, protegeu-se dos golpes com um dos braços e, com o outro, começou a levantar-se.

— Não, por favor! — implorou, soluçando histericamente, quando a outra esbofeteou-a novamente na face em brasa.

— Tenho de fazer isto. Ele vai contar a todos que você é filha dele!

A voz de Ada era um sussurro rouco. Uma boca aberta na escuridão.

— Ele vai arruinar tudo. Eu não posso...

Talita agitou os braços no ar. Ia cair, cair...

Abruptamente, os freios chiaram, arrancando faíscas das rodas. O trem deu um solavanco, antes de parar, jogando-a aos pés de Ada. Talita agarrou-se à barra do vestido dela, procurando equilibrar-se.

Ada olhava em torno, os olhos esbugalhados. O trem estava parando. Sua última chance... Se não a aproveitasse agora, nunca mais teria outra! Quisera fazer de um modo que a morte de Talita parecesse um acidente. Mas agora não lhe sobrava outra alternativa senão completar sua obra com o único meio de que dispunha.

"Mate-a... mate-a...", ordenou-lhe o cérebro, com uma voz tão negra quanto a noite.

Rebuscou freneticamente na bolsa. Tinha de fazer depressa, sua mão começava a sangrar novamente!

"Mate-a... mate-a..."

No súbito silêncio, o ruído de cascos de cavalo no chão duro ressoou no ar

gelado. Parecia vir de não sabia onde. E as vozes ainda tão distantes, mas tão nítidas.... "Que aconteceu?... Por que o trem parou?... O homem a cavalo..."

"Depressa!" ordenou-lhe o cérebro.

Talita viu-a com a arma em posição de atirar, viu o orifício negro que crescia. Ia morrer, estava decidido. Tinha de dizer uma coisa, depressa e bem alto.

— Breck! Breck!

Ada torceu os lábios numa careta de escárnio e pôs o dedo no gatilho. De repente, uma expressão de surpresa e dor apareceu no rosto dela. Seus olhos se enevoaram, seus ombros caíram, e ela foi caindo vagarosamente para fora do trem. Com uma faca enterrada nas costas.

Quase simultaneamente, uma figura saltou de um cavalo cansado e debruçou-se sobre Talita.

— Minha querida... Minha querida...

— Breck?... — sussurrou ela, pensando que também ele devia fazer parte de seu sonho.

— Você está bem?

Ela sentiu as lágrimas quentes que lhe caíam no rosto e lutou com grande esforço para erguer-se.

— Ela... Ela tentou... me matar.

— Acabou, meu amor. Acabou — murmurou ele, apertando-a contra o peito.

— Por que ela...?

— Psiu... Não fale.

— Ela... ela...

O láudano completou sua obra, precipitando-a na escuridão.

Apesar de mortalmente exausto, Brecker ergueu-a nos braços e abrigou-a ternamente em seu peito. O mundo tornou-se silencioso e a noite suspirou sobre eles.

— Que diabo está acontecendo aqui? — gritou Dancey, movendo a lanterna.

A luz fraca iluminou uma forma de mulher. Um fio de sangue escorria de suas costas, onde uma faca penetrara, e ia formar sobre a neve uma flor vermelha, de pétalas delicadas.

— Meu Deus! — disse uma voz, vinda da escuridão. Lentamente, o condutor ergueu a lanterna para o casal que estava sentado nos degraus do vagão particular. O que se viu foi assunto de muita conversa em Virgínia City, nos dias e nas semanas que se seguiram ao acidente. Todos concordaram num ponto: Madison Brecker estava com sua mulher nos braços. Alguns até disseram que o ouviram murmurar: "te amo". Nem todos, porém, chegaram à mesma conclusão sobre o brilho que havia em suas faces. A maioria achava que era apenas um reflexo da lanterna. Mas outras insistiram em afirmar que Madison Brecker, o homem solitário e frio, estava chorando.

Um mês depois, Talita e Brecker encontravam-se novamente no vagão particular de Jedediah. As cortinas estavam descerradas e eles podiam ver e deleitar-se com a vastidão do céu repleto de estrelas, incrivelmente belo sobre os campos cobertos de neve.

— Nosso lar — a voz de Brecker era sonhadora.

Lar era Virgínia City. Lar era a casa com uma varanda branca, onde se estendia uma trepadeira de rosas silvestres. Lar era o lugar onde se instalariam definitivamente no futuro, o lugar para acolher Talita quando ela voltasse das turnês que eventualmente faria. Lar era também a casa onde em breve receberiam Oliver Truxtun para jantar, com uma explicação que lhe aplacasse o orgulho ferido. Respeitava o talento do homem e o recomendara a Jedediah, que o contratara para descobrir o responsável de alguns roubos ocorridos na Central Pacific.

— Estamos quase chegando, querida.

— Que bom!

Talita ajeitou-se nos braços dele, pensando como pudera ter medo desse homem. Sob seu exterior rude, existia um homem gentil, generoso, que ele próprio nunca suspeitara existir.

— Que bom estar de volta! — tornou, com um suspiro de felicidade.

Haviam passado as últimas semanas em San Francisco. A morte de Ada deixara Jedediah muito deprimido. Talita sabia que os dois não viviam bem havia muito, talvez antes mesmo que sua mãe aparecesse em cena. No entanto, apesar desse distanciamento afetivo, Jedediah fora sempre muito bom para ela e nunca teria desejado sua morte.

Quando Brecker lhe revelara que vira Ada na alameda com o vestido manchado de sangue, na noite em que Su-Ling fora morta, ele sentira-se

terrivelmente culpado, achando que fora o seu amor por outra a levar sua esposa a um gesto tão desvairado.

Brecker consolara-o, dizendo que ninguém podia ser responsabilizado pelos atos dos outros. E a própria Talita, apesar de seu estado de espírito, trocara com ele as palavras necessárias para confortá-lo. Jedediah sensibilizara-se. De todas as tragédias, incluindo a morte do repórter, a que mais o abalara, fazendo seus cabelos embranquecerem, fora a tentativa de Ada de matar sua filha.

Filha. Talita não cessava de surpreender-se com essa revelação. E também de alegrar-se. Se lhe fosse dado escolher um pai, teria escolhido Jedediah. E como fora o destino que o escolhera para ela, estava começando a acreditar no destino.

Mas nos braços de Brecker, o corpo incendiando-se de desejo, acreditava quando ele lhe dizia que havia desafiado seu destino, reescrevendo-o nas estrelas para poder conservá-la ao lado dele. Devia ser isso mesmo que ele fizera, já que, por duas vezes, a salvara da morte.

— Não pense nisso mais, chinesa — ouviu-o sussurrar, de repente, a seu ouvido. — Acabou.

— Acabou mesmo?

— Acabou, chinesa.

Brecker inclinou a cabeça e deu-lhe um grande beijo na boca.

— Esqueça.

— Você já esqueceu o que eu lhe fiz? Já esqueceu que eu o achava culpado da morte de minha mãe?

— Você acreditou no que era lógico acreditar, levando-se em conta o que viu. Principalmente porque o viu através de seus olhos de criança.

— Eu quase o arruinei... — murmurou Talita, com um fio de voz.

Ele sorriu.

— Ao contrário, ajudou-me. Se meu sogro não fosse um homem rico, eu não estaria sentado aqui, tranquilo quanto ao futuro,

Talita sorriu, com os lábios e com o coração. Ficara muito satisfeita que Brecker tivesse aceitado um empréstimo de Jedediah, a quantia necessária para salvar a Sierra Virgínia da falência. Isso provava que ele não era mais o homem solitário de outrora, que vivia uma vida só sua, não permitindo que ninguém o ajudasse.

— Você poderá recompensá-lo dando-lhe um bando de netos. Acho que é isso o que ele mais deseja no mundo.

Um sorriso preguiçoso brincou nos lábios de Brecker.

— Espero que ele não se arrependa mais tarde. — Ele ficou subitamente sério. — Não sei como é ser pai. Nunca tive um de verdade.

Talita ficou pensativa. Ele lhe falara muito pouco a respeito de seu passado. Mas lhe revelara o bastante para saber que sua infância fora triste e sem amor. Acariciou-lhe o rosto com suavidade.

— Onde eu estava com a cabeça, quando quis matá-lo? Ela se calou e olhou-o com uma expressão em que se mesclavam culpa e amor.

— Eu queria me agarrar a todas aquelas dúvidas. Não queria acreditar em você e não sabia por quê.

— Muito simples: você me amava. Ele fitou-a demoradamente.

— Por que partiu? Não pensou em mim? No meu tormento? Na minha saudade?

Talita hesitou.

— Eu estava assustada. Não entendia nem a mim mesma...

— Fiquei como louco por sua causa. Quando não a vi mais a meu lado, não pode calcular o meu desespero. Alguma coisa rompeu-se dentro de mim. Eu queria você! Só você, minha estrela de Oriente.

Os olhos de Talita estavam úmidos.

— Eu te amo, Breck... Sempre amarei.

Ele tomou-lhe de novo a boca e beijou-a de um modo tão sensual e ardente que a deixou sem ação. Quando conseguiu respirar de novo, ela encontrou a coragem de perguntar.

— Você... Você amava minha mãe?

Brecker manteve-se em silêncio durante um longo momento.

— Não — disse por fim. — Éramos amigos, mas eu nunca a amei. Não sei explicar por quê.

A voz dele embargou-se.

— Foi você que me ensinou a amar, chinesa. Eu era de pedra e você me fez viver.

Talita fechou os olhos e suspirou. Súbito, pensou em sua mãe e, pela

primeira vez, desde sua morte, viu-a como a doce Su-Ling que havia conhecido, a jovem amável que dera a sua vida oito anos de amor e ternura.

Podia ter paz, agora. A paz que ela lhe prometera.

* * * *